

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURAS
CAMPUS DARCY RIBEIRO – ASA NORTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA E PRÁTICAS SOCIAIS

**O espartano e o samurai como arquétipos do masculino maduro em
Portões de Fogo de Steven Pressfield e *Musashi* de Eiji Yoshikawa – um
estudo comparado**

MAX MÜLLER CERQUEIRA SOBRINHO

Dissertação apresentada à banca examinadora do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Práticas Sociais do Departamento de Teoria Literária e Literaturas da Universidade de Brasília – TEL/UnB, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Literatura.

Orientador: Prof. Dr. William Alves Biserra

BRASÍLIA

2019

FICHA CATALOGRÁFICA

Sobrinho, Max Müller Cerqueira

O espartano e o samurai como arquétipos do masculino maduro, em Portões de Fogo, de Steven Pressfield, e Musashi, de Eiji Yoshikawa – um estudo comparado. / Max Müller Cerqueira Sobrinho. Brasília-DF, 2019. 186p.; il.

Dissertação de Mestrado. Instituto de Letras.

Departamento de Teoria Literária e Literaturas. Universidade de Brasília. Brasília-DF.

1. Literatura. 2. Jung. 3. Arquétipo. 4 Masculino.

Universidade de Brasília – IL - TEL. II. Mestrado

É concedida à Universidade de Brasília permissão para reproduzir cópias desta dissertação e emprestar ou vender tais cópias, somente para propósitos acadêmicos e científicos. O autor reserva os direitos de publicação e nenhuma parte desta dissertação de mestrado pode ser reproduzida sem a autorização por escrito do autor.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
CAMPUS DARCY RIBEIRO – ASA NORTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA

Defesa da dissertação de mestrado de Max Müller Cerqueira Sobrinho, intitulada: **-O espartano e o samurai como arquétipos do masculino maduro, em *Portões de Fogo*, de Steven Pressfield, e *Musashi*, de Eiji Yoshikawa – um estudo comparado**, orientada pelo Prof. Dr. William Alves Biserra, apresentada à banca examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade de Brasília, em 18 de Janeiro de 2019.

Os membros da banca examinadora consideraram o candidato

Max Müller Cerqueira Sobrinho.

Banca Examinadora:

Orientador

Prof. Dr. William Alves Biserra
Departamento de Teoria Literária e Literaturas – TEL/UnB – Brasília

Membro Externo

Prof. Dr. Roque Tadeu Gui
Associação Junguiana do Brasil – Brasília

Membro Interno

Prof. Dr. Sidney Barbosa
Departamento de Teoria Literária e Literaturas – TEL/UnB – Brasília

Membro Suplente

Prof. Dr. Luiz Augusto Antunes Netto Carreira
Instituto Casa de Humanidades – Brasília

DEDICATÓRIA

Dedico esta obra a todas as pessoas que a influenciaram, direta ou indiretamente, no sentido da realização da mesma, em especial:

À minha Mãe, Laurita Cerqueira, a quem a vida investiu dos poderes do masculino, para com grande esforço criar seus seis filhos, praticamente sozinha, sem deixar que nenhum se perdesse nas trilhas destrutivas do mundo, tendo sido por décadas ao mesmo tempo, minha mãe e meu pai.

Ao meu pai, José Sobrinho, a quem o modo do homem patriarcal, herdado de seus pais, o fez ter grandes dificuldades de viver os valores do homem amadurecido, mas que, mesmo assim, após anos de separação do convívio de nossa família, abriu-se ao amor dos filhos e netos que lhe permitiram, mesmo tarde, a vivência da amorosidade.

À minha irmã, Mércia, e meus irmãos, Márcio, Magno, Marcílio e Madson, da família Cerqueira Sobrinho, com quem tive de aprender, como irmão mais velho, a ser líder, e não tirano; corajoso, e não covarde; sábio, e não bruto; generoso, e não egoísta.

À minha esposa, Aline Barbosa, com quem tive a sorte de amadurecer as faculdades do Amante em Sua Plenitude, tornando-me mais amoroso, gentil e feminino – e por isso mesmo mais destemido, firme e masculino.

Ao meu filho, Rajiv (do sânscrito: –flor de lótus azul; –sabedoria; –mesclado de branco e preto), que desde quando nasceu e todo dia me ensina e me atualiza da profunda máxima de William Wordsworth: –O menino é pai do homeml.

A meus mestres de artes marciais: Punong Guro Herbert –Dadal Inocalla, que a partir do Arnis filipino, do Tai Chi Chuan e do Yoga, me iniciou nos estudos e práticas do Tao e da Sádhaná (princípios morais e espirituais iogues) como guias de conduta para a vida; Sensei Maicon Nonoyama, que por meio dos ensinamentos do Karatedo e do Kudo, artes marciais japonesas, me iniciou no Budo, o Caminho do Guerreiro.

A todos os educadores, iniciadores, sábios, terapeutas, estudiosos, facilitadores das vivências do masculino espalhados pelo mundo, no seu afã de promover, com seus esforços de humanismo e altruísmo, o equilíbrio dos homens, de suas relações interpessoais e da vida como um todo, contribuindo para a diminuição da ignorância e da violência, e a consequente promoção da sabedoria, da compaixão e da paz.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu *Deus*, meu *Daimon*, minha *Sombra*, e toda a batalha de minhas *Vozes Interiores* – *Tudo* o que permitiu a inspiração, as emoções, o combate e a realização da presente obra; de modo insólito, a *Hermes*, -Deus Mensageiro da Linguagem e do Inconsciente.

Agradeço a todas as pessoas que, de um modo ou de outro, me deram sugestões de fontes, ou mesmo tendo me presenteado e emprestado obras importantes para a conclusão deste trabalho. De modo especial, agradeço a meus amigos Fabiano Melo e Vitor Gama, por sua generosidade e companheirismo, cujas valiosas contribuições fazem jus à sua citação nominal.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Literatura – PÓSLIT –, do Departamento de Teoria Literária e Literaturas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, por permitir o desenvolvimento da linha de pesquisa em Estudos Literários Comparados. Ao possibilitar contribuições das áreas de conhecimento da Literatura e da Psicologia, foi inaugurado outro campo de estudos, uma vez que tais pesquisas, em particular sobre o tema dos arquétipos do masculino na literatura, ainda são muito escassas.

Agradeço, por fim, aos professores da minha Graduação em Letras, assim como os das disciplinas cursadas na Pós-Graduação, e em igual teor aos servidores e demais trabalhadores da Universidade de Brasília, sem os esforços dos quais os meus próprios não teriam sido concretizados.

Agradeço ao meu orientador, Professor Doutor William Alves Biserra, quem, a partir de um encontro fortuito, sincronicidade, ou intuição divina, me sugeriu o tema do masculino maduro, a partir das suas observações sobre meu interesse pela cultura do combate e pela literatura, e que, a seu modo, por sua expertise acadêmica, me conduziu em direção a mim mesmo.

EPÍGRAFE

O menino é pai do homem.

William Wordsworth

RESUMO

O que propõe a presente dissertação de mestrado, a partir de uma leitura crítica literária com base em estudos do masculino junguianos e pós-junguianos, é delimitar e apresentar como problema o *elemento de comparação* tomado como *Arquétipo do Guerreiro*, o que pesquisadores da psique masculina Robert Moore, Douglas Gillette, Robert Bly e outros, chamaram de *arquétipo do masculino maduro*. A abordagem do processo de individuação do *Guerreiro interior*, com o objetivo de se buscar traços comuns de seu desenvolvimento e evolução, na luta com sua *Sombra*, foi realizada a partir das manifestações dessa imagem arquetípica nas personagens literárias, respectivamente, os *trezentos de Esparta*, em *Portões de Fogo*, de Steven Pressfield, e o lendário samurai *Musashi*, na obra homônima, de Eiji Yoshikawa.

Palavras-chave:

Arquétipo do Guerreiro, Sombra, Masculino Maduro, Literatura, Psicologia Analítica.

ABSTRACT

The purpose of this dissertation is to delimit and present as a problem the *element of comparison* taken as the *Warrior Archetype*, which researchers of the *Mature Masculine* such as Robert Moore, Douglas Gillette, Robert Bly and others, called the *archetype of the mature male*. The approach of the individuation process of the *inner Warrior*, with the aim of seeking common traits of its development and evolution, in the struggle with its *Shadow*, was made from the manifestations of this archetypal image in the literary characters, respectively, the Three Hundred Spartans in Steven Pressfield's *Gates of Fire*, and the legendary samurai *Musashi* in Eiji Yoshikawa's homonymous work.

Key-words:

Warrior Archetype, Shadow, Mature Masculine, Literature, Analytical Psychology

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA.....	4
AGRADECIMENTOS.....	5
RESUMO	7
ABSTRACT.....	8
INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I. TEORIA JUNGUIANA	19
CAPÍTULO II. -PORTÕES DE FOGO 	90
CAPÍTULO III. -MUSASHI 	110
CAPÍTULO IV. DO ELEMENTO DE COMPARAÇÃO	130
CONCLUSÃO	179
REFERÊNCIAS.....	184

INTRODUÇÃO



INTRODUÇÃO

Viver é combater.
Sêneca, em *Cartas a Lucílio*

O artista usa botas de combate.
Steven Pressfield, em *A Guerra da Arte*

Nunca dê uma espada a um homem que não sabe dançar.
Provérbio celta¹

Eu só acreditaria num deus que soubesse dançar.
Friedrich Nietzsche

Vós sois deuses.
Jo 10, 34

A necessidade de autoproteção, de si, de uma comunidade, de uma nação ou país, levou à organização de forças de defesa especiais. Historicamente, em todo o mundo temos exemplos notáveis de guerreiros que se organizaram em escolas preparatórias, mosteiros, casernas, para estudarem táticas e técnicas de defesa, tendo em vista a salvaguarda de suas comunidades e seus interesses. Desse modo, a humanidade conheceu os *xátrias* (casta de guerreiros) *indianos*, os temíveis *hoplitas de Esparta*, os *legionários romanos*, os *monges Shao Lin chineses*, os *ninjas* e *samurais japoneses*, os *cavaleiros jaguares* e *cavaleiros águias astecas*, os *cavaleiros medievais europeus*, entre tantos outros, cada um com seus próprios métodos de combate e particulares códigos éticos e morais de conduta. E, justamente, a partir daí, que o arquétipo do guerreiro se tornou marca indelével no inconsciente coletivo, transpondo eras, lugares e culturas.

Para Robert Moore e Douglas Gillette, em sua obra *Rei, Guerreiro, Mago, Amante – a redescoberta dos arquétipos² do masculino* (1993: Introdução), conteúdos inconscientes maculados pela sombra, postulados por Carl G. Jung, têm raízes no patriarcado. Para os pesquisadores estadunidenses, o patriarcado seria fundado no medo – medos típicos de criança, medos de masculino *imaturo*. Em sua percepção, Moore e Gillette atestam que a criança tem medo tanto de mulheres, como também de homens – de homens dotados de uma

¹BLY, Robert. *João de Ferro – Um Livro Sobre Homens*. Editora Campus, Rio de Janeiro, RJ, 1991, p. 139.

²*Arquétipo*, assim como termos da área da Psicologia Analítica Junguiana, a exemplo de *Sombra*, *Individuação*, etc, e da Psicologia Analítica pós-junguiana, como *Masculino Maduro*, *Puer*, etc, serão explicados no cap. I, -Teoria Junguiana, páginas de números 18 a 90, desta dissertação.

personalidade plena, total, equilibrada, redonda: *madura*. Se tais conteúdos não forem assumidos de forma amadurecida, o que se tem é que "os que se prendem às estruturas e à dinâmica desse sistema buscam dominar igualmente homens e mulheres".

No entanto, esse problema não seria exclusivo de masculinidade, mas também de *feminilidade imatura*:

É possível, na verdade, que nunca tenha havido na história da humanidade um período de ascendência da masculinidade (ou feminilidade) amadurecida. Não temos certeza quanto a isso. O que sabemos é que ela não predomina atualmente. (MOORE & GILLETE: Idem)

Como consequência, ter-se-iam crianças mal formadas, dominadas pelas marcas sombrias do arquétipo do *Puer aeternus* (a 'eterna criança' dentro de nós), mesmo enquanto pessoas em idade avançada. Moore e Gillette defendem que, ao contrário do que se possa pensar, a "nossa sociedade é violenta não por causa de um excesso de masculinidade, mas, sim, devido a uma carência de masculinidade madura", cujos valores arquetípicos são formadores de uma psique desenvolvida em quatro aspectos: *soberana* (Rei), *protetora* (Guerreiro), *criativa* (Mago) e *amorosa* (Amante).

De acordo com o sítio eletrônico *ManKind Project International*³, o qual se ocupa de pesquisas e partilhas com pessoas do mundo todo, sobre o comportamento, o modo de ser masculino, como forma de resgate do homem não subjugado pelo patriarcado, os homens de hoje estão carentes de *energia guerreira*.

Para os estudiosos e homens do sítio supracitado, interligados nessa rede de reconstrução do masculino, nós, nossos pais e nossos filhos, fomos mal informados e mal educados, em todas as nossas vidas, de que a agressividade é algo ruim e que nós, homens, deveríamos apenas trabalhar para sermos "caras legais". Porém, verificaram que o que o mundo mais precisa, atualmente, é de homens que acessem e vivenciem o *Arquétipo do Guerreiro*.

O Guerreiro, a Guerreira, na linguagem da psicologia analítica arquetípica, é a energia interior que nos impulsiona a desafiar e a lutar por uma causa digna, seja no âmbito pessoal, seja no social ou no geral.

De certa forma, podemos entender que somos, todos, guerreiros, desde nosso nascimento, até nossa passagem. Equivalente a aprender a *lidar com as sombras no caminho do guerreiro*, e

³ -*The Mankind Project: Empowering men to live their true potential.* -O Projeto Masculino: Empoderando homens para viverem seu verdadeiro potencial. Acesso em: <https://mankindproject.org/>

daí se tirar lições sábias e vitais, isso é para poucos. Porque requer iniciação, a qual se faz por ensinamentos, como os das artes marciais, de mestres a discípulos, por conselhos de verdadeiros orientadores e guias (o *mentor*, o *ancião do ritual*, o *xamã*, o *pajé*, o *guru*), ou por leituras aprofundadas sobre o tema. Essa questão da iniciação encontra-se particularmente na literatura mundial, na psicologia, nos estudos de casos de antropólogos, e entre outras fontes que a própria vida nos dá, no dia a dia. Requer, inclusive, um longo processo de autoconhecimento, físico, mental e espiritual. Portanto, não é uma tarefa simples de se conseguir, sem o compartilhamento de experiências individuais e coletivas.

O objeto de estudo desses pesquisadores, e de outros grupos espalhados mundo afora, como o brasileiro –*Movimento Guerreiros do Coração*!, que ao mesmo tempo constitui-se de uma proposta de estilo de vida, é o mesmo que para vários autores – especialmente Robert Bly (1991), Robert Moore e Douglas Gillette (1993), os quais citam, também, George Groddeck, Gurdjieff, Warren Farrell, Carl Jung, Joseph Campbell, Georges Dumézil, entre muitos outros –, é chamado de *masculino maduro*. Tais são as fontes teóricas deste trabalho de pesquisa, na linha de estudos comparados entre literatura e psicologia, especificamente a analítica ou profunda.

A título de exemplo, de uma maneira de como se trabalhar o masculino, nos dias de hoje, o Movimento Guerreiros do Coração⁴ elaborou um processo ritual de jornada iniciática à exploração da consciência humana, em cinco ciclos, a saber, pela ordem: –*O Homem buscando a si mesmo*!, –*O Homem e suas possibilidades existenciais*!, –*O Homem e suas possibilidades transcendentais*!, –*O Homem e suas transformações exteriores*!, –*O Homem e suas transformações interiores*!.

Dada à sua inegável importância, todas essas implicações, que vão desde níveis particulares a universais, de históricos a ficcionais, de culturais a filosóficos, entre outros, levaram ao despertar para a pesquisa deste *tema do arquétipo do guerreiro na literatura*, como *elemento de comparação* entre duas obras, a saber: *Portões de Fogo*, de Steven Pressfield, escrito em 1998, um romance épico sobre a histórica Batalha das Termópilas, ocorrida em 480 AEC⁵, e *Musashi*, de Eiji Yoshikawa, o qual foi publicado originalmente em 1935, em formato de folhetim, no mais difundido jornal japonês, o *Asahi Shinbun*, romaneando os feitos lendários do mais emblemático e conhecido samurai da história do Japão, Miyamoto Musashi, que

⁴ Acesso em: <https://www.guerreirosdocoracao.com.br/uem>.

⁵ AEC: Antes da Era Comum.

viveu de 1584 a 1645 EC⁶. Portanto, duas obras unidas pela temática, mas cada qual com seu colorido próprio, uma vez que separadas por tempo e espaço bastante diversos.

Segundo Georges Dumézil, citado por Robert Bly, em *João de Ferro, Um Livro Sobre Homens* (1991: 142), trazemos em nós três visões de mundo, a saber: a real, a agrícola e a guerreira. Para ele, todos nós carregamos um *DNA de guerreiro*, de guerreira – quer isso nos agrade ou não. Dumézil diz que o guerreiro nos dota de *um olhar que vê combate em tudo*.

Tal o enfoque de R. Bly (*idem*: 139-171), em seu capítulo sexto, cujo título: *Trazer os guerreiros interiores de volta à Vida*, muito interessa ao estudo corrente. Para ele, compete-nos fazer o homem moderno ressuscitar e reviver não apenas o espírito do guerreiro, presente em mitos, lendas e contos populares, mas realmente transformá-lo, torná-lo, por assim dizer, num homem-feito, no que nunca deveria ter deixado de ser, em função de sua própria razão existencial no mundo.

Assim como Bly fizera em sua obra, a seguinte advertência:

Há uma iniciação masculina, uma iniciação feminina e uma iniciação humana. Falamos, neste livro, apenas da iniciação masculina. (*Idem*: Prefácio)

Trata-se de iniciação masculina, o mesmo valendo para o presente trabalho que, ao modo de Bly e dos estudiosos do masculino, aqui, abordados, não está a desafiar mulheres, homossexuais, entre outros, mas pura e simplesmente a buscar uma compreensão do masculino, por meio das manifestações do arquétipo do guerreiro em duas obras literárias, como uma proposta de, no dizer de Moore e Gillette, *redescoberta, reconhecimento, revalorização, renascimento* de uma psique, até então, atrofiada, ferida, deturpada por valores não condizentes com sua *profunda natureza masculina*.

Este trabalho vem somar-se ao caminho trilhado por esses pesquisadores e busca preencher um pouco mais a lacuna que existe sobre o tema do masculino, na Literatura e na Psicologia.

Lívia Borges, psicóloga junguiana, em sua obra *Alma de Guerreiro* (2006: 78-96), no segundo capítulo, sob o título *Despertando o guerreiro adormecido*, reconhece e evoca a necessidade de não se perder a consciência e a dignidade desse arquétipo, mas, ao contrário, de cultivá-la.

Em conformidade com essa tese, haveria dentro de nós *linhas mestras, vozes interiores, impelindo-nos a viver esse arquétipo tão ancestral*.

⁶ EC: Era Comum.

Em *Aspectos do Drama Contemporâneo* (1988: 39), no capítulo designado *A luta com as sombras*, Carl G. Jung, numa crítica ao nazismo, segundo sua leitura, de como essa ideologia convenceu praticamente toda uma nação, assevera que há uma regra simples a se ter em conta, de que –a psicopatologia de massa tem sua origem na psicopatologia individual, e que o –caos e a desordem do mundo refletem-se de modo análogo na mente do indivíduo, mas essa falta de orientação é compensada no inconsciente pelos arquétipos da ordem.‖ (1988: 42; grifo meu, pela importância do conceito para o estudo em curso). O que Jung quer dizer é que, sem uma *individuação*, sem uma integração de conteúdos inconscientes, sem uma absorção desses *símbolos de ordem* pela consciência individual – o que é algo extremamente difícil, que exige alto grau de responsabilidade ética e que não é para todos –, não há possibilidade de indivíduos capazes de dimensionar o poder das armas e de formular a pergunta:

Será que as condições morais e espirituais do homem se encontram suficientemente maduras para gerir o uso dessas armas e enfrentar a monstruosidade das consequências possíveis? (JUNG: Idem: 47).

É nesse sentido, pelo referencial teórico da psicologia junguiana e pós-junguiana, que se faz necessário aprofundar os conceitos de arquétipos do Guerreiro e do Herói. É a partir dessa distinção, ao embrenharem-se pelo que chamaram de –*redescoberta dos arquétipos do masculino*‖, que Robert Moore e Douglas Gillette, em sua obra capital *Rei, Guerreiro, Mago, Amante*, além de outros, posteriormente, entenderam o Herói como uma representação ainda difusa, incompleta, no sentido de portar características que o ligam, de modo submisso, aos efeitos destrutivos do arquétipo da *sombra* junguiana, e mais, por ser marcado pela Psicologia de Menino (–*Boy psychology*) ou, manifestações psíquicas do masculino *imaturo*, a exemplo do sadismo e do masoquismo.

Em sintonia com o pensamento de Jung, Moore concorda que os pais (mães inclusas, e demais funções de paternidade) ausentes, os pais imaturos, a falta de um processo ritual significativo, a escassez de sábios para esses rituais, são entraves para a constituição desse *homem maduro*. Moore defende que no âmago de cada homem há uma forma de fio da meada, as *imagens primordiais* referidas por Jung, como tais potenciais masculinos, que não são necessariamente opressivos ou dominadores, mas sim geradores, criativos, afetivos, fortalecedores. Seguindo essa concepção, as formas de iniciação, tanto dos hoplitas espartanos, quanto do samurai Musashi, nas obras em estudo, seriam exemplos típicos e singulares de processos de individuação pela transformação do menino, obscurecido pela psicologia imatura do arquétipo do herói, em homem, elevado à condição de guerreiro, de arquétipo masculino, dotado de uma psique mais complexa e consciente de si.

Conforme esse raciocínio, portanto, que em detrimento do herói, tomou-se o *Arquétipo do Guerreiro* como objeto de estudo e *elemento comparativo*, referente às obras literárias citadas, da presente **linha de pesquisa de estudos comparados em literatura e psicologia**. Tido como manifestação do conceito de *arquétipo do masculino maduro*, assim como os outros três difundidos por Moore e Gillette, o *rei*, o *mago* e o *amante*, representa um *arquétipo da ordem* de que falou Jung.

No entanto, há um contraponto a essa tese, de David Tacey⁷, segundo o qual dever-se-ia propor a questão de que: a teoria junguiana está posta para encorajar a mudança, ou para se escapar dela? No seguinte sentido: a de que os junguianos e pós-junguianos, no afã de –resolver| a questão do patriarcado, estariam, na verdade, criando uma nova tradição de escrita "mitopoética|, –insatisfatória| e –reacionária| sobre os homens. Para ele, a busca por um novo equilíbrio pós-patriarcal, pelo uso de termos como –masculino maduro| e –guerreiro interior| não passariam de uma –remitificação| da masculinidade com fins –terapêuticos|, sendo que o maior problema a ser encarado seria a de que –a masculinidade patriarcal deve ser desafiada e deslocada pelo feminino em ascensão|.

Acredito sinceramente que precisamos encontrar uma ‘terceira via’ ou um ‘caminho intermediário’ entre os extremos da nostalgia patriarcal (Iron John) e a identificação matriarcal (Édipo). O *zeitgeist* nos impele a defender o feminino, mas o desenvolvimento da masculinidade nos força a nos diferenciar da mãe para que os arquétipos femininos possam ser adequadamente servidos e atendidos por uma consciência sensível e revigorada. Paradoxalmente, o espírito feminino do nosso tempo exige que o masculino se desenvolva para que uma consciência superior possa perceber a enormidade do desafio da consciência integrada (masculina e feminina). É através do paradoxo e da constante consideração de pontos de vista contrários que descobrimos a saída intermediária de nossos dilemas culturais. (TACEY, S/D)

Ao que parece, Tacey não chegou a acompanhar abrangentemente o trabalho dos estudiosos do masculino, como o de Moore e Gillette, por exemplo, em relação a outra obra conjunta desses pesquisadores, os quais deixaram claro o devido respeito à autonomia da psique feminina e a necessidade de também se aprender com ela, assim como o exposto em *O Rei Dentro de Nós. Acesso ao Rei na Psique Masculina* (1994):

Até que se torne seguro em sua identidade masculina, o homem permanece sadomasoquista em seus relacionamentos com mulheres. Se não está seguro, sente que corre o risco de invasão por sua Anima. Tem ainda que aprender a respeitar os territórios legítimos da psique feminina, tanto interna quanto externamente. O homem que amadurece aprende que há um espaço nele que jamais poderá invadir e que nunca será –seu|. Tem que abordar com respeito sua Anima. Logo que aprende a lidar com esse –outro|, com disciplina e respeito, obtém o pré-requisito necessário para tratar respeitosamente qualquer –outro|,

⁷ TACEY, D. *Remaking Men: Jungian Thought and the Post-Patriarchal Psyche*. <http://www.cgjungpage.org/learn/articles/analytical-psychology/812-remaking-men-jungian-thought-and-the-post-patriarchal-psyche#n10>

incluindo as mulheres que ama, e outros homens, outras espécies, e finalmente o Outro Transpessoal ao qual todos precisamos servir. (MOORE E GILLETTE, 1994: 266-267)

O que propõe a presente dissertação de mestrado, a partir de uma leitura crítica literária, com base em estudos do masculino por junguianos e pós-junguianos, longe de pretender se enveredar por questões de gênero, muito embora as tangencie, é delimitar e apresentar como problema os processos de individuação, com foco na luta com a sombra, para a formação da personalidade do masculino amadurecido, consoante sua manifestação nas representações do arquétipo do guerreiro, nas personagens, respectivamente, os Trezentos de Esparta, em *Portões de Fogo*, de Steven Pressfield, e o lendário samurai *Musashi*, na obra homônima, de Eiji Yoshikawa.

Eis o âmbito desta pesquisa, cuja matéria é a psicologia do guerreiro na literatura, a qual busca seguir a diretriz que toma a Literatura como Prática Social, de modo que este estudo comparado possa contribuir para um entendimento desse arquétipo, tão rico e complexo, mediante um pensar e um fazer literários que viabilizem transformações fecundas, tanto para a constituição de uma consciência de si, individual, quanto coletiva. Uma proposta de pesquisa em Literatura e Psicologia para uma realidade diferenciada, estendida desde aspectos individuais, a culturais, sociais, históricos.

**CAPÍTULO I.
TEORIA JUNGUIANA**

CAPÍTULO I. TEORIA JUNGUIANA

*A psique é o eixo do mundo.*⁸
Carl G. Jung

*Evocado ou não evocado, Deus está presente.*⁹
Carl G. Jung

*Onde o amor impera, não há desejo de poder;
e onde o poder predomina, há falta de amor.
Um é a sombra do outro.*
Carl G. Jung

Que a maior dita dos filhos da terra seja somente a personalidade.
Johann W. Von Goethe

Existem como possibilidade mais maravilhas do que as existentes.
Al Biqu-i, em *Tahdim Al-Arkan*

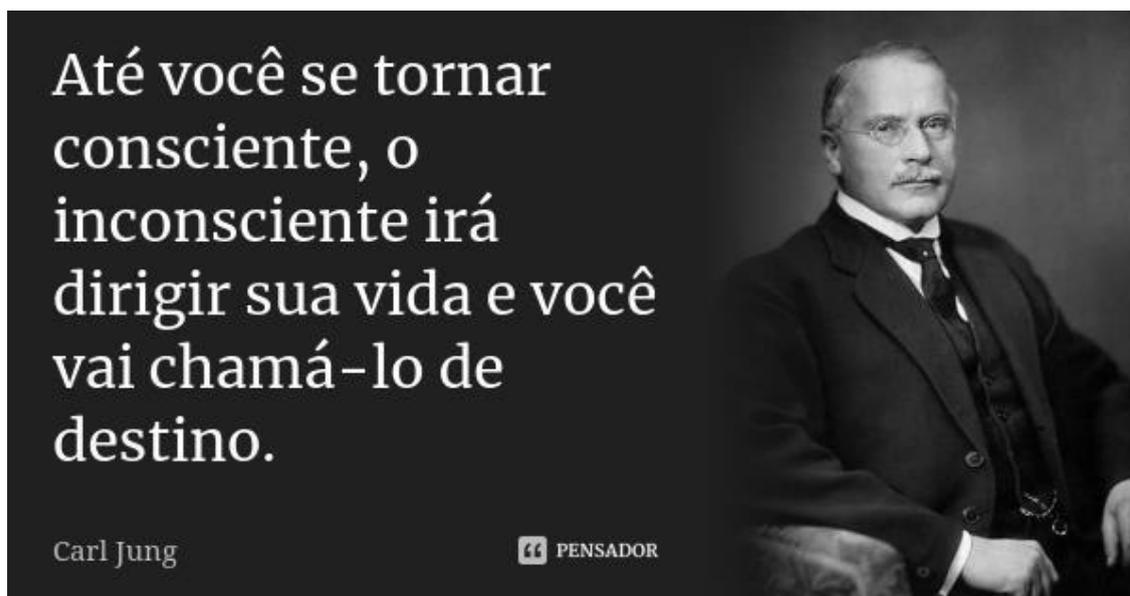


Figura 1. Frase de Carl Gustav Jung, fundador da Psicologia Analítica.

Acesso em: <https://www.pensador.com/frase/MTk0MzcyNA/>

⁸ JUNG, Carl Gustav. *A Natureza da Psique*. Vol. VIII/2. Petrópolis, Vozes, 2000, § 423.

⁹*Vocatus atque non vocatus, Deus aderit*. Máxima que Jung extraiu da coleção de provérbios e sentenças de antigos pensadores gregos e latinos, intitulada *Collectanea Adagiorum*, de autoria de Erasmo de Roterdã, publicada em 1500.

1. CONCEITOS FUNDAMENTAIS DA PSICOLOGIA ANALÍTICA

1.1. A PSIQUE PARA A PSICOLOGIA ANALÍTICA

A preocupação em conhecer a mente humana, seus processos de funcionamento, sempre foi uma batalha que resvala entre se distinguir o cérebro e o que se chama de *Psique* que, do grego, quer dizer justamente ‘_Alma’. O problema é que não há só uma concepção de psique, uma vez que suas traduções, oriundas de determinadas culturas e a elas atreladas, levam a diversos matizes e, muitas vezes, a diferenças contundentes. Por exemplo, a tradução para a língua inglesa gerou o termo *Mind* (mente), para o alemão, *Seele* (alma). Enquanto a primeira se associou mais ao cérebro, relacionando mente a constituintes biológicos, a segunda mergulhou nas águas profundas do inconsciente e suas indefinições. Só para citar dois exemplos, de como a Ciência da Psicologia, ainda hoje, está a digladiar entre o biológico e o puramente psicológico, ou buscando as confluências de ambos, ao mesmo tempo.

Sem pretender fazer uma abordagem histórica e detalhada do que vem a ser Psicologia, o presente trabalho de dissertação tem como escopo, somente, abordar alguns conceitos relevantes para uma *possível* análise literária, com auxílio do recorte da Psicologia Analítica.

A preocupação em entender a mente humana é algo que data dos primórdios do ser humano. Conhecimento e autoconhecimento nos acompanham, consciente ou inconscientemente, do nosso nascimento à nossa morte. Quem, em determinados momentos de introspecção, de meditação, oração ou devaneio, já não se põe a si próprio questões, tais como: Quem sou eu? O que sou eu? O que é isto que dentro de mim pensa, sente, sonha, decide agir ou não fazer nada? De que matéria sou feito? E minha alma, do que é feita? Quem em mim fala? Eu sou apenas um, ou outros? Eu penso por mim mesmo, ou sou determinado pelo meu meio? Eu penso com meu cérebro, com meu coração, com o quê? O que há para além de tudo isso aqui, dessa existência? Se há algo além dessa vida, minha alma se eterniza, ou morre comigo? Eu sou o mesmo durante meu curso de vida, ou me mudo durante o percurso? Entre outras questões de semelhante teor.

Leo Talamonti (1970) em *Universo Proibido*¹⁰ bem o evidencia:

¹⁰ TALAMONTI, Leo. **Univers Interdit** (Universo Proibido). Traduzido do italiano por Jean Imbert e Louis Mézeray. Éditions Albain Michel, 1970, p. 15. (Epígrafe em português com tradução minha).

Desde tempos imemoriais, há questões ambiciosas que o homem, de modo implícito ou explícito, se põe a si mesmo. E entre outras, estas: o que somos nós? Quais são os traços os mais marcantes da personalidade humana, os limites de suas possibilidades? Em que tipo de universo nossa existência está situada? (TALAMONTI, 1970: 15)

Em termos gerais e um tanto concisos, as bases¹¹ da Psicologia Analítica elaborada por Carl G. Jung são construídas por alicerces que podem ser encontrados nos pensamentos de autores como Eugen Bleuler, Isaac Newton, Immanuel Kant, Friedrich von Schiller, Friedrich Nietzsche; nos chamados -filósofos do inconsciente| Arthur Schopenhauer, Carl Gustav Carus, Eduard von Hartmann, entre outros; nas teorias da Hermenêutica (simbologia, interpretação), da Fenomenologia (-experiência pura, -maneira como o indivíduo experimenta a si mesmo e ao mundo, anteriormente a qualquer teoria); no Gnosticismo (primado da experiência sobre a fé); na Alquimia (-o mundo das imagens, o material empírico que coleciona na prática e as conclusões que havia tirado); no conceito do *Unus Mundus* (-o homem é um microcosmo, um espelho do macrocosmo que é o universo); na Escola da Sabedoria de Richard Wilhelm, pela Alquimia Taoísta (autoconhecimento, transformação da personalidade – nascimento do novo homem dentro de cada indivíduo); no Renascimento (séculos XIV-XV), via Humanismo, Antropocentrismo, Alquimia Medieval; nas filosofias do Hinduísmo, Budismo, Zen Budismo, Taoísmo (-caminho do meio) etc.

Tratar de todos os conceitos elaborados por uma ciência que nem a si mesma se pretende exaustiva, seria uma tarefa por demais desgastante e, ao mesmo tempo, inapropriada. Para citar os exemplos de dois trabalhos, de grande seriedade e sucesso, que se dedicaram a esse particular, para se ter uma ideia de tal complexidade, temos o *Dicionário Crítico de Análise Junguiana* (1988), de Andrew Samuels, Bani Shorter e Fred Plaut, com 235 páginas; ou, o de Paolo Francesco Pieri, *Dicionário Junguiano* (2002), com 564!

Nossa psique faz parte da natureza e o seu enigma é, igualmente, sem limites. Assim, não podemos definir nem a psique nem a natureza. (JUNG, 1964: 24)

Dada a formatação de uma dissertação de mestrado, dentro dos padrões atuais adotados pelas universidades brasileiras, optou-se tão somente por conceitos que mais interessam à presente pesquisa. Desta forma, além de outros conceitos importantes para a compreensão da

Depuis des temps immémoriaux, il est des questions ambitieuses que l'homme, de façon implicite ou explicite, se pose à lui-même. Et entre autres, celles-ci : que sommes-nous? Quels sont les traits les plus marquants de la personnalité humaine, les limites de ses possibilités? Dans quel type d'univers notre existence est-elle située?

¹¹ Conferir GRINBERG, Luiz Paulo. -*Jung, o Homem Criativo*. 2003; Cap. 2, p. 38-61 e cap. 3, p. 62-88.

abordagem teórica psicológica em estudo, são enfatizados, neste tópico, os de maior relevância, a seguir:

Arquétipo; Arquétipo do Guerreiro; Arquétipo Masculino Maduro; Ego; Self; Inconsciente, Anima / Animus; Complexos; Individuação; Sombra e Personalidade.

1.2. ARQUÉTIPO

Carl Gustav Jung, expoente da psicologia analítica, também chamada de psicologia profunda, ou ainda, junguiana, em *-Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo* (2014: 51-52), descreve o conceito de *arquétipo* como sendo um conteúdo inconsciente, modificável por sua conscientização e percepção, diferenciando-se conforme manifestações da consciência individual. Arquétipo indica determinadas formas na psique humana, temas recorrentes, padrões onipresentes, e que é mais claramente abstraído a partir dos mitos, dos ensinamentos esotéricos, dos contos de fadas, das narrativas orais, entre outros meios. O inconsciente coletivo, de sua parte, representa a acumulação de experiências milenares da humanidade, e se exprime por meio dos arquétipos.

Arquétipos definem os conteúdos eminentemente humanos, da nossa psique, que fazem o elo essencial entre os seres dessa mesma espécie, presentes e manifestos em todos os tempos, lugares, etnias e culturas.

Em outra obra sua, *-O Homem e Seus Símbolos* (1964), Carl Jung faz uma crítica ao modo de vida dos tempos atuais, pela assertiva de que o homem moderno, mesmo com toda sua racionalização e eficiência, ainda está submetido a *-forças* das quais ele não tem qualquer controle. Tais forças são designadas *deuses e demônios interiores*, os mesmos que em todas as eras e culturas sempre agiram sobre a psique humana, apenas com nomes outros.

O Arquétipo é, na realidade, uma tendência instintiva, tão marcada como o impulso das aves para fazer seu ninho ou o das formigas para se organizarem em colônias (Idem: 64).

O que Jung chama de arquétipo, Freud entendia como *-resíduos arcaicos*, no sentido de *-formas mentais cuja presença não encontra explicação alguma na vida do indivíduo e que parecem, antes, formas primitivas e inatas, representando uma herança do espírito humano* (Ibid.: 1964: 67).

Em *-Psicologia do Inconsciente* (1980: VII/1: 60), Jung fala de *-imagens primordiais*, como formas as mais antigas e universais da imaginação humana, e que são simultaneamente

sentimento e pensamento e dotadas de *vida própria*. Embora essa tenha sido uma ideia que o autor suíço tomou emprestada de outros estudiosos que trataram do conceito de arquétipo, ao qual está relacionada, e que se encontra em sistemas filosóficos ou gnósticos que se apoiam nas percepções do inconsciente como fontes do conhecimento, o importante é ter em consideração o lugar que Jung a colocou em seu sistema de pensamento, e que veio a constituir a base que desenvolveu toda essa área da Medicina, da Psicologia e da Pedagogia, reconhecida no mundo científico como Psicologia Analítica.

1.3. INCONSCIENTE PESSOAL E INCONSCIENTE COLETIVO

Convém notar que não são as imaginações que são hereditárias, mas, sim, a capacidade de um indivíduo para ter tais imagens. Estas se manifestam no *inconsciente coletivo*, o qual representa a parte objetiva do psiquismo, e no *inconsciente pessoal*, a parte subjetiva.

Para Jung, enquanto o inconsciente pessoal se constitui pela experiência de um indivíduo, por conteúdos que já lhe foram conscientes, mas não recordados pela consciência, devido a esquecimento ou repressão, e estão sob ação dos *complexos*; por sua vez, o inconsciente coletivo possui conteúdos que nunca estiveram na consciência, mas existem pela hereditariedade, por meio dos *arquétipos*.

[...] os conteúdos do inconsciente coletivo são, não só os resíduos de modos arcaicos de funções especificamente humanas, como também os resíduos das funções da sucessão de antepassados animais do homem, cuja duração foi infinitamente maior do que a época relativamente curta do existir especificamente humano. (JUNG: Vol. VII/1, 1980: 88).

Os arquétipos, portanto, só são possíveis pela capacidade humana de produzir imagens, desde que estas comuniquem sentidos – mesmo que ultrapassem a mera compreensão pela consciência.

Tal capacidade inata da mente humana, para imaginar e reconhecer sentidos imanentes, é algo que remete à ideia da *Energia Primitiva* e sua conservação, presente desde as religiões mais ancestrais, com sentido de –pensamento único e decisivo, o de que há uma –força mágica universal, em torno da qual tudo gira, correspondente à concepção de *alma* (objeto por excelência da ciência psicológica), como força corporal, fertilidade, poder mágico, influência, respeito, remédio, liberação de afetos, espírito, demônio – *energia* esta também presente e conhecida em diversos sistemas místicos e espiritualistas como: chama da vida, fogo eterno, calor primordial, viva luz do mundo (*-haomal*), força do destino, línguas de fogo do Espírito Santo, sarça ardente, entre outros epítetos.

O inconsciente coletivo é uma figuração do mundo, representando a um só tempo a sedimentação multimilenar da experiência. Com o correr do tempo, foram-se definindo certos traços nessa configuração. São os denominados arquétipos ou dominantes – os dominadores, os deuses, isto é, configurações das leis dominantes e dos princípios que se repetem com regularidade à medida que se sucedem as figurações, as quais são continuamente revividas pela alma. (JUNG, VII/1: 1980: 85).

1.4. SONHO, SÍMBOLO, SELF, INDIVIDUAÇÃO

Jung conceitua *neurose* como o conflito interior advindo da recusa do indivíduo em acessar esses deuses e demônios, tais –vozes interiores|, ou –chamados primais|, o que envolve tratar do problema da personalidade e da voz interior, e que traduz a tensão: individualidade *versus* convenções. Seria por meio do conhecimento e da aceitação do –*inconsciente*| – conhecimento este adquirido via manifestações dos *sonhos* e seus *símbolos* –, que alguém se torna ele mesmo, ou –*Selbst*, –*Self*, o *Si-mesmo*, isto é, uma personalidade individualizada, *o que ele de fato é*.

Porque a neurose é uma perturbação no desenvolvimento da personalidade, nós, os médicos da alma, nos sentimos obrigados, por necessidade profissional, a ocupar-nos com o problema da personalidade e da voz interior, que parece muito distante. É na psicoterapia prática que esses dados psíquicos, em geral tão vagos e deformados pelo palavreado vazio, se apresentam, ao saírem da escuridão de seu desconhecimento, aproximando-se da visibilidade. [...] Os conteúdos que aparecem de modo mais claro correspondem inteiramente à "Voz interior" e significam designações do destino; se forem aceitos e assimilados pela consciência, concorrem para o desenvolvimento da personalidade. (JUNG, 1972: 164)

Jung adverte, em –*Psicologia do Inconsciente*| (1980: VII/1), para o fato de que nossa natureza instintiva está a colidir continuamente com as barreiras culturais, impostas pelos valores de nossa sociedade.

Pode-se dizer que o sonho é como a pedra desprezada pelos pedreiros e que depois se tornou a pedra angular. Efêmero e insignificante produto da nossa alma, o sonho nunca foi tão desprezado como em nossos dias. Antigamente, era muito valorizado como um prenunciador do destino, admoestando e consolando, como um emissário dos deuses. Hoje, é utilizado como porta-voz do inconsciente; sua função é revelar os segredos que a consciência desconhece, e realmente o faz com incrível perfeição (Idem: 20).

A neurose surge de nossa falta de consciência e habilidade para inaptações ou adaptações a esses valores conflitantes. Pode-se ler, nessas entrelinhas, um apelo subliminar ao justo *caminho do meio*, da sabedoria ancestral, presente, por exemplo, nas culturas orientais taoísta, budista, confucionista, ou no conselho ocidental aristotélico do –*virtus in medium est*!:

Trata-se de um estado intermediário, porque nas várias formas de deficiência moral há falta ou excesso do que é conveniente tanto nas emoções quanto nas ações, enquanto a excelência moral encontra e prefere o meio-termo.¹²

¹² –*A virtude está no meio*!. Aristóteles (384 a.C. – 322 a.C.), em sua obra –*Ética a Nicômaco*!. *Opus cit* em –*Aristóteles – Vida e Obra*!. Coleção –Os Pensadores|. Editora Nova Cultural, Círculo do Livro, São Paulo, SP, 1996, p. 145.

Só quando um indivíduo passa a ter melhores condições para dimensionar essa tensão entre sua pessoa, como parte desse corpo maior, que é a sociedade, é que se torna capaz de enxergar-se do seu tamanho, e de abarcar, mais precisa e conscientemente, tanto a realidade em torno, quanto sua realidade interna própria.

Tais resíduos, ou — para usar a expressão de Semon — os engramas, quando ativos, têm a propriedade não só de interromper o desenvolvimento, como também de fazê-lo regredir, enquanto não estiver consumida toda a energia ativada pelo inconsciente coletivo. Mas a energia será recuperada, quando pudermos tomar consciência dela pela confrontação consciente com o inconsciente coletivo. As religiões estabeleceram de modo concretístico esse circuito energético, através da relação cultural com os deuses. Mas esta solução fica fora de cogitação para nós por ser grande demais a sua contradição com o intelecto e sua moral de reconhecimento; além disso foi, historicamente, totalmente superada pelo cristianismo. Mas quando concebemos as figuras do inconsciente como fenômenos ou funções da psique coletiva, não entramos em contradição com a consciência intelectual. É uma solução racionalmente aceitável. Com isso adquirimos também a possibilidade de lidar com os resíduos ativados da nossa história antropológica, o que permitirá que se transponha a linha divisória anteriormente existente. Por isso, chamei-lhe *função transcendente*, porque equivale a uma evolução progressiva para uma nova atitude. (JUNG: VII/1: 1980: 88)

É, então, que o psicoterapeuta indica, por exemplo, o caminho do *sonho*, como meio de acesso para se reconhecer o *irracional* como função psíquica necessária, porque sempre presente. *Irracional*, aqui, entendido não como realidades concretas, mas *realidades psíquicas*.

Como diz Freud, a análise do sonho é a ‘via régia’ para se chegar ao inconsciente; por conduzir aos segredos pessoais mais profundos, torna-se um instrumento de inestimável valor nas mãos do médico e do educador da alma. (JUNG: VII/1: 1980: 23).

Sonhos são mensagens pessoais e significativas, que se transmitem diretamente ao sonhador, comunicação esta que se faz por meio de símbolos comuns a toda a humanidade, mas por manifestações individuais, carregadas de um código todo particular. Desta forma, os sonhos permitem o *autoconhecimento*, mediante a linguagem própria dos *símbolos* naqueles contida.

O sonho, se interpretado corretamente, pode ser um veículo para o *processo de Individuação* — o que pode ser compreendido como *aperfeiçoamento da personalidade*, conforme Jung:

O sonho, de fato, é um resumo da minha vida, ou mais especificamente, do desenvolvimento da minha mente. (JUNG: 1964: 56)

O que fora sustentado por sua discípula Jolande Jacobi, nessa mesma obra conjunta, de *O Homem e Seus Símbolos*:

Mas é certo também que um jovem pode enfrentar sérios problemas no curso do seu crescimento. Se tem medo da vida e encontra dificuldades para ajustar-se à realidade, pode preferir viver dentro das suas fantasias ou conservar-se criança. Neste tipo de jovem (sobretudo se introvertido) vamos descobrir, por vezes, no seu inconsciente insuspeitados tesouros, e trazendo-os à consciência podemos fortalecer-lhe o

ego e dar-lhe a energia psíquica necessária para tornar-se uma pessoa amadurecida. É esta a poderosa função do simbolismo de nossos sonhos (JUNG: 1964: 274).

É muito importante saber que um indivíduo não só pode encontrar caminhos para o diálogo, acesso ou relação com inconsciente por meio dos sonhos, mas também mediante outras práticas que o induzam ao lado profundo de sua mente, como a hipnose, a meditação, a contemplação, o yoga, certos chás de culturas cerimoniais ou religiosas – como o peiote, a ayahuasca –, entre outras. Enfim, tudo que lhe permita um olhar introspectivo, para um enxergar do que lhe foi recalcado, proibido, reprimido ou esquecido. Trata-se de seu encontro com sua *sombra*, para o aprendizado de seu relacionamento com ela, para fins de sua *individuação*.

Nessa perspectiva, Jolande Jacobi registrará, mais tarde, em *–Complexo, Arquétipo, Símbolo na Psicologia de C. G. Jung*, um aprofundamento dessa análise, em que os sonhos cedem lugar aos complexos, nessa eleição como meio principal de acesso ao inconsciente:

Não são os sonhos, como entendeu Freud, a ‘via régia’ para o inconsciente, mas os complexos, diz Jung. Com essa afirmação, ele já esboça o papel predominante e central que confere aos complexos na Psicologia profunda. (JACOBI: 1995: 16)

1.5. COMPLEXO, PERSONALIDADE, INDIVIDUAÇÃO, PSICOLOGIA COMPLEXA

Complexos são agrupamentos de ideias de acento emocional no inconsciente, cuja estrutura compõe-se de imagens associadas e memórias congeladas de momentos traumáticos, a que o ego não tem acesso fácil para recuperação. Sendo despertados e movidos pelo afeto que os une, os complexos podem atuar sobre a consciência, exercer influência, causar perturbações incontroláveis, sem discriminação, inconscientes, nas decisões e comportamentos. Esse poder, pelo que se percebe, sugere-se, ser maior do que meras manifestações oníricas. Sendo assim, os complexos chegam a sobrepujar os sonhos enquanto –via régia para o inconsciente.

Essa noção de complexo era tão fundamental para Jung, que ele cogitou denominar sua teoria de *–Psicologia Complexa*.

Jung tinha dúvidas quanto à real sinceridade referente ao elevado otimismo pedagógico e psicológico de seu tempo, de se considerar a criança, mas nada a respeito de tratar da *criança no adulto*. Ele evidenciou isso, em *–O Desenvolvimento da Personalidade*¹³, de que está

¹³ *O Desenvolvimento da Personalidade*. Edição integral. Título do Original *–Über die entwicklung der persönlichkeit*. Trad. Frei Valdemar do Amaral. Círculo do Livro. ISBN 85-332-0813-8. Versão em PDF.

oculta no adulto uma criança, uma criança eterna (*Puer aeternus*), entendida como algo em formação, um traço marcante de nossa psique que nos acompanha em todo o percurso de nossa existência, digno de cuidados permanentes, por uma pedagogia e uma psicoterapia que podem moldá-la, a nosso favor, pois que, se tal fator for negligenciado, graves distúrbios podem tomar e dominar nossos pensar, querer e agir no mundo:

No adulto está oculta uma criança, uma criança eterna, algo ainda em formação e que jamais estará terminado, algo que precisará de cuidado permanente, de atenção e de educação. Esta é a parte da personalidade humana que deveria desenvolver-se até alcançar a totalidade. (JUNG: 1972: 150)

De todo modo, para Jung, a criança já traz em si os germes da *personalidade*, a qual terá um desenvolvimento paulatino, mediante as experiências da vida. Porém, sem as vivências conscientes da determinação, da inteireza e da maturidade, não há personalidade propriamente dita.

Para a Psicologia Analítica:

Personalidade é a realização máxima da índole inata e específica de um ser vivo em particular (JUNG: Idem: 152).

Daí que, no entendimento do autor suíço, a tarefa da psicoterapia, assim como da pedagogia, é tão mais nobre, quanto mais tiver como meta a complexidade que é tratar da personalidade, desde a criança na criança, até a criança no adulto, isto é, como contribuir para a formação de uma pessoa, por sua afirmação absoluta enquanto ser individual e, ao mesmo tempo, por sua perfeita adaptação a tudo que há de universal; ou seja, uma educação que tenha a sabedoria e a competência de incentivar a máxima coragem de viver, estando integrado ao meio, aliado à máxima liberdade de decisão própria.

Este é o real sentido do conceito de *Individuação: tornar-se o que se é. Individualizar-se é ter consciência de si, de seus deuses e demônios, sabendo-se a si mesmo como um projeto sempre inconcluso de ser humano dotado de uma Alma.*

Finalmente, numerosos documentos histórico-literários comprovam que tais arquétipos existem praticamente por toda parte, tratando-se, portanto de fantasias normais e não de produtos monstruosos de insanidade. O elemento patológico não reside na existência destas ideias, mas na dissociação da consciência que não consegue mais controlar o inconsciente. Em todos os casos de dissociação é, portanto, necessário integrar o inconsciente na consciência. Trata-se de um processo sintético que denominei ‘_processo de individuação’. (JUNG: 2014: IX/1: 49)

Nada disso seria possível sem o que Jung recuperaria dos gregos: fala-se do conceito de *Pistis*: fé; melhor ainda, *confiança, lealdade plena de confiança*. Em outras palavras: *fidelidade à sua própria lei*.

A personalidade jamais poderá desenvolver-se se a pessoa não escolher seu próprio caminho. (JUNG. 1972: 154).

Jung é enfático em dizer que uma personalidade madura se torna realidade e realização não apenas por necessidade, por um motivo causador, mas também por –decisão consciente e moral. E isto, perante conflitos e perigos advindos do temor de algo monstruoso e anormal, ou do isolamento, frutos do embate entre indivíduo e meio, do confronto entre firmar-se em seu próprio caminho ou ser absorvido e alienado pelas margens dos caminhos das convenções morais, sociais, políticas, filosóficas, religiosas, ideológicas, etc.

Para ele, o desenvolvimento da personalidade sempre comporta um risco, que em si é trágico, pois que o demônio da voz interior representa, a um só tempo, o –perigo máximo e o auxílio indispensável. Algo trágico e lógico, pela natureza humana, já que: –Na mesma medida em que alguém se torna infiel à sua própria lei e deixa de tornar-se personalidade, perde também o sentido de sua própria vida. (Ibid.: 163).

Ato contínuo, Jung alerta para o perigo da vida na Terra, decorrente de indivíduos com elevado desajuste psíquico, o que pode influenciar destrutivamente grandes contingentes humanos para um desfecho catastrófico do planeta. Eis o sentido junguiano da tese da psicopatologia individual que gera psicopatologia de massa, conforme expresso em sua obra *Aspectos do Drama Contemporâneo* (1988).

Conclui o psicoterapeuta, que o *melhor* caminho é *tornar-se o seu* caminho, *sua totalidade própria*, não sem intermédio do Esclarecimento (*Aufklärung*), em contraposição –àquele deus do terror (a sombra, nos deuses e deusas da guerra, como *Ares, Ogum, Sekhmet, Marte, Kali, Deimos, Eris* etc) que reside na alma – processo árduo, complicado, difícil, pois que:

A maioria esmagadora das pessoas escolhe as convenções, e não seu próprio caminho – aquele que amadureceria e libertaria sua personalidade. (JUNG: 1972: 154)

Ou, se entendido de outro modo, poder-se-ia conceber que as pessoas são escolhidas pelas convenções (e não o contrário), mas elas não sabem disso.

1.6. ANIMA /ANIMUS, IMAGINAÇÃO ATIVA, QUATERNIDADE

E qual seria o caminho em direção a si mesmo, ao *Si-mesmo*, nesta perspectiva psicológica, senão quando se toma consciência de que as convenções não passam de necessidades coletivas, e que, a partir dessa constatação, é por meio da auscultação, do ouvir atento, de sua Voz Interior (*Stimme des Inneren*), da compreensão profunda das mensagens subliminares de seus Deuses e Demônios (*daimones*), as quais indicam a senda até o *Si-mesmo* (*Selbst*)?

O caminho pessoal, para a realização de si, sua personalidade, sua totalidade, sua individuação, do tornar-se quem se é / *Si-mesmo*, faz-se de embates, de guerras interiores e exteriores, conscientes e inconscientes, num campo de batalha, cuja geografia psicológica é composta de terrenos de sombra e de luz, em que se trava uma luta ferrenha e cruel entre as barreiras do *princípio do eu* e os desejos sem limites do *princípio do instinto*.

Tendo bebido das fontes do *Caibalion*, Jung aplica o segundo dos Sete Princípios Herméticos, o *Princípio da Correspondência*¹⁴:

Visto do ponto de vista unilateral da atitude consciente, a sombra é uma parte inferior da personalidade. Por isso, é reprimida; e devido a uma intensa resistência. Mas o que é reprimido tem que se tornar consciente para que se produza a tensão entre os contrários, sem o que a continuação do movimento é impossível. A consciência está em cima, digamos assim, e a sombra embaixo, E como o que está em cima sempre tende para baixo, e o quente para o frio, assim todo consciente procura, talvez sem perceber, o seu oposto inconsciente, sem o qual está condenado à estagnação, à obstrução ou à petrificação. É no oposto que se ascende a chama da vida (JUNG: 1980: VII/1: 49).

Uma vez mais, o dilema dos conflitos: porque não é possível tornar-se o que se é sem *movimento*, porque esta é a lei da Natureza. Do contrário, a *estase*, é contra a Vida.

Sem *reflexão autocrítica*, toma terreno a *identificação com a sombra*. Para superar isso, é preciso seguir a *lei da vida*: —vida vivida individualmente (JUNG: 1972: 160).

Uma vida criadora, acima das convenções – o que não é exclusividade de pessoas geniais, considerando que há pessoas geniais sem personalidade, aponta Jung. Quanto menor a voz interior, tanto mais imprecisa e inconsciente – o que faz com que uma pessoa se confunda com a sociedade –; quanto maior a voz interior, tanto mais precisa e consciente – o que permite a outrem a consolidação de uma personalidade definida, inconfundível.

¹⁴ –O que está em cima é como o que está embaixo, o que está embaixo é como o que está em cima. –O *Caibalion: estudo da filosofia hermética do antigo Egito e da Grécia*. Tradução de Rosabis Camaysar. Versão em PDF, p. 4.

No entanto, mesmo tendo-se claro que a consciência de si é uma condição que define o ser, de que o autoconhecimento é a meta suprema, é preciso ter sempre, neste horizonte teórico, que: —o conceito de personalidade é inacabado (Idem: 162).

Reverberação do escrito de Jung, em *Presente e Futuro*¹⁵:

Normalmente confundimos ‘autoconhecimento’ com conhecimento da personalidade consciente do eu. Aquele que tem alguma consciência do eu acredita, obviamente, conhecer a si mesmo. O eu, no entanto, só conhece os seus próprios conteúdos, desconhecendo o inconsciente e seus respectivos conteúdos. (JUNG, 2009, § 491, p. 2, PDF):

O resultado da estase, da falta de autoconhecimento e de combate, são existências enfadonhas, maçantes, subordinadas a exigências inúteis, projetos inconsistentes de vida, alienações diversas, ilusões; enfim, tudo o que produz seres neuróticos, de cuja dificuldade de se conviver com os quais, têm-se modos de vida comum e *heroica*. Destas últimas, Jung diferencia entre o ‘heroísmo’ que pode encobrir um sentimento de inferioridade, e o ‘heroísmo nobre’, o que enfrenta a vida cotidiana com dedicação, paciência, perseverança e sacrifícios, humildemente, sem visar o aplauso – um heroísmo sem gestos e invisível aos outros. É este último que aponta para o desenvolvimento conceitual que culmina no *arquétipo do guerreiro*, do *masculino maduro* pós-junguiano.

Falemos, agora, do conceito da sizígia *anima / animus*. Trata-se da *conjunção*, da *união* definida por Jung como *Par de Deuses*, ou *Casal Divino*, tido por *potências inconscientes* do âmbito da faculdade do *relacionamento*, a qual permite o redimensionamento da *sombra* e sua reorientação na direção do *Si-mesmo*, pelo *processo de individuação*.

Anima / Animus originam-se, ambos, do *inconsciente coletivo*. A *anima*, por si mesma, também é um arquétipo, mas que se manifesta em crianças do sexo masculino; o *animus*, por sua vez, é o correlato arquétipo masculino, que se encarna em crianças do sexo feminino. *Anima* e *animus* manifestam-se nos sonhos, nas visões, nas fantasias, em que aparecem personificados, apresentando em si as qualidades características, respectivamente, de seres femininos e masculinos, espontaneamente elaborados pelo inconsciente.

Jung faz a seguinte observação, em *Aion – Estudos do Simbolismo do Si Mesmo*, de que *anima* e *animus* são –funções que transmitem conteúdos do inconsciente coletivo para a

¹⁵ Publicado originalmente em: *Schweizer Monatshefte XXXVI/12* (Zurique, março de 1957) como suplemento especial e reeditado por Rascher, em brochura, Zurique 1957, 1958 e 1964].

consciencial, mas que, também: –Nem todos os conteúdos da anima e do animus estão projetados. Muitos deles afloram nos sonhos, etc, e muitos outros podem alcançar a consciência mediante a chamada imaginação ativa.‖ (Jung, 1998: 30-31)

Imaginação ativa constitui-se de certas *ideias, sentimentos e afetos* vivos em cada um de nós, que se traduzem por exercícios mentais, para permitir uma comunicação, de alguma forma, entre o consciente e o inconsciente, por exemplo, mediante trabalhos artísticos, como desenhos e pinturas de quadros que o sonhador pode fazer de seus próprios sonhos. Esta é uma ideia que Jung atualizou dos alquimistas, visando manifestações de fatores ligados à faculdade de relacionar-se, seja consigo mesmo, seja com os outros. Pode-se entender imaginação ativa como veículos de comunicação para amadurecimento psíquico.

A psicoterapia profunda ativa as imagens incipientes da psique, mantendo, a seguir, diálogo com elas. Jung descreveu esse processo como função transcendente, através da qual o Si-mesmo procura transcender as barreiras existentes entre a consciência e o inconsciente. Em outras palavras, a psique procura curar a si própria. (HOLLIS: 2008: 152-153)

Em *O Homem e Seus Símbolos* (Jung: 1964: 185), Marie Louise Von Franz, colaboradora e discípula de Jung, diz que, na sua função positiva, a *anima* aparece na psique masculina como –mediadora entre o ego e o *self*. Isto é, entre o consciente e o inconsciente.

Esse Par de Deuses, *Animus / Anima*, refere-se aos atributos de Logos (*Pneuma, nous, Hermes*) e de Eros (Afrodite, Helena ou Selene, Perséfone, Hécate).

É da união desses opostos, dessa *coniunctio oppositorum*, que se faz a condição basilar para se chegar à totalidade.

Remetem à dita *quaternidade*, ou *quatérnio de matrimônios*, de que Jung se utiliza para explicar o processo de totalidade da personalidade, assim como explicado por Von Franz:

Como demonstrou Jung, o núcleo da psique (o *self*) expressa-se, normalmente, sob alguma forma de estrutura quaternária. O número quatro está sempre ligado à anima porque, segundo Jung, existem quatro estágios no seu desenvolvimento. O primeiro está bem simbolizado na figura de Eva, que representa o relacionamento puramente instintivo e biológico; o segundo pode ser representado pela Helena de Fausto: ela personifica um nível romântico e estético que, no entanto, é também caracterizado por elementos sexuais. O terceiro estágio poderia ser exemplificado pela Virgem Maria — uma figura que eleva o amor (Eros) à grandeza da devoção espiritual. O quarto estágio é simbolizado pela Sapiência, a sabedoria que transcende até mesmo a pureza e a santidade, como a Sulamita dos Cânticos de Salomão. (No desenvolvimento psíquico do homem moderno este estágio raramente é alcançado. Talvez seja a figura da Mona Lisa a que mais se aproxima deste tipo de anima.). (JUNG: 1964: 185)

Trata-se de uma *evolução quaternária*, ou por ciclo de quatro, que remete à relação entre Homem e Natureza. Por exemplo, quatro são: as fases da lua (nova, crescente, cheia,

minguante); as fases do dia (manhã, tarde, noite, madrugada); as semanas do mês lunar (quatro semanas vezes sete dias, dão um mês de vinte e oito dias); as estações do ano (primavera, verão, outono, inverno); os elementos da natureza (terra, água, fogo, ar); os pontos cardeais (leste, norte, oeste, sul), entre outras alusões – como ressonância e sentido profundo das fases da vida humana (criança, jovem, adulto, velho) e sua íntima sintonia com o cosmo.

Quando um indivíduo está em harmonia com esses símbolos ancestrais e naturais, seu *Self* está em harmonia consigo mesmo e com o Universo.

No homem, essa quaternidade se expressa como os estágios: 1º: sujeito masculino; 2º: sujeito feminino (seu oposto); 3º: *anima* transcendente; 4º: arquétipo do velho sábio. Na mulher, se expressa como: 1º: sujeito feminino; 2º: sujeito masculino (seu oposto); 3º: *animus* transcendente; 4º: arquétipo da mãe ctônica.

Tais símbolos de quaternos, e também de círculos dos *mandalas* (outro exemplo de imaginação ativa), não aparecem somente nos sonhos, mas também, muito amplamente, em monumentos históricos, de todos os povos, épocas e culturas.

1.7. O SELF, O HOMEM CÓSMICO E A SIMBOLOGIA DO CÍRCULO

Self também é, por si só, um arquétipo. Mas não apenas. Trata-se do *maior* arquétipo: *a grande realização humana*. *Self* é –símbolo de totalidade!, diz Von Franz (*Idem*: 195).

O símbolo arquetípico do *Self* reporta ao Homem Cósmico, como o entendido pela cultura hindu, o *Purusha*. *Self* é algo que vive dentro do coração de todo ser humano, o que há nele de imortal, que ocupa, ao mesmo tempo, tanto o interior de um indivíduo, como todo o universo.

Homem e Cosmos estão unidos por simbologia e por essência.

Diria Aniela Jaffé, (*Ibid.*: 232), outra colaboradora de Jung: *Todo o cosmos é um símbolo em potencial*.

Von Franz fala do *Self* como o –mistério vivente!, o sentido extremo e desconhecido da existência humana. Diferencia-o dos meros fatos de comer, beber, o poder, o sexo, a sobrevivência, a fé, etc.:

Acima e além destes impulsos, nossa realidade psíquica interior manifesta um mistério vivente que só pode ser expresso por um símbolo; e para exprimi-lo o inconsciente muitas vezes escolhe a poderosa imagem do Homem Cósmico. (Ibid.: 202).

Há, pelo mundo, exemplos de símbolos desse Homem Cósmico, como: o *Anthropos* dos antigos gregos; *Adam Kadmon*, para judeus; *Krishna*, para hindus; *Buda*, para budistas; *Jesus*, para cristãos; entre outros.

Ainda com base em *O Homem e Seus Símbolos*, o autor suíço descreve *símbolo* como sendo produções espontâneas do inconsciente (mesmo que *a posteriori* possam ser elaboradas pelo consciente).

O que chamamos de símbolo é um termo, um nome ou mesmo uma imagem que nos pode ser familiar na vida diária, embora possua conotações especiais além do seu significado evidente e convencional. Implica alguma coisa vaga, desconhecida ou oculta para nós. (Ibid.: 20-21).

Como exemplo, pode-se tomar o *_ankh_*, -símbolo da vida, do universo e do homem, no antigo Egito, em contraste com insígnias de companhias de aviação, as quais não são símbolos, mas sinais conscientemente planejados (Ibid.: 55; nota da editora).

Jung divide a *função* dos símbolos em duas, conforme as características destes, em símbolos *naturais* e símbolos *culturais*. Os primeiros são derivados dos conteúdos inconscientes da psique, constituem-se de imagens arquetípicas essenciais, ideias e imagens das sociedades mais primitivas, traços esses cujas origens são mais arcaicas. Os últimos referem-se a -verdades eternas, a exemplo dos símbolos usados pelas religiões, que passaram por inúmeras transformações e um longo processo de elaboração, de maior ou menor consciência, até tornarem-se imagens coletivas aceitas pelas sociedades ditas civilizadas.

Além de quadrados, triângulos, espirais, entre outros, um dos símbolos mais recorrentes, em praticamente todas as culturas de todo o mundo, é o Círculo e suas miríades de representações. E, com ele, toda uma gama de significação, marcante, rica, inesgotável. Símbolo do Homem e do Universo, o círculo, notadamente na forma do *mandala* (embora haja mandalas quadrados, triangulares etc), cativou especial atenção de Jung:

Se as fantasias forem desenhadas, aparecem símbolos que pertencem principalmente ao tipo do *_mandala_*. Mandala significa círculo e particularmente círculo mágico. Os mandalas não se difundiram somente através do Oriente, mas também são encontrados entre nós. A Idade Média e em especial a baixa Idade Média é rica de mandalas cristãos. Em geral, Cristo é figurado no centro e os quatro evangelistas ou seus símbolos, nos pontos cardeais. Esta concepção deve ser muito antiga, porquanto Horus e seus quatro filhos foram representados da mesma forma, entre os egípcios. [...] É evidente que ele representa um sistema psico-cósmico, de forte coloração cristã. É o *_olho filosófico_*, ou o *_espelho da sabedoria_*, denominações estas que mostram de modo claro tratar-se de uma summa de sabedoria.[...]

A maioria dos mandalas tem a forma de uma flor, de uma cruz ou roda, tendendo nitidamente para o quaternio, o que lembra o número básico: tetraktys pitagórica. Entre os índios Pueblo os mandalas são desenhados na areia, para uso ritual. Entretanto, os mandalas mais belos são os do budismo tibetano. [...] Encontrei também desenhos mandálicos entre doentes mentais, entre pessoas que certamente não tinham qualquer ideia das conexões aqui mencionadas. (JUNG, C. & WILHELM. s/d).

Essa concepção simbólica da vida prossegue nos trabalhos dos discípulos de Jung, alguns de notável percepção subjetiva, como da pesquisadora Marie Louise Von Franz, citada por outra pesquisadora, Aniela Jaffé:

A Dra. M.-L. von Franz explicou o círculo como símbolo do self: ele expressa a totalidade da psique em todos os seus aspectos incluindo o relacionamento entre o homem e a natureza. Não importa se o símbolo do círculo está presente na adoração primitiva do sol ou na religião moderna, em mitos ou em sonhos, nas mandalas desenhadas pelos monges do Tibete, nos planejamentos das cidades ou nos conceitos de esfera dos primeiros astrônomos, ele indica sempre o mais importante aspecto da vida – sua extrema e integral totalização. (JUNG: 1964: 240)

Pelo mesmo espírito, assim o compreendeu Paul Brunton, em *La Sagesse du _Moi Suprême*¹⁶:

O que a ciência descobriu graças a instrumentos cada vez mais avançados, os antigos sábios o haviam encontrado, há mais de dois mil anos, apenas pela da concentração do pensamento. _Ninguém pode entrar duas vezes no mesmo rio’, disse o grego Heráclito. _Para quem percebe, na sabedoria e na verdade, como as coisas não cessam de passar neste mundo, é impossível dizer que isto é’, disse o hindu Buda, que também enfatizou que nada permanece semelhante por dois instantes consecutivos.

Mas, essa doutrina foi professada, muito antes, pelos sábios da Ásia, no Oriente, da América, no Ocidente. Eles ensinaram, exatamente como os estudiosos modernos, que o universo estava perpetuamente em movimento e que esse movimento tomava uma forma rotatória. Eles foram mais longe, ao declarar que, do mesmo modo que é impossível dizer onde começa e onde termina um círculo, não se pode indicar onde começa o cosmos ou onde ele termina. É por isso que, a fim de representar, ao mesmo tempo, a construção do mundo e o fluxo incessante das coisas, sem princípio nem fim, eles usaram o símbolo da Suástica, que é uma outra forma da roda. Seus raios em cruz representam o eixo polar atravessado pelo equador, e sua rotação reflete o fato de que a Terra é dinâmica, não _matéria’ morta. (BRUNTON:1958: 15). (Tradução minha).

¹⁶ BRUNTON, Paul. *La Sagesse du _Moi Suprême*. Traduit de l’anglais par René Jouan. Payot, Paris, 1958, p. 15.

Ce que la science a découvert grâce à des instruments de plus en plus perfectionnés, les anciens sages l’avaient trouvé, il y a plus de deux mille ans, uniquement par la concentration de pensée. _Personne ne peut entrer deux fois dans la même rivière’, affirmait le Grec Héraclite. _Pour qui perçoit, dans la sagesse et la vérité, comment les choses ne cessent de passer en ce monde, il est impossible de dire ceci est’ a dit l’Hindou Bouddha qui soulignait aussi que rien ne demeure semblable pendant deux instants consécutifs.

Mais cette doctrine fut professée bien antérieurement par les sages de l’Asie, à l’Est, de l’Amérique, à l’Ouest. Ils enseignait, exactement comme les savants modernes, que l’univers était perpétuellement en mouvement et que ce mouvement prenait une forme rotatoire. Ils allaient plus loin en déclarant que, de même qu’il est impossible de dire où commence et où finit un cercle, on ne peut indiquer où commence le cosmos ni où il finit. C’est pourquoi, afin de représenter à la fois la construction du monde e l’incessant écoulement des choses, sans commencement ni fin, ils employaient le symbole de la Swastika qui est une autre forme de la roue. Ses rayons en croix représentent l’axe polaire traversé par l’équateur, et sa rotation traduit le fait que la terre est dynamique, non pas de la _matière’ morte.

Brunton faz apelo a um estudo de perscrutação, por meio da prática de um yoga específico, para se chegar ao conhecimento do que os antigos denominam –Eu Supremol (*Moi Suprême*), que está para além do Eu egóico – mesma ideia da realidade última propalada por Jung, a Imagem de Deus em nós – a *-Imago dei*: o *Self* que abarca o Ego.

Para Brunton¹⁷:

O espírito é, ele mesmo, a fonte da energia para a qual a Ciência queria reduzir o universo. Em suma, descobriremos que a energia é um atributo da alma, algo que tem o poder de falar. Este espírito, evidentemente, não é a coisa frágil que designamos por esse nome e que não é mais que uma sombra, mas a realidade que projeta essa sombra, o Espírito universal, existente por trás de todos os nossos pequenos espíritos. (BRUNTON:1958: 17) (Tradução minha)

Tudo a ver com Jung, para quem, em certo sentido, o estudo da Alma é um caminho no escuro, e que, conforme expresso em *-A Natureza da Psique*:

Como a psique e a matéria estão encerradas em um só e mesmo mundo, e, além disso, se acham permanentemente em contacto entre si, e em última análise, se assentam em fatores transcendentais e irrepresentáveis, há não só a possibilidade, mas até mesmo uma certa probabilidade de que a matéria e a psique sejam dois aspectos diferentes de uma só e mesma coisa. Os fenômenos da sincronicidade, ao que me parece, apontam nesta direção, porque nos mostram que o não-psíquico pode se comportar como o psíquico, e vice-versa, sem a presença de umnexo causal entre eles. (JUNG: 2000: VIII/2, § 418).

E, sempre fazendo uso de sua humildade enquanto cientista e estudioso, Jung deixa o alerta:

E da mesma forma como a Física nada mais pode fazer, sob o ponto de vista psicológico, do que constatar a existência de um observador, sem ter condições de afirmar o que quer que seja sobre a natureza deste observador, assim também a Psicologia só pode indicar a relação da psique com a matéria, sem ter condições de dizer o mínimo que seja quanto à natureza da mesma. (JUNG: 2000: VIII/2, § 417).

O poder de um símbolo é tão incomensurável e dotado de tamanha carga de significação, que o psicanalista chega a afirmar:

Aprendam tanto quanto puderem a respeito do simbolismo; depois, quando forem analisar um sonho, esqueçam tudo. (JUNG: 1964: 56).

Ou seja, ao se enveredar, ao se embrenhar pelos caminhos dos símbolos, há que se ter sempre em mente que uma coisa é o inconsciente coletivo e outra o inconsciente pessoal. Assim, na prática psicoterapêutica, o analista deve ter ciência disso, para que não se criem regras ou manuais de interpretação, supostamente válidos para todo e qualquer caso. Lembre-se, inclusive, de que a análise proposta pela psicologia profunda é humanista, porquanto se faz

¹⁷ BRUNTON, Paul. *La Sagesse du _Moi Suprême*. Traduit de l'anglais par René Jouan. Payot, Paris, 1958, p. 17.

L'esprit est lui-même la source de l'énergie à laquelle la Science voudrait réduire l'univers. Bref, on découvrira que l'énergie est un attribut de l'esprit, quelque chose que possède le pouvoir de parler. Cet esprit n'est évidemment pas la faible chose que nous désignons par ce nom et qui n'est qu'une ombre, mais la réalité projetant cette ombre, l'Esprit universel, existant derrière tous nos petits esprits.(1958: 17)

mediante a relação entre terapeuta e paciente. Por um de seus preceitos mais famosos, diz Jung, mesmo ao se –conhecer todas as teorias e técnicas, é inescusável que, diante de uma alma humana, seja-se –apenas outra alma humanal.

Adverte o autor suíço do problema da *projeção*, ou seja, da –suposição de que aquilo que o analista percebe ou pensa é igualmente percebido ou raciocinado pelo autor do sonho (Idem: 61), pois –não há regras gerais para a *interpretação dos sonhos* (Ibid.: 62).

Como portadores de *imagens primordiais*, as quais habitam o *inconsciente coletivo*, os sonhos funcionam como pontes ou fios condutores, para produções de sentido, ou sentidos. Há implicações de cunho tanto psicológico, quanto histórico, antropológico e mesmo biológico nisso. Em nota da editora de *O Homem e Seus Símbolos*, ressalta-se que:

[...] o feto humano parece-se com o de outros animais (e fornece, assim, indicações sobre a evolução física do homem. A psique também ‘evoluiu’; e alguns conteúdos do inconsciente do homem moderno parecem-se com produtos da mente do homem primitivo. Jung chamava arquétipos a esses produtos. (Ibid.: 66).

Quanto à implicação histórica, Jung entende ‘história’ como um –desenvolvimento biológico, pré-histórico e inconsciente da mente no homem primitivo, cuja psique estava muito próxima à dos animais. E que: –Assim como o biólogo necessita da anatomia comparada, também o psicólogo não pode prescindir da *anatomia comparada da psique* (Ibid.: 67).

1.8. RELAÇÕES ENTRE PSICOLOGIA ANALÍTICA OU PROFUNDA E OUTROS CONHECIMENTOS

Neste sentido, não se pode falar em Psicologia Profunda, sem que essa disciplina não contenha, em seu bojo teórico, toda uma interdisciplinaridade, proveniente de campos do saber tão diversos quanto imbricados, tais como a própria Psicologia e suas vertentes, mas também Medicina, Literatura, Mitologia, Antropologia, Biologia, História, Simbologia, Ocultismo, Alquimia, Espiritualidades, Filosofia, Física, Matemática, entre outros.

Esta imersão de Jung no Conhecimento, com maiúscula, vem de sua postura contrária aos reducionismos de três forças marcantes do século XIX, quais sejam: o materialismo científico (cujo expoente maior fora Auguste Comte), os dogmas religiosos tradicionais (sendo o cristianismo o majoritário) e o espiritismo – os quais ainda influenciam o mundo, até hoje.

Em *Jung: O Homem Criativo*, Luiz Paulo Grinberg fala de duas visões de mundo que vigoravam, em conflito, à época: a *mecânica*, científica, ligada à análise e à reflexão, ao

mundo da razão e dos fatos objetivos; e a *intuitiva*, relacionada à fantasia, à imaginação e à realidade dos sonhos e da subjetividade. –Para ele (Jung) a psicologia seria a única ciência mediadora capaz de conciliar a ideia à coisa, sem violentar nenhuma delas.‖ (GRINBERG: 2003: 44).

1.9. SOMBRA, EGO, SELF

Do conceito de *sombra*, Andrew Samuels, em *Jung e os pós-junguianos* descreve-a como:

–patologicamente, uma rejeição da instintividade, logo uma despotencialização da personalidade, ou uma projeção de facetas inaceitáveis da personalidade sobre os outros‖, e ainda: –uma forma de inflação negativa que se expressa em forma de autodepreciação, falta de autoconfiança, medo do sucesso (e um estado ‘analítico’ peculiar em que tudo é reduzido a motivações inconscientes obscuras e desagradáveis)‖. (Samuels: 1989: 117).

Paolo Francesco Pieri, em *Dicionário Junguiano*, dá ao conceito mais contornos:

Na psicologia analítica o termo é assumido como o significado específico do outro lado da personalidade e, por isso, daquela parte obscura da psique, enquanto tal inferior e indiferenciada, que, de diversos modos, é necessariamente remetida (e operativamente remissível) à parte superior e diferenciada da própria psique durante o processo de individuação. (PIERI: 2002: 434)

Para maior esclarecimento, Jung, em *Sobre sentimentos e a sombra* (2015), assevera que a sombra não é necessariamente má. Ela é algo íntimo e inquietante, ao mesmo tempo transformadora da psique. Ela sempre existirá como lugar de possibilidade para autoconhecimento e amadurecimento, em meio a desafio, dor e desestruturação do ego – um pouco do que o bobo faz com o rei: trazê-lo ao mundo dos pés no chão. A sombra seria, para Jung, em outras palavras, um –mal necessário.

O fato de sabermos que o mal é real, tão real quanto o bem – é isso que encarrega a teologia de um problema muito difícil. [...] Gostaria de poupá-los, mas é um problema enormemente difícil, isto é: Como lidar com o lado da sombra? (JUNG: 2015: 62)

Ele mesmo diria, em *Psicologia do Inconsciente*, que há um –medo arcaico dos conteúdos do inconsciente coletivo‖ (Jung, 1980: VII/1: 87). E que: –O diabo é uma variante do arquétipo da sombra, isto é, do aspecto perigoso da metade obscura, não reconhecida pela pessoa.‖ (Idem: 86). Pessoa, neste caso, o *ego*.

Samuels delimita melhor sobre esta relação entre ego e sombra:

Embora seja possível que o ego se torne consciente daquilo que está contido na sombra, essa consciência jamais poderá ser total. O paradoxo está no fato de que tornar alguma coisa consciente também engloba a

inconsciência porque uma está sempre em relação com a outra. Quando a ego-consciência ilumina alguma coisa, o que está na periferia fica na escuridão. (SAMUELS: 1989: 87).

Numa entrevista realizada pelo programa de TV *Face to Face*, da BBC – British Broadcasting Corporation, em agosto de 1957, a partir dos trinta minutos de vídeo, Carl Jung nos apresenta, ao mesmo tempo, os seus conceitos de *Self*, *Ego* e *Inconsciente*:

Self (o _Eul, que abrange também o _Ego) é uma questão de personalidade e é mais completo do que o Ego, visto que o Ego consiste apenas naquilo de que estamos cômnicos, naquilo que sabemos ser. A personalidade do homem como um todo é indescritível. Sua consciência pode ser conhecida, mas seu inconsciente não pode ser conhecido, pois o inconsciente (e é preciso que se repita) é sempre inconsciente, realmente inconsciente. Você definitivamente nada sabe a respeito dele. Assim nós temos indícios de algumas ideias, mas nós, na verdade, não o conhecemos integralmente. Ninguém pode afirmar aonde o homem termina. Essa é a beleza de toda a coisa. Isto é muito interessante. O inconsciente humano oculta sabe-se lá que segredos. Temos ainda grandes descobertas a fazer. (Face to Face / BBC. Entrevista - Carl Gustav Jung. Agosto, 1957 – Acesso em: https://www.youtube.com/watch?v=JK_Jnor6w88)

Conforme Samuels:

Jung observa que, embora se possa presumir que o ego é a entidade psíquica sobre a qual mais sabemos, ele é, de fato, um mistério, cheio de obscuridades. O ego e a consciência do ego existem numa relação complementar com o inconsciente, de modo que aquilo que é conhecido nos diz alguma coisa sobre aquilo que não é. O ego, nas palavras de Jung, é um espelho para o inconsciente. (SAMUELS: 1989: 76)

Em tese, a atitude de encarar a sombra leva o indivíduo a desenvolver sua consciência para que se liberte da inconsciência (*agnosia*), sendo que no âmbito individual especificamente, no nível do relacionamento, que instintos egoístas, mesquinhos, sádicos ou masoquistas, podem ser minimizados ou anulados, dando lugar a um aceitar, maduro – dir-se-ia, até, feminino – da existência. Ativar a *anima*, no homem, em suma, é aprender a usar a sombra a seu favor.

Jung aponta para essa evolução interior, quando trata da questão do *trickster*, em *-Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*: -No caso individual, o problema suscitado pela sombra será respondido no nível da anima, ou seja, do relacionamento.¶ (JUNG: 2014: 273)

1.10. INCONSCIENTE: FREUD, JUNG E DESDOBRAMENTOS.

Numa crítica a Freud, para o qual o *Inconsciente* seria uma espécie de recipiente, tal qual um porão, cuja função seria a de reter material reprimido, desejos infantis e coisas parecidas, Jung postula, em *A Prática da Psicoterapia* que:

Contudo o inconsciente é bem mais do que isso: ele é, simplesmente, a base, a condição preliminar da Consciência. Representa a função inconsciente do psiquismo. (JUNG: 1985: XVI/1: 31-32).

Freud deu uma concepção negativa e pessoal, pessimista, de *inconsciente*. Jung, de outro modo, convida a pensá-lo de forma aberta e desapegada. Para o psicoterapeuta suíço, a

concepção do psicanalista austríaco é falsa, doentia, pessoal, estreita, pesada. Para o psicólogo analítico, a psique inconsciente é formada por instintos pertencentes à psique ancestral, sendo portadora de funções e formas herdadas – essa própria herança pode ser chamada de –instintol, ou de –redes de condições arquetípicas|. Sair da concepção freudiana e entrar na junguiana é:

[...] nos introduzirmos nos vastos domínios da psique coletiva e na matriz sadia e natural da mente humana, isto é, na alma da humanidade. É só nesta base que vamos conseguir renovar a nossa postura e tornar-nos úteis. (Idem: 33).

A assertiva de Jung é fruto de um questionamento sobre a postura de cunho dominante, de certo modo imperialista, da ciência médica de sua época, em face da crescente psicoterapia moderna, defendida por ele em *–A Prática da Psicoterapia*l. O psicoterapeuta e também médico psiquiatra, o doutor Carl Jung, argumenta que a ciência precisa avançar e, para isto, é necessário uma nova postura da Medicina, assim como uma nova prática psicológica para a Psicoterapia moderna:

Essa psicologia reunirá os conhecimentos do médico, bem como os do educador e de quantos se ocupem da alma humana. No entanto, até isso acontecer, a psicoterapia continuará sendo da responsabilidade do médico e é de se esperar que as Faculdades de Medicina deem ouvidos a essa exigência dos doentes para com os médicos. O público culto já tomou conhecimento da existência da psicoterapia e o médico inteligente já percebeu em sua experiência clínica a grande importância da influência psíquica. (JUNG: 1985: XVI/1: 25-26).

Até então, de acordo com a crítica de Jung, os currículos das faculdades de medicina à sua época, não estavam preparados para o entendimento de que *o cuidado da alma humana* não era problema psiquiátrico, fisiológico ou biológico, mas, sim, *psicológico*. –A alma é um território em si, com leis que lhe são próprias. (Idem: 14).

Por outro lado, Jung adota uma visão tão abrangente, que considera a psicologia um campo do conhecimento tão vasto e tangível que pode ser contemplado e acessado por todos. A psicologia não é exclusiva de especialistas, tampouco se limita às doenças catalogadas até o estado da literatura do tempo vivido pelo autor. Ao contrário, a psicologia é –universal e humana; e como a humanidade, se diversifica, de acordo com o tipo de profissão, de doença, etc. Também não se restringe ao instintivo ou biológico: –seus aspectos sociais e culturais revestem-se de uma importância tal, que sem eles nem seria possível imaginar a psique humana. (Ibid.: 29).

Von Franz, em colaboração a Jung, com seu trabalho *A Ciência e o Inconsciente*, publicado em *O Homem e Seus Símbolos*, faz diversas relações entre o conceito de inconsciente e outros,

de diferentes áreas do conhecimento, tais como: Psicologia e Microfísica, Psicologia e Biologia, Psicologia e Matemática e outras. Sua colega de estudos, Aniela Jaffé, também fizera comparações frutíferas entre Psicologia e Arte. O próprio Jung, entre Psicologia e Física.

O que pretendem esses autores é enfatizar que, entre diversas áreas do saber:

As poderosas forças do inconsciente manifestam-se não apenas no material clínico, mas também no mitológico, no religioso, no artístico e em todas as outras atividades culturais através das quais o homem se expressa. Obviamente, se todos os homens receberam uma herança comum de padrões de comportamento emocional e intelectual (a que Jung chamava arquétipos), é natural que os seus produtos (fantasias simbólicas, pensamentos ou ações) apareçam em praticamente todos os campos da atividade humana. As importantes investigações contemporâneas realizadas em muitos desses setores foram profundamente influenciadas pela obra de Jung. (JUNG: 1964: 304).

Seguindo com essa abordagem de Von Franz, o *inconsciente* de Jung possui familiaridade com os conceitos de *creatio continua*; de ‘_lampejo intuitivo’; de ‘_unicidade’ entre as esferas física e psicológica, aspectos quantitativos e qualitativos da realidade; de –axiomas básicos da matemática, aliado ao de –intuições matemáticas primordiais, uma vez que a matemática é também entendida como –ciência da estrutura da mente humana; entre outras relações similares. Deste modo, há uma compreensão de que o inconsciente é capaz de associar, combinar e também de *judgar* (pela intuição).

Em *A Prática da Psicoterapia*, ao considerar nossa psique –extremamente ambíguo, Jung alerta para o fato de que –as grandes decisões da vida humana estão, via de regra, muito mais sujeitas aos instintos e a outros misteriosos fatores inconscientes do que à vontade consciente, ao bom senso, por mais bem intencionados que sejam. (Jung, 1985: 38-39).

Assim, a evolução da prática da psicologia analítica estaria, ao mesmo tempo, no abranger dos pontos de vista sobre a alma humana e no centrar-se na questão dos *fatores irracionais* da personalidade do ser humano. Essa prática consideraria como igualmente importantes no processo, tanto o paciente quanto o analista. Ela se faria em quatro estágios: 1º: catarse ou confissão, feita pelo paciente ou sonhador; 2º: esclarecimento ou interpretação dos sonhos, num trabalho conjunto entre analista e paciente, mas focado nesse último; 3º: educação para o ser social, considerada a tensão ‘_personalidade *versus* sociedade’; e 4º: reaplicação no próprio médico do sistema em que se acredita, seja ele qual for.

Jung é provocativo e chega a ser um tanto duro, mas algo necessário, com a mentalidade de sua época, especialmente a europeia:

É que nossa cultura ainda é nova e, como toda cultura nova, precisa da arte do domador, para começar a dar forma ao rebelde, ao bárbaro e selvagem. No entanto, em nível cultural mais adiantado, o desenvolvimento deve substituir e vai substituir a dominação. (JUNG: 1985: XVI/1: 72).

Para ele, o que antes era –método de terapial, passa a ser –método de autoeducação!. Isso abre para perspectivas imprevisíveis. Mas o que importa é que: –O que é decisivo agora não é o diploma médico, mas a qualidade humana.¶ (Idem: 71).

Contudo: –Tudo quanto aqui sucede de objetivo é elevado ao nível subjetivo. (Ibid.: 71).

Fundamenta-se, assim, o projeto maior da Psicologia Analítica, para Jung:

O que visio é produzir algo eficaz, é produzir um estado psíquico, em que meu paciente comece a fazer experiências com seu ser, um ser em que nada mais é definitivo nem irremediavelmente petrificado; é produzir um estado de fluidez, de transformação e de vir a ser. (Ibid.: 44)

Nesse mesmo sentido, a linha de pesquisa em desenvolvimento, sintoniza-se com essa ideia de fluidez, transformação e vir a ser, entre os campos e conteúdos da Literatura e da Psicologia.

Ao seguir esses pressupostos, os chamados pós-junguianos, especialmente os que trataram da questão do masculino em foco, tais como Robert Bly, Robert Moore, Douglas Gillette, entre outros, ao aprofundarem seus estudos, fizeram com que conceitos como o de ‘arquetipo’, por exemplo, passassem por um processo de alargamento de perspectiva e tornaram-se mais elaborados. Da noção raiz de arquetipo, junguiana, os acima citados discípulos teóricos de nosso autor suíço, trouxeram à luz a concepção de *arquetipo masculino maduro* e *arquetipo do guerreiro*, dentro de sua ótica própria. Os quais, neste trabalho, são mais detalhadamente abordados no tópico a seguir.

2. CONCEITOS PÓS-JUNGUIANOS DE ARQUÉTIPO DO GUERREIRO E DE MASCULINO MADURO

*A vida é uma batalha. Sempre foi e sempre será.
E se tal não acontecesse, ela chegaria ao fim.*
Carl G. Jung, em —*O Homem e Seus Símbolos*||

*A transformação e a fluidez, e não o poder teimoso,
caracterizam o Deus vivo.*
Joseph Campbell, em —*O Herói de Mil Faces*||

*Paz não é ausência de conflito; é uma virtude, um estado mental,
uma disposição para a benevolência, confiança e justiça.*
Baruch Spinoza



Figura 2. Os Quatro Arquétipos do Masculino Maduro: Rei, Guerreiro, Mago, Amante.
Acesso em: <https://www.artofmanliness.com/articles/king-warrior-magician-lover-introduction/>

Diz C. G. Jung, em *O Homem e Seus Símbolos*, que o mito do herói é o mais comum e o mais conhecido de todos os tempos e lugares. Inegável considerar sua capital importância psicológica, como imagem primordial e forma universal, ampla e profunda. –A figura do herói é um arquétipo, que existe há tempos imemoriais. (Jung:1964: 73)

Não por acaso, um dos maiores mitólogos de todos os tempos, Joseph Campbell, dedicou toda uma obra e cuidado especial a esse arquétipo, especialmente por sua contribuição ao conceito de *monomito* (também chamado de *Jornada do Herói*), tomado emprestado, pelo norte-americano, do conto *Finnegan's Wake*, de autoria do escritor irlandês James Joyce, para compor o seu famoso trabalho de pesquisa, intitulado *O Herói de Mil Faces* (1997).

Importante frisar que, se por um lado Joseph Campbell não tivesse se declarado abertamente herdeiro da teoria de Carl Jung, para seu estudo do arquétipo do Herói, o mitólogo norte-americano se utiliza em sua obra, talvez não de modo intencional, como que de uma nuance conceitual junguiana de *arquétipo* para elaborar o seu conceito de *monomito*; por outro lado, o pesquisador estadunidense publicou, em 1971, a obra *The Portable Jung*¹⁸, a qual contém estudos pioneiros do psicoterapeuta suíço, desde conceitos basilares, como os de Inconsciente Coletivo, Sombra, *Anima* e *Animus*, até relações entre Sincronicidade, *I-Ching* e Física Quântica, além de implicações entre Psicologia, Espiritualidade e Criatividade. Portanto, inegável ao menos sugerir um flerte teórico entre as contribuições de ambos para uma abordagem geral sobre o masculino.

No Capítulo III de *O Herói de Mil Faces*, que trata das –transformações do herói, Campbell faz um espectro de manifestações desse arquétipo, o qual será posteriormente desenvolvido por outros estudiosos do masculino – Moore e Gillette, por exemplo, em especial sobre os quatro já citados: *rei*, *guerreiro*, *mago* e *amante*. O Herói, na visão de Campbell, pode apresentar os seguintes aspectos, conforme suas manifestações nos mitos, lendas, contos: o *herói primordial*, o *herói humano*, o *guerreiro*, o *amante*, o *imperador*, o *tirano*, o *redentor do mundo* e o *santo*.

A diferenciação que há, para ele, entre o primeiro herói e o humano consistiria no fato de que, enquanto o primordial traz consigo, desde seu nascimento, o poder criativo do mundo natural (daí, suas manifestações nas formas de seres híbridos, como por exemplo, com cabeça de touro, corpo de serpente, e suas variações, de acordo com as culturas), o herói humano se caracteriza por uma ‘descida’ (catábase), cuja razão de ser é a busca pelo restabelecimento da conexão com o infra-humano, que, em linguagem junguiana, é o mundo das sombras interiores. Este é o sentido da –aventura do herói.

No tópico sobre o *herói como guerreiro*, Campbell (1997) apresenta as confluências entre as fontes por ele pesquisadas, segundo as quais, o herói é levado a combater forças opressoras. Em sua aventura, ele se depara com verdades universais do tipo, que –o tirano é soberbo, e aí reside o seu fado, por pensar que é –sua a força e que dispõe. Por isso, esse arquétipo se manifesta, não raramente, em dirigentes tomados pelo que, na psicologia analítica, se chama de –complexo de Deus – quando, na prática, esses homens, cheios de poder externo e

¹⁸ CAMPBELL, Joseph, org. *The Portable Jung*. Nova York, Viking, 1971. Citada em MOORE, Robert. *Rei, Guerreiro, Mago, Amante: a redescoberta dos arquétipos do masculino*. Rio de Janeiro, Campus, 1993, p. 153.

nenhum interno, estão apenas exercendo –papel de palhaço, daquele que confunde sombra e substância; seu destino consiste em ser enganado. (CAMPBELL, 1997).

A ideia de Campbell sobre o que ele entende como herói guerreiro, é a de que, enquanto tal, o herói mitológico ressurgue das trevas –que constituem a fonte das formas visíveis, para trazer à civilização o saber oculto dessa triste sorte do tirano.

Segundo o mitólogo estadunidense, *monomito* é o conceito que identifica, em inúmeras narrativas, desde as mais ancestrais às suas repercussões e representações atuais, as mais variadas, a ideia de uma trajetória marcada no inconsciente universal, pela qual uma jornada exterior reflete um percurso interior do indivíduo – o herói – que, se conseguir completá-la, ele poderá atingir uma maturidade espiritual, sendo esse processo identificável em mitos, contos, narrativas orais, literaturas e outras artes (como o cinema, jogos virtuais, etc), presentes em diversas culturas e épocas históricas. Importante destacar, nesse processo de amadurecimento do herói, o condicional –se, como ponto a ser desenvolvido pela presente análise.

Robert Bly (1991), ao falar do teor de sua obra, fundamental para o entendimento de todo um ramo de estudos, ainda carente hoje dia, nos traz sua contribuição, pelo conceito de –Homem Natural, e nos apresenta com todo o seu apanhado histórico sobre diversos colaboradores da questão do masculino.

Falo do Homem Natural neste livro, e em todo ele a distinção entre o selvagem e o Homem Natural é crucial. O estado selvagem provoca grande dano à alma, à terra e à humanidade; podemos dizer que, embora ferido, o selvagem prefere não examinar o ferimento. O Homem Natural, que examinou sua ferida, assemelha-se mais a um sacerdote Zen, ou xamã, ou um silvícola, do que a selvagem. (BLY: 1991: Prefácio)

Faz uma relação entre os conhecimentos armazenados nos cérebros instintivos de animais com a flexibilidade do cérebro humano para enfrentar novos eventos, o que permitiu à espécie humana sedimentar conhecimentos para além da faculdade dos instintos, guardando-os em histórias, contos de fadas, lendas, mitos, folclore – tudo o que veio a se traduzir em novas maneiras de agir, quando as convenções e os hábitos se tornam obsoletos.

Bly trata de uma longa tradição que esteve atenta e preocupada com a importância desses reservatórios de conhecimento, especificamente falando do que concerne ao modo de ser masculino, o que tem sido estudado de modo especial por grandes pesquisadores, tais como: –George Groddeck, Gurdjieff, Carl Jung, Heinrich Zimmer, Joseph Campbell e Georges Dumézil. (Idem: Prefácio).

Além de citar, no mesmo prefácio à sua obra, Alexander Mitscherlich, Michael Meade, James Hillman, Terry Dobson, Robert Moore, John Stokes, entre outros, inclusive, fizera uma ressalva especial: –Meu primeiro mestre no conhecimento do conto de fadas foi Marie-Louise von Franz, e procurei ser tão fiel às histórias masculinas quanto ela o foi para as femininas, em seus muitos livros. (Ibid)

As citações que Bly faz dos nomes de Carl Jung e Marie-Louise von Franz em seu trabalho, deixam claras as influências dos pressupostos junguianos sobre as abordagens da psicologia do masculino, especialmente a respeito de conceitos como arquétipo, sombra, inconsciente individual e inconsciente coletivo.

Moore e Gillette, por sua vez, mantêm suas esperanças de que um novo homem é possível ser resgatado:

Quem já sofreu a influência do pensamento do grande psicólogo suíço Carl Jung tem motivos suficientes para esperar que as deficiências externas com as quais deparamos no mundo como supostos homens (o pai ausente, o pai imaturo, a falta de um ritual significativo, a escassez de anciãos do ritual) possam ser corrigidas. E não temos apenas esperança, mas vivência real, como clínicos e indivíduos, dos recursos interiores não imaginados pela psicologia antes de Jung. Sabemos por experiência própria que no fundo de cada homem existem cópias heliográficas, que podemos também chamar de ‘_fiação pesada’, do ser masculino maduro calmo e seguro. Os junguianos se referem a esses potenciais masculinos como arquétipos, ou ‘_imagens primordiais’. (MOORE & GILLETE: 1993: 9)

James Hillman, em *Re-vedo a Psicologia*, explana muito bem a linha de pesquisa e de pensamento em curso:

Entretanto, o exemplo do herói serve de fato para mostrar o aspecto coletivo de qualquer arquétipo. Primeiro, através dele podemos reunir eventos pessoais disparatados e descobrir neles um sentido e uma profundidade para além de nossos hábitos e peculiaridades individuais. Segundo, a perspectiva arquetípica oferece uma conexão comum que acontece em cada alma individual e aquilo que acontece a toda a gente, em todos os lugares, em todos os tempos. Permite uma compreensão psicológica num nível coletivo. Arquetípico, em outras palavras, significa fundamentalmente humano. (HILLMAN: 2010: 34-35)

Robert Bly (1991: 139), ao citar outro estudioso do masculino, Michael Meade, o qual nos relembra do dito celta: –Nunca dê uma espada a um homem que não sabe dançar!, refere-se à crucial importância de que uma iniciação adequada só é possível quando, antes de se dar a um rapaz uma arma de guerra, ele deve ser educado com as armas do coração. E cita o exemplo dos fuzileiros, como representantes de uma falsa iniciação segundo a qual se acredita que, entrar para o serviço militar é, por si só, garantia de se –fazer o menino virar homem!. Ao contrário, o que se estaria fazendo seria desenvolver um guerreiro exterior, sendo que um guerreiro completo seria, acima de qualquer coisa, um *guerreiro interior*. Daí o sábio título

Trazer os Guerreiros Interiores de Volta à Vida, do sexto capítulo de sua obra, direcionada a *Homens*.

Foi a consciência cada vez maior dessa terrível discrepância entre as expectativas dos papéis a serem desempenhados e as necessidades da alma que deu origem ao que é chamado de movimento masculino. (HOLLIS: 2008: 29).

Maria Zelia de Alvarenga (2010) em *Mitologia Simbólica: estruturas da psique e regências míticas* apresenta um estudo dos divinos gregos como regências da consciência, no sentido de viabilizar uma caracterização de tipos humanos e, assim, possibilitar meios para o desenvolvimento da personalidade de cada divino, entendidos, aqui, como estruturas arquetípicas, dentro da abordagem psicológica analítica. À medida que se torna possível essa tipologia, com base nos modelos dos divinos mitológicos gregos, inaugura-se uma nova metodologia para a humanização do arquétipo e, assim, para o desenvolvimento da personalidade de um indivíduo.

Desta forma, ao partir dos arquétipos mitológicos, Alvarenga relata o Hino Homérico a Ares como uma *elegia* aos méritos, à coragem, à bravura. Deus tido como protetor e mantenedor da juventude, e invocado como aquele que auxilia a perseverar no caminho da paz. No entanto, a mesma autora cita Junito Brandão (*Mitologia Grega*, 1988), o qual nos apresenta outras características, sombrias, de Ares, relacionando seu nome com *aré*, ao conotar *desgraça*, *infortúnio*. Brandão ainda recorda de uma antiga referência ao deus, também chamado *Ara*, que quer dizer *maldição*, e de que seu culto seria originário da Trácia, cujo povo era considerado pelos gregos como rude, inculto e bárbaro. Daí, que se torna mais compreensível o fato de que o hino do deus seja uma elegia – composição poética e canto de cunho triste, de lamento, especialmente para funerais –, e que os templos dedicados a ele eram os menos numerosos, comparativamente aos outros deuses, entre os povos gregos.

Nem mesmo entre os seus pares encontrava simpatia. Hera se irritava com ele; Atená o qualificava de *louco* e a encarnação do mal. Era tido como um deus impulsivo, mais músculos do que inteligência, desastrado e apaixonado (ALVARENGA: 2010: 164).

Na mitologia grega, *Ares* sempre acompanhava seus filhos, esses, não menos conotadores de desgraças, *Fobos* (personificação do medo) e *Deimos* (o terror); e seus irmãos, *Ênio* (a devastação) e *Éris* (a discórdia).

Para Alvarenga, quando tratamos de tipologia, deve-se ter em conta que há arquétipos mais dominantes que outros, portanto, nossas personalidades se expressam por meio de vários, não

de apenas um. Sendo assim, conflitos internos são inerentes à nossa personalidade. Uma concordância com Jung, quando se fala do embate com a sombra. Assim, o homem tomado pelo arquétipo de Ares é, em seu inconsciente, uma criança maculada, seja por uma ferida materna (Hera) ou uma rejeição paterna (Zeus). Porém:

Se encontra um ambiente favorável e acolhedor, capaz de valorizar o que tem de melhor, como a coragem, a bravura, a capacidade de viver as relações com paixão, e concentrar-se no aqui e agora, é capaz de se desenvolver bem e ter a sua agressividade canalizada para coisas criativas. Se, no entanto, identifica-se com o lado abandonador dos pais, pode tornar-se um agressor e violentador. (Idem: 165).

O herói, em sua acepção mais ampla, seria um arquétipo mais atrelado à forma psíquica do *Puer aeternus*¹⁹ (o -jovem eterno, ou -criança que não cresce), evidenciando, assim, imaturidade, narcisismo e inabilidade de desenvolver uma perspectiva adulta apropriada à vida.

Sobre isso, diria Robert Bly:

O guerreiro interior, tanto nos homens como nas mulheres, pode ajudá-los a lutar no plano humano. Se homens e mulheres têm dentro de si apenas soldados ou crianças envergonhadas, terão de travar batalhas prejudiciais constantes (BLY: 1991: 159).

Diria o sábio hindu, Jiddu Krishnamurti, que -não é sinal de sanidade estar bem adaptado a uma sociedade doente.

Bly dá extrema importância ao fato de que as instituições culturais exerçam seu papel mais profundo na sociedade. Para ele, a cultura deve aceitar a energia do guerreiro, assumi-la de modo consciente, discipliná-la, honrá-la. Caso contrário, os processos que antes seriam de iniciação, tornar-se-iam formas adulteradas de inserção, de maneira que aquela energia tão valiosa se transmutaria em algo como pérolas jogadas aos porcos; que em vez de edificarem indivíduos e a própria sociedade, fariam ruir suas estruturas, porque tal poder se revelaria externamente em ações violentas, nas formas de guerras de gangues de rua, espancamentos de esposas, crimes típicos de tráfico de drogas, brutalidade contra crianças e assassinatos sem causa justa. -Como pode qualquer cultura complexa viver sem uma vigorosa energia guerreira? (BLY: 1991:144).

¹⁹ Para compreensão aprofundada desse conceito, dentro da presente linha teórica, consultar obras: -*O Livro do Puer: ensaios sobre o Arquétipo do Puer Aeternus*, de James Hillman; -*Puer Aeternus: Um Estudo Psicológico do Esforço Adulto e o Paraíso da Infância* e -*O Problema do Puer Aeternus*, de autoria da analista junguiana Marie-Louise von Franz.

A mesma pergunta é feita em *Portões de Fogo*, de Pressfield, pelas indagações do instrutor Polynikes aos noviços da infantaria de Esparta:

Responda concisamente:

Pode imaginar um mundo sem guerra?

Pode imaginar clemência do inimigo?

Descreva a condição da Lacedemônia sem o seu exército, sem os seus guerreiros para defendê-la.

O que é melhor, vitória ou derrota?

Governar ou ser governado?

Fazer da esposa do inimigo uma viúva ou enviuar sua própria esposa?

Qual a virtude suprema de um homem? Por quê? (PRESSFIELD: 2000: 141).

Para Bly, há dentro de nós o que ele chama de Guerreiro Sagrado, o qual possui um lado abençoado e outro envenenado. Assim é para todos os homens e mulheres de armas – agentes ou profissionais da área de defesa e segurança, ou simplesmente responsáveis e protetores de pessoas indefesas – que habitam este planeta. Nossa vida, nossos consciente e inconsciente, se realizam em eternos processos de luta, externos e internos. Como bem o percebera Georges Dumézil, pelo qual, há, em nós, –olhos que veem combate em tudol. Bly deixa bem claro esse confronto entre essas duas manifestações de nossa psique, a luta entre o *guerreiro* e o *soldado*: –Um homem é um guerreiro abnegado que luta por uma causa além dele mesmo; outro, é um soldado enlouquecido, estuprando, pilhando, matando insensivelmente, lançando napalm sobre aldeias inteiras| (BLY: 1991: 146).

Por esse ângulo, em sintonia com a abordagem de Maria Zélia de Alvarenga, o arquétipo de Ares presidiria e estaria intimamente ligado ao arquétipo do herói, e seria, portanto, uma manifestação ainda não harmonizada com a real condição de guerreiro, de arquétipo masculino maduro, segundo os estudiosos do masculino.

Moore e Gillette entendem que o que faltaria ao homem impregnado dessa psique infantil é uma conexão adequada com as instintivas energias masculinas, que são as potencialidades desse masculino maduro, por meio de uma –iniciação eficaz e transformadora que mataria o Ego infantil e seus desejos pelo poder.

[...] Em termos psicológicos, o Ego do menino tem de ‘morrer’. O antigo modo de ser, agir, pensar e sentir tem de ‘morrer’ ritualmente para que o novo homem possa surgir. [...] A iniciação eficaz e transformadora mata totalmente o Ego e seus desejos na sua antiga forma, para fazê-lo ressurgir numa nova relação secundária com um poder ou força central desconhecida. A submissão à força das energias masculinas amadurecidas sempre desperta uma nova personalidade no homem, marcada pela calma, compaixão, clareza de visão e capacidade geradora (MOORE: 1993: 6).²⁰

²⁰ MOORE, Robert. *Rei, Guerreiro, Mago, Amante: a redescoberta dos arquétipos do masculino*. Robert Moore e Douglas Gillette. Campus, Rio de Janeiro, RJ, 1993, p. 6.

Por isso mesmo que Alvarenga destaca o que mais interessa, neste ponto da presente análise, quanto ao acesso à *anima*, por meio do trabalho da figura do *mentor*:

Conta-se que *Príapo* exercitou o menino para ser um exímio dançarino, e só depois o instruiu para ser guerreiro. *Ares*, por influência de *Príapo*, é também um masculino inseminador.

Tal fato nos faz refletir sobre a necessidade da incorporação da leveza e da graça – atributos da dança –, pelo deus que se inicia nas artes marciais. Por que razão, questionaríamos, parecendo tratarem-se de atividades tão distintas?

[...] Nenhuma outra atividade pode dar essa destreza e percepção – corporal e espacial – como a dança. Assim, esse detalhe nos ensina que à força bruta é necessário associar a leveza e o movimento, a flexibilidade e, por que não, a alegria. ‖ (ALVARENGA: 2010: 166)

Mais adiante, percebe-se que a abordagem de Alvarenga se conjuga perfeitamente com os conceitos junguianos e pós-junguianos, relativos ao tema do guerreiro em foco:

Podemos considerar *Príapo*, ao lado de *Afrodite*, como o masculino e o feminino iniciadores do processo de humanização de *Ares*, aqueles que participam intimamente do rito iniciático deste deus em direção a si mesmo. (Idem: 166)

Temos, aqui, *Príapo*, como o arquétipo do *Velho Sábio*, presente na quaternidade junguiana e *Afrodite*, como o arquétipo da *Anima*, iniciadora do amor. Por eles, *Ares* pode acessar o equilíbrio, via o *Logos* e o *Eros* de uma personalidade amadurecida.

Propõe-se, portanto, *repensar a figura do guerreiro*. Como ela se nos apresenta imaginariamente? E como, nas obras literárias, *Portões de Fogo* e *Musashi*, ela se manifesta e se atualiza?

Uma das grandes tarefas do homem contemporâneo é reimaginar, agora que as imagens do guerreiro eterno e do guerreiro exterior já não constituem o modelo, o valor do guerreiro nas relações, nos estudos literários, no pensamento, na emoção (BLY, 1991: 169).

Bly ressalta a qualidade do guerreiro autêntico, de estar a serviço de um objetivo maior do que ele próprio. Para ele, mitologicamente, o guerreiro está a serviço do Rei Verdadeiro, e que se este for corrupto, ou se for ausente, o guerreiro estará servindo por ambição, poder. Desse modo, será nada mais que soldado, ou mercenário, e não guerreiro de fato. Nas suas palavras:

Todas as vezes que usamos bem o guerreiro, não estamos apenas travando batalhas, mas acordando o Rei. (Idem: 168).

Bly recorda-nos de Terry Dobson, estudioso e mestre da arte marcial japonesa Aikido, de como ele ensinou sobre a bondade possível dentro do guerreiro, e de como ele lembrou um dito de 1465, pelo cavaleiro francês Jean de Breuil:

A batalha é algo alegre. Amamo-nos uns aos outros tanto na batalha'. [...] Achas que alguém que sente isso tem medo da morte? Absolutamente que não! Fica tão fortalecido, tão satisfeito, que não sabe onde está. Realmente, ele não teme nada no mundo (Idem: 147).

Pressfield (2000: 344) narraria, em *Portões de Fogo: — O contrário do medo — disse Dienekes — é o amor.*¶

Essa seria uma *coniunctio* entre o arquétipo do *guerreiro* e o do *amante*, tão ausente no homem moderno, que Moore, Bly e outros estudiosos tanto reclamam. Mesma reclamação outrora feita por Jung, em *Aspectos do Drama Contemporâneo* (1988), sobre o resgate dos *arquétipos da ordem* para se pôr em equilíbrio a psique do homem moderno.

Moore e Gillette praticamente decretam a *—morte do Herói*, em *—Rei, Guerreiro, Mago, Amante*¶, no sentido de que o domínio sobre esse arquétipo significa a ascensão da *Psicologia do Homem* e o nascimento do *guerreiro interior*.

A *—morte* do Herói na vida de um menino (ou de um homem) significa que ele finalmente encontrou suas limitações. Ele encontrou o inimigo, e o inimigo é ele mesmo. Viu-se diante do seu próprio lado sombrio, não heroico. Lutou contra o dragão e saiu queimado; fez a revolução e bebeu a borra da sua própria desumanidade. Superou a Mãe e depois percebeu ser incapaz de amar a Princesa. A *—morte* do Herói sinaliza o encontro do menino ou do homem com a verdadeira humildade. É o fim da sua consciência heroica. (MOORE: 1993: 41).

E acrescentam os autores que a verdadeira humildade de que se trata comporta duas implicações: a do reconhecimento das limitações e a de conseguir a ajuda de que se precisa. É aqui que entra em cena o arquétipo do Velho Sábio, aquele quarto aspecto da quaternidade propalada por Jung, cujo poder inato é o de orientar, endireitar no caminho, o que mostra a direção a seguir, que adentra o menino com as habilidades necessárias, num ritual de passagem, até seu amadurecimento — mas não sem certos sacrifícios.

O arquétipo do Velho Sábio não é outro senão a manifestação do par oposto do já comentado *Puer* — trata-se do *Senex*. Convém destacar que, para a Psicologia Analítica, cada arquétipo tem seu lado luminoso e o seu sombrio. Assim sendo, enquanto o *Puer* pode representar um espírito de liberdade, também pode degenerar em desligamento da realidade; de seu lado, o *Senex* iluminado traduz um senso de realismo, e quando em seu aspecto sombrio, reflete uma atitude de estagnação perante a vida.

Superar a *—Mãe*¶, no caso exposto por Moore e Gillette, é se libertar do complexo materno, com toda sua superproteção, sua ilusão de conforto e segurança — o que, do contrário, o aprisionaria na *estase*, no não-movimento necessário à sua evolução. Significa, também, dimensionar devidamente o arquétipo da *anima*, não se submetendo à influência negativa

dessa sombra. Isto é, também, não mais alimentar-se de tendências preconceituosas e agressivas em relação ao feminino que traz em si e, por isso, e só então, é que o Herói *poderá* conseguir –amar a Princesal.

E por que o Herói comporta em sua psique essa dificuldade de relacionamento com o feminino? Bom ressaltar que essa deficiência não é exclusividade somente desse arquétipo, quando tomado por sua sombra, porque esta se realiza, também, em qualquer outro arquétipo. É o que os citados autores se propõem a desvendar.

2.1 QUATRO ARQUÉTIPOS DA PSICOLOGIA DO MENINO: CRIANÇA DIVINA, CRIANÇA PRECOCE, CRIANÇA EDIPIANA, HERÓI.

Moore e Gillette tratam da psique infantil, conforme ela se manifesta, diversamente, nos quatro grandes arquétipos do masculino, por eles demarcados como: o *Rei*, o *Guerreiro*, o *Mago* e o *Amante*, arquétipos que dão título à obra homônima (1993)²¹. Em cada um há o aspecto da luz, ou da ordem, e o da sombra, ou das forças instintivas destrutivas, que causam sofrimento, medo, terror, depressão, neurose, psicose, rancor, violência, sadismo, prepotência, impotência, masoquismo, entre outros males psíquicos e psicossomáticos que lhes são característicos.

Quando falam da estrutura dos arquétipos, Moore e Gillette atestam que mesmo –o homem adulto jamais perde a infantilidade, pois que os arquétipos não são passíveis de desaparecimento – o que Jung já dizia da criança no adulto. O homem amadurecido é aquele que aprendeu a conviver com as manifestações sombrias de sua psique, inclusive, neste particular, com o arquétipo do *puer*.

Logo, há estágios de desenvolvimento do arquétipo masculino *imatur*, representado por quatro tipos infantis, a saber: a *Criança Divina*, a *Criança Precoce*, a *Criança Edipiana* e o *Herói*.

Tomando emprestada a ideia de William Wordsworth, de que –o menino é o pai do homem, os pesquisadores estadunidenses asseveram:

²¹ Fala-se de –*Rei*, *Guerreiro*, *Mago*, *Amante*: a redescoberta dos arquétipos do masculino, a qual passa a ser a mais discutida nas próximas linhas – para não se confundir com outras três, dos mesmos autores, as quais (melhor detalhadas mais ao final desta) comportam títulos semelhantes, também com referências bibliográficas do ano de 1993, a saber: –*The Warrior Within*, –*The Magician Within* e –*The Lover Within*. A obra –*The King Within* está disponível nas referências em tradução portuguesa, como –*O Rei Dentro de Nós* (1994).

Curiosamente, cada um desses arquétipos de psicologia do Menino dá origem de forma complexa a cada um dos arquétipos da masculinidade amadurecida: o menino é o pai do homem. Assim, a Criança Divina, regulada e enriquecida pelas experiências da vida, torna-se o Rei; a Criança Precoce vai ser o Mago; a Criança Edipiana será o Amante; e o Herói vira Guerreiro. (MOORE & GILLETE: 1993: 15, grifos meus).

Desta forma, tem-se um modelo de quaternidade da evolução psíquica, desde o Menino ao Homem. Há quatro arquétipos do masculino imaturo e quatro do amadurecido, em processos de individuação.

A Criança Divina²²

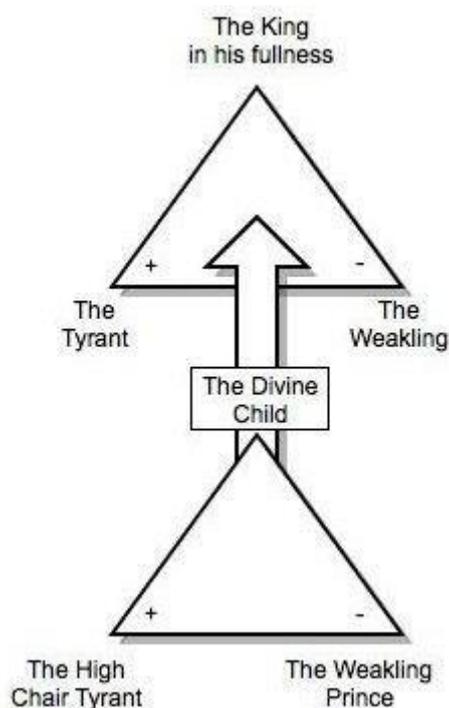


Figura 3. A criança divina.

A primeira forma, a Criança Divina, na interpretação junguiana, é um arquétipo essencial ao desenvolvimento do *Si-mesmo*, por possuir –características mágicas, que dão poder, sensação de bem-estar, entusiasmo pela vida, e grande paz e alegria [...] (MOORE & GILLETE: 1993: 22). Enquanto manifestada ativamente por sua sombra, revela-se como o Tirano da Cadeira Alta, um arquétipo que –magoa a si mesmo com sua grandeza – suas exigências sem limites – porque rejeita exatamente aquilo que ele precisa para viver: alimento e amor. (Idem : 23). Enquanto marcado passivamente pela sombra, torna-se o Príncipe Covarde, cujas marcas psíquicas são –pouca personalidade, nenhum entusiasmo pela vida e pouquíssima

²² Imagem (e subsequentes) do Site: –The Art of Manliness! (–A Arte da Masculinidade!): <https://www.artofmanliness.com/articles/king-warrior-magician-lover-introduction/>.

iniciativa. (*Ibid.*: 25). Quando o arquétipo do Rei não atinge sua plenitude, de acordo com Moore e Gillette, é porque, ou está afetado ativamente pelo arquétipo do Tirano, ou passivamente pelo arquétipo do Covarde incompetente para assumir liderança.

A Criança Precoce

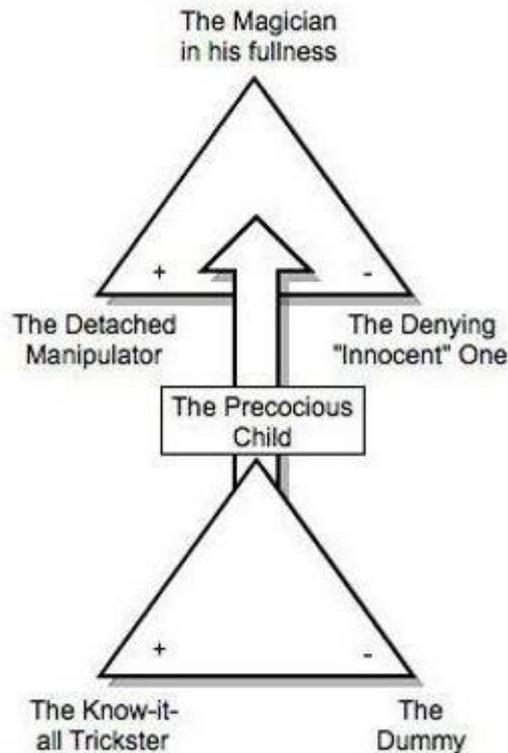


Figura 4. A criança precoce.

O segundo arquétipo infantil, a Criança Precoce é, para esses autores, –a fonte de nossa curiosidade e dos nossos impulsos aventureiros, ela –conserva vivos o seu encantamento e sua curiosidade, estimula o seu intelecto e o faz avançar em direção ao mago amadurecido. (Ibid.: 28). Quando a sombra lhe afeta ativamente, tem-se o Trapaceiro Sabichão, a marca do enganador, do corrupto, do que faz brincadeiras de mau gosto, o que faz os outros de bobo – um manipulador. Quando manifestado passivamente pela sombra, é o Palerma, que –carece de personalidade, vigor e talento criativo; mas que, no entanto, cuja inépcia –quase sempre está longe de ser honesta, porque –pode estar mascarando uma grandiosidade oculta, que se acha importante demais (e vulnerável demais) para se revelar – nesse sentido, –também é um Trapaceiro (Ibid.: 33). Na forma plena do arquétipo do Mago, se marcada pela sombra no pólo ativo, apresenta-se como o Manipulador Frio; e se no pólo passivo, como o –Inocente Negador.

Criança Edipiana

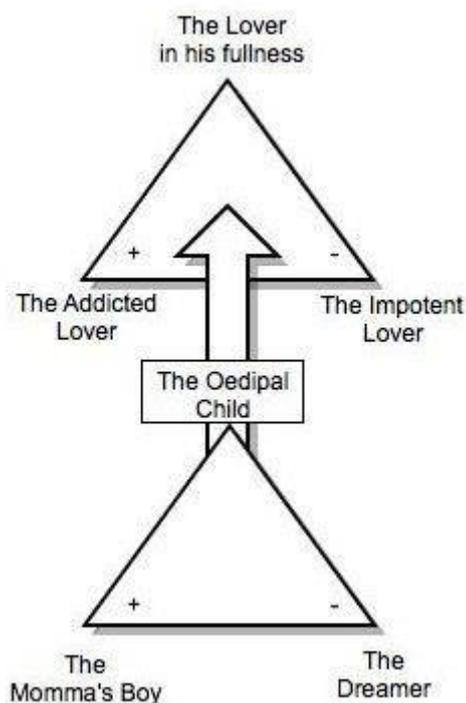


Figura 5. A criança edipiana.

A terceira forma arcaica da infância, a Criança Edipiana, inscreve-se na psique masculina com traços, tais como –terno, ligado e afetuosol. Se tomado no modo ativo da sombra, comporta-se como o Filhinho da Mamãe, isto é, pelas características pueris da irresponsabilidade, da pretensão, da irrealização amorosa, da incompetência afetiva – eternamente em busca da –Mãel. Se transmutado pelo modo passivo da sombra, desmascara-se como o Sonhador, o qual é dotado de marcas negativas profundas, já que seus –sonhos tendem a ser melancólicos, ou muito idílicos e etéreosl; –não é honestol, o que revela, indiretamente, –o seu ressentimento por não conseguir ter a posse da Mãel. (Ibid.: 36). Quando em sua psicologia de Homem, enquanto Amante, se tomado pela sombra ativa, pode tornar-se uma forma cujas marcas internas geram o Amante Viciado (*síndrome de Don Juan*), e, se pela sombra passiva, o Amante Impotente.

Herói

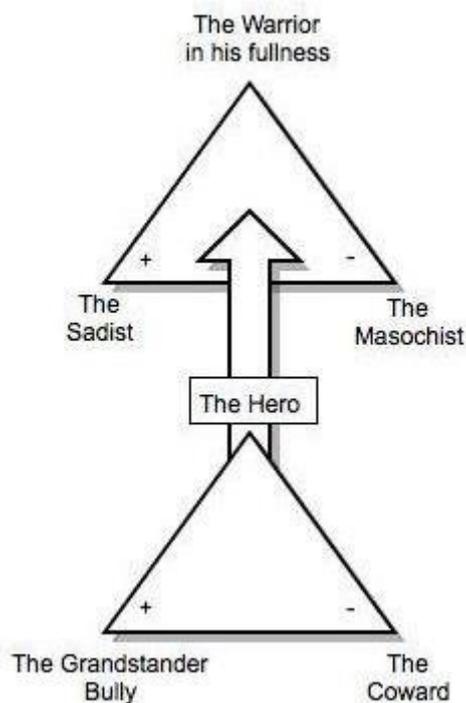


Figura 6. O herói.

A quarta e última manifestação da psique imatura é o Herói que, neste âmbito é entendido

[...] apenas como uma variedade avançada da psicologia do Menino – a mais avançada, o auge, na verdade, das energias masculinas do menino, o arquétipo que caracteriza o máximo no estágio adolescente do desenvolvimento. Mas é imaturo, e se continua até a idade adulta como um arquétipo dominante, impede que o homem atinja a maturidade plena. (Ibid.: 37).

Se tomado ativamente por sua sombra, estanca em seu desenvolvimento como o Valentão Exibicionista, o qual carrega em si os traços do ímpeto suicida do adolescente inconsequente, e o do equivocado falso heroísmo, apontado por Jung – o que evidencia, na verdade, um –sentimento de inferioridade! –, e que é totalmente diferente do verdadeiro heroísmo, aquele –sem gestos e invisível aos outros!|. Se afetado passivamente por sua sombra, converte-se no Covarde, aquele que, em vez de enfrentar as dificuldades da vida, as agressões, –revela uma extrema relutância em se defender sozinho nos conflitos físicos!| (Ibid.: 39), mas também nos emocionais e intelectuais. Porém, ao manifestar-se como arquétipo masculino maduro, empodera-se psiquicamente na forma primal e evoluída do Guerreiro. Entretanto, se marcado pelo pólo ativo da sombra, degenera-se em Sádico; e, se no pólo passivo da mesma, em Masoquista.

E é por isso, para que haja *Psique Madura*, para que exista o *Homem*, que é necessária a –mortel, simbólica, psicológica ou espiritual, do Herói – a qual se dá mediante *rituais* iniciatórios específicos. E se há rituais, tem de haver *iniciadores*. Só que, iniciadores *eficazes*. E, neste ponto, há um grande problema.

2.2 DA PSICOLOGIA DO MENINO À PSICOLOGIA DO HOMEM

Esclarecem os autores do masculino que nossa sociedade tem se desencaminhado, se desorientado, pervertida que está desde suas fundações e instituições, cujos valores há muito se deturparam. Como exemplo, há em nossa cultura o falso entendimento a respeito de rituais, que, em verdade, não passam de *pseudo-rituais* que, sem eficácia, não realizam a não ser *pseudo-iniciações*:

[...] O recrutamento militar é uma delas. A ideia fantasiosa é que a humilhação e a não-identidade forçada dos campos de treinamento vão *“fazer de você um homem”*. As gangues existentes nas principais cidades do mundo constituem um outro exemplo dessas supostas iniciações, assim como também o são os sistemas penitenciários, os quais em grande parte são dirigidos por quadrilhas de criminosos. (Ibid.: 5).

Todos esses casos são exemplos de *masculinidade patriarcal*: distorcida, atrofiada, agressiva, destrutiva, sádica, masoquista, falsa. Essa masculinidade não corresponde às *raízes profundas do Homem*, as quais manifestam *traços psicológicos* que, ao contrário daquela, são *geradores, criativos, protetores, acolhedores, curativos*. Um homem, em sua maturidade psíquica, é o mesmo Homem não maculado pelos degenerados valores patriarcais. Para os autores em questão, é isso que se deveria levar em consideração, a quem se dignar a estudar o masculino de modo profundo, amplo e elevado. Na linguagem da Psicologia Analítica de Jung, por exemplo, mulheres com problemas de reconhecer as marcas da psique madura masculina, estão, na verdade, em dificuldades (e não sem razão) de se relacionarem com o masculino que há em si mesmas, o que o psicoterapeuta suíço chamou de *animus*.

De acordo com Moore e Gillette:

Ao nosso ver, o patriarcado não é a expressão de uma profunda e enraizada masculinidade, pois que esta não é agressiva. Patriarcado é a expressão da masculinidade imatura. É a expressão de psicologia de Menino e, em parte, o lado da sombra – ou louco – da masculinidade. Expressa o masculino atrofiado, fixado em níveis imaturos.

O patriarcado, na nossa opinião, é uma agressão à masculinidade na sua plenitude, assim como à feminilidade no seu todo. (Ibid.: Introdução)

Defendem os pesquisadores estadunidenses que, ao contrário do que se possa pensar, a nossa sociedade é violenta não por causa de um excesso de masculinidade, mas, sim, devido a uma

carência de masculinidade madura. Com consequências desastrosas tanto para mulheres, quanto para os próprios homens. E, obviamente, para cada nova geração de crianças, repercutindo até idades mais avançadas. Logo, o que se tem é uma sociedade adoentada, num ciclo contínuo de cultivo de ignorância que, conseqüentemente, gera violência.

Portanto, não basta apenas falar da desintegração das famílias para explicar a crise da masculinidade hoje. É preciso ainda observar, cuidadosamente, esses dois pontos fundamentais: primeiro, levar a sério o desaparecimento dos *rituais* de iniciação dos meninos que os integraria em sua condição real de adulto, para uma vida genuína de adulto; segundo, considerar o patriarcado como expressão de psicologia de Menino que afeta, igual e negativamente, as expressões profundas e saudáveis da psique masculina madura e, inclusive, da feminina amadurecida.

Moore e Gillette fazem uma crítica à sociedade moderna de que as figuras dos antigos mentores, gurus, guias espirituais, xamãs (ou o junguiano arquétipo do velho sábio) – esses iniciadores, capazes de orientar homens marcados pela psique infantil na direção de sua individuação como masculinos maduros, estão cada vez mais escassos – o que evidencia uma verdadeira crise, de repercussões muito graves, não só para a vida individual ou social, mas para vida como um todo.

Moore e Gillette apontam as influências enfraquecedoras do potencial dos rituais de iniciação ao masculino, em especial por causa dos antecedentes históricos advindos da Reforma Protestante e do Iluminismo, os quais desacreditaram os processos ritualísticos como sagrados e transformadores, substituindo-os por –mero cerimoniall, o que não tem poder autêntico algum de transformação eficaz da consciência, no dizer de Victor Turner. Uma vez abolidos os rituais com poder de conceder identidade sexual aprofundada, madura e vivificante, a sociedade pena diante de comportamentos tanto de homens quanto de mulheres, agressivos, violentos, passivos, fracos, incapazes de criatividade e eficiência quanto à própria existência e de uma vivência saudável compartilhada com os outros.

Eros é um potencial intrínseco, intuitivo, hereditário e comum a homens e mulheres. Assim como Logos. Não convém classificar o masculino como fator gerador por excelência de destrutividade e incapaz de amor, relacionamento e suavidade. Esta é uma percepção um tanto quanto rasa da condição masculina. Para os estudiosos da masculinidade, esses potenciais geradores, criativos e fortalecedores são patrimônio da humanidade como um todo. Convém

uma moção geral no sentido de se buscar resgatar os potenciais que nos foram negados, proibidos, maculados, deturpados, segregados, enquanto homens e mulheres na plena concepção e constituição de nossas psiques, pelo inimigo comum que se chama o patriarcado.

Homens são expressões de maturidade, criatividade, produtividade, competência, sabedoria, cuidado, proteção, provento, amor, brandura – a seu modo e, nem por isso, inferior nem superior às expressões dessas mesmas potencialidades, à maneira feminina. Ambos são manifestações de almas cujos modos de ser são construtivos, integrativos, colaborativos, autênticos e dignos de expressão e existência.

Moore e Gillette têm observado o comportamento masculino na prática clínica e detectado uma falta na vida interior de um número não pequeno de homens pacientes de psicoterapia. Concluíram que o que lhes carece não é uma ligação com seu lado feminino interior. Na verdade, esses homens mostravam-se sufocados pelo feminino. Daí que, o caminho a ser percorrido no processo de integração psíquica desses homens, apontava para uma ligação adequada com as energias profundas e instintivas do masculino, as quais têm sido bloqueadas pelo despotismo do patriarcado, à semelhança do mito de Saturno, o Pai Devorador.

O caminho para uma masculinidade autêntica não estaria, nessa perspectiva, em fortalecer o feminino, mas sim, em reviver, ou melhor, redimensionar o ser masculino, em todo seu potencial, sentido e plenitude.

No esteio de se proporcionar uma iniciação em função de uma individuação enquanto Homens maduros, vias eficazes são apontadas por esses pesquisadores:

Verificamos, quando esses homens buscavam as suas próprias vivências das estruturas masculinas através da meditação, das orações e do que os junguianos chamam de imaginação ativa, que, conforme iam entrando em contato cada vez maior com seus arquétipos interiores de masculinidade madura, eles se tornavam cada vez mais capazes de abandonar os modelos patriarcais de comportamento, a maneira de sentir e pensar que magoava a si mesmo e aos outros, e se tornavam mais verdadeiramente fortes, centrados e produtivos em relação a si mesmo e aos outros – tanto homens como mulheres. (Ibid.: Introdução)

Por essa razão, não há nada de paradoxal no fato de o movimento masculino pleitear que, para se tratar da crise de masculinidade de nosso tempo, com a conseqüente minoração de atos de violência contra crianças, mulheres e os próprios homens, que é preciso de *mais* poder masculino – amadurecido –, e não *menos*.

Para o movimento masculino, o contato adequado com as energias dos arquétipos interiores de masculinidade madura vai proporcionar um centramento psíquico diferenciado e, ato contínuo, mudanças de atitude em relação a si mesmo e aos outros.

Assim, ao se aprofundar na compreensão do que Moore e Gillette chamaram de psicologia de Menino, a partir dos os quatro arquétipos masculinos imaturos, já citados, Criança Divina, Criança Edipiana, Criança Precoce e Herói, os acessos orientados aos quatro arquétipos ordenadores da psique masculina poderão criar um constructo fértil a uma personalidade em processo de individuação, cuja totalidade seria manifesta por traços ou qualidades, a saber: do Rei (energia da ordenação justa e criativa), do Guerreiro (energia da ação agressiva e autodisciplinada), o Mago (energia da iniciação e transformação) e o Amante (energia da união dos homens com as pessoas e com o mundo) – os quais, juntos, conformam uma quaternidade integrada, integral.

Para tanto, indispensável um trabalho sério de imersão em culturas, civilizações, mitologias, literaturas etc, além da prática de uma psicoterapia e de uma pedagogia específicas que proporcionem vivências, individuais e em grupos, quanto às influências desses arquétipos, maduros e imaturos, sobre a psique masculina, promovendo transformações positivas do pensar, do sentir e do agir de um Homem para além das degradações decorrentes do patriarcado.

2.3 TEORIA DA PSICOLOGIA MASCULINA: ESTRUTURA DA PSIQUE PELOS QUATRO ARQUÉTIPOS DO MASCULINO MADURO: REI, GUERREIRO, MAGO, AMANTE.

A Teoria da Psicologia do Masculino Maduro de Robert Moore, o primeiro que assim a denominou, consiste da ideia e da percepção de que a tipologia da psique masculina é caracterizada e composta de quatro quadrantes, representativos de quatro grandes arquétipos – o Rei, o Guerreiro, o Mago e o Amante –, os quais concorrem para a morte simbólica da psicologia de Menino. Cada um desses arquétipos pode se manifestar na alma / mente masculina por seus aspectos polarizados passivo-ativo, condizentes com uma estrutura bipolar da Sombra. Assim, haveria um Rei da Sombra, cujo polo ativo é o Tirano e o passivo é o Covarde; um Guerreiro da Sombra, tendo como polo ativo o Sádico e o passivo, o Masoquista; um Mago da Sombra, para quem o polo ativo é o Manipulador e o negativo, o -Inocente/ Negador; e um Amante da Sombra, com o Viciado como polo ativo e o Impotente

como passivo. Para haver a integração necessária, que conformará a quaternidade sadia da psique masculina, é necessária uma iniciação efetiva à constituição da psicologia de Homem, por meio de iniciadores aptos a realizarem-na.

Robert Moore, analista junguiano, e Douglas Gillette, mitólogo, sustentam que a história do desenvolvimento do homem está impregnada das marcas de sua felicidade ou infelicidade em acessar, em si mesmo, esses arquétipos, representativos da masculinidade madura. O fracasso estaria em ter-se deixado dominar pelos aspectos negativos da Sombra, caracterizados por agressividade, arrogância, despotismo, inveja, covardia; e o sucesso, em ter passado por experiências significativas que o houvessem despertado para os verdadeiros e profundos valores do masculino, traços de uma personalidade geradora, fortalecedora, provedora, criativa, protetora, humilde.

Assim, a tipologia do masculino, proposta por Moore e Gillette visa, a partir do enfrentamento da Sombra manifesta em cada um dos quatro grandes arquétipos referidos, reconhecer essas energias originais, significativas, ordenadoras e saudáveis, presentes no inconsciente individual e no coletivo, que podem ser acessadas por diversos meios, como imaginação ativa, meditação, oração, entre outros, e saber usá-las pelo que elas têm de melhor, permitindo que uma energia colabore com outra, em seu potencial único e capaz de fazer do menino, Homem.

O Processo de Individuação, no caso do desenvolvimento da psique masculina, para Moore e Gillette, dar-se-ia a partir das energias próprias do masculino, desde criança, da fase de Psicologia de Menino, até os acessos às energias típicas dos quatro arquétipos correspondentes da Psicologia de Homem, da fase adulta, observadas as questões fundamentais das relações do sujeito com as sombras de cada arquétipo e a qualidade dos acessos e iniciações, como no exemplo abaixo.²³

²³ Os Quatro Arquétipos da Psicologia do Menino: Criança Divina, Herói, Criança Precoce e Criança Edipiana, correspondem aos Quatro Arquétipos do Masculino Maduro: Rei, Guerreiro, Mago e Amante. A seta apontando para cima representa o desenvolvimento da psique masculina madura, enquanto ao apontar para baixo, manifesta as tendências negativas das sombras de cada arquétipo, revelando o masculino imaturo. Os vértices verticais dos triângulos demonstram a psique madura, tanto na criança, quanto no adulto, em sua plenitude. Os vértices das bases de cada triângulo representam os pólos ativo e passivo de cada arquétipo em suas manifestações sombrias.

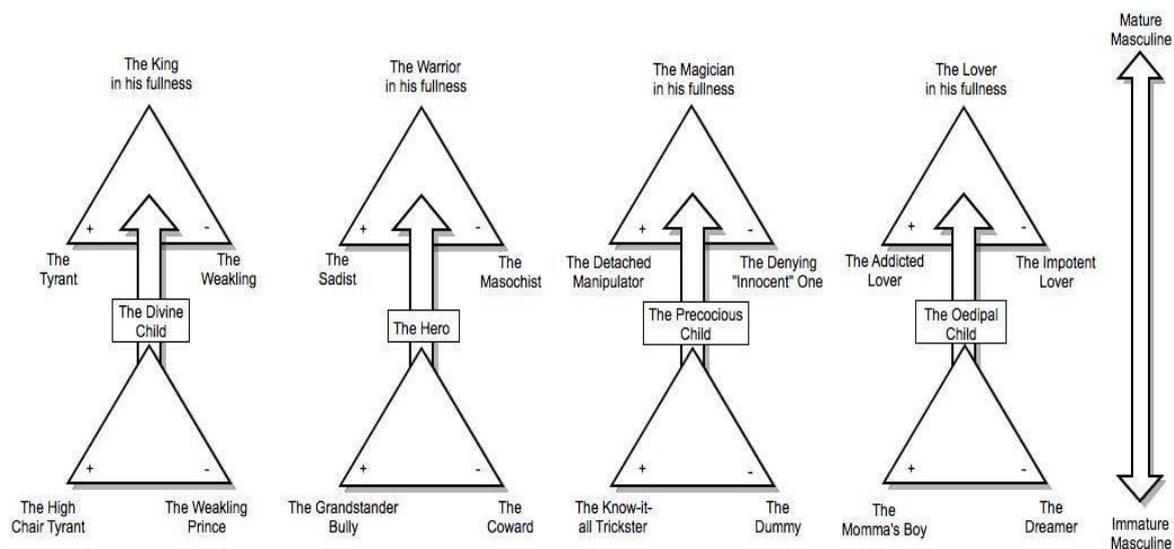


Figura 7. A psique masculina.

Para ser Rei, é preciso, antes, ser Guerreiro.

Se o Rei estiver realmente perdendo a batalha, é tempo de o guerreiro em nós aprender a lutar. Notamos que o guerreiro leva a batalha até o fim, sem pensar em meias medidas – sem recuo. (BLY: 1991: 152)

Eis a importância capital do mito, a de perpetuar os deuses em nós, para que não deixemos de ser o que somos – espécie humana. E mais, além de resgataremos o poder dos arquétipos e de sua simbologia como sentido para nossa vida, fundamental, pela ótica junguiana e pós-junguiana, buscarmos o desenvolvimento da *quaternidade* que nos leva à totalidade, isto é, ao amadurecimento de nossa personalidade. O que no caso do desenvolvimento da personalidade masculina seria o trabalho de vivenciar os *arquétipos da ordem* propalados por Jung²⁴, os quais foram eleitos e manifestos por Moore e Gillette pelas imagens arcaicas do Rei, do Guerreiro, do Mago e do Amante.

2.4 OS ARQUÉTIPOS DO REI, DO MAGO, DO AMANTE E SUAS SOMBRAS.

O Rei, para os autores estadunidenses, nesse movimento de valorização do masculino, representa qualidades de soberania (sobre si e sua coletividade), de modo a exercer e conceder poder e provento, firmeza e afetividade, coragem e criatividade, auto-afirmação e auto-sacrifício – a exemplo do Rei Leônidas de Pressfield, um homem forte, mas ao mesmo tempo, fortalecedor de seus próximos.

²⁴ JUNG, Carl. *Aspectos do Drama Contemporâneo*.

Acreditamos que essas fantasias recorrentes refletem uma intuição humana de que nossa espécie é capaz de muito mais amor e generatividade do que indicam os holocaustos da história documentada. Codificamos em nossa herança genética, acreditamos, existem o que chamamos de ‘programas’ Rei e Rainha. Se pudermos aprender a ter acesso adequado aos mesmos, eles permitirão que homens e mulheres cooperem na construção de uma civilização planetária pós-moderna viável. O Rei que esperamos está dentro de nós, ou seja, é um potencial psicológico que todo homem possui. A fim de libertar-nos dos monstros do caos, o Rei Libertador terá que corporificar-se não em um, mas em milhões de homens que aprendam a ter acesso a suas fontes interiores de amor e generatividade abrangentes. (MOORE & GILLETE: 1994: Prefácio).²⁵

No que concerne ao arquétipo do Mago, também entendido como Xamã, Moore e Gillette descrevem-no por seu poder psíquico característico:

A energia do mago é reclamada em todas as áreas da vida, nas esferas profissional e pessoal. Como uma fonte de energia que nos ajuda a organizar nossas psiques, o Mago é indispensável. Sua energia nos permite viver nossas vidas como homens maduros, consciente e intencionalmente, e com profunda autorreflexão.

[...]

O xamã é o conhecedor da verdade oculta. Ele ganha seu conhecimento por excursões no espaço sagrado e no tempo. Ele é um aventureiro no reino do espírito. Ele empreende suas viagens fora da realidade comum, inicialmente em um esforço para curar e integrar a si mesmo. Ele pode recusar essa interpretação. Mas os antropólogos têm observado com frequência que o xamã em ascensão é chamado ao reino espiritual por doença física e / ou angústia psicológica. E os espaços sagrados que os xamãs descrevem são claramente as estruturas curativas da psique. (MOORE & GILLETE: 1993: 179-183).²⁶

Se um caminho excelente para o amadurecimento do Rei Verdadeiro passa pelos acessos oferecidos pelo Guerreiro, segundo Moore e Gillette, uma via adequada de fazer o Herói integrar seu masculino maduro é pela confluência com o arquétipo do Amante – uma *coniunctio* que lhe acende na alma a necessidade de acolher o outro, de olhar para trás, para baixo, ou para o lado, e assim reconhecer no outro seu semelhante, e mais, de mutuamente terem a consciência de que toda a humanidade faz parte de um todo único. É o reconhecimento de sua natureza mais íntima, que traz consigo sentido para o con-viver.

²⁵ MOORE, Robert. *O Rei Dentro de Nós. Acesso ao rei na psique masculina*. Robert Moore e Douglas Gillette. Tradução de Ruy Jungman. Ediouro, Rio de Janeiro, RJ, 1994, Prefácio.

²⁶ MOORE, Robert. *The Magician Within. Accessing the Shaman in the Male Psyche*. Robert Moore & GILLETTE, Douglas. William Morrow and Company, INC. New York, 1993, p. 179-183. (Tradução minha) *Magician energy is called for in all areas of life, in the professional and the personal sphere. As an energy resource that helps us to organize our psyches, the Magician is indispensable. His energy allows us to live our lives as mature men, consciously and intentionally, and with deep self-reflection.*

[...]

The shaman is the knower of hidden truth. He gains his knowledge by excursions into sacred space and time. He is an adventurer in the realm of the spirit. He undertakes his journeys outside of ordinary reality initially in an effort to heal and integrate himself. He may refuse this interpretation. But anthropologists have often noted that the budding shaman is called into the spirit's realm by physical illness and/or psychological distress. And the sacred spaces shamans describe are clearly the healing structures of the psyche.

Um arquétipo que se pretenda *masculino maduro* enquanto *Guerreiro* é o que consegue a proeza de tornar-se *nobre* pela vivência em si da criança que se questiona, com curiosidade espontânea, em seu sentido de mente e coração abertos para o novo; aquele espírito *desarmado*, dotado do olhar artístico e despreconceituoso para o mundo à sua volta; daquele sentimento de compaixão sincera pelos sofrimentos da humanidade. Esses são afluentes abundantes que preenchem o leito do rio do Guerreiro interior.

Em sentenças claras e diretas, no caminho para o *quatérnio* que estrutura e dá o acabamento ao quadro psíquico do masculino maduro, Moore e Gillette demonstram a diferença básica entre ser um soldado e ser um guerreiro, a mesma valendo para homens e mulheres.

Um soldado não é necessariamente um guerreiro. Um soldado, quer seja um militar regular ou convocado pela fortuna, é geralmente em princípio um mercenário. Se ele mata por pagamento e sem se preocupar com quem o paga, ele é uma máquina de matar. Um guerreiro *pode ter* que matar. Mas matar é consequência dos compromentimentos de um guerreiro, sua visão de criar mundo, e sua busca disciplinada para servir um Outro Transpessoal.

Embora capaz de matar quando necessário, um guerreiro sabe que a verdadeira guerra é dentro. Um homem que acessa apropriadamente o arquétipo do Guerreiro baseia-se em enormes recursos que lhe permitem viver uma vida fortalecida a serviço de seus semelhantes. Ele incorpora as características do guerreiro plenamente expresso. Quais são essas características?

O guerreiro está vivo, vívido, bem crepitante com energia da dimensão sagrada! Quando o Guerreiro está conectado, sentimos uma agitação sanguínea, uma adrenalina, um acelerado batimento cardíaco e uma sensação de algo importante prestes a acontecer. Nós nos sentimos mobilizados para a ação, prontos para avançar para enfrentar a vida de frente. Nossas preocupações diárias se afastam de nós e somos arrastados para uma espécie de êxtase em que nos vemos e ao mundo com foco e clareza afiados. A fúria oculta é transmutada em coragem energizada. Entramos em contato com o grande mistério da vida e da morte, e sentimos uma sensação estranha de prazer no meio da dor. (MOORE & GILLETE: 1993: 98-100. Grifos meus)²⁷

O arquétipo do Amante, sendo a energia que une os homens às pessoas e ao mundo:

²⁷ MOORE, Robert. *The Warrior Within. Accessing the Knight in the Male Psyche*. Robert Moore & Douglas Gillette. Avon Books, New York, 1993, p. 98-100. (Tradução minha)

A soldier is not necessarily a warrior. A soldier, whether is an army regular or a soldier of fortune, is often primarily a mercenary. If he kills for pay and without caring who pays him he is a killing machine. A warrior may have to kill. But killing is the outcome of a warrior's commitments, his vision of world making, and his disciplined quest to serve a Transpersonal Other.

While capable of killing when necessary, a warrior knows the real war is within. A man who appropriately accesses the archetypal Warrior draws upon enormous resources that enable him to live an empowered life in the service of his fellow creatures. He embodies the characteristics of the fully expressed Warrior. What are these characteristics?

The Warrior is alive, vivid, fairly crackling with energy from the sacred dimension! When the Warrior is on-line we feel a rush of blood an adrenaline, a quickening heartbeat, and a sense of something momentous about to happen. We feel mobilized for action, ready to charge forward to meet life head-on. Our daily concerns fall away from us and we are swept up into a kind of ecstasy in which we see ourselves and the world with a sharpened focus and clarity. Hidden rage is transmuted into energized_courage. We come into touch with the great mystery of life and death, and we feel a strange sense of pleasure in the midst of pain.

Quando começamos a acessar apropriadamente o Amante, nos sentimos mais vivos do que nunca. O mundo parece ganhar novas cores. Nós aproveitamos nossas vidas de maneiras que pensávamos terem sido perdidas com o passar da infância. Um sentido profundo de significado autêntico preenche nosso ser. Nós sentimos nossa alegria e potência masculinas. Nós sentimos que nossa vida pessoal e pública é romântica e cheia de abundância.

[...]

Podemos acessar o Amante interior com a ajuda de uma variedade de técnicas de imagem - oração, meditação, diálogo de imaginação ativa, interpretação de sonhos ou um processo psicoterapêutico.

[...]

Sugerimos que cada homem marque em cada dia de sua vida pelo menos uma coisa de que realmente goste - uma coisa que não tem nada a ver com suas obrigações, compulsões ou atividades de ‘princípios de realidade’.

[...] No começo, nós simplesmente precisamos sentir apreciações do Amante interior por visões, gostos e sons.

[...]

Podemos acessar o Amante e, por dele, o outro, aprendendo a apreciar suas mais diretas expressões na arte.

[...]

Nossa apreciação da arte precisa ir além dos nossos sentimentos pelas criações de outras pessoas.

[...]

Como um passo adicional no encontro pessoal com o outro, sugerimos que um homem aprenda a dançar.

[...]

Um homem não precisa ter vergonha de aparecer, nem de preencher todo o seu espaço.

[...]

O homem que procura acessar o Amante em sua plenitude pode encontrar o outro no mundo das ideias.

[...]

Sugerimos que um homem que deseje acessar o Amante procure desenvolver suas capacidades para a experiência mística.

[...]

Finalmente, ele pode encontrar o outro, ao engajar-se no trabalho do amante no mundo. (MOORE & GILLETE: 193: 191-196)²⁸

²⁸ MOORE, Robert. *The Lover Within. Accessing the Lover in the Male Psyche*. Robert Moore & Douglas Gillette. William Morrow and Company, INC. New York, 1993, p. 191-196. (Tradução minha) —*When we begin appropriately accessing the Lover we feel alive than ever before. The world seems to take on new color. We enjoy our lives in ways we thought were lost with the passing of childhood. A deep sense of authentic meaning fills our being. We feel our masculine joy and potency. We feel our personal and public lives are romantic and filled with abundance.*

[...]

We can access the Lover within with the help of a variety of imaging techniques – prayer, meditation, active imagination dialogue, dream interpretation, or a psychotherapeutic process.

[...]

We suggest that every man schedule into each day of his life at least one thing that he really enjoys – one thing that has nothing to do with his usual obligations, compulsions, or ‘reality principle’ activities.

[...] *At the beginning, we simply need to feel inner Lover’s appreciation for sights and tastes and sounds.*

[...]

We can access the Lover, and through him the other, by learning to appreciate his most direct expressions in art.

[...]

Our appreciation of art needs to extend beyond our feelings for other people’s creations.

[...]

As a further step in the embodied meeting with the other, we suggest that a man learn to dance.

[...]

A man need not be ashamed to appear, nor to fill up all of his space.

[...]

The man seeking to access the Lover in his fullness can meet the other in the world of ideas.

[...]

We suggest that a man wishing to access the Lover seek to develop his capacities for mystical experience.

[...]

Finally he can meet the other by engaging in the Lover’s work in the world.¶

O arquétipo da Sombra irá acompanhar, sempre, todas as atitudes, pensamentos, sentimentos e comportamentos de todos os demais arquétipos. Assim o é, não apenas para homens, mas para qualquer pessoa. Moore, Gillette, Bly e os demais pesquisadores da psicologia masculina, bem o sabem.

Sem dúvida, muitos reis antigos, como muitos homens em posições de ‘realeza’ hoje em dia, estavam longe da imagem ideal do Rei bom. Mas esse arquétipo central vive independentemente de qualquer um de nós e busca, por nosso intermédio, entrar em nossas vidas para consolidar, criar e abençoar (MOORE & GILLETE: 1993: 61).

Nas obras literárias em estudo, a mentalidade e a atitude de alegrar-se ou condoer-se com seus subordinados, ou simplesmente partilhar, lado a lado, de conversas espontâneas ou instrutivas, em seus afazeres cotidianos, e mesmo – ato ainda mais nobre – de estar na linha de frente junto com eles nas batalhas –, fica evidente em alguns personagens que estavam em posições de realeza, como o Rei Leônidas, em *Portões de Fogo*:

Esse humor peculiar dos soldados é gerado pela experiência da penúria compartilhada e, com frequência, mal traduzido para aqueles que não estão ali sofrendo a mesma privação. ‘Qual a diferença entre um rei espartano e um soldado?’ Um homem lançaria essa pergunta a seu companheiro enquanto preparam a cama ao ar livre, sob uma chuva fria. Seu amigo, afetando preocupação, refletiria por um instante. ‘O Rei dorme naquela fossa ali adiante’, responde, ‘e nós dormimos nessa aqui’. (PRESSFIELD: 2000: 76-77).

Idêntico proceder do suserano Tadatoshi Hosokawa, que, mesmo ainda jovem, já possuía um caráter ordenado e maduro, típico dos grandes líderes, amados porque armados da maior de suas virtudes – a humildade.

Os dias de Tadatoshi, o jovem suserano do clã Hosokawa, costumavam ser cheios. Pela manhã, dedicava-se aos estudos ainda antes da refeição matinal. Durante o dia, resolvia os negócios do clã ou cumpria seus deveres oficiais na sede xogunal no palácio de Edo e, nas horas vagas, praticava artes marciais. Quando enfim a noite chegava, Tadatoshi tinha por hábito cercar-se de jovens samurais e entreter-se por alguns momentos conversando descontraidamente.

[...]

Nessas ocasiões, os mais variados assuntos eram abordados dentro do mais estrito respeito, transformando esses encontros em algo semelhante a uma reunião familiar em que todos os membros da casa se agrupam em torno do líder.

[...]

Tadatoshi conservava ele próprio um certo ar simples de jovem guerreiro e gostava de se sentar de pernas cruzadas no meio de seus homens e de ouvir o que eles tinham a lhe dizer. (YOSHIKAWA: 2009: Vol. 3: 11)

Evidente, em ambas as passagens, que apesar da aproximação e espontaneidade permitidas entre Rei e Guerreiro, o respeito e hierarquia sempre permanece. Trata-se de uma compreensão tácita, permitida pela sabedoria ancestral, impressa no inconsciente coletivo, de que uma função só pode existir se a outra for mantida em sua integridade. Ao mesmo tempo em que o Rei necessita do Guerreiro, este precisa daquele, em relação em que ambos se

reconhecem mutuamente no que têm de melhor, sendo conscientes de seus papéis individuais, para o bem coletivo. No entanto, um Rei só pode reconhecer as potencialidades generativas do Guerreiro, quando também o primeiro compartilha do poder do último – e por isso mesmo é capaz de respeitá-lo. O mesmo sucede com os outros grandes arquétipos do masculino, o Mago e o Amante.

Na sua incorporação e manifestação central de Guerreiro, ele representa o poder agressivo quando necessário, quando a ordem é ameaçada. Ele tem também o poder da autoridade interior. Conhece e discerne (o seu aspecto Mago), e se comporta segundo esse conhecimento profundo. Regozija-se conosco e com os outros (o aspecto do Amante) e mostra esse prazer em palavras autênticas de louvor e em ações concretas que realçam nossas vidas. (MOORE & GILLETE: 1993: 61)

O arquétipo do Rei manifesta-se, portanto, em todo homem que demonstra sua capacidade de incentivar e aumentar o poder de mulheres, crianças, subordinados, pessoas em situação de risco social; de manter sua calma e autocontrole diante de contextos de caos e conflitos; de ponderar e dar a palavra justa, restauradora de uma família, uma empresa, uma comunidade, o meio-ambiente ou o mundo em crise.

O Rei verdadeiro é uma voz que só é centralizadora no sentido de trazer os dispersos ao centro, mas para reordenar todas as coisas, no seu devido lugar, preservando a harmonia geral – e não para ditar uma vontade egoísta e controladora. Isto seria a manifestação da sombra no Rei, nas pessoas do Tirano e do Covarde.

Pela teoria do masculino de Moore e Gillette, assim como há o –Arquétipo em Sua Plenitude, também há o seu correspondente –Arquétipo da Sombra. No caso, há o –Rei em sua Plenitude, traço do masculino maduro, e também se tem o –Rei da Sombra, marca da psicologia de Menino no adulto. Nessa última condição, a dita estrutura bipolar, passiva-ativa, evidencia que enquanto o Tirano está no pólo ativo, o Covarde está no passivo.

O Tirano explora e maltrata os outros. É cruel, impiedoso e insensível quando está atrás do que considera seu interesse pessoal. A sua forma de degradar os outros não tem limites. Ele odeia toda beleza, toda inocência, toda força, todo talento, toda energia vital. Age assim, como dissemos, porque lhe falta estrutura interior e porque tem medo – terror, realmente – da sua própria fraqueza oculta e da sua impotência latente. (Idem: 63)

Por seu turno, o pólo passivo do Rei da Sombra, o Covarde, se apresenta pelos seguintes traços psíquicos:

[...] Se não pode ser identificado com a energia do Rei, ele acha que não é nada. A presença oculta desse pólo passivo explica a ânsia pelo espelhamento – pelo ‘_Adorem-me!’, ‘_Vejam como sou importante!’ – que sentimos em tantos chefes e amigos. Ela explica as explosões iradas e os ataques às pessoas que eles consideram fracas, isto é, aquelas em que projetam o seu próprio Covarde interior.

[...]

Falta ao homem possuído pelo Covarde a centralização, a calma e a segurança interiores, o que também o leva à paranóia. [...] Uma atitude paranóica e hostil, de ‘pegue-os antes que eles peguem você’ acaba com o senso pessoal de ordem e tranquilidade, vai destruindo o caráter da pessoa e dos outros, e convida à retaliação (Ibid.: 67).

O acesso ao Rei se daria, nessa teoria, pelo que os psicólogos chamam de *distância cognitiva*, a qual consiste do reconhecimento operado no Ego da função de cada arquétipo, seja em sua manifestação integradora de personalidade madura, seja de seus aspectos sombrios, nos pólos ativo e passivo, de modo a manter-se em suas qualidades de autodomínio, liderança e justiça, e a evitar uma identificação doentia, ou sua possessão pelo arquétipo, consequência de um Ego inflado. Se o acesso for bem realizado, é o Rei quem rege o Ego, e não o contrário.

Advertem os autores de que é preciso manter-se a salvo da –síndrome de usurpação. O Ego toma o lugar do Rei e provoca aquela rebelião, presente nos mitos, como no de Satanás a pretender roubar o trono de Deus.

Quando perdemos o contato com nosso Rei interior e conferimos o poder sobre nossas vidas a outras pessoas, podemos estar cortejando a catástrofe numa escala maior do que a pessoal. (Ibid.: 71)

Estar integrado à energia do Rei interior é tomar parte do mesmo poder que rege o mundo, que é poder, sim, mas por força de sabedoria e compaixão.

Temos uma espécie de espiritualidade, e conhecemos o significado do mandamento central em torno do qual a vida humana parece estar fundamentada: ‘Amarás ao Senhor teu Deus (leia-se: o Rei)’ com todo o teu coração, com toda a tua alma e com toda a tua força. E ao teu semelhante como a ti mesmo (Ibid.: 72).

Falemos do Arquétipo do Mago. Também chamado xamã, curandeiro, pajé, sábio, cientista, inventor, bruxo. Trata-se da energia iniciadora no conhecimento oculto de todas as coisas, por meio de um trabalho especial, operado por pessoas especiais.

As energias do arquétipo do Mago, seja onde e quando for que as encontrarmos, são duplas. O Mago é aquele que sabe e é o mestre da tecnologia. Além disso, o homem guiado pelo poder do Mago é capaz de preencher em parte as funções desse arquétipo usando o processo dos rituais de iniciação. Ele é o ‘ancião do ritual’ que orienta os processos de transformação interna e externa.

O mago humano é sempre, ele mesmo, um iniciado, e a sua tarefa é iniciar os outros. [...] Todo conhecimento que exige um trabalho especial para ser adquirido é domínio da energia do Mago. [...] Seja um aprendiz de um mestre em eletricidade, descobrindo os mistérios da alta voltagem; [...], seja o estagiário das escolas de psicanálise, todos estão exatamente na mesma posição do aprendiz de xamã ou pajé nas sociedades tribais. Estão gastando uma enorme quantidade de tempo, energia e dinheiro para se iniciarem nos refinados reinos do poder secreto. Passam por provocações que testam suas capacidades para se tornar mestres desse poder. E, como acontece em todas as iniciações, não há garantia de sucesso.

[...] É a ele que as pessoas se dirigem com perguntas, problemas, sofrimentos e doenças do corpo e da mente. É confessor e sacerdote. É quem pode perceber o que existe nas questões e que não é óbvio para as outras pessoas. É vidente e profeta no sentido não apenas de prever o futuro, mas de ver em profundidade.

Esse conhecimento secreto, é claro, dá ao mago um poder enorme. E, como tem conhecimento da dinâmica dos fluxos e dos modelos das energias na natureza, nos indivíduos e nas sociedades humanas, e entre os deuses – as forças inconscientes profundas –, ele é mestre em conter e canalizar poder. (Ibid.: 96-97)

Nas cortes, o mago era o psicoterapeuta do rei. Na sociedade moderna, é todo aquele que aprendeu a perscrutar os mistérios da mente / alma humana. Na antiguidade, esse papel foi desempenhado pelo que Moore e Gillette chamaram de –protopsicólogos profundos!, que eram os *gnósticos*. Também, nessa função histórica e tão abrangentemente humana, estão os alquimistas, místicos, videntes e espiritualistas; igualmente, todos aqueles que se dedicam tanto ao aspecto *conhecedor* ou da –ciência teórica!, quanto ao da –ciência aplicada! ou *tecnológico*. Enfim, a tudo o que se refere à aquisição de conhecimento ou acesso às operações ocultas da psique, cujo trabalho é árduo e, conseqüentemente, específico e restrito a determinados tipos de pessoas.

Para os pesquisadores em questão, convém se ter em conta que:

Acreditamos que a nossa era é a do Mago, porque é tecnológica. É a era do Mago pelo menos na sua preocupação materialista de compreender e dominar a natureza. Mas, quanto ao processo de iniciação psicológico, espiritual, não-materialista, a energia do Mago parece estar em falta (Ibid.: 99).

Nesse sentido, o psicólogo e o mitólogo estadunidenses apontam que, atualmente:

Duas ciências – a física subatômica e a psicologia profunda – continuam fazendo o trabalho dos antigos magos de uma forma holística que reúne os aspectos materiais e psicológicos da energia do Mago. Cada uma busca conhecer e depois, pelo menos em parte, controlar as fontes das mesmas energias ocultas que os antigos sondavam tão profundamente (Ibid.: 100).

E que a conclusão a que a física quântica e a psicologia profunda chegaram é a de que o que entendemos como –realidade normal!, a respeito de nós mesmos e da natureza, é algo cuja origem está num abismo cuja mente humana não parece estar apta a medir, ou ao menos não está usando de meios capazes de abarcar tais conhecimentos. O acesso a esse universo pertence à energia do Mago que, dado o pensar do homem moderno, está sendo subutilizado e não dimensionado como o seria pelo *Mago em Sua Plenitude*.

O Mago apenas é vivenciado plenamente quando se exerce a função de regulador das energias dos outros arquétipos, de modo a canalizá-las para o máximo proveito, para o que, é necessária a capacidade desenvolvida para a integração. É o arquétipo da reflexão, da energia introvertida, a que enxerga de dentro e através.

O Mago é o arquétipo da consciência e da percepção, principalmente, mas também do conhecimento de tudo que não é imediatamente visível ou captado pelo bom senso. É o arquétipo que governa o que em psicologia se chama o ‘_Ego observador’.

[...]

Quando o Ego observador está alinhado com o Si-mesmo masculino ao longo de um _eixo Ego-Si-mesmo_, ele é iniciado na sabedoria secreta do Si-mesmo. É, de certo modo, o servo do Si-mesmo masculino. Mas, em outro sentido, é o líder e o canalizador dessa energia do Si-mesmo. Tem, portanto, um papel fundamental na personalidade como um todo. (Ibid.: 104)

O Mago da Sombra em seu aspecto ativo é o Manipulador. Ele retém informações preciosas somente para si e interesses mesquinhos; faz especulações lucrativas sobre elas e, com isso, pode até pôr em risco liberdades e vidas humanas, animais, vegetais, inclusive todo o equilíbrio da natureza – o que também o denomina –Sombra do poder|. É o conhecimento científico retido para fins escusos e de dominação.

No pólo passivo, revela-se como –Inocente| ou Ingênuo. Se o Manipulador visa aprisionar e controlar com suas garras sombrias de poder, o –Inocente| é o aspecto desonesto e irresponsável diante dos outros.

Ele quer o poder e o status que tradicionalmente pertencem ao homem que é mago, pelo menos nas áreas socialmente aprovadas. Mas não quer assumir as responsabilidades do verdadeiro mago.

[...]

As motivações ocultas do _Inocente_ originam-se da inveja de quem age, vive e quer compartilhar. Como ele inveja a vida, também tem medo das pessoas que irão descobrir a sua falta de energia para viver e lançá-lo do alto do seu vacilante pedestal.

[...]

O homem possuído pelo _Inocente_ comete o pecado da inércia e o pecado da omissão, mas oculta os seus motivos hostis atrás da parede impenetrável de uma falsa ingenuidade. Esses homens são traiçoeiros e dissimulados. Não nos permitem envolvê-los frontalmente com a nossa energia do Guerreiro. (Ibid.: 112).

O acesso ao Mago em Sua Plenitude se dá quando se é capaz de autocontrole sobre as emoções primárias desse arquétipo e de dimensioná-las no sentido de melhorar a qualidade de vida, tanto pessoal quanto coletiva, usando do poder de clarividência que lhe é próprio, após o exercício sincero de uma reflexão profunda e ética, traduzindo tais energias em tecnologia, arte, saberes ocultos compartilhados, em benefício para a humanidade e à vida como um todo.

Para tanto:

Ao entrarmos em contato com o Mago, precisamos regular essa energia com os outros três arquétipos dos modelos de masculinidade amadurecida. Nenhum deles, como vimos, funciona bem sozinho; temos que combinar o Mago com a preocupação do Rei em ser generoso e gerador, com a capacidade do Guerreiro de agir de maneira decidida e corajosa, e com a relação profunda e segura do Amante com todas as coisas. Estaremos canalizando os fluxos de energia em benefício dos seres humanos e, quem sabe, da elevação de todo o planeta. (Ibid.: 115).

Arelados às bases da psicologia junguiana, profunda, analítica, dos complexos – portanto dos *afetos* –, Moore e Gillette entendem que as energias psíquicas que se apresentam nas formas dos quatro grandes arquétipos do masculino, correspondem a determinadas funções da alma /

mente que conduzem o sujeito ao saber oculto que o constitui como *Si-mesmo* – em sua personalidade ao nível da totalidade.

Para Jung, a base da personalidade é a *afetividade*. Sendo assim, nossos pensar, sentir e agir são produtos de algum *afeto*. Na linguagem da psicologia analítica, os afetos correspondem a manifestações típicas das imagens primordiais que a humanidade construiu e que se tornaram hereditariedade para nossa espécie. Os afetos, na linguagem mitológica dessa linha psicológica, são os deuses e símbolos de cada cultura. Sendo reguladores de nossas relações com o mundo, instrumentos de nossa adaptação, meios de proteção e de autopreservação, os afetos são, portanto, *arquétipos* que, na acepção de Moore e Gillette se traduzem nas energias psíquicas, nos complexos afetivos e cognitivos do Rei, do Guerreiro, do Mago e do Amante.

Sobre esse último, toda e qualquer energia que apreende o mundo pela faculdade de conectar-se por uma sensibilidade ao ambiente externo e da capacidade de promover aproximação, de partilhar, confraternizar, harmonizar, de criação de bem-estar entre as pessoas e fazê-las ver o mundo com outros olhos, é chamado de Arquétipo do Amante, por isto.

A energia do Amante é tudo que se refere aos apetites do prazer, seja sexual, do comer, beber, viajar; ao que está imbuído do padrão universal energético da paixão, da força e do entusiasmo; mas não apenas ao visar as satisfações imediatas da vida, como também das satisfações estéticas, expressões sensoriais e produções de sentido. O Amante, portanto, é tudo o que está ligado a toda forma de amor, seja *agape*, *eros*, *libido*, etc. É o apetite pela vida como um todo, de forma plena e abundante. Permite o relacionamento com tudo e com todos, exercendo atração por sua sensibilidade.

[...] Vive através da grande fome original que nossa espécie tem de sexo, alimento, bem-estar, reprodução, adaptação criativa diante das dificuldades da vida e, basicamente, de compreensão das coisas – sem os quais os seres humanos não resistem. (Ibid.: 118).

Deste modo, pelo acesso adequado ao Amante em Sua Plenitude, adquire-se a empatia necessária para sentir a alegria e a dor do outro. Função primordial para a coexistência, a harmonia e a paz.

É o Amante amadurecido que permite aos homens, por exemplo, superarem sua percepção distorcida do feminino e abraçá-lo sem tabus, preconceitos e dogmatismos de toda espécie, em particular quanto à nocividade da ideia de mulher como veículo pelo qual o mal entrou no mundo.

Essa calúnia contra as mulheres e, por ilação, contra o Amante com o qual ela é associada, arma o palco para a ideia judaica (e mais tarde cristã e muçulmana) da mulher como ‘sedutora’ que atua para desviar os homens piedosos dos seus caminhos em busca da ‘santidade’. (Ibid.: 125).

O Amante da Sombra pode ser o Viciado, seu pólo sombrio ativo que age para sua autodestruição e o aniquilamento de todos e tudo à sua volta. Cego por uma percepção que o excita a satisfazer tão-somente seus instintos mais primitivos, a prazeres efêmeros, degradantes, mesmo ao nível do desumano, o Viciado não poupa pessoas ou outros seres vivos, tratando-os como meros objetos de satisfação sensorial. Preso às ilusões dos sentidos, perde-se, torna-se incapaz de julgamento e de valoração da vida. Justo por exacerbar seus sentidos, torna-se insensível ao outro.

Essa desorientação revela-se, também, na maneira como o Viciado vive pelo prazer do momento apenas e prende o indivíduo numa teia de imobilidade de onde ele não consegue escapar. É o que o teólogo Reinhold Niebuhr definiu como ‘o pecado da sensualidade’. E o que os hindus chamam de maya – a dança da ilusão, a dança inebriante (viciante) das coisas sensuais que encanta e escraviza a mente, aprisionando-nos em ciclos de prazer e dor. (Ibid.: 131).

Já o Amante Impotente, a sombra passiva do Amante amadurecido, revela-se como depressivos crônicos, desligados dos outros e de si mesmos. Desprovidos de entusiasmo pela vida, isolam-se, mergulham num cotidiano cinzento, embotando suas emoções e tendendo ao tédio, à apatia e depressões profundas. Além de padecerem de uma falta de visão para sua realidade, tornando-se retraídos e de ânimo fraco, sintomas recorrentes da manifestação desse arquétipo na psique masculina são, por exemplo, disfunção erétil, sexualidade inativa, falta de interesse, sensação de não ser valorizado ou mesmo por estar sendo de fato humilhado e exigido demais pelo feminino; ou seja, conforme Moore: –A sua sensibilidade sensual e sexual foi dominada por outras preocupações! (Ibid p. 137).

A partir de uma conexão eficaz com o Amante em Sua Plenitude, a psique masculina pode vir a constituir-se saudavelmente, orientando-se para pensamentos, sentimentos e atitudes reordenadoras do Ego: relacionamentos afetivamente estáveis, sensação de se estar vivo, animado, feliz; de se sentir útil, capaz de oferecer, conceder, promover confraternizações e comensalidade; de ser compassivo, empático, ético; de realizar trabalhos voluntários; de ver a vida com outros olhos, com o poder de enxergar sentidos nunca antes experimentados; de viver intensamente sua vida, como agir para que outros também, assim, vivam as suas próprias vidas.

[...] É o Amante, corretamente contatado, que nos dá um sentido – o que estamos chamando de espiritualidade. O Amante é a fonte do desejo de um mundo melhor para nós e para os outros. É o idealista, e o sonhador. É quem deseja que tenhamos fartura de coisas boas.[...]

O Amante mantém as outras energias masculinas humanas, amorosas e relacionadas umas com as outras e com a verdadeira situação de vida dos seres humanos num mundo difícil. O Rei, o Guerreiro e o Mago, como dissemos, harmonizam-se mutuamente muito bem. Isso porque, sem o Amante, estão todos essencialmente afastados da vida. Precisam desse arquétipo para energizá-los, humanizá-los e dar-lhes o seu objetivo último: o amor. Precisam do Amante para impedi-los de se tornarem sádicos. (Ibid.: 137)

O Arquétipo do Guerreiro em Sua Plenitude e o Guerreiro das Sombras.

Guerreiro. Que pensamento nos vem à mente, ao ouvir essa palavra? Atrelada, obviamente à guerra, a palavra *guerreiro* pode suscitar violência, tortura, morte, destruição. Agressividade é outro termo a ele associado que, se não for bem dimensionada, pode levar aos mesmos sentimentos de medo, temor e repulsa. Mas por que Guerreiro seria sinônimo de algo portador de tão graves designações, como se, somente por partilhar da mesma raiz etimológica de guerra, fosse automaticamente referência e conotação de maldade, crueldade, monstruosidade, desumanidade? Se James Hillman (2010) está certo, –as palavras têm alma²⁹ e podem conter *sentidos profundos*, muitas vezes lá escondidos por força de proibições, restrições, preconceitos, repressões, puro desconhecimento, ou mesmo interesses escusos. Sendo assim, podemos fazer um exercício de imersão nos vocábulos *Guerreiro* e *Agressividade* e tentarmos ampliá-los, com a finalidade de os compreendermos em sua complexidade e natureza mais intrínseca.

Talvez, por ação de nossa memória afetiva, algumas epígrafes, máximas ou trechos de cultura geral nos venham à mente, tais como o provérbio latino: "Se quiseres a paz, prepara a guerra."³⁰

O pensamento do filósofo Baruch Spinoza: "Paz não é ausência de conflito; é uma virtude, um estado mental, uma disposição para a benevolência, confiança e justiça."

Ou, ainda, o trecho da Bíblia judaico-cristã, do Livro do Eclesiastes³¹:

Para tudo há momento,
e tempo para cada coisa sob o céu:
tempo de dar à luz e tempo de morrer;
tempo de plantar e tempo de arrancar o que se plantou;
[...]
tempo de amar e tempo de odiar;
tempo de guerra e tempo de paz. (BÍBLIA: Ecl 3: 1-8).

²⁹ HILLMAN, James. *Re-vendo a Psicologia*. Petrópolis, RJ, Vozes, 2010.

³⁰ –*Si vis pacem, para bellum.* De autoria de Vegécio (Publius Flavius Vegetius Renatus), Século IV AEC. In: PÖPPELMANN, Christa. *Dicionário de Máximas e Expressões em Latim*. Editora Escala, São Paulo, SP, 2010, p. 119.

³¹ BÍBLIA – Tradução Ecumênica. *Eclesiastes, cap. 3: 1-8*. Edições Loyola, São Paulo, SP, 1995, p. 1313.

Para além das fronteiras da cultura ocidental a respeito de um conceito para guerreiro, assim como para agressividade, o mundo inteiro o compartilha, a seu modo – porém, não se pode negar a pluralidade de significações, sentidos e, muito menos, a existência de ideias, símbolos, imagens e representações as mais diversas para um arquétipo tão universal e sempre presente, em todos os tempos, lugares e culturas.

Por conta de contingências históricas, o arquétipo do Guerreiro fora mal compreendido, tanto por quem julgasse estar sendo guerreiro de fato, mas contrariamente, agindo de modo completamente diverso da sua energia verdadeira; quanto por quem sofresse das consequências nefastas de atos dignos da maior pena e reprovação.

Se em alguns contextos, o Guerreiro foi maculado em sua essência, isso nos permite entender o porquê de hoje em dia ele estar tão ausente e deturpado. Moore e Gillette chegam mesmo a dizer que nosso tempo atual é responsável por figurar o Guerreiro como –masculino suave, devido a movimentos que não cessam de atacá-lo, como feministas radicais, por meio de protestos e ações a visar apagar totalmente do imaginário humano toda e qualquer referência à energia guerreira, até mesmo igrejas liberais a retirarem dos hinários qualquer menção a palavras que lembrem –batalha, –soldado, etc. Como se do universo do Guerreiro não pudesse emanar nada em termos de dignidade, coragem, proteção, cuidado; ou que fosse paradoxal relacioná-lo, muito menos, com *defesa e preservação da vida*! Se o mundo está à mercê do tal –masculino suave, é porque vivemos na *carência* da real *energia* do Guerreiro e da Guerreira.

Porém, quem estuda o masculino entende as razões de mal entendidos como esses, e se posta no sentido de ser compassivo, por um lado, mas também no sentido do dever de esclarecer as coisas – para o bem de toda a humanidade. Resgatar o Guerreiro e buscar a ordem perdida por conta de sua carência na alma do nosso tempo é a missão do movimento masculino.

É interessante observar, contudo, que aqueles mesmos que no seu zelo cortariam pela raiz a agressividade masculina caem em poder desse arquétipo. Não podemos simplesmente votar a demissão do Guerreiro. Como todos os arquétipos, ele continua vivo, apesar de todas as nossas atitudes conscientes em contrário. E como todos os arquétipos reprimidos, ele segue oculto, para acabar ressurgindo em forma de violência física e emocional, como um vulcão adormecido há séculos, com a pressão do magma aumentado gradualmente. Se o Guerreiro é uma forma de energia instintiva, ela veio para ficar. E vale a pena encará-la. (MOORE & GILLETE: 1993: 73).

Portanto, se o Guerreiro é uma energia instintiva de que não se pode negar, sob pena de se sofrer consequências desastrosas, seja em relação ao próprio indivíduo que a rechaça, seja pelas repercussões desse erro em nível de mundo, não parece haver alternativa, a não ser lhe

fazer face, abraçá-la pelo que ela tem de potencial transformador e gerador de realidades positivas, apesar de seu outro lado, destrutivo.

É nesse sentido que o movimento masculino mundial pretende se embrenhar, com o sentimento nobre de buscar os meios necessários para a vivência desses potenciais geradores. Ao realizarem suas pesquisas tendo como base todo o material herdado das culturas na história, pelos seus mitos, contos, fábulas, literaturas, imagens, símbolos, sonhos, pinturas, desenhos, monumentos, cinema, jogos virtuais, artes visuais em geral etc, o que estão tentando fazer é trazer de volta à capacidade de reimaginação, de atualização desse arquétipo, com o fim de reordenar o fluxo do inconsciente humano e, com isso, realimentá-lo para ressignificar a vida.

Moore e Gillette relatam os estudos realizados por Jane Goodall, especialista em chimpanzés, e de que como os seres humanos são idênticos a eles em 98% de seu código genético e, inclusive, em suas manifestações comuns de comportamento, dentre as quais, as mais evidentes são: a presença da guerra, do infanticídio, crianças maltratadas, raptos, roubos e assassinatos. Isso contradiz veementemente nossa imagem de chimpanzés como animais –pacíficos!. O mesmo deve ser dito dos seres humanos. Em ambas as espécies, portanto, há os mesmos instintos que governam os sentimentos e comportamentos, sendo o de luta um dos mais importantes.

Isso é fácil de verificar ao se analisar a história das civilizações humanas, o quanto de unanimidade sobre o quão competitiva é nossa espécie e do quanto destrutiva ela pode ser para fazer valer seus impulsos mais primitivos de dominação, quando se entende que tais são fatores determinados por milênios de condicionamento, e que estão gravados em nossa carga genética, de como são inconscientemente reproduzidos sem que nos demos a devida atenção sobre esse imenso poder que, ao modo de ver dos estudiosos do masculino, é uma manifestação do que chamam de Guerreiro da Sombra.

Moore e Gillette também ressaltam como houve diferenças nos processos civilizatórios, com consequentes redimensionamentos do arquétipo do Guerreiro, de povo para povo, de mentalidade para mentalidade – em alguns casos, manifestava-se de modo mais sádico, sob impulsos frios e sanguinários; em outros, tendo se espiritualizado, de modo a gerir a agressividade em doses necessárias para fins justos. Com exemplos desde a antiguidade egípcia, passando pela Índia, dominação hebraica, imperialismo romano, resistência espartana

à invasão persa ou a dos indígenas norte-americanos contra europeus, a tradição ascética samurai japonesa que construiu toda uma nação etc, esses pesquisadores chegaram à seguinte avaliação:

A energia guerreira, portanto, não importa o que mais ela possa ser, está presente em todos nós, homens, e na civilização que criamos, defendemos e ampliamos. É um ingrediente vital na nossa construção de mundo e desempenha um importante papel na extensão dos benefícios das superiores virtudes humanas e das conquistas culturais a toda a humanidade. (Ibid.: 76-77)

Sendo assim, há perguntas que devem ser feitas, para que possamos apreender esse tipo de mistério que acompanha a humanidade desde tempos imemoriais. Moore e Gillette nos fazem questionar sobre a energia do Guerreiro em nós:

[...]: por que ela está tão presente dentro de nós? Qual é a função do Guerreiro na evolução da vida humana, e qual o seu objetivo nas psiques dos homens, individualmente? Quais as características positivas desse arquétipo? E como podem ajudar a nós, homens, na nossa vida pessoal e no nosso trabalho? (Ibid.: 77)

De posse dessa consciência, podemos partir para o entendimento do que viria a ser o que os pesquisadores denominam o *Guerreiro em Sua Plenitude*, seu modo de vida, seu pensar, seu sentir, seu agir no mundo. Após uma varredura nas fontes disponíveis mundiais, onde quer que houvesse registro dessa memória ancestral e presente, foi possível se fazer um levantamento das características imanentes do arquétipo do Guerreiro, no sentido de sua manifestação enquanto masculino maduro.

As características do Guerreiro na sua plenitude significam todo um estilo de vida, o que os samurais chamam de do. São o Dharma, o Ma'at³² ou o Tao do Guerreiro, um caminho espiritual ou psicológico na vida. (Ibid.: 77)

Estamos diante de uma constatação cultural e historicamente falando, da importância das iniciações específicas e adequadas à preparação de jovens para ingresso na real condição de Guerreiro, para que não se permita a esses ceder facilmente às tendências imaturas do arquétipo do Herói. Inegáveis são as realizações desses processos de amadurecimento em locais apartados, isolados, reservados a essa finalidade, presentes no mundo, em todo e qualquer lugar que precisou de formações de forças de defesa à manutenção da segurança de suas comunidades e da paz em relação a outras.

³² -*Ma'at*: 1. Deusa egípcia representativa da -Ordem Justa. 2. Trata-se de um princípio moral norteador das ações humanas, como manifestação dos pensamentos ordenadores do Deus Criador. Significa seguir uma vida conforme os desígnios divinos. Conferir: MOORE, Robert. *Rei, Guerreiro, Mago, Amante: a redescoberta dos arquétipos do masculino*. Editora Campus, Rio de Janeiro, RJ, 1993, p. 55.

Nas fontes literárias em estudo, fala-se da formação guerreira do espartano, em *Portões de Fogo*, e da formação de um samurai, a exemplo da vida de Musashi, na obra de mesmo nome.

Em ambas se faz claramente a distinção entre o mero ato de violência e a gestão da agressividade para um bem maior. Portanto, fala-se de coisas diferentes. Não devemos confundi-las. Violência é própria de manifestação psíquica de menino imaturo; agressividade é típica de heróis e guerreiros – porém, enquanto um não a dimensiona devidamente, podendo traduzi-la em atos criminosos, outro sabe utilizá-la para fins justos e necessários. No momento oportuno, quando das análises das obras em separado, tratar-se-á melhor de como ambos, espartanos e samurais, são levados a distinguir entre seus impulsos destrutivos, violentos, e os criativos, do uso da força a serviço da vida.

Já mencionamos a agressividade como uma das características desse arquétipo. Ela é uma atitude em relação à vida que estimula, energiza e motiva. Força-nos a tomar a ofensiva e sair das tarefas e dos problemas que surgem na vida. O conselho do samurai é sempre ‘saltar’ para o confronto, com todo o potencial do Ki, ou ‘energia vital’, disponível. A tradição guerreira japonesa afirma que só há uma posição na qual enfrentar a batalha da vida: frontalmente. E que também só há uma direção: para a frente. (Ibid.: 77).

O Guerreiro em Sua Plenitude é aquele que aprendeu por meio da disciplina e da autodisciplina a adotar posturas de cautela, prevenção, tática, estratégia, paciência e atitude resoluta diante da vida. Ele é capaz de avaliar, de ser realista e preciso, no momento em que tem de agir e no de não agir. Ele mede seu pensamento com clareza e seus movimentos de força e habilidade com foco. Se ele agiu, é porque não lhe restou a menor dúvida do que teve de ser feito, do exato modo como foi feito. Não se guia por moções de bravata, mas de pura coragem – coragem domada por sabedoria, amor e justiça. É isto que precisa ser bem delimitado quanto à psique de um Guerreiro.

Juntamente com agressividade, a lucidez e a consciência da própria morte, o treinamento está envolvido na ação decidida. A energia do Guerreiro preocupa-se com a habilidade, o poder e a exatidão, e com o controle interno e externo, físico e psicológico. Preocupa-se em treinar os homens para que sejam ‘tudo que possam ser’ – em pensamentos, sentimentos, palavras e ações. Ao contrário das ações do Herói, as do Guerreiro nunca são exageradas, dramáticas. O Guerreiro nunca age para provar a si mesmo que é tão forte quanto pensa ser. Não gasta mais energia do que o necessário. E não fala muito. (Ibid.: 81).

Sua capacidade de domínio sobre as armas e seu corpo lhe dão o poder de ser preciso e atacar somente os alvos necessários, poupando vidas. Essa é sua dimensão madura, que faz falta ao soldado, ao mercenário, a quem obedecem cegamente às ordens da tirania.

A energia do Guerreiro também mostra o que chamamos de compromisso transpessoal. Sua lealdade é para com algo – uma causa, um deus, um povo, uma tarefa, uma nação – maior do que o indivíduo, embora essa lealdade transpessoal possa concentrar-se numa pessoa importante, como um rei. (Ibid.: 81).

Enquanto a lealdade do Guerreiro está para além de suas preocupações pessoais, a do Herói é voltada para si mesmo. Pela exortação de Robert Bly, homens e mulheres carregam dentro de si um soldado e um guerreiro, de modo que se não estivermos conectados de modo apropriado com essa energia, podemos tender para a destruição. No mesmo sentido, dizem Gillette e Moore: –O Guerreiro é quase sempre um destruidor. Mas quando essa energia é positiva destrói apenas o que precisa ser destruído para poder surgir algo novo, mais vivo e mais virtuoso (Ibid.: 84).

Quando entra em contato com os outros arquétipos amadurecidos, como o Rei, o Guerreiro percebe suas ações em sintonia com a lucidez, a disciplina, a coragem e a ordem criativa e geradora. Quando se liga ao Mago, tem a noção de estar agindo com autodomínio e controle sobre as armas e a tecnologia, para realizações de bons objetivos. Ao agir auxiliado pela energia do Amante, mostra-se compassivo e generoso para com os que estão sob sua influência.

Por outro lado, quando se dobra às tendências negativas de sua psique, o Guerreiro da Sombra toma seu lugar, nas formas ativa do Sádico e passiva do Masoquista.

O Sádico é uma manifestação psíquica do homem que perdeu seu senso de humanidade, de quem matou em si os traços de amor e cuidado para com os vulneráveis. Trata-se de uma degradação do caráter do indivíduo, que surge da percepção de que se é mais forte do que outros e, daí, vem uma sensação de ser invulnerável. Isso gera na mente a falsa noção de poder, deturpada em brutalidade, insensibilidade e violência. Isso pode se traduzir desde maus tratos com animais, até crianças, mulheres, idosos, deficientes físicos, diferenças sociais, ou mesmo povos inteiros e o mundo como um todo. O Sádico perdeu a capacidade de empatia, mesmo que se julgue a si mesmo como um –homem de bem ou um –filho de Deus.

Porém, toda essa manifestação de força sobre os que ele julga serem os fracos, não revela outra coisa do que uma enorme fraqueza que o Sádico carrega em si mesmo. Seus atos são uma forma brutal de maquiagem, pelo discurso de ódio ou pelas vias de fato, o ser pequeno e vulnerável que ele é. Isso vale para xenofobia, racismo, misoginia, homofobia, intolerância religiosa e outros alvos da metralhadora giratória sádica. Para Moore e Gillette, o Guerreiro da Sombra é a descarga de toda a energia negativa do Herói acumulada durante a vida.

Qualquer profissão que pressione o indivíduo a dar o melhor de si o tempo todo vai deixá-lo vulnerável ao sistema da sombra do Guerreiro. Se não tivermos segurança suficiente quanto à nossa própria estrutura interior, contaremos com o nosso desempenho no mundo externo para sustentar a nossa autoconfiança. E

como a necessidade desse apoio é muito grande, o nosso comportamento vai tender para a compulsão. O homem obcecado com o ‘sucesso’ já fracassou. Está tentando desesperadamente reprimir o Masoquista dentro dele, mas já está revelando comportamentos masoquistas e autopunitivos. (Ibid.: 91).

O pólo passivo do Guerreiro, o Masoquista, caracteriza o homem incapaz de sair de situações de abuso, como no de um casamento em que está sendo usado, ou a se submeter a tratamento desumano por alguma autoridade sem reclamar, ou daquelas em que se sente impotente para mudar de vida, como a busca por realização profissional em outro emprego ou por perseguir metas superiores na vida.

O acesso ao Arquétipo do Guerreiro se daria, então, ao se tomar atitudes de defesa contra essas tendências nefastas, desenvolvendo as habilidades inatas de ser enérgico, decidido, corajoso, resistente, perseverante e leal a objetivos de maior envergadura, para além de nossas trincheiras pessoais. É quando o indivíduo passa a cuidar melhor de si mesmo e dos outros, percebendo claramente as forças e fraquezas constitutivas de toda a humanidade, e aprende com isso a ter a dimensão de se viver ao modo da interdependência que a natureza mesma ensina.

Esta é a senda orientada pelos estudiosos da psique masculina, Moore, Gillette, em maior abordagem no presente estudo, mas igualmente todos os outros já citados, para o acesso às energias arquetípicas do masculino maduro.

2.4.1 Reconhecendo e Acessando as Energias do Guerreiro Interior.

Com os pés na realidade e compreendendo o tamanho esforço que deve ser feito para tanto, os pesquisadores deixam claro que o sucesso a essa empreitada dependerá em grande parte de –enfrentarmos os desafios da nossa própria imaturidade!.

Como nos transformaremos, de homens que vivem sob o poder da psicologia do Menino, em homens de verdade, guiados pelos arquétipos da psicologia do Homem, influirá de maneira decisiva no resultado da nossa situação mundial do momento. (Ibid.: 140-141).

Enaltecendo a virtude da Humildade como o primeiro grande passo rumo às transformações necessárias, Moore e Gillette sugerem *Técnicas* para tais acessos às energias masculinas maduras:

Diálogo da Imaginação Ativa: método junguiano de ampliar as imagens e símbolos que nos vêm do inconsciente à consciência – os arquétipos, em sua plenitude ou como suas sombras –, buscando perceber os sentidos que eles nos comunicam. Isso pode ser feito especialmente pelo trabalho de psicoterapia analítica.

Invocação: um meio de despertar imagens que a pessoa quer ver; a diferença é que, neste caso, o sujeito se concentra para ver o que deseja, enquanto que invocações de imagens e pensamentos acontecem em todo momento, quer queiramos ou não.

Homens Admiráveis: estudar fontes para realizar uma lista de nomes de homens notáveis, que portem as características dos quatro grandes arquétipos do masculino e, a partir daí, admirando seus potenciais, despertá-los e cultivá-los em si mesmo.

Agir –Como Sel: à semelhança do ator que –entra num personageml, essa técnica consiste de imitar o modo de ser do Rei, do Guerreiro, do Mago e do Amante, agindo –como se fossel, até o –tornar-sel sem, contudo, deixar-se tomar pelo arquétipo, o que seria a patologia da –possessão pelo arquétipol.

Como última advertência da obra em questão: *–Rei, Guerreiro, Mago, Amante: a redescoberta dos arquétipos do masculino*ll, Moore e Gillette deixam um recado, no sentido de reforçar toda sua teoria, de que não se trata de outra tentativa de diminuir ninguém, mas simplesmente de fortalecer o Homem, maduro, digno e livre, como assim o consideram:

Os homens não devem ficar se desculpando pelo seu sexo, como sexo. Devem preocupar-se com o amadurecimento e a administração desse sexo e do mundo mais amplo. O inimigo de ambos os sexos não é o sexo oposto, mas sim a grandiosidade infantil e a divisão do Si-mesmo dela resultante. (Ibid.: 151)

Numa sábia e lúcida advertência, na defesa de que é preciso ter cuidado quando se acessa o arquétipo do Herói, de que é preciso se manter a certa distância, para que se possa dimensioná-lo bem, se se quiser permanecer em equilíbrio psíquico, Lucy Hughes-Hallett (2007), assim nos dá as cartas de sua obra, *Heróis: salvadores, traidores e super-homens* já no prólogo da mesma:

Este livro tem raízes na ambivalência. Thomas Carlyle, que escreveu um outro sobre o mesmo tema um século e meio atrás, declarou –não haver sentimento mais nobrel que a adoração a um herói. –Sincera e extasiada admiração, submissão, ardor ilimitado pela mais nobre e mais divina Forma do Homem... sempre foi e sempre será a mais vivificante influência na vida de um homem. Eu discordo. A veneração exagerada por um indivíduo excepcional representa uma tentativa insidiosa. Permite àqueles que veneram eximir-se de responsabilidades, procurando no grande homem a salvação ou a realização daquilo pelo que deveriam estar buscando eles mesmos. Carlyle, em aprovação, chama tal veneração de –germe... de todas as religiões até aqui conhecidasl, porém fazer de um outro ser humano objeto de devoção religiosa é insensato. Veneradores de heróis, como as histórias deste livro demonstram repetidamente, com frequência decepcionam-se e entregam-se a abusos por parte dos heróis de sua escolha. Porém a cautela quanto aos efeitos potencialmente perniciosos do culto a heróis não me tornou imune à atração inebriante destes. As pessoas sobre quem escrevi foram, todas elas, personalidades sedutoras cujas histórias de via –trágicas, inspiradoras ou chocantes - já foram contadas e recontadas no decorrer dos séculos e, em alguns casos, milênios, por serem tão dramáticas, tão cheias de ressonâncias complexas e tão profundamente comovedoras. A ideia do herói não seria tão perturbadora emocionalmente ou tão politicamente perigosa se não fosse tão potente. (HUGHES-HALLETT: 2007: 15)

O que Hughes-Hallett faz não nada mais do que aplicar, a seu modo, o que a psicologia profunda tomou emprestado do antropólogo Lévy-Bruhl, o conceito de *participação mística*, segundo o qual uma identidade entre sujeito e objeto é perigosa para o surgimento de psicoses, superstições e preconceitos.

Se a consciência estiver muito próxima do inconsciente, seu funcionamento estará sujeito a uma influência maior deste, pois o ego – centrado na consciência – terá dificuldade para estabelecer a diferença entre sujeito e objeto.

[...] É o modo de funcionar da mente da criança pequena, podendo ocorrer também com os artistas quando estão criando. Em algumas pessoas, essa identidade entre sujeito e objeto pode tornar-se um obstáculo à adaptação, como é o caso dos psicóticos e dos adultos em fusão com o ambiente. (GRINBERG: 2003: 121-122)

Em *O Homem e Seus Símbolos*, já se apontava para essa importância e necessidade de orientação do caráter, num processo ao mesmo tempo pedagógico e terapêutico:

Em várias destas histórias a fraqueza inicial do herói é contrabalançada pelo aparecimento de poderosas figuras ‘tutelares’ – ou guardiães – que lhe permitem realizar as tarefas sobre-humanas que lhe seriam impossíveis de executar sozinho. Entre os heróis gregos, Teseu tinha como protetor Poseidon, deus do mar; Perseu tinha Atenéia; Aquiles tinha como tutor Quíron, o sábio centauro. (JUNG: 1964: 110)

Em *Portões de Fogo*, de Pressfield, essa iniciação é evidenciada pelo *Agoge* (–orientação, –criação, –treinamento, em grego; era a formação militar e cidadã do jovem espartano), processo iniciatório contemplado por diversas matérias, como a prática da disciplina conhecida como *fobologia*, ou estudo do medo, pela qual o iniciado, já na pré-adolescência, se expunha a tensões e angústias, para desenvolver a *andreia*, a coragem guerreira, para não se submeter ao medo (*phobos*) nem ao temor (*deimos*), mas ao contrário, dominando-os, infundindo-os no inimigo. Como os espartanos tinham a concepção de que a morada do medo era o corpo humano, devia-se submetê-lo a duras provas e treinamentos para a guerra, tais como o exercício chamado *Othismos*, tentar esmagar uma árvore, um carvalho (árvore de extrema resistência), empurrando-o por tempo indeterminado, como se estivessem investindo contra um pelotão inimigo (uma forma de calejamento corporal e mental); práticas de combate (esgrima, boxe, luta corpo a corpo), corrida e outras. Todo o período de preparo do espartano ia da iniciação, aos sete anos de idade, até os vinte, quando o jovem passava a ser chamado de *eirene*, ou –adulto. Incluía, ainda, o aprendizado da discrição, da lealdade ao grupo, da caça, da dança, do canto, entre outros ensinamentos. Para direcioná-los socialmente, as Leis de Licurgo foram postas em vigência muito mais pela educação e pela conscientização, como aplicação da mentalidade de união e vivência de virtudes, do que por leis propriamente ditas.

Nesses moldes, em *Portões de Fogo* há bem evidenciadas duas dessas práticas de iniciação, em meio a outras de igual teor citadas na obra. A primeira, a ciência da fobologia, em que o veterano Dienekes, capitão da infantaria, ensina ao jovem Alexandros sobre o controle do medo pela mente:

O medo na mente, ensina a ciência fobológica, deve ser combatido no corpo. [...] Os espartanos acreditam que pondo o corpo em um estado de afobia, destemor, a mente o acompanhará.

Sob os carvalhos, na meia-luz que precede a alvorada, Dienekes praticava sozinho com Alexandros. Dava tapinhas no garoto com um ramo de oliveira, bem de leve, na face. Involuntariamente os músculos trapézios se contraíam.

– Sente o medo? Pronto. Sente? – A voz do mais velho ressoava tranquila. – Deu mais um tapa na bochecha do garoto. – Deixe o medo verter. – Está sentindo? (PRESSFIELD: 2000: 86)

E, como se o inconsciente coletivo falasse (e fala) através dos séculos, a passagem seguinte é praticamente uma antecipação dos estudos da psique, conforme a Psicologia Profunda de Jung:

— Dienekes diz que a mente é como uma casa com muitos quartos — disse ele. — Há quartos em que não se deve entrar. (Idem: 98)

A segunda disciplina, sobre o exercício do carvalho:

Os garotos se posicionaram em fileiras, de oito, o escudo de cada um pressionado às costas do garoto da frente, com o escudo do garoto na dianteira esmagado, com o seu peso combinado com a pressão, contra o carvalho. Então, fariam o exercício othismos.

Empurrariam.

Forçariam.

Foderiam a árvore com todas as suas forças.

[...]

Quando o garoto da frente não conseguia mais resistir, assumia a posição do último e o segundo garoto se adiantaria.

[...]

Essa árvore é o inimigo!

Acabem com o inimigo!

E assim prosseguiria, durante a noite inteira, o exercício do escudo que, por volta do segundo turno das sentinelas, teria levado os garotos à regurgitação e defecação involuntárias; estariam vomitando e defecando, seus corpos completamente arrasados de exaustão e então, quando os sacrifícios do amanhecer finalmente trouxessem clemência e alívio temporários, os garotos entravam em formação para mais um dia inteiro de treinamento sem dormirem nem um minuto. (Ibid.: 81-82)

No dizer de Bly: –A mão de garras leva para longe o menino que ama o conforto, e o guerreiro adulto passa a habitar o corpo. — (BLY: 1991: 144).

Aqui, convém resgatar uma noção muito importante, no esteio da presente abordagem, que é a de *trágico*, de Raymond Williams (2002: 69-87) a partir de sua obra *Tragédia Moderna*. Para o crítico galês, para além de uma perspectiva que pretenda negar o passado, pois que isso seria rejeitar o presente, quanto à compreensão da noção clássica de trágico, ou seja, do modo

normativo aristotélico, uma outra proposta seria a de considerar como tragédia toda variação da experiência trágica, em sua relação com as convenções e as instituições em processo de transformação, em qualquer tempo e lugar. Isto é, a tragédia passa a ser não um tipo único e imutável de acontecimento, mas uma vivência possível e real, dentro de contornos e conformações culturais e de períodos diversos.

Williams (*Idem*: 33) alega que a ideia que temos de tragédia remete à longa tradição da civilização europeia. No entanto, quando ele aponta para o fato de que ideias se relacionam com a história, logo, é necessário ter em conta o lugar em que foram produzidas e, portanto, considerar a função que elas exercem sobre a experiência atual. Assim, ele passa a conceituar tragédia *em relação ao esfacelamento da moral humana ante suas crises no seu desenvolvimento enquanto pessoa*. Decorre, daí, que o sentido do trágico para Williams se dá mais amplamente, *no tenso processo de constituição do sujeito, em seu drama histórico e sua crise ética*.

Segundo ele, em vez de pensarmos o trágico relacionado a mortes, catástrofes, guerra, fome, trabalho, política etc, tragédia –é, de fato, uma *ideologia* (*Ibid.*: 72). Em ciência disso, fazendo-se um diálogo com Viktor Frankl (1987), um indivíduo só se tornaria *sujeito* quando pensasse sua *busca de sentido* para repensar sua existência no seu contexto histórico.

Este tema do sentido em meio a uma situação de sofrimento, como provação para transformações na psique humana, sendo a pessoa tratada para além de sua condição meramente biológica, psicológica e social, mas tomada em sua integralidade, como proposto por Frankl, também foi tocado por Carl Jung, quando trata do conceito de *Sombra*, dentro de uma perspectiva de que ela é um mecanismo psíquico que possibilita um autoconhecimento por parte do indivíduo – portanto, isso pode ser entendido como um fator de evolução pessoal, ou de amadurecimento, em meio a esse senso trágico e angustiante da vida, como fica evidente na questão do *trickster*:

Quando o salvador se anuncia no final do mito do ‘_trickster’, este pressentimento ou esperança consoladora significa que uma calamidade ocorreu, ou seja, foi reconhecida conscientemente. Somente no estado de total desamparo e desespero surgirá a nostalgia do –salvador!, isto é, o conhecimento e a integração inevitável da sombra criam um estado tal de angústia que, de certa forma somente um salvador sobrenatural poderá desemaranhar o novelo do destino. No caso individual, o problema suscitado pela sombra será respondido no nível da alma, ou seja, do relacionamento. No caso histórico-coletivo, tal como no individual, trata-se de um desenvolvimento da consciência, a qual se liberta gradualmente da prisão da –agnosial, ou seja, da inconsciência, e o salvador é por isso um portador de luz. (JUNG: 2014: 273).

Em consonância com Jung, está James Hillman (1998), em *-O Livro do Puer: ensaios sobre o Arquétipo do Puer Aeternus*:

Ressalto este ponto: a elaboração da alma não nega os deuses nem os procura. Parece, entretanto, mais próxima, mais acessível encontrando-os mais à maneira dos gregos e egípcios, para quem os deuses participavam de tudo. Toda a existência está repleta deles, e seres humanos estão sempre enredados com deuses.¶

[...]

Estudamos mitologia para compreender a estrutura da personalidade, a psicodinâmica, os encaminhamentos patológicos. Os deuses estão no íntimo, costumava Heinrich Zimmer dizer, dentro de nossos atos, pensamentos e sentimentos. [...] Eis aqui Apolo, bem aqui, fazendo-nos reservados e prestes a formular idéias engenhosas, claras e distintas; eis aqui o velho Saturno, preso a sistemas paranoicos de julgar, a manobras defensivas, a conclusões melancólicas; eis aqui Marte, rubro de raiva, obrigando-se a matar para provar seu argumento; eis aqui a ninfa dos bosques, Dafne-Diana, escondendo-se entre a folhagem, camuflagem da inocência, suicídio através da naturalidade.

[...]

Se o espírito transcendesse a morte por uma via dentre muitas – unificação de modo a não sujeitar-se à dissolução; união com o –self, em que o –self é Deus; elaboração do corpo imortal, ou corpo de jade; avanço para a intemporalidade, a inespacialidade; ausência de imaginação e de mentalidade; o morrer para o mundo como lugar de apegos – a elaboração da alma, ao contrário, esculpiria a machado e esquadro o barco da morte, o vaso da morte, um recipiente para comportar a extinção que se processa na alma. Figura-se que a vida psíquica se refere mais fundamentalmente à vida da alma-imersa, a que desliza para o subsolo – não exatamente no instante da morte física, mas o que está sempre deslizando para o subsolo, sempre descendo, penetrando sempre mais profundamente em realidades concretas e animando-as. (HILLMAN: 1998: 232-233).

Tal era a epígrafe predileta de Carl Gustav Jung: *Vocatus atque non vocatus, Deus aderit*:

-Evocado ou não, Deus está presente.

Em *Guerra da Arte*, o mesmo autor de *Portões de Fogo*, Steven Pressfield, alinhado com o pensamento psicológico junguiano, o explana:

Da mesma forma, a vocação para crescer pode ser idealizada como pessoal (um espírito ou gênio, um anjo ou uma musa) ou como impessoal, como as marés ou os trânsitos de Vênus. Funciona dos dois modos, desde que estejamos à vontade com a idéia. No entanto, caso você não aceite bem a idéia de outras dimensões em nenhuma forma, pense nela como "talento", programado em nossos genes pela evolução. O ponto, para a tese que procuro apresentar, é que há forças que podemos considerar nossas aliadas. (PRESSFIELD: 2005: 122).

Steven Pressfield, nascido em 1943, após ter sido fuzileiro naval estadunidense, tornou-se especialista em romances de ficção histórica militar, evidenciando-se assim, um profissional de teoria e prática, quanto à psicologia do arquétipo do guerreiro na literatura. Graduado pela Universidade Duke, toda a repercussão de seu trabalho com *-Portões de Fogo* resultou na adoção da mesma como requisito para a Academia Militar dos Estados Unidos e do Instituto Militar de Virgínia, para a formação de seus membros. E, algo muito interessante, no que toca ao presente trabalho, pelo fato de Pressfield ter citado fundamentos de Psicologia Analítica

em sua obra acima referida (2005), isso torna a análise desta dissertação ainda mais peculiar, como se depreende do trecho:

O Ego, segundo Jung, é a parte da psique que consideramos "nós mesmos". Nossa inteligência consciente. Nosso cérebro comum que pensa, planeja e comanda o espetáculo de nossa vida diária.

O Self [Eu], como Jung o definiu, é uma entidade maior, que inclui o Ego, mas também incorpora o Inconsciente Individual e o Inconsciente Coletivo. Sonhos e intuições vêm do Self. Os arquétipos do inconsciente residem nele. É, segundo Jung, a esfera da alma.

O que acontece no instante em que ficamos sabendo que podemos morrer em breve, afirma Tom Laughlin, é a mudança do local onde nossa consciência se assenta.

Ela muda do Ego para o Self. O mundo é inteiramente novo, visto a partir do Self. De imediato, discernimos o que é realmente importante. As preocupações superficiais se desvanecem, substituídas por uma perspectiva mais profunda, mais sólida. (Idem: 2005: 144-145)

Tanto o artista quanto o guerreiro têm de lutar pelo que seus deuses internos clamam. É por isso que Pressfield adota o lema de que –o artista usa botas de combate. Por outro lado, se lembrarmos do duplo caminho que leva ao despertar – o das armas e das artes, expresso em *Musashi*, o inverso também se aplica – o guerreiro é tanto mais guerreiro, quando sabe usar pincel, tinta e papel.

Em *Guerra da Arte* (p. 146-148), o artista-guerreiro, escritor que deu voz aos Trezentos de Esparta, deixa claras quais são as crenças do Ego e as do Self.

As do Ego são:

1. *A morte é real.* 2. *O tempo e o espaço são reais.* 3. *Todo indivíduo é diferente e independente do outro.* 4. *O impulso predominante da vida é a autopreservação.* 5. *Deus não existe.*

E estas são as do Self: 1. *A morte é uma ilusão.* 2. *O tempo e o espaço são ilusões.* 3. *Todos os seres são apenas um.* 4. *A suprema emoção é o amor.* 5. *Existe apenas Deus.*

E conclui, aliando ambas as perspectivas sobre virtudes, pelas visões do artista e do guerreiro:

Certa vez, alguém pediu ao rei de Esparta, Leônidas, para identificar a suprema virtude do guerreiro, da qual adinham todas as outras. Ele respondeu:

— Desprezo pela morte.

Para nós artistas, leia-se *'fracasso'*. O desprezo pelo fracasso é nossa principal virtude. Ao confinar nossa atenção territorialmente aos nossos próprios pensamentos e ações — em outras palavras, ao trabalho e suas exigências —, nós derrubamos o inimigo pintado de azul, empunhando seu escudo e brandindo sua lança. (Ibid.: 168).

Ora, o próprio Jung está implícito em *Portões de Fogo*, a partir das ideias expressas em *Guerra da Arte*, ambas de Steven Pressfield!

Jung o diria, por sua vez, pela voz do rei Leônidas:

– Atestem a lição: que nada de bom na vida acontece sem um preço. A liberdade é o mais encantador de tudo. Nós a escolhemos e pagaremos um preço por ela. Adotamos as leis de Licurgo, e são leis severas. Fomos instruídos a desdenhar a vida de ócio, o que esta nossa terra rica nos proporcionaria se quiséssemos, ao invés de nos alistarmos na academia da disciplina e do sacrifício. Guiados por suas leis, nossos pais respiraram, por vinte gerações, o ar abençoado da liberdade, e pagaram a conta inteira quando esta lhes foi apresentada. Nós, seus filhos, não podemos fazer menos. (PRESSFIELD: 2000: 222).

Isso está totalmente em acordo com a ideia de Jung de que personalidade amadurecida não se resume aos atributos do Ego (consciência), mas extrapola para os atributos do *Self* (inconsciente) – ela tem que estar a serviço da Vida. Daí que, por essa entrega aos ditames da intuição, que nos inspira a negar-nos, para sermos o que de fato somos, há respaldo num típico paradoxo da psicologia analítica junguiana, segundo o qual –a gente só se encontra, quando se perde em *Si-mesmo* – quando se rende à sua Voz Interior (Deus).

Tal é o *preço* que se paga pela *liberdade de ser você mesmo, Si-mesmo*:

O artista é o servo dessa intenção, desses anjos, dessa Musa. O inimigo do artista é o medíocre Ego, que gera Resistência, que é o dragão que guarda o ouro. É por isso que o artista tem que ser um guerreiro e, como todos os guerreiros, com o tempo os artistas adquirem modéstia e humildade. Podem, alguns deles, adotar uma atitude exibicionista em público. Mas sozinhos com seu trabalho são simples e naturais. Sabem que não são a origem das criações às quais dão vida. Apenas facilitam a tarefa. São apenas portadores. São os instrumentos hábeis e dispostos dos deuses e deusas a quem servem. (PRESSFIELD: 2005: 171)

Para Lívia Borges, psicóloga junguiana, brasileira, estudiosa do arquétipo do guerreiro, e também praticante da arte marcial japonesa *Aikido*, bem nos evoca o chamado primal dessa forma arcaica, que trazemos todos, homens e mulheres, em nossa psique, em nosso corpo. Para ela, em sua obra *Alma de Guerreiro: psicologia, artes marciais, espiritualidade: transformar, servir e liderar como fonte de poder e cura*, esse arquétipo tem um alcance integral, simultaneamente nos planos pessoal e coletivo. Sua representação é universal. Ele nos traz o chamado da luta, que se processa internamente. Ele necessita do instrutor eficaz, do terapeuta, do aperfeiçoador da técnica, da sociedade na qual está inserido, para que se revele como tal. Mas, que se tenha consciência de que ele só se constitui como tal mediante o chamado da dor, na grande maioria das vezes.

Chamado herói, soldado, kshatriya, samurai, o guerreiro verdadeiro simplesmente abdica a si mesmo. Sua origem material cede lugar à origem divina, e sua família passa a ter dimensão de sua consciência. Como arquétipo seu alcance é integral, atuando simultaneamente nos dois planos: pessoal e coletivo. (BORGES: 2006: 15).

Para L. Borges, a representação do guerreiro é tão onipresente porque traduz nossa busca por nossa própria -humanidade. E que o guerreiro é portador das seguintes marcas, em seu caráter: -Conceitos como fraternidade, unidade, compaixão, igualdade, justiça, obediência, determinação, liberdade, lealdade, fazem parte do universo deste lutador universal e tem, para ele, importância vital. (Idem: 15).

Depreende-se do ponto de vista de Borges que o guerreiro é um guardião por excelência do sentido do *pertencimento* – o que é muito diferente da atuação de um simples soldado, opinião condizente com as dos estudiosos dos arquétipos do masculino. Fala-se de um pertencimento enquanto condição humana mesmo, sujeitos que somos de uma experiência concreta, da qual emergem todas as nossas fraquezas e qualidades, que nos obrigam a tomar parte, de uma forma ou de outra.

Pertencer significa ser parte (passivo) e participar (ativo), onde o individual e o coletivo coexistem em harmoniosa proporção, e não como uma relação desigual de dominação e posse, em que a expressão da liberdade e da singularidade fica comprometida. (Ibid.: 17).

Robert Bly, que além de romancista, era poeta, contador de histórias e conferencista, um dos pais dos estudos do masculino, dentro desse grande movimento pelo resgate do que ele chamou de -guerreiro interior, já trazia ao debate essa perspectiva de universalidade, ao citar seu irmão nessa causa, Robert Moore³³:

Robert Moore, psicólogo e teólogo, refletiu compulsiva e intensamente sobre o guerreiro, e vamos resumir algumas de suas idéias. Ele ressalta que, para os homens, o guerreiro é o que há de duro, em contraposição ao que é terno. Ele pode dizer aos homens: -Você tem muito do guerreiro em si – não se preocupe com isso –, mais do que vai precisar. A questão é se você o honrará: se você o terá consciente ou inconscientemente. (BLY: 1991: 142-143)

James Hollis (2008) elenca oito verdades que perpassam a realidade masculina, com ênfase no que se depreende do homem de hoje, numa direção de resgate do caminho para seu equilíbrio psíquico, sua cura, no sentido de um amadurecimento que lhe é próprio, específico – do universo masculino:

OS 8 SEGREDOS QUE OS HOMENS CARREGAM

1. A vida dos homens é tão carregada de expectativas restritivas com relação ao papel que devem desempenhar quanto a vida das mulheres.
2. A vida dos homens é basicamente governada pelo medo.
3. O poder do feminino é imenso na organização psíquica dos homens.
4. Os homens concluíam-se numa conspiração de silêncio cujo objetivo é reprimir sua verdade emocional.

³³ MOORE, Robert. -*Rediscovering Masculine Potentials* (Wilmette, III, Chiron, 1988, quatro cassetes).

5. O ferimento é necessário porque os homens precisam abandonar a Mãe e transcender o complexo materno.
6. A vida dos homens é violenta porque suas almas foram violadas.
7. Todo homem carrega consigo profundo anseio pelo seu pai e pelos seus Pais tribais.
8. Para que os homens fiquem curados, precisam ativar dentro de si o que não receberam do exterior. (HOLLIS: 1997: 15).

Algumas sociedades tribais nos dão pistas de como educar curando e curar educando seus jovens.

Diz uma antiga fábula indígena da tribo *cherokee*:

Certo dia, um jovem índio *cherokee* chegou perto de seu avô para pedir um conselho. Momentos antes, um de seus amigos havia cometido uma injustiça contra o jovem e, tomado pela raiva, o índio resolveu buscar os sábios conselhos daquele ancião.

O velho índio olhou fundo nos olhos de seu neto e disse:

— Eu também, meu neto, às vezes, sinto grande ódio daqueles que cometem injustiças sem sentir qualquer arrependimento pelo que fizeram. Mas o ódio corrói quem o sente, e nunca fere o inimigo. É como tomar veneno, desejando que o inimigo morra.⁴

O jovem continuou olhando, surpreso, e o avô continuou:

— Várias vezes lutei contra esses sentimentos. É como se existissem dois lobos dentro de mim. Um deles é bom e não faz mal. Ele vive em harmonia com todos ao seu redor e não se ofende. Ele só luta quando é preciso fazê-lo, e de maneira reta.⁴

— Mas o outro lobo... Este é cheio de raiva. A coisa mais insignificante é capaz de provocar nele um terrível acesso de raiva. Ele briga com todos, o tempo todo, sem nenhum motivo. Sua raiva e ódio são muito grandes, e por isso ele não mede as consequências de seus atos. É uma raiva inútil, pois sua raiva não irá mudar nada. Às vezes, é difícil conviver com estes dois lobos dentro de mim, pois ambos tentam dominar meu espírito.⁴

O garoto olhou intensamente nos olhos de seu avô e perguntou: — E qual deles vence?⁴

Ao que o avô sorriu e respondeu baixinho: — Aquele que eu alimento.⁴ ³⁴

Entre uma palavra de sabedoria de uma primeva tribo norte-americana, uma manifestação literária de base helênica antiga e outra, expressa pelo narrador de uma obra de cultura ancestral nipônica, estão impressas *linhas mestras* de *algo* de tonalidade do âmbito do *sagrado*. O ensinamento da fábula *cherokee: há dois lobos em nosso íntimo, vence aquele que alimentamos*, tem clara reverberação nas duas obras literárias em estudo.

Em *Portões de Fogo*:

- Quando cheguei na Lacedemônia e me deram o nome de —Suicídio—, eu o odiei. Mas com o tempo passei a perceber sua sabedoria, por menos intencional que fosse. Pois o que pode ser mais nobre do que se matar? Não literalmente. Não com uma espada nas tripas. Mas extinguir o ego egoísta interior, essa parte que só se preocupa com a própria salvação, em salvar a própria pele. Essa, percebi, era a vitória que vocês espartanos haviam obtido sobre si mesmos. Essa era a cola. Era o que tinham aprendido, e isso me fez ficar, para aprender também. (PRESSFIELD: 2000: 343).

E —*Musashil*—:

Enquanto viver, amor e ódio farão parte do ser humano.

³⁴ Retirada do site: —*Sociedade Gnóstica Internacional*—: <http://www.sgi.org.br/pt/consciencia/a-fabula-cherokee-dos-dois-lobos/>

O tempo passa, mas os sentimentos são como ondas a vibrar continuamente, ora altas, ora baixas.
(YOSHIKAWA: 2009: 498)

A noção de *arquétipo do guerreiro*, propalada pelos pós-junguianos mencionados, em diferenciação com a do herói, manifesta-se por traços psíquicos de um indivíduo amadurecido, que no processo de individuação desenvolve a habilidade de lidar com sua sombra, pelos caracteres de resiliência frente a dificuldades, resistência a sofrimentos físicos e emocionais, capacidade de proteção e de cuidado, para além de si próprio, em função de um bem maior, que pode ser de sua família, de uma comunidade qualquer, de toda uma nação, ou mesmo de uma meta, de uma missão altruísta, ainda que sob o risco de sua morte – mas que não necessariamente tenha de literalmente morrer, porém, simbolicamente. E esse arquétipo só pode chegar ao ponto do amadurecimento *se* houver condições especiais, que se dariam por meio de ritos e mentores aptos para tanto.

Seguindo essa concepção, as formas de iniciação dos espartanos, conforme representados em *Portões de Fogo*, e do samurai *Musashi*, seriam exemplos singulares de transformação do menino obscurecido pela psicologia imatura do arquétipo do Herói, em Homem, elevado à condição de Guerreiro, de arquétipo masculino maduro. Em seguida, ambas as obras são analisadas conforme os pressupostos apresentados.

CAPÍTULO II.
“PORTÕES DE FOGO”

CAPÍTULO II. “PORTÕES DE FOGO”

Os Trezentos de Esparta entre luzes e sombras – o Estreito das Termópilas como prova de fogo e passagem à eternidade.

De todos os espartanos e théspios que combateram com bravura, a maior prova de coragem foi dada pelo espartano Dienekes. Dizem que antes da batalha um nativo da Trácia lhe disse que os arqueiros persas eram tão numerosos que, quando disparavam seus arcos, a massa de flechas bloqueava o sol. Dienekes, no entanto, completamente impassível, diante da força do exército persa, simplesmente comentou: _Ótimo. Combateremos, então, à sombra.

Heródoto, em *-Histórias*

Para mim e para os espartanos, todos que têm filhos homens vivos e que, desde a infância, sabiam que esse era o fim a que seriam chamados, é um ato de complementação diante dos deuses.

Polynikes, em *-Portões de Fogo*

Temo somente uma coisa: não ser digno do meu tormento.

Fedor Dostoievski



Figura 7. Mapa das guerras greco-persas

Acesso em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Map_Greco-Persian_Wars-es.svg

Em breve sinopse, a obra *Portões de Fogo* (2000), originalmente publicada como *Gates of Fire*, em 1998, do escritor e ex-militar estadunidense Steven Pressfield, retrata uma história épica, estrelada pelos renomados trezentos guerreiros de Esparta, liderados pelo rei Leônidas, que resistiram até à morte, contra o exército de dois milhões de homens do império persa, sob

o comando do rei Xerxes, para invadir e dominar a Grécia e, conseqüentemente, toda a Europa. A partir de uma ação emergencial, a tropa de trezentos espartanos adota a estratégia de fazer resistência ao império persa, a partir do desfiladeiro das Termópilas, composto de estreita faixa de terra e de fontes termais sulfurosas, localizado no Golfo de Mália, como parte do Mar Egeu, palco de inúmeras batalhas. Devido à geografia característica, que só permitia pequenos contingentes humanos passarem pelo estreito, de cada vez, os espartanos conseguiram conter o avanço persa, de modo bravo, inteligente e mesmo suicida, desde o combate armado, ao ponto em que lanças, espadas e escudos fossem arruinados pelas batalhas sucessivas, passando pela luta –com mãos vazias e dentes!, até que o último homem, finalmente, caísse morto. Porém, não sem deixarem preservado o legado dos valores culturais gregos, como sua filosofia, suas artes, organizações sociais, suas ideias políticas de democracia etc – herança da resistência que fora efetivada e tornada vitoriosa, pouco tempo após a épica Batalha das Termópilas³⁵, quando da unificação das pólis gregas, contra a Pérsia de Xerxes.

Portões de Fogo, romance histórico ambientado em 480 a.C, tem como protagonistas maiores os Trezentos de Esparta, membros da temível formação de soldados da infantaria pesada, conhecidos por *hoplitas*, pois eram especialistas no uso do *hoplon*, escudo de bronze marcado pela letra lambda (-Λ), inicial da região da Lacedemônia), arma este símbolo especial da cultura guerreira espartana. À frente desses, estava o Rei Leônidas, cujas atitudes o colocavam num patamar diferenciado, se comparado ao próprio rei persa e outros, pois não apenas comandava como que a partir de um trono, mas lutava, ombro a ombro, na linha de frente, com seus comandados.

No decorrer da narrativa, são expostos, sob o ponto de vista do narrador-personagem, Xeones, servo do oficial espartano Dienekes, todo o modo de vida, ideais, costumes e valores desses guerreiros, tanto em suas experiências militares, quanto nas vivências do cotidiano, em tempos de paz. A Batalha das Termópilas (de ‘termas’, referente a um desfiladeiro da Grécia central, onde se encontram águas termais; daí, a ideia de ‘portões quentes’; do título original da obra, *Gates of Fire: Portões de Fogo*), configurou-se uma missão e uma estratégia suicida para a qual foram enviados os Trezentos, para que, ao oferecerem resistência, por uma semana, dariam o tempo necessário para que todo o efetivo de tropas da Hélade se reunisse e,

³⁵ Sobre a Batalha das Termópilas, pelo ponto de vista histórico, conferir: HERÓDOTOS. –*História*. Livro VII – *Polímnia*: 1-239. Editora Universidade de Brasília, Brasília, DF, 1988, p. 339-407.

posteriormente àquele combate histórico, pudesse reagir a contento aos invasores – o que, de fato, só se concretizou nas Batalhas de Salamina (480 de antes de nossa Era) e de Platéia (479 de antes de nossa Era).

A narrativa é entremeada por pontos de vista variados e se processa pelas vozes de múltiplos narradores: o narrador geral da história, o qual se manifesta como onisciente, mas que empresta sua voz a personagens, principalmente a Xeones, nativo de outra pólis, Astacus, mas que servia a Esparta, nos campos de batalha, ao lado de seu senhor, Dienekes. É Xeones quem, ferido à beira da morte, resgatado pelos persas, é intimado a contar ao rei Xerxes sobre o modo de ser dos espartanos. É, desta forma, um narrador-personagem. Em outros trechos, a narração passa para Gobartes, historiador oficial do rei, que é quem toma nota de tudo o que Xeones diz. Gobartes faz as vezes, de narrador-observador, por não participar diretamente das ações, nem conhecer os fatos, apenas pelo ponto de vista de Xeones. Em outro trecho, quase ao final, Xeones relata um fato, mas na fala da senhora Paraleia, esposa do veterano Olympieus e mãe do jovem Alexandros, para deixar claro aos persas, e ao leitor, o porquê de o general Leônidas ter nomeado os Trezentos, entre homens experientes e alguns jovens, como o próprio filho de Paraleia. Esta escolha da narrativa, desse trecho, numa voz feminina, de uma mãe, evidenciaria melhor as nuances de sentimento que o autor queria dar ao relato. Tudo isso constitui o jogo da narrativa, o qual remete à questão da veracidade e da verossimilhança, na confluência de pretensões de narrar da História e do Romance.

Cabe, aqui, um questionamento: aos olhos do leitor moderno, como apreender esse arquétipo do guerreiro, a partir da proposta de leitura junguiana da obra em estudo? Necessário se faz desvinculá-lo de qualquer representação normativa e se buscar pelos traços deixados pela própria narrativa e pelo inconsciente de cada um – sendo eles mesmos, parte do jogo.

Em vários momentos, os personagens eram postos à prova, ou viam-se em contextos de terem de demonstrar, na prática, sua evolução como guerreiros espartanos, tal como acontecia na cantina reservada a homens, em que somente assuntos restritos a eles eram tratados; ou, em várias situações do treinamento normal e no dia a dia, em que atritos exigiam manter os ensinamentos e a postura de dignidade, respeito e mesmo de humildade ou reconhecimento de procedimentos inadequados. Esse era seu embate com a *sombra*, com tudo o que havia em suas almas de indesejável, aterrador, vergonhoso, temerário, inescrupuloso, vil, humilhante – tudo o que era posto em prática, fosse na formação do *agoge*, fosse no dia a dia de cidadãos espartanos.

As primeiras linhas do romance estão na voz do narrador geral, onisciente, que fala a partir de uma *Nota Histórica* (2000: 9), mas que em seguida desaparece, para dar lugar ao historiador oficial dos persas, Gobartes (*Idem*: 10), o qual documenta tudo do que o então prisioneiro, Xeones, conta sobre –a história dos soldados da infantaria de Esparta (*Ibid.*: 13). O tom principal da narrativa é dado justamente por este último, o que o configura, um narrador-personagem, porém, do modo típico dos romances históricos – o que dá voz aos excluídos da história.

Configura-se, assim, uma forma típica de narrativa *matrioska*³⁶. Matrioskas são bonecas ocas, talhadas em madeira, até um tamanho em que não se permita mais um entalhe, como um aninhamento ou nidificação, representando gerações de mulheres, geralmente a ‘_avó’, a ‘_mãe’ e a ‘_filha’, cujo significado implícito é a preservação das raízes de uma cultura. No entanto, pode-se encontrar *matrioskas* com cinco, seis, até sete bonecas. De todo modo, a ideia é de que sua forma simples, arredondada, simboliza o acolhimento feminino, como que contando uma história do amor materno. Porém, em se tratando de simbologia, toda interpretação é relativa e inesgotável.

O que importa, relativamente à técnica narrativa em si, é que a obra em questão foi construída sobre uma história contada, como que de boca a boca, à maneira das narrativas orais, de modo que cada voz do texto traz uma outra face da verdade, um outro ângulo do prisma narrativo geral. Tal qual a *matrioska*, tratar-se-ia de um jogo narrativo cuja pretensão é a de evidenciar que mesmo a História tem sua carga de literariedade, e vice-versa: a Literatura carrega, também, seu peso histórico.

Embora as duas obras utilizadas na presente pesquisa sejam exemplos de ficções ou romances históricos, faz-se, neste ponto, uma breve observação, mas não fugindo do foco, que é um estudo comparado entre literatura e psicologia. Apenas para abranger o espectro de compreensão do fenômeno literário.

Considerando o romance histórico como um espaço para o contraditório, para o outro lado da dita ‘_história oficial’, pode-se questionar até que ponto o histórico embrenha-se pela literatura, e até onde a literatura abarca o histórico, de modo que História e Ficção não sejam tão antagônicas entre si, mas representações nas quais prevalecem as vozes do protagonismo de

³⁶ Matrioska: Do russo, ‘_MaTB’, ‘_mãe’. Embora no Ocidente tenham sido difundidas como bonecas –russas!, há ligações que podem ser feitas com referência à cultura japonesa dos bonecos *kokeshi*, de fundo budista, representando nossos –deuses internos!.

tal ou tal personagem, desta ou daquela classe social, de acordo com os interesses e as realidades que se queiram manifestar, se inscrever como fato. O literário pode ser mais histórico do que o propriamente histórico, o qual pode ser mais fictício do que uma ficção.

A própria prática da escrita pode estar revestida e investida de fenômenos, em diálogo e interferência entre o consciente e o inconsciente do autor. Daí, que, não raro, a crítica atenta pode encontrar em dada obra literária, manifestações tais quais as estudadas pela linha teórica psicológica em questão, a profunda. Porém, longe de querer uma auratização do texto literário, a partir de tal perspectiva, aqui está apresentada, tão-somente, mais uma perspectiva, dentre todas as existentes. E quando se fala em ‘__existentes’, se está referindo a todas, não somente às reconhecidas pelos círculos acadêmicos.

Em *Pólemos e o Belo – O Sistema Canônico Brasileiro – Seminários de Literatura*, Flávio René Kothe (2000) entende que o fenômeno literário é superior a qualquer manifestação literária isolada que, ao excluir outras, pretenda se definir como Literatura.

Os estudos literários voltam-se para um objeto indefinível: a obra literária. Coloca-se a questão central: qual é a natureza da obra literária? – Antes de pretender dizer o que é literatura, é preciso perguntar o que é dizer __o que é’. Dar uma resposta à pergunta – o que é isso? – implica assumir o pressuposto da própria pergunta. O é, o ser assim definido, ao pretender universalidade e necessidade, ao propor-se dizer o ser de todas as obras –, pretende dizer o que é literatura para todos os tempos e todos os lugares. (KOTHE: 2000: 7).

Neste caso específico, a interpretação da obra literária: *Portões de Fogo*, de Steven Pressfield, a partir da linha teórica comparatista entre literatura e psicologia analítica, apresenta-se como um, *possível*, ponto de vista.

F. Kothe traz a questão da polêmica em relação com a estética, como um fundamento teórico *sine qua non* toda crítica, em arte e literatura, se tornaria inválida, porque propensa a um totalitarismo. Ele evidencia o belo no contraste e a luta de opostos. Há, aqui, uma sintonia profunda com Jung, quando este trata dos pares de opostos. Para o autor suíço, os opostos na psique humana, atuam em contraposição à lógica aristotélica tradicional, partindo do princípio de que eles podem ser reconciliados, de modo a superar possíveis conflitos ou o maniqueísmo típico do pensamento ocidental, o qual é refutado pela filosofia integrativa taoísta, por exemplo.

Em sua obra *I Ching, o Livro das Mutações*, cujo prefácio é de Carl Jung, Richard Wilhelm evoca esse pensamento:

As coisas que se harmonizam em tom, vibram em conjunto. As coisas que entre si têm afinidade em suas essências mais íntimas atraem-se mutuamente. (WILHELM: 2006: 292).

Isto quer dizer que, ao mesmo tempo em que se fala de uma luta de contrários, está implícita uma força de atração. Diálogo é isto. Polêmica também. Há uma certa harmonia inerente ao combate. Talvez combate seja entendido como outra forma de dança.³⁷

Percepção idêntica ao expresso em *Portões de Fogo*:

Assim, os espartanos foram deixados de reserva e, depois de muito debate e discussão, optou-se por essa honra ser dada aos guerreiros de Thespieae. A eles foi concedida a primeira posição e agora, na manhã do quinto dia, estavam em formação, 64 escudos, sob a pista de dança formada pelo Estreito no cume, a parede da montanha de um lado, os rochedos descendo até o golfo do outro, e o reconstruído Muro de Phokis atrás.

Isso, o campo da matança, compreendia um triângulo obtuso cuja maior profundidade estava ao longo do flanco sul, escorado pela parede da montanha. (2000: 256. Grifos meus)

Essa concepção era também comum na Grécia antiga. Kothe traz a mesma referência de Heráclito, para embasar seu pensamento: –Tudo se faz por contraste; da luta dos contrários nasce a mais bela harmonia (KOTHE, 2000: 7. Epígrafe).

Assim como o fez C. Jung.

O velho Heráclito, que era realmente um grande sábio, descobriu a mais fantástica das leis da psicologia: a *função reguladora dos contrários*. Deu-lhe o nome de *enantiodromia* (correr em direção contrária), advertindo que um dia tudo se reverte em seu contrário. (JUNG, 1980: VII/1: 65)

Kothe postula que –a verdade não está apenas na palavra, mas no silêncio (ou no gesto). Trata-se de um silêncio que produz compreensão ou revelação.

Nesse silêncio está contida a compreensão, que depois pode revelar-se em muitas palavras, mas que não contém substancialmente nada mais do que aquilo que foi entendido sem palavras. Na prática psicanalítica, o mudo intercâmbio do inconsciente do analista com o inconsciente do paciente é que propicia uma compreensão que vai além de qualquer palavra e é capaz, inclusive, de entender a verdade pelo avesso da fala. O escritor recebe imagens, sensações e palavras básicas ditadas por seu inconsciente, oriundas de uma fonte energética que não é anterior a qualquer uma das palavras que procura expressá-la. A percepção estética se dá em um movimento intuitivo, num momento que vivencia sem palavras o transmitido pelo artista. (KOTHE: Idem: 17-18).

³⁷ Há, inclusive, uma arte marcial oriental, das Filipinas, que se chama *Yaw Yan*, redução da expressão *sayaw ng kamatayan*, que quer dizer –dança da morte. Outra forma de combate, chinesa, o *Taijiquan*, ou Tai Chi Chuan, se expressa por princípios teóricos e práticos fundamentados no símbolo taoísta do *taijitu* – um círculo dividido em duas partes, sendo uma branca, que contém em si um ponto preto, e outra preta, que comporta um ponto branco, estando ambas, ao mesmo tempo, em contraste, mas em perfeita adaptação uma à outra. Esse símbolo é uma representação de duas forças opostas e complementares, chamadas de *Yin*, o princípio feminino, passivo, noturno, lunar, negativo; e *Yang*, o masculino, ativo, diurno, solar, positivo. Portanto, uma simbologia da união de opostos, qual o par de deuses *anima / animus*.

Com base nessa ideia, propõe a presente análise que uma obra como *Portões de Fogo*, de Pressfield, composta em múltiplas narrativas, contrastantes entre si, manifesta-se como um fenômeno literário que pode ser entendido, nesta leitura, como uma estética de contrários pela qual a obra vai se revelando, conforme cada narrador vai fazendo uso de sua fala, e dando ao leitor, no decorrer da ação, cada vez mais clareza sobre os pontos obscuros dos fatos narrados; ao mesmo tempo, vai evidenciando que, mesmo com todas as palavras, a verdade por ela mesma, ainda permanece sob um véu último – o da verdade estética, sublime, subliminar, que vaga no eterno silêncio que nenhum registro escrito pode traduzir. Assim como a *matrioska*, uma boneca que esconde outra boneca, que oculta outra, a verdade, também, esconde outras verdades. –Tudo o que é humano é relativo, porque repousa numa oposição interior de contrários, constituindo um fenômeno energético. (JUNG, 1980: VII/1: 68).

Esta leitura entende como *fenômeno energético*, tanto na abordagem de Kothe, como na de Jung, como aquela moção interior que há em todo ser humano, em seu inconsciente, que faz comunicar por meio de traços cuja imagem é real, mas difusa, por meio de uma linguagem instintiva, para além do código linguístico verbal. Algo como que uma linguagem de almas.

Não se abordará, aqui, a questão filosófica e linguística sobre as palavras e as coisas, porque não é este o eixo do presente trabalho. Apenas que fique registrado que a compreensão de uma obra literária pode ser feita dentro desses parâmetros de uma crítica literária arquetípica. O fenômeno literário está intrinsecamente ligado ao fenômeno psicológico analítico. Há uma *energia* no fazer literário, a qual conforma a obra, que se dá a conhecer no processo de leitura, mesmo a partir dos silêncios de suas entrelinhas, dos não ditos ou das ambiguidades, assim como o analista pode acessar, de alguma maneira, um sentido oculto no conteúdo simbólico, expresso no inconsciente de seu paciente.

Antes de focar nas táticas, treinamento e na filosofia militar espartana, Xeones faz sua narrativa do modo de ser espartano, a partir do seu próprio ponto de vista, como servo que era. Sendo estrangeiro, Xeones assume na narrativa uma posição de certo distanciamento, assim como era, em realidade, a estratificação social da pólis espartana, em que somente os nascidos de espartanos, *Spartiatai*³⁸, é que eram totalmente espartanos, os *Homoioi* –, Pares e

³⁸ Sobre o modo de vida espartano, do ponto de vista histórico, conferir: Jaeger, Werner. *Paideia: a formação do homem grego*. São Paulo, SP, Martins Fontes, 1994, p. 106-129 – capítulo –Educação estatal de Esparta, em que há um estudo específico sobre a formação cidadã, física e militar dos espartanos.

Iguais (p. 18). Xeones era um *Hilota*, vivia à sombra de seu senhor, função dos escudeiros dos espartanos. Logo, seu lugar era entre os periféricos da pólis.

Esse distanciamento se percebe da contraposição de um mundo que se pretende solar, apolíneo, regido pela luz, pela razão, pela beleza simétrica, e outro, por seus opostos, sombrio, dionisíaco, irracional, feio, assimétrico. Xeones, ele mesmo, havia sido capturado por donos de uma propriedade, quando tentava roubar alimento para sobreviver. Fora posto suspenso e amarrado pelos pulsos, ferido gravemente nas mãos por pregos que lhe prendiam a hastes de madeira. Essa deformidade teria eliminado para sempre sua possibilidade de poder servir em Esparta, não fosse a intervenção do próprio Apolo-Febo, Deus da Beleza, personificador da luz, codinominado -brilhante, luminoso, que, aparecendo-lhe em uma visão, oferecera-lhe uma alternativa: já que incapacitado de empunhar a lança (que o próprio deus considerava -deselegante), poderia usar do Arco e da Flecha (ou seja, seria capaz de lutar... *à distância*).

Nas palavras desse narrador-personagem e servo:

E por que -deselegante-? Tive a impressão de que a palavra era decisivamente deliberada, o preciso termo que o deus buscava. Parecia conter um significado sutil, embora eu não fizesse a menor ideia de qual pudesse ser. Então, eu vi o arco de prata pendurado em seu ombro.

O Arqueiro em pessoa.

Apolo, o Atirador a Longa Distância.

[...]

O arco.

O arco me preservaria. (PRESSFIELD: 2000: 49-50).

Sob apelo do deus, Xeones jura servi-lo. E é sob sua proteção que, ao modo dos poetas e narradores clássicos, invoca-o, para iniciar suas narrativas. Entretanto, há uma sombra nessa narrativa que aponta para outro foco, que pode estar numa luz, no fim desse túnel interpretativo. Há indícios de que a história narrada por um servo possa não condizer com a verdade, de que ela não seria digna de crédito. Nesse ponto, é o historiador Gobartes quem narra a palavra do general Mardonius ao rei Xerxes:

— Por que se afligir, Senhor, com essa história contada por um escravo? Que significado pode ter a história de oficiais obscuros e suas guerras triviais, [...]? Não se inquiete mais com essa fantasia engendrada por um selvagem que o odeia e odeia a Pérsia com cada nervo de seu corpo. Aliás, suas histórias são mentiras, se quer a minha opinião. (Idem.: 206).

O que fora -desmentido- por Sua Majestade:

Pelo contrário, meu amigo, acredito que o relato desse homem é verdadeiro em todos os aspectos, embora não possa garanti-lo ainda, principalmente quanto às questões com que lutamos agora. (Ibid.: 206. Grifos meus)

O narrador-personagem em questão mantém-se uma voz intrigante e instigante, que parece falar a verdade, ao menos a sua. Antes de começar seu relato, a pedido de Sua Majestade persa, ele invoca o deus Arqueiro: –Assim como os poetas convocam a Musa para falar através deles, emiti um grasnido inarticulado para o Agressor De Longe.¶ (Ibid.: 17).

Soa a brincadeira o fato de que um narrador, estrangeiro – o que sugere estranheza –, que empresta sua voz a um deus que preside justamente à beleza, à harmonia, à poesia, à música, ao *logos*, à narrativa (Apolo) –, mas que emite um –grasnido inarticulado, sugerindo qualquer coisa desarmônica e confusa. Uma voz que conta uma história, do ponto de vista não de um espartano – pois que este evidenciaria o discurso autêntico, belo e simétrico –, mas, sim, o de um servo, feio e defeituoso. Uma voz que interfere como dissonância numa partitura, *a priori* de uma composição concordante, mas que se expressa qual uma nota fora do tom. Algo como um intervalo de trítono, um *diabolus in musica*, cuja audição de certa forma perturba. Note-se que o nome do deus está, em toda a narrativa, escrito por iniciais maiúsculas e que é chamado de Arqueiro, Atirador a Longa Distância, Senhor do Arco, Agressor De Longe, remetendo à arma da qual o seu protegido e narrador-personagem é mestre, o arco e a flecha, com a qual só pode combater afastado – o que pressupõe, ao mesmo tempo, uma metáfora da própria condição social desse narrador, seu papel no campo de batalha, sua voz e sua vez na polis. Assim, também, essa voz atinge, sombriamente, o leitor da obra.

Contradição, ou jogo? De qualquer forma, luz e sombra estão, aí, num par de opostos. E a pergunta kantiana, *o que se pode saber?* perpassa as entrelinhas do texto, como um tênue feixe de luz num palco escuro.

E o servo continua: –Se realmente me escolheu, Arqueiro, então que suas flechas com belas plumas sejam lançadas de meu arco. Emprésteme sua voz, Arqueiro. Ajude-me a contar a história.¶ (Ibid: 17)

Se ele invoca Apolo, pode ser porque seu discurso seja eficaz, reto, perfeito – como as setas do deus. Ele reconhece sua condição e, humildemente, põe-se à disposição para ser usado como ser, mesmo imperfeito, para se dignar a falar a pura verdade dos fatos. Entretanto, o condicional –se, direcionado ao deus, remete a ambiguidade. Daí, por outro lado, esse artifício de linguagem, ou elaboração estética, apresente-se na obra para lembrar-nos de que a distância entre história e ficção, verdade e ilusão, talvez se expresse, mais, como uma questão

de pontos de vista, de que uma possa ser permeada ou abarcada por outra, quer dizer: até onde o literário perpassa a história e o histórico a literatura? Mas esta é uma questão que cabe mais ao romance histórico, à ficção histórica, a menos que se trate de uma realização não intencional do autor, de outro exemplo de inconsciente na escrita. Ou não.

Outra manifestação como jogo, em *Portões de Fogo*, está por certas compensações à falta de simetria, demarcadas, em alguns casos, para se pôr em maior relevo qualidades morais, sobre as assimetrias. O personagem Dienekes, veterano de guerra, era exemplo disso, uma vez que, apesar de todas as marcas horrendas que levava pelo rosto e corpo, ainda assim fora o escolhido da senhora Arete, que valorizava, antes de tudo, suas qualidades de bondade, coragem e amor: -Esse homem bom e corajoso com quem me casaria (Ibid.: 218). A luz da razão elege o amor, acima da forma ilusória.

Se a psicologia junguiana descreve a sombra como não sendo necessariamente má, porém -tudo aquilo que todo homem teme e despreza em si mesmo, -algo íntimo e inquietante, mas -que transforma a psique, aqui se pode deduzir que, por exemplo, a ojeriza do instrutor Polynikes ao pupilo Alexandros (porque este se dedicava mais ao canto do que aos exercícios militares) se explicaria por aquele sofrer de grande desconforto interior, causado por sua incapacidade de enxergar para além da aparência, da forma. Era obcecado por simetria, por ordem e por uma luminosidade olímpica. Mal vivido que era, não reconhecia que fixação por simetria tira do eixo; que ordem demais, enlouquece; que muita luz, também pode cegar. Porém, outros trechos da narrativa revelam que ele também estava em processo de luta com sua própria sombra, pois, no fundo, admirava o jovem Alexandros.

O embate entre ordem e desordem, luz e sombras, também se depreende de um conceito entre os espartanos que dita sua noção de pertencimento, que eles chamam de *esoterike harmonia* e *exoterike harmonia*. A partir dos exercícios de *phobologia*, do domínio do medo, o indivíduo buscava adquirir um estado de serenidade tal que se sintonizava consigo mesmo, com seu *daimon*, semelhante ao modo como uma corda de um instrumento musical se afinava, dentro de uma tonalidade harmônica, ele vibraria somente sua nota. Isto é *esoterike harmonia*. Quando os indivíduos da polis chegavam nesse estágio, confluíam para uma harmonia comum, a *exoterike harmonia*, princípio extensível à formação da linha de combate, que guiava -a falange em seus movimentos e ataques como se fosse um único organismo, de uma única mente e vontade (Ibid.: 88). O mesmo se aplicava à vida de casal, a um coral, à política, à devoção aos deuses.

E quanto à sua própria relação com Esparta, cidade que escolhera para si, Xeones o declara, em conversa com a senhora Arete, esposa de seu senhor Dienekes:

E por que – perguntou ela – um garoto sem cidade demonstra tal lealdade a essa região estrangeira, a Lacedemônia, da qual nunca fará parte?

[...]

– O meu tutor instruiu-me que um garoto deve ter uma cidade ou não conseguirá se tornar um homem completo. Como eu não tinha mais uma cidade, senti-me livre para escolher qualquer uma de que gostasse.

[...]

– Então, por que não uma pólis de ricos ou de oportunidades? [...]

Respondi com um provérbio que Bruxieus havia citado certa vez para mim e Diomache: outras cidades produzem monumentos e poesias, Esparta produz homens. (Ibid.: 159)

Em seus últimos momentos vivo, ao ser trucidado pelas esmagadoras tropas persas, ao lado dos trezentos de Esparta e seus aliados de cidades vizinhas, no mesmo sentimento de entrega que unia homens livres e servos, Xeones deixou seu testemunho registrado pelo historiador de Xerxes:

Sua Majestade talvez pergunte, como perguntaram Galo e a senhora Arete, por que alguém como eu, cujas circunstâncias externas poderiam ser chamadas mais nobremente de serviço e menos generosamente de escravidão, por que alguém nessa condição morreria por aqueles que não são seus parentes e por um país que não é o seu? A resposta é: eram meus parentes e o meu país. Ofereci minha vida com alegria, e o faria de novo centenas de vezes, por Leônidas, por Dienekes, Alexandros e Polynikes, por Galo e Suicídio, por Arete e Diomache, Bruxieus e minha mãe e meu pai, minha mulher e meus filhos. Eu e cada homem ali nunca fomos mais livres do que quando sem coerção prestamos obediência às leis severas que tomam a vida e a devolvem novamente. (Ibid.: 371)

Tal era o fascínio que os espartanos causavam em cidadãos de outras polis que outros guerreiros chegavam a lutar ao lado deles. Não seria isso efeito do *pertencimento* citado por Livia Borges?

Mesmo assim, nem todos pareciam ter o mesmo sentimento. Na narrativa de Xeones, Dekton, o filho bastardo de um espartano com uma serva de outra polis, um *mothax*, ou meio-irmão, odiava Esparta, por revolta devido à sua condição. Era tido como irascível, maldoso, insubmisso, de aspecto físico meio grosseiro, assim como seu caráter de orgulho e obstinação que –expressara sentimentos traiçoeiros em relação à cidade! (Ibid.: 157). Ao menos, essa foi a descrição de Xeones, desmentida ao final da narrativa, quando o mesmo Dekton, outrora apelidado de –Galol, revelou-se completamente de outro modo e aspecto, conforme as palavras de Gobartes, o historiador dos persas:

– Sou Dekton, filho de Idotychides. Foi o meu nome que você gritou quando disse Galo.

O escrúpulo força-me a declarar aqui que a descrição física desse homem apresentada pelo cativo Xeones não lhe fazia a menor justiça. O guerreiro que estava à minha frente era um espécime esplêndido na flor da idade e vigor, mais de um metro e oitenta de altura, possuidor de uma graça e nobreza de porte que

desmentiam definitivamente o nascimento e a posição inferior em que, era claro, foi criado nesse intervalo. (Ibid.: 387)

No entanto, um fundo de verdade permaneceu da narrativa de Xeones, após Gobartes revelar tudo o que lhe fora contado por aquele, registrado no documento que convenceu os espartanos do relato do historiador, apesar de alguns dados aumentados ou maquiados, serviu para que o persa fosse preservado com vida. Aqui, numa outra leitura: a literatura salva a história.

O jogo narrativo em *Portões de Fogo* parece desconstruir toda uma visão de mundo que se pretendia luminosa, uma arquitetura *a priori* apolínea, mas que deixa às claras fissuras, sinais de ceder aos fundamentos de uma obra mais humanizada, dionisíaca. Aponta-se para a necessidade de que a parte de Dioniso, na arte e em nós, seus leitores, seja reivindicada, para que Apolo possa se manifestar de modo mais perceptível. As aparentes contradições que a narrativa dessa obra fazem supor são justamente desmentidas pelo caráter de duplicidade estética em que o dionisíaco pode se expressar, tomado aqui numa acepção nietzschiana. Ou seja, longe do racionalismo filosófico e científico, que levaram a humanidade ao pessimismo, ao niilismo, à negação da vida, o estético é posto num patamar em que o lado obscuro, sombrio, da vida, sempre acometido por sofrimentos e projeções futuras ilusórias, é ressignificado: a arte permite um caminho aberto ao conhecimento, por meio do belo, mas sem que este morra com a verdade.

Em *O Nascimento da Tragédia ou Helenismo e Pessimismo*, Nietzsche o explana:

No entanto, daquele fundamento de toda existência, do substrato dionisíaco do mundo, só é dado penetrar na consciência do indivíduo humano exatamente aquele tanto que pode ser de novo subjugado pela força transfiguradora apolínea, de tal modo que esses dois impulsos artísticos são obrigados a desdobrar suas forças em rigorosa proporção recíproca, segundo a lei da eterna justiça. Lá onde os poderes dionisíacos se erguem tão impetuosamente, como nós o estamos vivenciando, lá também Apolo, envolto em uma nuvem, lá deve ter descido até nós e uma próxima geração, sem dúvida, contemplará seus soberbos efeitos de beleza. (Nietzsche 1992: 143-144)

Luz e sombra podem de algum modo conviver. Aliás, é por meio de sombras que a luz pode ser bem focalizada. Igualmente, é por meio de luz que a sombra evidencia melhores contornos.

Desta forma, tanto a narrativa plural e enigmática de *Portões de Fogo*, quanto às conformações da sombra junguiana no combate interno dos guerreiros ali representados, como expressões de arquétipos do masculino maduro, expressam-se, ambas, qual um jogo de claro e escuro. Convém reforçar que esta construção, a partir de um exercício de percepção sensível, longe de uma verdade que se pretenda absoluta, funda-se numa epistemologia de

possibilidades – qual seja: desse romance como um projeto estético que permite ao leitor perceber nuances de luzes (conhecido) e sombras (desconhecido) apresentadas.

O caráter de transformação pessoal, de meros indivíduos que se suporia estarem somente sendo adestrados como autômatos sanguíneos, pelo treinamento do *Agoge*, evidencia algo muito além: o de se tornar meninos, tomados por suas sombras internas de medo, sofrimento, terror, arrogância, indisciplina, egoísmo, sadismo, masoquismo etc, em homens, em guerreiros na aceção em curso, os que merecem esse epíteto, pois que investidos de autonomia e dotados de coragem, insensibilidade à dor, abnegados, calmos, incorruptíveis, humildes, disciplinados, altruístas, dignos, livres.

O maior exemplo de todos é dado pelo personagem Leônidas, líder dos espartanos, homem destituído de arrogância, apesar de seu alto cargo, ao mesmo tempo rei e guerreiro, sábio e cuidador dos seus irmãos de armas. Outros seguiriam tais traços, como o veterano Dienekes, mentor do jovem Alexandros, entre outros.

Leônidas era o que se entende como verdadeiro líder, não aquele que manda fazerem, mas o que ele mesmo faz, para que sigam o exemplo; não envia recados, mas vai pessoalmente comandar, não de cima para baixo, mas fala aos seus, olhos nos olhos, como no campo de batalha combate com os mesmos, ombro a ombro:

[...] Leônidas, que não dormia há mais de quarenta horas, rondava as linhas de defensores, reagrupando cada unidade aliada e dirigindo-se a elas pessoalmente.

– Lembrem-se, irmãos: a luta derradeira é tudo. Tudo que conquistamos até agora se perderá se não triunfamos agora, no fim. Lutem como nunca lutaram antes. (Ibid.: 285-286).

Em resposta ao rei persa, Xerxes, eis o que o escravo Xeones aprendera e ensinara sobre o que é, na prática, ser rei em Esparta:

Vou dizer à Sua Majestade o que é um rei. Um rei não enfrenta o perigo de dentro de sua tenda, enquanto seus homens sangram e morrem no campo de batalha. Um rei não janta enquanto seus homens passam fome, nem dorme quando eles estão vigiando sobre o muro. Um rei não exige a lealdade de seus homens através do medo nem a compra com ouro; ele ganha o seu amor com o próprio suor e os sofrimentos de que padece em nome deles. O que significa o fardo mais penoso: o rei é o primeiro a se levantar e o último a cair. Um rei não exige o serviço daqueles que ele lidera, mas o fornece a eles. Ele os serve, não o contrário.

[...]

Isto é um rei, Sua Majestade. Um rei não gasta sua substância para escravizar homens mas, por sua conduta e exemplo, os liberta. (Ibid.: 371)

Eis aí, o sentido que Robert Bly (1991) deu ao guerreiro de fato: aquele faz –acordar o rei. E o Leônidas de *Portões de Fogo* está representado como um rei-guerreiro, ou, um guerreiro-rei.

Os valores arquetípicos do guerreiro, na obra de Pressfield, são os mesmos resgatados pelo psicólogo Viktor Frankl em *Em Busca de Sentido – Um psicólogo no campo de concentração*, sua obra-testemunho enquanto sobrevivente de Auschwitz:

Da maneira como que uma pessoa assume o seu destino inevitável, assumindo com esse destino todo o sofrimento que se lhe impõe, nisso se revela mesmo nas mais difíceis situações, mesmo no último minuto de sua vida, uma abundância de possibilidades de dar sentido à existência. Depende se a pessoa permanece corajosa e valorosa, digna e desinteressada, ou se na luta levada ao extremo pela autopreservação ela esquece sua humanidade e acaba tornando-se por completo aquele animal gregário, conforme nos sugeriu a psicologia do prisioneiro do campo de concentração. Dependendo da atitude que tomar, a pessoa realiza ou não os valores que lhe são oferecidos pela situação sofrida e pelo seu pesado destino. Ela então será *“digna do tormento”*, ou não. (1987: 42. Grifos meus).

O que distingue essa característica intrínseca da psique do guerreiro postulado por C. Jung, J. Campbell, R. Bly, R. Moore, D. Gillette, J. Hillman, entre outros, diferentemente da psique de um mero soldado, é justamente a capacidade de postar-se de modo nobre e digno diante do sofrimento e da morte. Trata-se de um arquétipo de alguém que, além de prestar-se a resolver dada missão, o faz para além de seu próprio interesse, ou interesses escusos, como se acontecer com um simples mercenário a um tirano, ou um subalterno qualquer a um ditador militar. Guerreiros, como assim chamados dentro do que os pós-junguianos dos estudos do masculino maduro advogam, realizam suas metas com foco em ideais superiores, em prol de uma causa maior, como preconiza Frankl. Guerreiros enxergam por um campo visual que abrange não só as perspectivas horizontais, materiais, desta vida, mas atingem as verticais, espirituais. Guerreiros são dotados do que Frankl chama de *Liberdade Interior*, que é o que possibilita essa atitude *heroica* – naquele sentido do *heroísmo nobre junguiano*: corajoso, digno, dedicado, paciente, perseverante, abnegado, humilde, silencioso e invisível aos outros.

Tal a fala de Alpheus, um dos Trezentos, antes da última batalha, nos *Portões Quentes*:

– Os deuses só permitiram uma única maneira de os mortais os superarem. O homem deve dar o que os deuses não podem, tudo o que ele possui: sua vida. A minha, eu ofereço com alegria a vocês, que se tornaram o irmão que eu não tenho mais. (PRESSFIELD: 2000: 363)

Ou a do mentor e capitão Dienekes:

– Farão o seguinte, amigos. Esqueçam o país. Esqueçam o rei. Esqueçam as mulheres e filhos, e a liberdade. Esqueçam-se de todos os conceitos, por mais nobres que forem, que justifiquem estarem lutando aqui, hoje. Ajam somente por uma coisa: pelo homem que está do seu lado. Ele é tudo e tudo está contido nele. É tudo o que sei. É tudo o que tenho a dizer-lhes. (Idem: 365)

E, como não poderia ser diferente, a do rei Leônidas:

As trombetas do inimigo ressoaram de além do Estreito. Via-se agora, nitidamente, a vanguarda dos persas, as bigas e o séquito do seu rei.

– Comam um bom desjejum, homens – Leônidas sorriu largo –, pois estaremos todos partilhando o jantar no inferno. (Ibid.: 366)

Essa qualidade de total despreendimento é típica do encarar a morte com a mesma serenidade e indiferença de um samurai ante a espada adversária – concordante com a noção budista, e frankliana, de ‘transitoriedade da vida’.

Em alguns casos, o sarcasmo e a ironia de um guerreiro podem chegar a níveis extremos, por um desdém completo perante o sofrimento e a morte, além do humor trágico evidente da narrativa, que é exemplar em toda a obra, como se depreende de trechos semelhantes, como este:

Quanto a Suicídio, o meu senhor, antes de partir para enterrar Alexandros, havia ordenado que permanecesse ali, no Muro, sobre uma padiola. Aparentemente, Dienes antecipara a libertação dos escudeiros; deixara ordens para que Suicídio fosse transportado com eles, para um local seguro. Agora, ali estava o scythiano, em pé, sorrindo demoniacamente quando seu senhor retornou, ele próprio vestido com o corselete e o peitoral, com a virilha protegida por um pano e atada com tiras de couro tiradas de uma besta de carga.

– Não posso cagar — disse ele —, mas, pelo fogo do inferno, ainda posso lutar. (Ibid.: 360-361)

Isso tem paralelo com o ‘riso do Buda’, expresso em inúmeras imagens do ex-príncipe Siddhartha Gautama, atitude iluminada do encarar o sofrimento e a morte com serenidade, a mesma indiferença de um samurai ante a espada adversária. O mesmo riso irônico estampado na face de um espartano, que sorri da própria desgraça, compartilhado pelos seus companheiros, diante de qualquer inimigo ou perigo que fosse. O mesmo riso recordado por Frankl, de sofrimento como vitória, de alguns prisioneiros do campo de concentração, quando nada mais lhes resta: –A vontade de humor – a tentativa de enxergar as coisas numa perspectiva engraçada – constitui um truque útil para a arte de viver. (FRANKL: 1987: 29).

O que fora corroborado por seu companheiro de profissão, Gordon W. Allport: –O neurótico que aprende a rir de si mesmo pode estar a caminho da autonomia (self management), talvez da cura. (Frankl: 1987: 70).

Este é o real ‘sentido do sofrimento’ de Frankl, evidenciado quando enfrentamos em desesperança uma fatalidade, que não pode ser alterada, sendo que o que importa, nesses casos, é –dar testemunho do potencial especificamente humano no que ele tem de mais elevado. –Quando já não somos capazes de mudar uma situação – podemos pensar numa doença incurável, como um câncer que não se pode mais operar – somos desafiados a mudar a nós próprios. (Frankl, 1987: 64).

Convém ressaltar, para o que se espera de um arquétipo, nos moldes do que postulam os pós-junguianos como Robert Moore, Douglas Gillette, Robert Bly, Michael Meade, entre outros, como manifestação do que chamam de *masculino maduro*, ou seja, tal como o guerreiro desprovido da personalidade de *menino*, ou *-Boy psychology*, no dizer dos masculinistas, que a entrega incondicional ao sacrifício em prol de um sentido para vida é feita de modo consciente, sim, mas não inconsequente.

Para Frankl, a razão pela qual o ser humano se prontifica a sofrer, isto não se faz a não ser que seu sofrimento tenha um real sentido. Contrariamente a esta condição, um sofrimento desnecessário não passaria de mero masoquismo, o que, para os pós-junguianos, seria algo impraticável e impensável a uma mentalidade nos moldes de espartanos e samurais, entre outros guerreiros. E não seria possível, mesmo de acordo com a noção de *noodinâmica* de Frankl (1987: 60), sendo esta uma *-dinâmica existencial* num campo polarizado de tensão, onde um pólo está representado por um sentido a ser cumprido e o outro pólo, pela pessoa que deve cumprir – pois que tal *atitude* é reservada somente a quem detenha determinadas qualidades éticas e morais, portanto, a homens feitos, não a um típico *puer*.

Em *Portões de Fogo*, o arquétipo do guerreiro espartano atinge sua plena maturidade na experiência trágica de não titubear em executar sua meta final, tal como se expressa pelas palavras do Rei Leônidas aos seus irmãos de armas, de que ele não lutava por glória, que se tivesse salvado sua própria pele, não só ele, mas todas as pólis gregas em peso, também teriam caído. Não sem razão que a atitude aparentemente insana do Rei Leônidas, agora, plenifica-se não só de compreensão como de aprovação. O rei dos espartanos, quando, no exato momento em que partia para sua última batalha, nos Portões Quentes, fizera talvez o que seria seu mais eloquente discurso. Frente a milhões de persas e demais mercenários, um exército desproporcional e invencível (a não ser no plano físico), contando com o que restara dos trezentos espartanos e outros poucos aliados, prontos a doarem suas vidas pela causa da liberdade de seu povo, naquele momento crucial, fez o Guerreiro a sua memorável e inspiradora declaração de guerra ou, se se quiser declaração de vida:

Mas com nossa morte honrosa, aqui, diante de desvantagens insuperáveis, transformamos a derrota em vitória. Com as nossas vidas semearmos coragem no coração de nossos aliados e irmãos dos exércitos que ficaram para trás. São eles os únicos que definitivamente produzirão a vitória, não nós. Ela nunca nos foi predestinada. O nosso papel hoje é o que todos nós sabíamos que seria ao abraçarmos nossas mulheres e filhos e nos pormos em marcha: resistir e morrer. Foi isso que juramos, e é isso que faremos. (Ibid.: 363).

Ora, qual nível de psique seria exigido para tal atitude, senão a de alguém que, antes de vencer outros, já não tenha dominado a si mesmo e subjugado traços de medo, de puerilidade, de vício e de temeridade, nas câmaras mais recônditas de sua alma? O êxito dos espartanos nas Termópilas veio justamente com sua aniquilação, com o extermínio de todos (afora aquele que escapou, para contar a história, Xeones, na obra de Pressfield). O triunfo dos hoplitas consistiu de converter seu sacrifício numa conquista humana. Eis, portanto, um sentido de trágico diferenciado, evidente na obra.

[...] Dali a milhares de anos, disse Leônidas, dois, três mil anos a partir de então, homens ainda não-nascidos, dali a cem gerações, poderiam vir acidentalmente ao nosso país.

— Virão estudiosos, quem sabe, ou viajantes de terras além-mar, incitados pela curiosidade sobre o passado e o desejo de estudar os antigos. Esquadrinharão nossa planície e remexerão nas pedras e pedregulhos de nossa nação. O que saberão de nós? Suas pás não desenterrarão nenhum palácio nem templos suntuosos, suas picaretas não revelarão nenhuma arquitetura ou arte eterna. O que ficará dos espartanos? Nenhum monumento de pedra ou mármore, mas isto: o que fazemos aqui, hoje. (Idem: 365-366).

De acordo com a tese do Otimismo Trágico de Viktor Frankl, adaptada ao assumir do arquétipo do guerreiro, desse masculino maduro, uma logoterapia possível – a uma busca de sentido específica, a exemplo de espartanos e samurais –, obedeceria a três princípios, a saber: o de –transformação do sofrimento numa conquista e numa realização, o de –retirar da culpa a possibilidade de mudar a si mesmo para melhor e o de –fazer da transitoriedade da vida um incentivo para realizar ações responsáveis.

Não obstante o evidente grau de dificuldade, perante os desafios desta existência, adverte o psicoterapeuta austríaco que –o sentido da vida sempre se modifica, mas jamais deixa de existir. O que se perceberia por três diferentes formas:

1. Criando um trabalho ou praticando um ato;
2. Experimentando algo (bondade, verdade, beleza, natureza, cultura) ou encontrando (amando) alguém;
3. Pela atitude que tomamos em relação ao sofrimento inevitável (doença incurável, deterioração mental, deficiência, morte).

No caso do guerreiro, seria a meta final da preservação da paz, um ato de sacrifício e amor pelo bem comum.

Se Jung acusaria:

A opinião desastrosa de que a alma humana recebe tudo de fora pelo fato de ter nascido ‘_tabula rasa’ é responsável pela crença errônea de que em circunstâncias externas normais o indivíduo está em perfeita

ordem. Ele espera sua salvação do Estado e responsabiliza a sociedade por sua própria ineficiência. Pensa que o sentido da existência seria atingido se o seu sustento lhe fosse fornecido de graça a domicílio, ou se todos possuíssem um automóvel. Estas puerilidades e outras semelhantes ocupam o lugar da sombra que se tornou inconsciente, mantendo-a nesse estágio. Sob a influência desses preconceitos, o indivíduo sente-se dependente por completo do seu meio, perdendo a capacidade de introspecção. Assim sendo, a sua ética é recalcada pelo conhecimento daquilo que é permitido, proibido ou oferecido. Desse modo, como esperar de um soldado, por exemplo, que submeta uma ordem recebida de cima a uma reflexão ética? Ele nem mesmo descobriu ainda sua possibilidade de ter um impulso moral espontâneo, independentemente de espectadores (JUNG: 2014: 269).

E Frankl atestaria: –Sem dúvida, o ser humano é um ser finito e sua liberdade é restrita. Não se trata de estar livre de fatores condicionantes, mas sim da liberdade de tomar uma posição frente aos condicionantes. (FRANKL: 1987: 73)

Se a responsabilidade pela busca de sentido é do próprio sujeito, porque depende tão-somente de suas decisões e potencialidades, pois isso é projetado pela própria pessoa e não por outros, de todo modo o arquétipo está lá, para ser resgatado e vivenciado, em toda sua pujança e significado para sua existência, mas não apenas sua, porque ele transborda de conotações positivas para toda uma comunidade de seres que os reconhece, hereditariamente, mais que intuitivamente, até em nível genético, em consonância com Georges Dumézil, cuja teoria fora citada por Robert Bly (1991: 142-144). Para Dumézil, há três modos de ver e de viver a vida: o *agrícola*, o *real* e o *guerreiro*. Por esse último: –os olhos do guerreiro veem combate e o uso da força no combate, e –um terço de nossos pensamentos e dos instintos transmitidos por nosso DNA são códigos de comportamento guerreiro, quer isso nos agrade ou não.

Os Trezentos de Esparta deram testemunho de sua bravura e dignidade ao cumprirem a missão para a qual se propuseram: doarem suas vidas em prol da liberdade grega – e o conseguiram. Aqui, evidencia-se o *sentido do sofrimento e da morte* (Frankl) e do *senso trágico da vida* (Williams). Inspirado na —*Ética, quinta parte, ‘Do poder do espírito ou da liberdade humana’, sentença III*, de Baruch Spinoza: –Sofrimento de certo modo deixa de ser sofrimento no instante em que encontra um sentido, como o sentido de um sacrifício (FRANKL: 1987: 65).

Essa resignificação só é possível à medida que o indivíduo experimenta e se conscientiza, em último grau, de seu ser no mundo. Aquele momento em que –imagens primordiais, ou conteúdos psíquicos outrora dormentes, ao nível do inconsciente coletivo, tornam-se individuação, conforme Jung, e fazem da pessoa o que ela é, que até então não se conhecia como sendo. Neste instante, mesmo um indivíduo tal qual o *trickster*, ou, o caso do Capo (espécie de encarregado dos prisioneiros judeus, ele também sendo um), relatado por Frankl,

que entregava seus próprios companheiros às autoridades nazistas, ou mesmo uma própria autoridade da SS que tivesse levado centenas às câmaras de gás, dominados por impulsos sádicos e egoístas, que não soubessem lidar com sua Sombra, nesse momento crucial de catábase (do grego κατὰ, "baixo", βαίνω, "ir"), de descida aos seus próprios infernos interiores, é que podem, como se diz, cair em si, podem ser convidados a revalorizar sua vida, seu passado e seus feitos negativos, para tornarem-se um novo homem. Sem esse autoconhecimento e sem esse ativismo em prol de seus semelhantes, não há, em termos herméticos, a mudança, a transformação de chumbo em ouro.

A narrativa de Steven Pressfield, em *Portões de Fogo*, veio a se constituir, por uma interpretação junguiana, um evento significativo, pelo qual os memoráveis hoplitas de Esparta, postos num combate entre luzes e sombras, internas e externas, viram-se, no Estreito das Termópilas, como que numa prova de fogo e num ritual de passagem final, matando em si mesmos os resquícios que pudessem ainda haver, de heróis comuns, para serem alçados, de uma representação de evento singular, para entrarem na eternidade, a renascerem na memória reservada ao panteão do Arquétipo do Guerreiro, como mais uma das múltiplas manifestações do masculino maduro.

CAPÍTULO III.
“MUSASHI”

CAPÍTULO III. “MUSASHI”

Sombras no Caminho do Guerreiro – o círculo e a iluminação pelo ritual do movimento circular da luz.

*Não há nada fora de você que poderá lhe permitir ficar melhor,
mais forte, mais rico, mais rápido ou mais inteligente.
Tudo está dentro de você. Tudo existe.
Não busque nada fora de si mesmo.*
Miyamoto Musashi

Só encontrará a sua vida aquele que a perdeu.
Provérbio Zen³⁹

*A ave sai do ovo, o ovo é o mundo.
Quem quiser nascer tem que destruir um mundo.*
Hermann Hesse, em *-Demian*



Figura 8. Monumento ao duelo entre Miyamoto Musashi e Sasaki Kojiro. Ilha de Ganryujima (Funashima), Japão.

Acesso: <https://setouchifinder.com/en/detail/435>

Conforme William Scott Wilson (2006: 203-235), a vida de Miyamoto Musashi, tal como retratada na obra de Eiji Yoshikawa, *Musashi*, foi baseada em diversas outras manifestações culturais japonesas, tais como a dramaturgia *kabuki*, o teatro de bonecos *bunraku*, as contações de histórias dos *kodan* (contadores profissionais), as pinturas *ukiyo-e* (retratos da

³⁹ In: HERRIGEL, Eugen. *-A Arte Cavalheiresca do Arqueiro Zen*. Editora Pensamento, São Paulo, SP, 2006, p. 5. Prefácio de D. T. Suzuki.

vida efêmera, expressos em papel ou xilogravura), entre outras fontes disponíveis ao autor nipônico, à sua época. O romance *Musashi* exerceu influência extraordinária em dezenas de produções cinematográficas e audiovisuais, além dos quadrinhos *manga* (dos quais o mais famoso é o *best-seller Vagabond – A História de Musashi*, de autoria de Takehiko Inoue) e outras mídias.

Não diferente de Pressfield, o autor de *Musashi*, Eiji Yoshikawa, por sua vez, não era um simples romancista, mas descendente de família de samurais, ele mesmo praticante da arte marcial *Kendo* – a Arte da Espada Samurai. Portanto, Yoshikawa revela-se um escritor com grande conhecimento de causa, a respeito do teor de sua obra. Nascido em 1892, em Kanagawa, proximidades de Tóquio, Japão, fora descendente de uma família de samurais empobrecidos. Iniciou carreira de escritor aos 22 anos, ao mesmo tempo em que exercia profissão de jornalista. Aliando as duas vocações, publicou sua obra mais lida, *Musashi*, composta em folhetim (forma narrativa em série, em gêneros do tipo prosa, em ficção e romance), publicada em capítulos – entre 1935 e 1939, perfazendo um total de 1.013 episódios, no mais prestigioso jornal nipônico, o *Asahi Shinbun* –, o que veio a lhe dar a fama de um dos escritores mais famosos e reconhecidos de seu país. Faleceu em 1962. Mas não sem deixar ao mundo uma obra de repercussões sem fronteiras, sucesso editorial absoluto tanto em território nipônico, quanto no exterior.

Musashi é descrito como um jovem arrogante, violento, inconsequente e sanguinário,; vive de realizar desafios pelo Japão, em duelos de vida ou morte, sem qualquer preocupação com códigos éticos e morais de conduta, como o *Bushido*⁴⁰.

A obediência estrita a esses preceitos de fundo, ao mesmo tempo, militar-cultural-espiritual, só veio a ser prática comum – embora não de todos os samurais, porque a narrativa se passa no *Período Sengoku*⁴¹ (1467-1600), caracterizado por grandes instabilidades sociais, culturais, políticas, econômicas e, inclusive, religiosas –, somente após a ascensão do budismo no Japão

⁴⁰ –*Bushido* (ao pé da letra, caminho ético do samurai) é definido de várias maneiras, mas parece que a definição mais aceita consiste em considerá-lo um conjunto de leis consuetudinárias, que orienta a vida e a conduta dos antigos guerreiros do Japão – equivalentes em muitos aspectos aos cavaleiros medievais da Europa. O samurai cultivava as virtudes marciais, demonstra absoluta indiferença frente à morte e à dor, na sua dedicação e lealdade ao senhor, seja este o *daimyo* (senhor feudal), o *shogun* ou o próprio imperador. Ele tem o privilégio de carregar consigo duas espadas – uma longa e uma curta – que simbolizam a _alma do samurai_. (YAMASHIRO, José. –*História dos Samurais*. Masao Ohno – Roswitha Kempf / Editores. São Paulo, SP, 1982: 255)

⁴¹ Período Sengoku (1467-1600). TURNBULL, Stephen. –*Enciclopédia dos Samurais*. Editora JBC, São Paulo, SP, 2006, p. 31-35.

feudal, quando do período do *Império Tokugawa* (1600-1868), por incentivo desse xogunato, tanto para sua prática pela casta militar samurai, quanto por toda a população em geral.

Importante resgatar o sentido original e profundo do conceito de *Bushido*, para uma compreensão e imersão cultural na obra de Yoshikawa. Howard Reid e Michael Croucher (2010), grandes pesquisadores e praticantes de artes marciais, em conversa com o renomado espadachim, Sensei Risuke Otake, da mais importante e prestigiada escola de *Kenjutsu* (Arte da Espada) do Japão, a *Tenshin Shoden Katori Shinto Ryu*, obtiveram desse mestre o seguinte esclarecimento:

Aqui, no Japão, temos o Xintoísmo (*_Shinto'*). Trata-se de uma religião cujo nome, quando escrito com os caracteres chineses, significa *_o caminho de Deus'* ou *_o caminho dos deuses'*. O caractere chinês que significa *_via'*, *_estrada'* ou *_caminho'* é escrito em duas partes. A parte à direita é o caractere chinês que significa *pescoço* ou *cabeça*; a parte à esquerda significa *_correr'*. O sentido global do caractere que significa *_via'*, *_estrada'* ou *_caminho'* é o de *_tomar a cabeça nas mãos e correr para algum lugar'*.

Acima desse caractere escrevemos o caractere que significa *_deus'*, e assim obtemos o escrito *_via dos deuses'* ou *_Shinto'*. Se, acima do mesmo caractere, escrevemos os dois caracteres que significam *bushi* ou *_guerreiro'*, a palavra se torna *bushido*. A nuance de significado da palavra, portanto, é a de que é uma via que exige responsabilidade; em outras palavras, é uma via na qual a sua cabeça, ou o seu pescoço, está em risco.

As diversas artes de cultivo pessoal são escritas com a palavra *-do*. O sentido global, portanto, é o de que esse é o caminho correto a ser seguido pelos seres humanos. (REID: 2010: 180-181).

E será justamente essa busca pela *-via dos deuses!*, enquanto *-caminho* correto a ser seguido pelos seres humanos^{ll}, que irá tomando corpo na vida do jovem Takezo, futuramente batizado Musashi, o protagonista da obra de Yoshikawa, mas não sem esse passar, antes, por muitos *des-caminhos*; porém, será por meio desses mesmos desvios, que ele irá encontrar os alicerces para construir sua própria via de acesso a *Si-mesmo*.

O Musashi yoshikawano é representado em sua fase jovem, por praticamente toda a narrativa, como um samurai que mais busca autoafirmação egoísta do que tornar-se um exemplo de nobreza, tendo mesmo adotado atitudes desonrosas, nos combates, o que desagradaria a qualquer guerreiro seguidor dos princípios estritos do *Bushido*.

O início da obra é emblemático, porque não segue padrões normalmente utilizados em narrativas triviais. As primeiras palavras vêm da mente inquieta e revoltada do protagonista, que à época se chamava Takezo:

-E depois de tudo, céu e terra aí estão, como se nada tivesse acontecido. A esta altura, a vida e as ações de um homem têm o peso de uma folha seca no meio da ventania... Ora, que vá tudo para o inferno!^{ll}, pensou Takezo. (2009: Vol. 1: 19)

O protagonista, junto a um dos personagens secundários, seu amigo Matahachi, encontram-se em meio ao caos, tentando sobreviver, disfarçados, debaixo de chuva e de corpos de mortos e agonizantes da Batalha de Sekigahara, período Sengoku do Japão feudal (ocorrida, em fatos reais, a 21 de outubro de 1600), ocasião da ascensão do Império do *shogun* Tokugawa Ieyasu. De acordo com o código samurai, rendição ou fuga à morte não fazem parte de seus preceitos. Portanto, disfarçar-se em meio a moribundos de uma guerra, seria algo ultrajante e indigno de um samurai. Uma abertura épica para uma obra repleta de eventos significativos, entre fatos reais e ficção, o que é típico dos bons romances históricos.

Eis o teor de toda a narrativa, a qual busca evidenciar, para além dos desafios externos, o combate interno ocorrido na alma de Musashi, o qual é retratado como um herói lendário, em processo de autoconhecimento e conhecimento do mundo à sua volta. A história é focada nos processos de um despertar, ao modo da mentalidade oriental, segundo a qual deve-se dedicar de corpo, mente e espírito a algo significativo na vida, de modo que a escolha individual se torne um caminho para o aperfeiçoamento. No caso particular do protagonista, a sua escolha foi pelo Caminho da Espada, tendo o mesmo se dedicado a ela integralmente, não sem sofrimento, e não sem boas lições que iria tomar, a cada evento cotidiano, a cada retirada do meio para aperfeiçoamento técnico, meditação ou autoavaliação, fosse refugiando-se em templos, em lugares remotos como montanhas e florestas – o que viria a constituir-se num exemplo singular de uma pessoa que, tanto na ficção quanto na vida, tornara-se uma fonte de inspiração para japoneses e estrangeiros, desde esse passado remoto, entre as brumas da história e as da lenda, até os dias atuais. Musashi viria a tornar-se, ele mesmo, numa espécie de arquétipo do que deveria ser o –guerreiro ideall, para os seguidores do *Bushido*.

Não diferente do espartano eram a iniciação e o preparo do guerreiro samurai, em todos os aspectos, desde físicos, mentais, espirituais, éticos e morais. As diferenças são apenas nos recortes culturais, mas as essências são praticamente as mesmas.

A respeito da relação entre medo e corpo, já dito sobre os hoplitas lacedemônios, o mesmo pode se evidenciar no –*Musashi* de Yoshikawa. Há, inclusive, um capítulo com o título, sucinto: –*Medo*].

Embora soubesse que sua irmã Ogin estava presa numa das alas daquela construção, Takezo havia permanecido o dia anterior inteiro sentado, imóvel e mesmo agora não parecia querer se levantar.

Há poucos dias, Takezo não teria hesitado ante a perspectiva de enfrentar eventuais cinquenta ou cem guardas de um posto qualquer. Mas agora...

[...]

‘Ora essa, quando foi que me tornei tão medroso?’, indagava-se Takezo impaciente, certo de que nunca fora um covarde.

[...]

‘Estou com medo – não sou o mesmo de dias atrás, sem dúvida. Será isso covardia? Absolutamente não!’, negou Takezo, meneando a cabeça.

O medo que sentia não era covardia, mas consequência das ideias que o monge introduzira em sua mente. Levantara-se o véu da cegueira e ele passara a enxergar.

As palavras do monge voltaram-lhe à lembrança: ‘A coragem de um homem difere da coragem de um animal selvagem; a coragem do bravo nada tem a ver com a temeridade do rufião.’

‘Sou um homem e não um animal selvagem’, voltou a assegurar-se Takezo, ‘e no instante em que me conscientizei dessa verdade, minha vida tornou-se preciosa.’ Pois enquanto não soubesse até onde conseguiria aprimorar-se como ser humano, enquanto não lograsse concluir esse aprimoramento, não se sentia disposto a abrir mão da vida. (Idem: Vol. 1: 132-133).

Yamamoto Tsunetomo, autor do *-Hagakure!* (*-Oculto Entre Folhas!*), guia prático e espiritual do *bushi*, publicado originalmente em 1716, já alertara para a necessidade de mentores, dada a vulnerabilidade e a instabilidade da alma humana:

Nós temos muita pouca sabedoria; entretanto, temos uma forte tendência a buscá-la a fim de resolver nossas dificuldades. Devido ao fato de que nos preocupamos principalmente conosco, nos desviamos do Caminho do Céu e nossas ações se tornam más. Perante as outras pessoas somos desprezíveis, fracos, limitados e totalmente incapazes. Quando nos sentimos incapazes de alcançar a eficiência é preferível apelar para alguém mais sábio. Esse alguém, não estando pessoalmente envolvido, talvez possa se revelar como um juiz ilustre – já que não tem interesse próprio, estará em condições de aconselhar a melhor escolha. Se observamos um homem que toma suas decisões dessa maneira notável, sabemos que ele está decidido, é independente, digno de fé e tem os pés na realidade. Sua sabedoria, alimentada pelos conselhos dos demais, pode ser comparada às raízes de uma grande árvore, de folhagem densa, espessa. Existem limites para a sabedoria do ser humano, fraco arbusto sacudido pelo vento. (YAMAMOTO: 2014: 55-57. Grifos meus)

Entretanto, o ponto de vista de Yamamoto deixa a entrever, numa leitura apressada, certo extremismo, quando preconiza que: ‘Um samurai só é verdadeiramente samurai na medida em que não tem outro desejo senão o de morrer rapidamente – e de tornar-se puro espírito.’ (Idem: 2014: 79).

No clássico *Bushido*⁴², Daidoji Yuzan (2011) seu autor, um dos mais importantes estrategistas da era medieval nipônica, alerta aos postulantes à condição de guerreiro a necessidade de um bom *Sensei*, ou Mestre – eis um ideal de iniciação, como o postulado por Moore e Gillette –, além da observância de que levem uma vida de ilibada conduta moral, e acrescenta:

O guerreiro, claro, concentra a maior parte de seus esforços no desenvolvimento da força e do poder, mas se no final isso for tudo o que conquistou, não conseguiu apreender o verdadeiro espírito do *Bushido*. Um verdadeiro guerreiro também se encontra em sua educação e refinamento cultural. Estude temas como

⁴² CLÁSSICOS DA ESTRATÉGIA ORIENTAL / [tradução Claudio Blanc]. YUZAN, Daidoji. *Bushido*. – Bauru, SP: Idea Editora, 2011, p. 116.

poesia, ou a cerimônia do chá, mesmo que tenha que fazer isso apenas parte do dia. (YUZAN: 2011: 116).

O mesmo que diria o próprio Miyamoto Musashi, o personagem histórico, não o literário, em seu manual de estratégia militar, *O Livro dos Cinco Anéis*⁴³: –É difícil apreender o Caminho verdadeiro apenas por meio da esgrima. Conheça as coisas pequenas e as grandes, as mais rasas e as mais profundas.‖ (MUSASHI: 2011: 126)

Quanto ao *Musashi* de Yoshikawa, isto está bem expresso no capítulo intitulado *O Diálogo da Árvore e da Pedra*, quando o protagonista (até então, sob o nome Takezo), candidato a guerreiro, ludibriado, amarrado, indefeso, com orgulho ferido e suspenso por um alto galho de uma árvore centenária, é assim educado pelo mestre zen Takuan, que o ensina sobre a diferença entre força bruta e coragem:

– Não importa se fiz uso de expedientes ou de palavras, o fato é que o derrotei. Prova disso é que, por mais que se mortifique, aqui estou sentado numa pedra como vencedor e você exibe sua triste figura, dependurado num galho de árvore. Tem ideia do que provocou essa situação? [...] O mesmo se dá com sua coragem: todas as suas ações até agora, demonstraram temeridade, uma falsa coragem que deriva da ignorância. Não são atos de um ser humano, nada têm a ver com a verdadeira força de um *bushi*. O homem guarda a vida – esta pérola preciosa – e procura morrer por uma causa digna. Percebe agora o que há de tão lamentável em tudo isso? Você veio ao mundo possuindo força física e firmeza de caráter, mas é inculto; aprendeu apenas o lado sombrio da arte guerreira, não procurou cultivar a sabedoria e a virtude. ‘Aperfeiçoar-se no duplo caminho das letras e das armas’ – conhece a expressão? Mas que significa ‘duplo caminho’? Sem dúvida não significa que dois são os caminhos a serem percorridos em busca do aperfeiçoamento; significa, isto sim, que os dois caminhos, das letras e das armas, estão juntos e perfazem um único caminho. Compreendeu, Takezo? (YOSHIKAWA: 2009: Vol. 1: 119)

Se Musashi revestira-se de um arquétipo tendente a uma evolução pessoal, seu amigo Matahachi é um exemplo do contrário: indeciso, preguiçoso, impulsivo, passivo, indisciplinado e apaixonado – retrato fiel de Aries, o deus adolescente da guerra, incosequente e imaturo. Para a sabedoria budista, presente em toda a obra, Matahachi representa uma das três obstruções da alma: a ignorância. Terá, durante toda a narrativa, enormes dificuldades para se endireitar na vida, mesmo com todo o apoio de pessoas que com ele se preocuparam e lhe deram caminhos para tanto.

Aquela que viria a ser esposa de Matahachi, a jovem, sensível, delicada e altruísta Otsu, logo se vê na condição de não o suportar por esse seu caráter infantil e, conseqüentemente, ela acaba por desviar seu olhar e seu coração para o amigo daquele, Musashi. Uma paixão

⁴³ CLÁSSICOS DA ESTRATÉGIA ORIENTAL / [tradução Claudio Blanc]. MUSASHI, Miyamoto. *O Livro dos Cinco Anéis*. – Bauru, SP: Idea Editora, 2011, p. 126.

avassaladora, que a leva a sofrer anos a fio, por um homem que não lhe correspondia, porque o coração desse estava voltado para outras realizações. No entanto, se Matahachi é um perfeito arquétipo do *Puer aeternus* (criança que não cresce) e a ignorância como obstrução da alma, Otsu representa o amor, a família e a obstrução (ou veneno) do desejo. Otsu passará a narrativa inteira em busca de realização de seu amor por Musashi, o que jamais se concretizará.

Outra personagem, não menos importante, a idosa Osugi, a mãe de Matahachi, que, tomada por um espírito de revolta, pelo fato de Otsu ter preferido Musashi ao seu filho Matahachi, dedica-se a cumprir uma vingança de modo irreduzível, sacrificando-se em viagens, por quase todo o país, ao encalço de Musashi e Otsu, em nome da honra de sua família – traço cultural do Japão à época. Eivada de um complexo materno devorador, reúne em si as características da mãe que se devota de corpo e alma à família e sua prole, no impulso irrefreável de destruir todo aquele que ouse interferir nos planos que ela determinou para seu filho – e isto resumia, na obra, em aniquilar Musashi e Otsu – aquele, por fazer seu filho lutar numa guerra inglória; aquela, por voltar atrás em seu noivado, ao preferir um corruptor, em detrimento de seu filho. Representa a terceira obstrução da alma para os budistas: o ódio, ou aversão. Sua cegueira era demasiada, extrapolada ao ponto de não querer ouvir a voz da verdade dos fatos, sem saber que tudo não passava de um mal entendido, o que traria repercussões terríveis, não fosse o bom desfecho, nos capítulos finais, de modo a que a velha, odiosa e sanguinária, viera a se arrepender, amargamente, mas também se redimir, do mais belo modo: transformando seu ódio em compaixão por seus outrora –inimigos!. De mãe devoradora tornara-se uma amável e sábia anciã.

Mesmo nosso herói, na acepção da presente dissertação, tivera, ao longo do romance de Yoshikawa, também, seu próprio processo de transformação pessoal, ou individuação, na linguagem junguiana. Musashi teve, muito mais do que demonstrar habilidades físicas, técnicas e táticas, contra diversos adversários contendores, que lutar contra seus próprios instintos primais de ignorância, ódio e desejo. E esta característica de Yoshikawa diferencia, sobretudo, das narrativas até então construídas sobre o Musashi histórico. Até então, transformado em lenda por histórias as mais diversas, manifestas em várias artes, o herói se caracterizava por uma personalidade quase sem defeitos, muito próximo a uma entidade divina, muito semelhante aos clássicos heróis gregos. O Musashi de Yoshikawa é humano, sofre, chora, sente dor, é irascível, por vezes ingrato, insensível; trava uma batalha interna que

exige de si enormes esforços. E foi esse tom que cativou e continua cativando seus leitores mundo afora.

Durante sua jornada exterior, em sua busca de tornar-se o maior samurai da história, de completar a meta de ser invencível, Musashi encontrou personagens que o fizeram enxergar para além do que podiam ver seus olhos físicos, de modo que se embrenhou por uma jornada muito mais interessante, uma jornada rumo à sua própria alma. Foram homens sábios, tais como Takuan, Nikkan e Gudo (monges budistas); uma sábia idosa como a mãe de Hon'ami Koetsu (artista plástico renomado e também guerreiro, que também dá ensinamentos ao samurai, por meio da relação da arte da espada com as artes da pintura, cerâmica, laqueadura e poesia) – a senhora Myoshu (que lhe traz uma grande lição de vida, por meio do *cha-no-yu*, a arte da cerimônia do chá); ou até mesmo uma prostituta, como Yoshino Dayu (cortesã de elevado nível cultural, que mostra ao protagonista uma refinada comparação, tirada do uso do instrumento musical *biwa*). Esse traço da narrativa evidencia, uma vez mais, o tom de filosofia de vida budista a que o autor quis lhe dar: uma visão de mundo sem desconsiderar o mínimo evento sequer, sem tabus de qualquer ordem – a arte de manter a mente desperta, a ser inteiro, em todo momento.

Comprovado isso pela leitura dessa obra, feita por William Scott Wilson (2006), em *O Samurai: A Vida de Miyamoto Musashi*, por trechos, tais como:

[...] Yoshikawa, por sua vez, não dá a Musashi instrutores de esgrima, mas lhe fornece instrutores de vida, ao longo do romance. Esses instrutores, além disso, são percebidos como absolutamente necessários para a maturidade da arte de Musashi. (WILSON: 2006: 220)

[...] Mas Nikkan prossegue com uma lição muito simples, embora fundamental: – Você é forte demais. Aprenda a conter um pouco sua força. (Idem: 221-222)

[...] Como um estudante da vida, o Musashi de Yoshikawa extrai instruções de todas as fontes possíveis, de um sacerdote ou de uma prostituta, sem preconceito. (Ibid.: 223)

Edwin O. Reichawer, por sua vez, no Prefácio à obra de Yoshikawa, nos direciona para a compreensão de como o herói Musashi fora descortinando sua iniciação no Caminho do Guerreiro:

Embora nos anos iniciais de sua vida competições mortais lembrando os torneios da Europa medieval ainda fossem possíveis, Yoshikawa retrata Musashi mudando conscientemente suas habilidades marciais a serviço da guerra como meio de edificação do caráter em tempos de paz. Habilidades marciais, autodisciplina espiritual e sensibilidade estética fundiram-se num todo, tornando-se indistinguíveis. (YOSHIKAWA: 2009: 13)

Já em fase de maturação pessoal, aos trinta anos de idade, após o duelo com o exímio samurai Sasaki Kojiro, Musashi tem um despertar para a vida, no embate interno com sua *sombra* (Jung), ao tomar consciência de uma verdadeira *experiência trágica da vida* (Williams), o que lhe provoca uma mudança completa de atitudes. É então, quando encontra *sentido para a vida* (Frankl), que passa a viver sob uma orientação mais espiritualizada, redimensionando seu ser no mundo, agora sob a ordem do *arquétipo do guerreiro*, de *masculino maduro* (Bly, Moore, Gillette).

Aos poucos, em sucessões de eventos significativos, quando a consciência do jovem Musashi vai se despertando, é possível acompanhar, pela narrativa, seu desenvolvimento e sua evolução, em trechos como o seguinte, em o espadachim tem de enfrentar sozinho cerca de quinze lanceiros do Templo Hozoin, observado por seu discípulo Joutaro. Recuperando a ideia de combate semelhante a dança, como descrito em *Portões de Fogo*, assim também em *-Musashi*:

– Ei! O tio está ganhando! Meu mestre é forte! – gritou Joutaro. Sem dúvida, era a primeira vez que o menino testemunhava uma cena tão sangrenta, um confronto bestial de homens descrevendo uma dança mortal. (YOSHIKAWA: 2009: Vol. 1: 267).

Em decorrência desse evento, o jovem Musashi, ainda tomado por um espírito belicoso e inconsequente, é admoestado pelo mestre Nikkan:

– O que fez hoje foi lamentável. Está certo, dou um desconto por sua juventude, mas se pensa que valentia e artes marciais são sinônimos, está redondamente enganado. Nesse sentido, eu próprio não estou qualificado ainda, meu filho. É verdade: doravante, aconselho-o a seguir o caminho trilhado por homens como meu mestre, Yagyu Sekishusai-sama, ou o mestre do meu mestre, lorde Kamiizumi Ise. Siga seus passos e compreenderá.

Musashi ouvia, cabisbaixo e em silêncio. Repentinamente, deu-se conta de que Nikkan se calara e ergueu a cabeça. Não havia mais ninguém nas proximidades. † (Idem: Vol. 1: 274).

Compreendida a lição, agora fora a vez do próprio Musashi chamar a atenção de seu pupilo Joutaro:

– Preste atenção, Joutaro: a aprendizagem de um guerreiro não deve limitar-se a duelos. Homens que vagueiam pelas províncias com uma espada na mão, batendo-se constantemente em duelos, buscando apenas pouso por uma noite e uma refeição por dia, são simples vagabundos, não podem ser considerados aprendizes de guerreiro. A verdadeira aprendizagem consiste em polir o espírito, mais que as técnicas marciais. (Idem: Vol. 1: 277).

Do caminho espiritual percorrido por Yagyu Sekishusai, mestre do monge Nikkan, Musashi viera a ter a percepção:

[...] da arte marcial não como simples jogo de técnica e força, mas como instrumento para governar um país.

Sekishusai via a arte marcial como um instrumento de governo e, simultaneamente, como um caminho para uma vida virtuosa. (Idem: Vol. 1: 286).

Até mesmo seus sentimentos mais nobres eram abafados e mal compreendidos por essas tendências de falsa masculinidade, pelas quais Musashi insistia em não querer reconhecer e não deixar brotar em seu coração o amor que, realmente, sentia por Otsu. As constantes desculpas, recusas e fugas, a todo raro momento em que ambos se encontraram, pontuados em longos períodos de desencontros, por Musashi buscar realizar um ideal só compreendido pouco a pouco, e por Otsu não conseguir quebrar a dureza resistente do obstinado *homem-onda*, chegaram a um ponto do insustentável, fazendo, em dados momentos, o jovem digladiar consigo mesmo, entre seguir o Caminho ou sucumbir ao que ele entendia ser uma mera volúpia passageira:

Desejou ardentemente poder levá-la para algum canto onde ninguém os visse e confessar-lhe com franqueza seus sentimentos – ou, melhor dizendo, a paixão que o consumia –, a fragilidade por trás de sua aparente fortaleza; talvez devesse também desmentir o sentido quase cruel das palavras que deixara gravadas no corrimão da ponte Hanadabashi. Que lhe importava mostrar fragilidade diante de uma mulher, desde que ninguém o visse? Em resposta à adoração que até agora Otsu lhe dedicara, ele também demonstraria sua paixão. Iria abraçá-la, traria aquele rosto junto ao seu, enxugaria suas lágrimas.

Musashi revolveu diversas vezes os mesmos pensamentos.

[...] Imóvel entre os arbustos, com os pensamentos em turbilhão, Musashi conseguia perceber vagamente que dois caminhos se abriam à sua frente: o caminho das trevas, pelo qual, presa das paixões sensuais, seria conduzido a um mundo ilusório, e o caminho da luz. (Idem: Vol. 1: 339-340).

Yoshikawa realiza uma obra que reflete bem o espírito daquela época histórica, marcada por grandes conflitos de toda ordem, os quais foram trabalhados nos personagens nela representados.

Naqueles tempos, tipos um tanto excêntricos – como samurais empenhados em solucionar o grande enigma da vida e da morte, ou guerreiros que haviam despertado para a verdade de que o estudo das artes marciais exigia uma simultânea iluminação espiritual – frequentavam o conjunto denominado Sengen-in, o alojamento de monges também conhecido por Setor Norte do templo Daitokuji. A presença muito maior de samurais que de monges nas sessões de meditação zen daquele setor chegou a levantar suspeitas de uma rebelião em curso. (Idem: Vol. 1: 343).

Do confronto memorável contra toda a academia do clã Yoshioka, no qual quase uma centena de homens morrera pela espada assassina de Musashi, põe-se em cheque a questão da honra no contexto samurai.

Aquilo era um duelo – e mortal. Em lutas desse tipo, um samurai aposta a vida por sua honra e espada. O duelo deixa de ser verbal ou uma simples demonstração de floreios técnicos de esgrima e passa a exigir o empenho da vida. (Idem: Vol. 1: 442).

Entretanto, ainda não era esse tipo de duelo que formaria o homem que Musashi se tornaria. Ele mesmo, paulatinamente, chegava a conclusões cada vez mais profundas sobre seu processo de amadurecimento interior.

Difícil era encontrar um homem. O mundo abundava de seres humanos, mas custoso era achar entre eles um homem verdadeiro.

Musashi deu-se conta dessa dolorosa verdade durante suas andanças pelo país. E a cada nova e lamentável constatação, ressurgia-lhe no peito a imagem de Takuan, o homem tão genuinamente humano.

‘Sou um privilegiado, pois o destino me concedeu a maravilhosa oportunidade de cruzar com ele bem cedo na vida. Não posso deixar passar em branco este privilégio.’ (Idem: Vol. 1: 461).

As constatações permitidas por falsos sucessos, a exemplo do que ocorrera de sua batalha contra o clã dos Yoshioka, vieram muitas vezes de forma muito dolorosa, como pelo assassinato covarde do último descendente dessa família, o menino de treze anos, Genjiro Yoshioka (a pretexto de humilhar e exterminar por completo a academia de samurais que servia há séculos às casas imperiais), fez Musashi dar-se conta do tão baixo nível a que havia chegado enquanto ser humano.

Por que chegar a esse extremo? – censurava-se agora, odiando o próprio feito implacável.

[...] Mas com relação a esse particular episódio, rememorar a promessa para tentar reassegurar-se não surtia o efeito desejado: seu coração contraía-se de dor e amargura.

Era o caráter absoluto da espada que o obrigava a enfrentar tanta provação. A constatação o fez sentir que o mundo era por demais árido, e seu caminho, desumano. (Idem: Vol. 2: 313).

Ato que lhe rendeu uma reprimenda terrível dos monges do templo do monte Hiei, em que havia se hospedado e do qual fora, impiedosamente expulso:

Miserável demônio – você é tudo isso e muito mais! Neste nosso país, o verdadeiro samurai é comparado a flores de cerejeiras, que se vão à mais leve brisa, sem a menor relutância, em plena floração. Do mesmo modo que elas, o verdadeiro samurai despede-se da vida bravamente quando seu momento é chegado, não se agarra à vida a qualquer custo, como você!!

[...] Quanto mais bravo e ilustre o guerreiro, mais gentil e bondoso ele é, mais sensível se mostra à transitória beleza desta vida. A montanha sagrada o expulsa! Suma-se daqui o mais rápido possível! (Idem: Vol. 2: 318-319).

Novamente, em sinal de contrição, volta-se à espiritualidade, sempre recorrendo à deusa da compaixão, Kannon:

E assim, enquanto se recobrava dos ferimentos, ele havia começado a esculpir a imagem da deusa Kannon. O gesto, mais que um ritual em memória do menino morto, era uma prece pela própria alma acabrunhada. (Idem: Vol. 2: 313).

Em linguagem junguiana, o esculpir de uma imagem arquetípica de uma deusa que preside ao amor universal – espécie de exercício de *imaginação ativa* –, reflete a necessidade de ativar a *anima* na alma, desse espadachim tão tomado por afetos destrutivos, sádicos, desumanos.

Portanto, quando um espadachim se dedica à escultura, está se empenhando em elevar o espírito, assim como um monge, ao empunhar uma lâmina e esculpir uma imagem santa em estado de autoanulação, está procurando aproximar seu espírito ao do santo que esculpe. O mesmo espírito norteia os que pintam, ou se dedicam à caligrafia. A meta de todos é atingir a lua, mas muitos são os caminhos que conduzem ao cume da montanha. Alguns se perdem em meandros, ou tentam novos caminhos: todos, porém os trilham procurando chegar o mais perto possível da serena perfeição de Buda. (Idem: Vol. 2: 313).

A bem da verdade, Musashi nunca havia tido boas relações com o feminino, revelando, assim, uma típica psicologia de menino, no dizer de Moore e Gillette (*-Boy psychology*). Perdera a mãe ainda criança; teve pouca convivência com a irmã, da qual se separou quando adolescente, para lutar na Batalha de Sekigahara; teve pretendentes, cujas relações não se consumaram, como Otsu, Akemi (uma prostituta) e a mãe desta (Okoo); a cortesã Yoshinodayu; por outro lado, uma relação de repulsa por parte da velha Osugi (mãe de seu amigo Matahachi). Havia no protagonista, uma falta enorme quanto a esse quesito. Para Moore e Gillette, uma manifestação característica do menino que *-teme mulheres*!, assim como *-homens de verdade*!

Para citar um exemplo dessa inabilidade para com as mulheres, sobre Otsu:

A verdade era que Musashi passara a confiar na jovem. Até o episódio do pinheiro da encosta, em que lograra escapar das garras da morte, Musashi sempre mantivera uma atitude defensiva contra as mulheres em geral. Sempre as tinha temido, e também a Otsu.

[...]

Até esse dia, Musashi havia achado que uma mulher era capaz de enfeitiçar, de embotar a habilidade de um guerreiro e de desviá-lo do caminho da espada, e por isso as temera. Mas uma mulher como Otsu – bem preparada, compreensiva, capaz de lidar corretamente com a razão e a emoção – jamais haveria de armar ciladas amorosas no caminho de seu amado, de ser um estorvo para ele. Bastava apenas que ele próprio mantivesse o domínio sobre si e não se perdesse. | (Idem: Vol. 2: 358-359)

Seu nível de consciência tornava-se dia após dia mais refinado, à medida que mergulhava nos segredos de cada evento, efêmero e significativo, que a vida lhe proporcionava.

-Nos dois últimos anos aproximadamente, seu modo de ver a esgrima havia evoluído. Ela não era mais simplesmente *‘um meio para vencer o próximo’*, mas um *‘meio para vencer a si próprio e alcançar a vitória na vida’*. | (Idem: Vol. 2: 553)

Esse processo de imersão em si mesmo expresso pelo Musashi da literatura tem fundamentos na vida do Musashi da história. Após a morte de Sasaki Kojiro, o lendário guerreiro deixou, desde sua adolescência, de fato, as sombras do homem imaturo, enquanto jovem sádico e assassino, tendo matado cerca de sessenta pessoas, chegara a um ponto de vazio existencial a

que fora levado a tomar consciência e decidir se mudaria ou não de vida. Aos sessenta anos de idade, subiu o monte Iwato de Higo, em Kyushu, para homenagear o Céu (que para o povo japonês significa tudo o que há de mais puro, nobre, elevado), para orar a Kwanon (deidade da Compaixão, divindade que preside a esta que é a virtude mais importante do budismo), a ajoelhar-se diante de Buda (ideal de iluminação, autoconhecimento e superação da ignorância e do sofrimento) e, assim, atingir as luzes do guerreiro espiritual (o assumir desse arquétipo, tal qual um ‘salvador’ interior, que liberta da escuridão da *agnosia*, a inconsciência, propalada por Jung), tudo isso idêntico ao Fim almejado pelo *Bushido*, e ao Fim de Frankl, para quem – a todo momento a pessoa precisa decidir e definir, para o bem ou para o mal, que tipo de monumento irá erigir para sua existência, sua vida.

Reverberação da obra de estratégia militar *O Livro dos Cinco Anéis*⁴⁴, do próprio Miyamoto Musashi, que o declara: –Quando fiz trinta anos, refleti sobre meu passado. [...] Pego meu pincel para explicar o verdadeiro espírito desta Escola Ishi conforme espelhada no Caminho do céu e de Kwanon. (MUSASHI: 2011: 120-121)

Essa foi, talvez, a mais significativa, dentre várias mortes simbólicas de transformação do herói em guerreiro tem marco, a partir da passagem intitulada –*Profundo mar desconhecido*], a última da narrativa de Yoshikawa, dada sua significativa importância. Musashi, no exato momento em que havia derrotado aquele que considerou ser seu maior rival, Sasaki Kojiro, logo após o momento fatídico do duelo em que poderia, na Ilha de Funashima, também ele ter morrido, passara por um poderoso arrepiamento interior – uma moção significativa vinda de seu inconsciente:

‘Talvez nunca mais encontre um adversário desse nível...’, pensou. Uma imensa onda de amor e respeito por Kojiro engolfou-o.

Ao mesmo tempo, considerou o quanto devia àquele guerreiro. [...]

Absorto, Musashi caminhou dez passos e ajoelhou-se ao lado do corpo de Kojiro. [...]

‘Se o acudirem a tempo...’, pensou. Simultaneamente, sentiu alívio: talvez a luta inútil que tinham travado nesse dia não apagasse para sempre a vida desse formidável guerreiro. (YOSHIKAWA: 2009: Vol. 3: 497).

E o que não seria essa –imensa onda de amor], senão a ação da *anima* em Musashi, por aquele sentimento de afeição já dito em 1465, pelo cavaleiro francês Jean de Breuil, quando dizia que

⁴⁴ CLÁSSICOS DA ESTRATÉGIA ORIENTAL / [tradução Claudio Blanc]. MUSASHI, Miyamoto. *O Livro dos Cinco Anéis*. – Bauru, SP: Idea Editora, 2011, p. 120-121.

os guerreiros desenvolvem uma forma de amor específica: –amamo-nos tanto na batalha? Bly o disse bem: –é a fusão do amante e do guerreiro. (BLY: 1991: 147).

Eis o mesmo sentimento de Musashi por Kojiro, um reconhecimento de almas, uma comunicação profunda entre dois exemplos de arquétipo do guerreiro, que se reconhecem mutuamente enquanto tal.

Há tempos atrás, quando ambos os samurais haviam se encontrado e tomado conhecimento das habilidades físicas e espirituais um do outro sem, contudo, ainda não terem ido às vias de fato, em que Musashi recordara o ensinamento precioso de Takuan: –O verdadeiro bravo é aquele que ama a vida, a narrativa de Yoshikawa antecipa o que viria a suceder, justamente no duelo do capítulo final. Musashi já havia captado, de forma sobrenatural, o verdadeiro espírito oculto nas palavras do monge.

Ainda agora podia sentir viva, no âmago do ser, a noção de que a vida era um bem inestimável, que precisava ser resguardado a todo custo.

Por outro lado, amar a vida não era o mesmo que satisfazer a fome sem nada fazer, ou viver longamente sem nenhum objetivo. Significava, isto sim, esforçar-se para dar sentido a essa inestimável vida no momento em que se via obrigado a dela se despedir, dar-lhe o devido valor, riscar no céu da humanidade, até o último suspiro, o luminoso traço de uma vida plena de significado.

[...]

[...] Pois é a partir daí que se estabelece o valor ou a duração de uma existência, daí se sabe se ela havia sido fugaz, como espuma na areia, ou um raio luminoso no céu da humanidade.

Mas cada homem ama a vida diferentemente: o mercador tem o seu modo de viver, o samurai o dele. No caso de Musashi, ele se preocupava naturalmente em como atuar à maneira de um verdadeiro samurai na última cena de sua vida. (YOSHIKAWA: Vol. 2: 263-264).

Pequenas iniciações vão sendo construídas, ao longo do romance de Yoshikawa, como a que narra um episódio do encontro do guerreiro japonês com o líder de um clã samurai, Date Masamune, momento esse em que Musashi sentiu-se iluminado, ao perguntar-se sobre –o sentido do ser guerreiro, do seguir o *bushido*, que já no Período Sengoku muitos já o haviam perdido. No entanto, poucos ainda o preservavam, como percebido por Musashi dos *bushi* (guerreiros) daquele clã, o qual: –[...] mesmo em meio ao conturbado mundo desses dias, havia conseguido estabelecer um firme shido, uma ética guerreira inabalável, que não se vergava nem mesmo perante o poder xogunal. (YOSHIKAWA: 2009: Vol. 2: 439).

Esta fora uma constatação advinda do fato de que:

[...] os esgrimistas atuais haverem até perdido de vista o próprio shido, o caminho originário.

[...] Como resultado, dentre os que hoje se arrogavam a condição de guerreiros, muitos eram desprezíveis e mesquinhos, mais despreparados que lavradores ou mercadores. Tais elementos, quando guindados a posições de comando, naturalmente destruíam-se a si mesmos. Em contrapartida, até mesmo entre os mais valorosos das hostes de Toyotomi ou Tokugawa, muito poucos eram os líderes guerreiros que se empenhavam de verdade em trilhar o shido, que se preocupavam em ser essencialmente a riqueza e o poder da nação. (Idem: 439).

Num dos trechos mais emblemáticos da obra em foco – evidenciando um verdadeiro e significativo ritual de passagem de que nos falam os estudiosos do masculino –, à maneira clássica sintética, lacônica, sucinta, dos mestres do Zen, o monge Gudo exerce seu papel de pai iniciador, de -ancião do ritual, de forma dura, de modo a evocar em seu pupilo o chamado da dor, como dito por Livia Borges (2006), o apelo da alma que mata o herói-menino, e faz nascer o guerreiro-homem. Musashi, nessa mesma passagem, em busca de sentido para sua vida, tomado por um profundo sentimento de desesperança e angústia existencial, encontrara-se diante de um portal (*torii*, o qual simboliza a passagem para a iluminação budista) que trazia as seguintes inscrições, em forma de poema:

O que havia atraído o olhar de Musashi eram versos ali gravados. Leu-os à luz do luar:

__Perseverai em busca da essência.

Haku'un admirou os meritórios feitos de Kyakujo,

E Kokyū extasiou-se com os legados de Haku'un.

Assim como estes exemplos,

Buscai o tronco, não vos enganeis

Colhendo folhas, perseguindo galhos.'

[...]

E por que não conseguia restringir-se à esgrima, a essência do seu ser? Por que permitia que sua atenção se desviasse entre uma coisa e outra, isto e aquilo? Por que perdia tempo olhando à esquerda e à direita, por que vacilava? O caminho era um só: para que olhava as trivialidades à beira do caminho?

[...]

Musashi naturalmente seguiu a sombra escura sob o luar prateado, aflito por perdê-lo de vista.

[...]

Perdida agora a noção de tudo o que o rodeava, Musashi correu como uma bola incandescente de sofrimento e jogou-se aos pés de Gudo.

[...]

Gudo tinha riscado um círculo com a ponta do bastão. E no centro dele, achava-se Musashi.

[...]

Ergueu-se de súbito, impulsionado pela raiva, e permaneceu ainda algum tempo contemplando com ferocidade a distância iluminada pelo luar. O rancor aos poucos se extinguiu do seu olhar, e os olhos voltaram-se naturalmente para si e para a área em torno dos seus pés.

E então, uma súbita exclamação partiu de sua boca: rígido, Musashi deu uma volta em torno de si mesmo e achou-se em pé no meio de um círculo.

[...]

– Para quê? – murmurou, mantendo-se rígido no mesmo lugar, sem afastar-se sequer um centímetro.

Círculo.

Um círculo.

Por mais que o contemplasse, o círculo era apenas um círculo. Interminável, inquebrável, sem extremidades, sem hesitações, era um círculo.

Ampliando-o infinitamente, era a própria representação do mundo. Diminuindo-o radicalmente, ali estava ele. Musashi, em seu centro.

O mundo era um círculo, ele também: não podiam ser duas identidades distintas. Eles perfaziam uma única identidade.

[...]

Seus olhos tinham-se aberto, finalmente. Moveu-os para cima e viu a lua. Lua cheia, círculo perfeito, podia ser a própria imagem da lâmina, ou de um espírito percorrendo os caminhos do mundo. (YOSHIKAWA: 2009: Vol. 3: 364-369).

Eis a simbologia sugerida, nesse trecho, do *Enso* (pronuncia-se como *_enn sô'*), que do japonês, significa *-círculo*, mas um círculo pleno de poder e de sentido. Ele significa toda a ideia criativa da expressão, a mais pura possível, reflexo de um ato espontâneo, feito por um único traçado, fluido, tal qual a energia do universo que gera vida e sentido para a existência. Ao mesmo tempo espiritualidade, filosofia e estética, *enso* é o círculo como símbolo de perfeição, iluminação, elegância, ao mesmo tempo criação e vazio – a *-expressão do momento*, ideia cara especialmente ao zen budismo.

Essa ideia é igualmente preciosa à Psicologia Profunda, uma vez que, tanto para junguianos quanto para zen budistas, a forma como um artista desenha um símbolo, como o *enso*, expressa seu caráter, sua personalidade, sua totalidade, sua alma, seu *Self*.

Em leitura junguiana, uma vez que o monge Gudo desenhou o círculo em torno de Musashi, trata-se de uma expressão de sabedoria que o inconsciente coletivo quis operar no inconsciente individual do protagonista. O Círculo, ele mesmo, deu ao herói uma chave para tornar-se quem ele era de fato: um guerreiro em sua plena realização: física, psíquica, espiritual. Ou seja, Musashi trazia dentro de si todo o *potencial* para chegar a essa transformação pessoal – essa individuação –, mas só o pôde concretizar, de fato, por meio de um ritual adequado, realizado por um mestre capacitado para tanto.

O poder do símbolo do círculo, que ao mesmo tempo é centramento e abertura, é aqui operado no sentido de voltar-se para dentro de si mesmo e, assim, ser possível perceber, pelo vazio aí expresso, um novo ser em criação, ou em despertar para a suprema verdade da inconstância de todas as coisas. O ideograma em chinês para a palavra *-Ku* (*-Vazio*)⁴⁵, pode ser

⁴⁵ Em tradução livre, a partir do site <http://ku-do.com/wp/kudo-is/>:

-Choosing this philosophical word -KU as our motto/idea, we name this Budo, *-KUDOI*, *-空* (KŪ) means three important philosophical concepts: **Mujou kan** 無常觀 A view of life/world as something transient and empty. In other words, anything that has a shape be crushed or changed in its form someday. (Therefore it is no good for us to attached or obsessed by things). **Sougo izon** 相互依存 Interdependancy. All things exist only because they depend on each other (Therefore one should not be Self-righteousness, or self-conceited). Above mentioned two idea lead to following third one. **Huhen Huto** 不偏不党 open mind, impartiality, liberalism. We can gain all things if we try to do so earnestly, but in order to be free, we should never persist with them, even day by day affaires, separating ourselves from prejudice, bias and so on. This perspective may be expressed *-Open-Mindism* (Grand master Azuma's Original term). But It never means the way of *-Self-centred*, *-egoistical* but *-Open mind with generous*, *-humble heart in robust belief*. So for those who choose *-Kudoi* as Budo of our life, should think much of these three words. That is to say, if we meet the any kind of difficulties we must face them positively and never evade without challenge against them in order to gain the ultimate, highest truth.

compreendido por três aspectos, segundo o mestre de artes marciais, o japonês Azuma Takashi: *Mujou kan*, -tudo quanto é físico, é suscetível de mudança; por isso, convém não apegar-se a bens materiais; -*Sougo izon*, -tudo é interdependente; não há certezas absolutas; e -*Huhen hutou*, -manter a mente aberta; ser liberal e imparcial, sem preconceitos.

William S. Wilson (2006) fizera um amplo estudo sobre a vida de Musashi, e encontrara diversas influências da mentalidade budista que acabaram reverberando na obra de Yoshikawa, como obras fundamentais que circulavam à época de ambientação do romance, e na vida do personagem retratado na mesma, a exemplo de dois de 146 versos do escrito -*Hsinhsinming* (em japonês, -*Shinjinmei*), atribuído ao patriarca zen (em chinês, *ch'an*) da China, Seng-ts'an:

Uma coisa é exatamente todas;
Todas são exatamente uma.
Se for capaz de ser assim,
Por que temer o que é incompleto? (WILSON: 2006: 260)

Em busca de aperfeiçoarem a si próprios, certos artistas desenham constantemente o círculo zen, para que, conforme suas convicções profundas, uma vez refinados em sua natureza búdica, poderão representar o *Enso* verdadeiro.

Nessa mesma passagem ritual do Musashi yoshikawano, fora citada a Lua: -à luz da lua, -sob o luar prateado, -distância iluminada pelo luar, -Seus olhos tinham-se aberto, finalmente. Moveu-os para cima e viu a lua. Lua cheia, círculo perfeito [...]. Rica e metaforicamente elaborada, e não à toa, porque esse símbolo reflete ensinamentos profundos e tácitos:

O grande patriarca hindu Nagarjuna (século II ou III) – a quem a escola Mayahana deve o ensinamento do ‘Caminho do Meio’ com seu conceito central do ‘Shunyata, o vazio absoluto’ (k'ung, em chinês, ku, em japonês), também já comparou o ser búdico à lua cheia, ‘amplidão vazia e luminosa’. Um verso a ele atribuído diz o seguinte:

‘O corpo surgido da figura redonda da lua
Mostra abertamente todos os seres de Buda.
Atentem, pois o vazio não é algo externo,
Não é para os olhos, nem para os ouvidos.’

Em essência, o Zen parece ter desenvolvido desde cedo o princípio de ensinamento e aprendizagem, baseando-se em uma das várias camadas da simbologia do círculo. (BRINKER⁴⁶: 1993: 31)

A luz da lua como símbolo daquela meia-luz, de cor prateada, e não a fulgurante dourada solar, porque a transformação se faz entre luzes e sombras, naquele meio caminho em que consciência e inconsciente podem parar para se *ad-mirarem* e conversar. A lua pode ser contemplada, diretamente mirada pelo olhar, ser objeto de meditação. O mesmo não pode ser dito do fitar o sol, cuja luminosidade e calor intensos podem cegar – a não ser que se trate do nascer e do por do sol, porém, são breves instantes de flerte entre o dia e a noite, que se dão no amanhecer e no entardecer. Metaforicamente, o processo de individuação não pode ocorrer, segundo Jung, sem o papel decisivo do Ego, porque é por meio deste que o Self pode ser devidamente confrontado, como que por uma *entre-vista*: uma conversa a certa distância, como que à –distância iluminada do luar! – imagem poética e budicamente expressa em *Musashi*.

Distanciamento necessário para que o Ego não seja _tomado pelo Self ‘ – cujas forças são perigosamente imprevisíveis, desconhecidas, sombrias.

Vale recordar o profundo ensinamento de um grande mestre zen, o professor D. T. Suzuki, no prefácio à obra de outro mestre, professor Eugen Herrigel, em *A Arte Cavalheiresca do Arqueiro Zen*, a respeito da mesma advertência outrora feita por Jung e Wilhelm, em *O Segredo da Flor de Ouro*, sobre como é difícil ao ocidental entender o pensamento oriental. Diz-nos Suzuki:

Mestre, discípulo, arco, flecha, alvo: essas são as personagens que esperam pelo leitor nas páginas que se seguem. Mas tal encontro exigirá, por parte do leitor, algumas abdições. A lógica do pensamento ocidental deve ser posta de lado. A estrutura do cartesianismo, reduzida a cinzas. A relação causa-e-efeito, desprezada. A separação sujeito-objeto, ignorada. O tédio, ridicularizado. Mas a paixão pela vida, enaltecida. A cerimônia desse encontro é presidida pelo príncipe Sidarta, que perdeu a sua vida para despertar como Buda, o Amida, o símbolo da compaixão, aquele que nos mostrou o caminho do meio como o único capaz de vencer os sofrimentos que marcam a banalidade do cotidiano.

Este livro trata do Zen como os mestres gostam de abordá-lo: uma experiência direta, imediata, não-filtrada pelo intelecto. O autor, ocidental típico, cai na tentação de questionar, de pôr em evidência sua perplexidade diante das lições do mestre. Muitos anos se passam até que ele perca a sua vida e descubra o que é o Zen: transcendência do intelecto, desprezo pelas palavras, silêncio, gestos iluminantes e iluminados, comunhão com o cosmo. (HERRIGEL: 2006: 5-6).

O autor de quem fala Suzuki é o próprio Herrigel, o qual se submeteu às orientações de um mestre japonês de *Kyudo*, a arte japonesa do Arco e Flecha. Ao final de sua obra citada, o outrora discípulo, então graduado, chegara à sábia conclusão:

⁴⁶ BRINKER, Helmut. *O Zen na Arte da Pintura*. Ed. Pensamento, São Paulo, SP, 1993, p. 31.

Entre o estágio de noviço e de ‘mestrado’, transcorreram longos e fecundos anos de incansáveis exercícios. Sob a influência do Zen, a *habilidade se espiritualizou* e o praticante dessas artes se transformou, vencendo a si mesmo e de si mesmo se libertando por etapas. (Idem: 86-87).

O Musashi yoshikawano atinge sua maturidade plena a partir desse momento, dessa compreensão, desse *satori* (-despertar!): de que seu ser está ligado à Mente Universal, ao grande Vazio, sem princípio nem fim, do qual tudo se cria, tem vida e sentido, e pelo qual tudo se transforma e a ele retorna.

As sombras que se interpuseram no Caminho (*Do*) do *ronin* que, no auge de sua pretensão arrogante, não queria admitir um mestre, um *sensei*, um *guru* (do sânscrito: -gul, -trevasl, e -rul, -o que dissipal), simbolizam as três obstruções da alma humana para o budismo: a ignorância, o desejo e o ódio. A personalidade infantil que desde os treze aos trinta anos tomara o protagonista, durante a narrativa vai sendo contornada, *pari passu*, na medida em que a Luz de Buda se manifesta, por meio dos personagens secundários, até que, por eventos significativos, que remetem à simbologia da totalidade, nosso herói atinge a maturidade do guerreiro, educado pelos princípios divinos do *bushido*. O *homem-onda* desorientado por uma infrutífera busca focada na rigidez e dureza de caráter, é derrubado pelo poder feminino do círculo e da lua, símbolos da *anima* que conquista pela *suavidade*, num movimento circular iluminado que, ao mesmo tempo, centraliza e integra no todo, um ritual de passagem que mata o menino e faz nascer o Homem.

**CAPÍTULO IV.
DO ELEMENTO DE COMPARAÇÃO**

CAPÍTULO IV. DO ELEMENTO DE COMPARAÇÃO:

O espartano e o samurai como arquétipos do masculino maduro, em *Portões de Fogo*, de Steven Pressfield, e *Musashi*, de Eiji Yoshikawa.

*O Supremo Senhor disse:
Capacidade de luta,
generosidade, força,
determinação, destreza
e poder de comandar
são as qualidades próprias
do modo de agir dos kshatryas.
Bhagavad Gita⁴⁷*

*—Lembre-se de que você veio para cá já tendo compreendido
a necessidade de lutar consigo próprio, apenas consigo próprio.
Agradeça, portanto, a todos os que lhe dão a oportunidade. |
Gurdjieff, em —Encontros com Homens Notáveis*

*—Conheça o masculino,
Mantenha-se no feminino,
E seja o Manancial do Mundo. |
Lao Tzu, em —Tao Teh Ching⁴⁸*

⁴⁷ DUARTE, Rogério. *Bhagavad Gita. Canção do Divino Mestre*. Companhia das Letras, São Paulo, SP, 1998, p. 200.

⁴⁸ TZU, Lao. *Tao Teh Ching*. Translated by John C. H. Wu. Shambala, Boston & London, 1990, cap. 28, p. 42. (Tradução minha)

—28

*Know the masculine,
Keep to the feminine,
And be the Brook of the World. |*



Figura 9. Criança espartana sendo levada à iniciação do Agoge.

Acesso: <https://lsgreekproject.wordpress.com/2015/06/14/pandoras-stories-the-agoge/>



Figura 10. Monge Takuan inicia Musahi no *Bunbu Ryodo*, o Duplo Caminho das Letras e das Armas.

Acesso: <https://revistamoviemment.net/o-samurai-dominante-1-musashi-miyamoto-da-trilogia-samurai-b41b87cf99a2>

Árjuna se reconhece enquanto *Si-mesmo* a partir do contato com sua memória arquetípica de guerreiro, intermediado pelo deus Krishna, de modo que ele entende profundamente qual é seu modo de ser no mundo, pelo seu dever (*dharma*) de *krsatrya* (ou *_xátria*‘, do sânscrito: guerreiro). Eis o processo de individuação típico do guerreiro que ultrapassou a mera condição de herói. A partir desse ponto, de transpostos os umbrais do medo da morte e das

dúvidas existenciais, não cabe mais nenhuma condição, nenhum –sel – a partir do momento em que a consciência do Eu reconhece a operação reveladora do *Self*; em que mata-se a psicologia de Menino (*-Boy psychology*) para se dar à luz o Homem (*-mature masculine*).

Assim é que o indivíduo, outrora relegado a uma psique infantil, ao passar por provas a frio e a quente, como se tempera uma lâmina de aço, toma corpo; ou por um processo de amálgama de *mercúrio* e *ouro*; agora, o Ego egoísta dá lugar ao *Self* altruísta: percebe-se enquanto instrumento para um bem maior.

A cantina de estrito acesso masculino dos espartanos é um exemplo do que Moore e Gillette, em *Rei, Guerreiro, Mago, Amante*, dizem sobre locais especialmente preparados para verdadeiras iniciações:

Os antropólogos são quase universalmente unânimes em dizer que esses santuários nas cavernas foram criados, pelo menos em parte, por homens para homens e, especificamente, para o ritual de iniciação de meninos no mundo misterioso da responsabilidade e da espiritualidade masculinas. (MOORE: 1993: 4).

Em *Portões de Fogo*:

No tom das vozes dos outros homens, não importa quão impiedosamente crivavam Alexandros de perguntas, havia, por fim, o fundamento tácito da inclusão. Alexandros era do sangue deles, era um deles; tudo que fizeram nessa noite, e nas outras, não era para derrubar seu ânimo ou aniquilá-lo como um escravo, mas para torná-lo mais forte, moderar sua vontade e torná-lo mais merecedor de ser chamado de guerreiro, como eles eram, de ocupar o seu lugar como oficial espartano e um Par. I (PRESSFIELD: 2000: 141).

James Hollis, desencantado com os rumos que a sociedade moderna tomou, em relação ao negar esses acessos aos jovens do sexo masculino, nos dá um testemunho pessoal:

Lembro-me certa vez ter vislumbrado um desses mistérios dos quais sentia necessidade de absorver como homem. Um anzol ficou preso na mão do meu pai e este, impassível, retirou-o simplesmente. Presumi, então que, por certo, os adultos não sentissem a dor que nós, os pequenos, sentíamos, mas também desconfiava de que lhe haviam ensinado aquela coragem misteriosa de que eu tanto precisava. Talvez não fosse esperar demais que um dia ‘eles’ me levassem a um canto e me ensinassem como ser homem. Imaginava que isso se daria ao ingressar no segundo grau. Embora nada acontecesse a respeito da puberdade, via que as pessoas no segundo grau tinham o corpo mais avantajado, que pareciam encontrar-se do lado adulto do grande abismo. Entretanto, para surpresa minha e desapontamento que perdura até os dias de hoje, ‘eles’ nunca me levaram a um canto para me dizer o que significa ser homem, nem me ensinaram a comportar-me como adulto.

Hoje, é claro, compreendo que ‘eles’, os chefes tribais da nossa época, tampouco sabiam o que significa ser homem. Também não haviam sido iniciados e mal conseguiram transmitir os mistérios e o conhecimento libertador de que eles próprios careciam. (HOLLIS: 2008: 21-22).

Algo semelhante ocorrera com Takezo, no capítulo cujo título *A Cela da Luz*, dão uma mostra de *iniciação eficaz*, ocasião em que o antigo nome do protagonista de Yoshikawa é mudado para Miyamoto Musashi, evidenciando, assim, um batismo para uma nova realidade. Trata-se

de uma das mortes simbólicas pelas quais o espadachim fora sendo levado, gradualmente, à iluminação. No trecho, Musashi é mantido preso pelo monge Takuan e pelo suserano Ikeda Terumasa, senhor do castelo Hakurojo, durante três anos, no alto de uma torre, num quarto escuro, iluminado por tênue luz de lamparina. Privado de calendários, primaveras e outonos, Musashi só tinha por companhia o silêncio profundo e livros – muitos deles.

Pilhas de livros rodeavam a escrivadinha. Havia desde literatura japonesa e chinesa até tratados zen e história do Japão. Os livros soterravam a sala.

Todas as obras provinham da biblioteca do clã. No momento em que, condenado ao confinamento, fora encerrado na sala do torreão, Takuan lhe dissera:

– Leia tudo o que lhe for possível. Diz-se que certo renomado monge chinês encerrava-se periodicamente numa enorme biblioteca e lia milhares de livros. E a cada vez que de lá saía, diz a lenda, aos poucos seus olhos espirituais se abriam. Quanto a você, encerrado neste escuro recinto, considere-se dentro do ventre materno, preparando-se para o nascimento. Aos olhos da carne, este recinto nada mais é que um escuro quarto selado. No entanto, olhe com atenção e medite: a sala está repleta de luz, luz que todos os tipos de sábios da China e do Japão ofereceram à civilização. Tanto poderá viver enclausurado num escuro quarto selado, ou passar os dias numa sala cheia de luz – a escolha é sua e cabe ao seu espírito decidir. (YOSHIKAWA: 2009: Vol. 1: 141).

Findo o prazo dos três anos de reclusão, o batismo:

A seu lado, Takuan acrescentou:

– Nesse caso, vamos mudar também a leitura de seu nome: conservando-se as mesmas letras, que sejam lidas de um novo modo – Musashi. Saído do ventre da escura cela, hoje é o seu primeiro dia no mundo da luz. Melhor será que se renove inteiramente. |

[...]

[...] Musashi, por seu lado, preparava-se para dar o primeiro passo no árduo caminho de adestramento e disciplina ascética, rumo à formação pessoal e guerreira. (Idem: 2009: Vol. 1: 144-145).

Algo muito comum, em rituais antigos de passagem, que se mude o nome de uma pessoa, simbolizando que ela já não é mais a mesma. Numa leitura junguiana, significaria a revelação de que há uma fluidez da personalidade que trazemos e que, no processo de amadurecimento psíquico, o Ego sofre uma espécie de plasticidade, desde que haja o movimento necessário para tanto – que pode ser pelo ritual, pela terapia, meditação, por qualquer outro processo de autoconhecimento. Uma vez em estase, a neurose é certa, assim como a psicose, pela possessão pelo arquétipo. Um exemplo de possessão pelo arquétipo é o caso de alguém que não consegue se dissociar de uma dada *persona*⁴⁹. Enquanto vivia preso a uma identidade

⁴⁹ *Persona* (do latim, –máscara): conceito junguiano relativo aos papéis socioculturais a que uma pessoa se submete, ou é submetida, durante sua existência. É também um arquétipo. Pode assumir comportamento bipolar: saber usar as máscaras sociais ou ser possuído por elas. Luiz P. Grinberg (2003: 145) cita a psicóloga analítica brasileira Nise da Silveira (em *-Jung – Vida e Obra*, Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1983: 91), para a qual: –quanto mais a Persona aderir à pele do ator, mais dolorosa será a operação psicológica para despi-la!

limitante, marcada por rigidez e agressividade, acreditando-se um samurai, Musashi era tão-somente Takezo. A via espiritual em que fora iniciado o conduziu a um processo de mutação de sua personalidade, rumo ao amadurecimento.

Aquela –intensa onda de amor e respeito de que Miyamoto Musashi sentiu-se invadido, após ter derrotado seu maior oponente, Sasaki Kojiro, e justamente naquele exato momento, sentiu-se unido à alma desse guerreiro, como que por identificação mútua: não seria isso um clamor do *Self*, como *Imago Dei*, em nós, suplicando-nos por superação de todas as diferenças e dualidades? E não seria o processo de individuação aquele mesmo reconhecimento que Musashi encontrou no *Hsinhsinming* de Seng-ts’an: –uma coisa é exatamente todas; todas são exatamente uma? A verdade oculta de que há uma *interdependência* entre todos os seres, apesar das individualidades? E que algo mais haveria de ser essa dependência mútua do que o *profundo amor divino* que, ao mesmo tempo em que se manifesta numa vida, busca preservar todas, conforme a mística budista de que *a vida é uma joia preciosa*?

Uma intensa onda de amor e respeito por Kojiro engolfou-o.

Ao mesmo tempo, considerou o quanto devia àquele guerreiro. Como esgrimista, Kojiro era certamente de uma classe superior à dele. E ao visar esse indivíduo superior, Musashi tinha-se guindado a uma posição ainda mais alta. Isso ele lhe devia.

Mas o que o fizera vencer um inimigo superior? Técnica? Ajuda divina?

Era fácil negar, mas, a bem da verdade, Musashi não sabia.

De um modo vago, era algo que superava a força ou ajuda dos céus. Kojiro tinha acreditado na esgrima voltada para a técnica e a força, enquanto Musashi acreditara na esgrima espiritual. Essa era a única diferença.

[...]

Tocou o solo com uma das mãos e fez uma reverência a Kojiro. | (YOSHIKAWA: 2009: Vol. 3: 497)

Conforme Daisaku Ikeda, em –Vida, um Enigma, uma Jóia Preciosa:

Falando de maneira geral, o eu que morre continua sintonizado – como antes – ao estado de existência. Da mesma forma que há um ‘eu’ que é vítima do sofrimento e da ansiedade, há os que se movimentaram ao longo das ondas da alegria. As funções, operações ou atividades da morte – embora diferentes em textura das exercidas da vida. A morte, por formar uma unidade com a vida, é também original e eterna.

Manifestando morte ou vida, nosso eu é parte integral da existência cósmica. Mesmo dentro de uma pessoa em estado de Inferno, mantém-se vivo o supremo estado de Budicidade, pois a energia da Lei Mística permeia as correntes profundas da morte. Pleno de uma compaixão profunda, o Buda ilumina as realidades da vida e da morte justamente como são. Esse é o reflexo do discernimento de Buda sobre a realidade constante e fundamental de todas as formas de vida, como é também a expressão da possibilidade de salvação destinada ao alívio do sofrimento da morte. (IKEDA: 2002: 200).

Eis a essência da *esgrima espiritual* à qual Musashi viera se dedicando, ao longo de seu paulatino processo de individuação, na obra de Yoshikawa, neste que é o último capítulo da mesma, coroado com as seguintes linhas:

O mundo é um contínuo marulhar.

Pequenos peixes cantam e dançam, nadam espertamente ao sabor das ondas que vêm e vão. Quem no entanto é capaz de saber o que se passa nas recônditas profundezas desse mar sem fim?

Quem algum dia já mediu sua exata profundidade? (YOSHIKAWA: 2009: Vol. 3: 498).

O outrora Takezo, um *ronin*, homem-onda, que vivia uma vida a esmo, sem orientação, sendo levado à direita e à esquerda dos vários caminhos do mundo, unicamente preocupado com o alimentar de um ego destrutivo, sádico e sanguinário, com ajuda de pessoas certas, tornara-se um homem dotado de sabedoria e compaixão, então capaz de circular por vastos territórios sem perder seu centro, e de seguir por uma senda que, mesmo não lhe privando de ignorância, ódio e desejo, nem mesmo de medo, pois que fora tudo isso mesmo o que lhe permitiu exercitar os valores intrínsecos de um arquétipo, presente num inconsciente cultural específico, mas também como reverberação de um modelo universal.

A prática de análise literária não é muito diferente da prática de análise de um paciente numa clínica, não na perspectiva da psicologia analítica junguiana. Se para a literatura tem-se uma obra, para a psicologia tem-se outra – uma alma –, apenas com nomes diferentes. A obra literária é, também, outra alma e, como tal, traz em si todo um universo interior a ser desvendado, sendo a mesma um *constructo* (na acepção psicológica: objeto de percepção ou pensamento formado pela combinação de impressões passadas e presentes), sendo fruto de imaginação, uma extensão do seu criador, o qual nela expressa suas luzes e suas sombras, sua consciência e seu inconsciente. A obra literária é uma forma de comunicação da alma individual com a alma coletiva. Recobrando a ideia hermética medieval, segundo qual a Grande Obra (*-Magnum Opus*) não seria outra que, num sentido profundo, a transformação do caráter de *chumbo*, duro, pesado, negativo e infantil, na maleável, flexível, positiva e madura personalidade de *ouro*, da *Alma Humana*.

4.1. INVOCAÇÃO A HERMES, DEUS MENSAGEIRO, DA LINGUAGEM E DO INCONSCIENTE.

A partir deste ponto da presente dissertação de mestrado, com base nas observações supramencionadas, peço licença ao leitor para tomar certas liberdades literárias, inspirado no

processo criativo de Pressfield (2005), segundo o qual o artista tem como maior virtude o desprezo pelo fracasso, do mesmo modo como o guerreiro desdenha a morte.

Ao se pretender fazer uma análise, em estudo comparado entre literatura e psicologia, é sugestivo, de certa maneira, usar de similares recursos: uma prática introspectiva de *imaginação ativa*, tal como proposta por Jung, por estímulos de extravasamento de fantasias contidas na mente consciente e inconsciente, como *exercício* ou *tentativa* de interpretação – o que não deixa de ser uma forma de *heroísmo* e, portanto, passível de falhas. Mas, nem por isso, seria menos humana. E já que se está no âmbito das Humanidades, deem-se asas à imaginação – ao que é próprio do humano! Pois que a imaginação é *linguagem, poesia e tradução de humanidade*.

Considerando que, antes de qualquer formulação que se pretenda –racional, Jung tem por base que tudo o que sucede em nossa consciência, já fora, antes, motivado por algum *afeto*; caso contrário, este trabalho não teria sido idealizado, nem feito. E se são os deuses que operam em nós a sua vontade, o presente projeto não seria nada além do que uma versão, por pretensão literal, mas efetivamente literária, metafórica, poética, de uma arte que se faz a si própria. O artista, ao que parece óbvio, precisa, à maneira de Pressfield, usar –botas de combate para poder pisar em terrenos movediços, feitos das areias da representação e da imaginação.

É tão metafórica a linguagem literária, quanto a da prática terapêutica. A hermenêutica e a fenomenologia são obras de um Deus Trapaceiro. A tradução, mesmo não sendo perfeita, pode servir para comunicar *algo*. E como o Deus de Asas nos Pés é condutor de mensagens, essas podem ser captadas de modo subliminar, sutil, implícito, com todas as cargas de duplicidade, ambiguidade, ou... subversão. Hermes voa ligeiro e, portanto, não é fácil reter o que ele deixa em sua passagem. Seu ludíbrio pode se converter tanto em tropeços interpretativos, ao se ler uma obra literária, quanto na clínica, num certo sentido, na linguagem do futebol, o fazer de uso de ‘pedaladas’ ou ‘manobras terapêuticas’, para conduzir um paciente à cura. O Malandro, contudo, age por uma *herm-ética* própria. Acima do bem e do mal, de todas as convenções e do racionalismo, o deus imoral e fora das normas convencionais, faz a vontade soberana dos deuses que moram no inconsciente; conduz a razão de seu modo *irracional*, mas faz o que é preciso, por um fazer autônomo.

Não é o artista que tem a Arte, mas esta é que o tem. Do mesmo modo, para a teoria junguiana, não somos nós que temos um complexo, mas este é que nos toma e realiza.

Se convém a Hermes o comércio entre consciência e inconsciente, nada mais –natural que se fale, na linguagem da economia, em especulações. Uma coisa é valor de troca e outra, valor de uso. Mas que moeda se está usando? É possível uma troca justa, nesse intercâmbio entre os valores do Ego e os do Self? Consciência e Inconsciente se comunicam dessa forma – por associações, aproximações, por uma entrega aos dados, de forma desarmada, não se esperando mais do que ser guiado por sonhos, símbolos, sincronicidades. Dados que, por si sós, juntarão peças que farão sentido. Necessário ter mente aberta. E seguir a orientação intuitiva e autônoma do rastro desnorteante e revelador da *ratio* irracional hermética. Há um *juízo* próprio da *intuição*, para além de qualquer pensamento, sentimento ou sensação.

Aniela Jaffé (1964) faz um estudo das relações da psicologia analítica com as artes plásticas, de como o inconsciente, pelo poder dos símbolos, manifesta-se nas imagens produzidas por artistas, como o suíço Paul Klee, para quem –o diálogo com a natureza é a condição *sine qua non* de sua obra:

Paul Klee, que podemos considerar o poeta dos pintores modernos, diz: "É missão do artista penetrar o mais fundo possível naquele âmbito secreto onde uma lei primitiva sustenta o seu crescimento. Que artista não desejaria habitar a fonte central de todo o movimento espaço- tempo (esteja ele situado no cérebro ou no coração da criação), de onde todas as funções extraem a sua seiva vital? Onde se esconde a chave secreta de todas as coisas? No ventre da natureza, na fonte original de toda criação?... Coração a palpitar, somos levados cada vez mais para baixo, em direção à fonte primeira."(JUNG: 1964: 263)

Para Klee e outros artistas, assim também a visão de Aniela Jaffé, o deus que opera na criação artística não é outro senão *Mercúrio duplex*, o de –duas caras, que remete ao metal líquido, portanto à duplicidade presente nas ideias de positivo e negativo, bem e mal, claro e escuro: motivos esses transpostos à obra artística, pois o artista produz arte à maneira do *deus duplo*, cuja alquimia consiste em –tornar visível tudo o que se percebe secretamente (Klee). *Mercúrio*, apesar de líquido, é consistente.

Assim, todo trabalho com arte envolve o que James Hillman (2010) chamou de *ego heróico* e *ego imaginal*. Enquanto o primeiro prende-se a fatos, dados, problemas, realidade, transtornos; o último, a fantasias, metáforas, poesia, multiplicidade de sentidos. Seria, conforme Hillman, por meio de um exercício de *ver através* das formas e dos conceitos, que se poderia perceber a –alma das coisas, a –alma das palavras. Nesse sentido, vida, alma e palavras são verdadeiras *matrioskas*.

Toda a filosofia esconde também uma filosofia; cada opinião é também um esconderijo; cada palavra é também uma máscara. (NIETZSCHE: 1992: 193, §289).⁵⁰

E também, igualmente, formas de *matrioskas*: a prática da análise literária e a da psicoterapia.

Os Trezentos de Esparta e Musashi tiveram iniciações que os permitiram enxergar para além da transitoriedade de suas formas, de seus corpos, dos eventos ilusórios do mundo externo. Eles foram alçados pelo poder de *ver de dentro*; com foco unicamente no tronco, não nos galhos e folhas, mas mirando num horizonte que, mesmo que não fosse palpável aos cinco sentidos, com certeza o seria, pelo sexto – pelo terceiro olho que identifica e une a natureza humana à divina.

As personalidades outrora irascíveis, impetuosas, arrogantes, titubeantes, covardes, a exemplo do garoto Takezo, e dos novatos do *Agoge* espartano, tomadas pelo arquétipo do *puer*, maculadas por suas sombras, no dizer de Hillman (2010) eram manifestações de quando – assumimos que eventos têm uma casca externa que chamamos dura, resistente, real. Porém, Hillman sugere que é – vendo através das ilusões dos problemas na realidade das fantasias – que se pode sair da esfera perceptiva do ego heróico para outra muito mais sutil, a do ego imaginal.

[...]. ‘_Não entender’ era tão vasto que ultrapassava qualquer entender – entender era sempre limitado. Mas não-entender não tinha fronteiras e levava ao infinito, ao Deus.

[...] Compreender era sempre um erro – preferia a largueza tão ampla e livre e sem erros que era não-entender. Era ruim, mas pelo menos se sabia que se estava em plena condição humana.

No entanto às vezes adivinhava. Eram manchas cósmicas que substituíam entender. (LISPECTOR: 1994: 52-53)

Mercúrio, Deus do *Mistério*, patrono da Linguagem e do Inconsciente, pela arte hermenêutica do velar revelando, do desvelar velando, realiza milagres, fenômenos, obras artísticas – humanas e divinas:

Nós, os que escrevemos, temos na palavra humana, escrita ou falada, grande mistério que não quero desvendar com o meu raciocínio que é frio. Tenho que não indagar do mistério para não trair o milagre. Quem escreve ou pinta ou ensina ou dança ou faz cálculos em termos de matemática, faz milagre todos os dias. (LISPECTOR: Idem: 108-109),

O Deus Mensageiro, que preside aos voos da imaginação; à eloquência; à hermenêutica; comunicações; sonhos, fantasias e devaneios; viagens; estradas, encruzilhadas, passagens e

⁵⁰ NIETZSCHE, Friedrich. Além do Bem e do Mal: prelúdio a uma filosofia do futuro. Companhia das Letras, São Paulo, SP, 1992, p. 193, §289.

fronteiras; comércio; cálculos; ladrões; harmonia musical; juízo, bom senso; magia; divinação etc; que também rege formas de iniciação e é guia das almas dos mortos para o reino de Hades, é único na habilidade de utilizar-se dessa *ratio* irracional, também sendo arquétipo do Psicopompo (grego *psychopompós*, junção de *psyché*, alma, e *pompós*, guia) *por excelência*: aquele que age para criar algo novo, para manter viva a chama da arte e da vida, para resgatar os conteúdos imanentes, primordiais, arcaicos, eternamente presentes, de tudo o que está na sombra das mentes individuais e na Mente Universal. Para além de toda e qualquer conceituação pré-fixada, e justamente por ser *original* – primitivo, natural, singular, criativo, excêntrico –, Hermes, o –Três Vezes Grandel, pode dar à humanidade a chance de escapar da ditadura das verdades únicas, dos dogmas, das leis que jazem em letras mortas, para se refugiar no domínio da pura liberdade de expressão, conferida pelo poder do símbolo, da metáfora, da *poiesis*, da Vida.

—*O Deus que me ajude nessas trevas geladas que são as minhas.* (Ibid.: 1994: 54)Hermes, símbolo de Alma, Vida, Liberdade, Personalidade, Totalidade.

Esse *daimon* especialista em ‘fazer artes’, atua de formas inesperadas. Como um deus que traz desígnios de um lado para outro, entre rotas ora retas, ora curvas; senhor de cruzamentos e desvios, faz-nos dar voltas, pode nos desencaminhar, quanto nos fazer andar em torno do mesmo lugar, ou seguir por um caminho sem fim. Assim funciona a mente, a alma, sob seu comando: por pensamento associativo, analógico, orgânico, simbólico – o que pode confundir junguianamente falando, o pensamento dirigido, prático, planejado, da realidade.

Há muitas coisas na alma que não são fabricadas pelo eu, mas têm vida própria e se fazem por si mesmas, independente de nossa vontade, sendo como ‘personagens da imaginação’. (GRINBERG: 2003: 39).

Autonomia do Inconsciente. Autonomia do Deus em nós.

Todos os acontecimentos de nossa vida, tanto interiores quanto exteriores, são simbólicos. (GRINBERG: 2003: 42).

Essa foi a maior de todas as motivações que fizeram Jung tomar outro rumo em sua vida profissional, enquanto médico e psiquiatra, para os caminhos *tortuosos* da psicoterapia, da psicologia analítica, profunda, dos complexos.

Diante da rigidez da visão positivista, racionalista, mecânica, científica, ligada à análise e à reflexão, ao mundo da razão e dos fatos objetivos, porém, sem nunca negar o campo comum da experiência dos fatos biológicos, Jung buscou os fatos espirituais para, ao unir natureza e

espírito, descobrir que, pela *via intuitiva*, relacionada à fantasia e à imaginação, à realidade dos sonhos e da subjetividade, fosse possível chegar a pistas para questões até então mantidas sob o véu da acusação de falsa ciência.

Não conseguindo efeito algum, finalmente decidiu corajosamente abandonar-se ao impulso inconsciente e às suas imagens. (GRINBERG, 2003: 39).

A *intuição* e o *humanismo* de Jung o levaram a abraçar a humanidade, viajando pelos confins do mundo, entre culturas as mais diversas, ao modo dos antropólogos, exercitando o olhar aberto e desapegado de conceitos e preconceitos, com o fim de verificar, na prática, na vida, e não nos grossos compêndios das prateleiras acadêmicas, os sentidos profundos, os traços comuns a toda a espécie humana, independente de épocas, lugares e culturas.

Para ele a psicologia seria a única ciência mediadora capaz de conciliar a idéia à coisa, sem violentar nenhuma delas. Para diferenciar sua psicologia da psicanálise de Freud, Jung denominou-a psicologia analítica – também chamada por alguns autores de arquetípica (Hillman) ou simbólica (Byington). (GRINBERG: 2003: 44).

As descobertas da psicoterapia junguiana vieram a considerar *Hermes o arquétipo tutelar do processo de individuação* e da *cura psíquica*, dado que esse divino, pela herança mitológica, compreendido desde períodos arcaicos da história da humanidade, teria as qualidades adequadas que o ligariam ao princípio capaz de comunicar aspectos discordantes da psique e conduzi-los à totalidade da personalidade.

Daí, que, em sintonia com a teoria em curso, de que esse arquétipo divino é uma imagem da ideia de mudanças: de natureza em cultura, de linguagem dos deuses em humana, de sombrio em lucidez, de estranheza em familiaridade, de convencionalismo em subjetividade e, mais especificamente falando, no contexto da presente pesquisa, de personalidade infantil de herói em madura de guerreiro.

Seguindo o conselho de Jung, para quem, lutar contra os deuses é tornar-se doente, faz-se aqui uma forma de entrega, uma aposta, com viés de *certa* devoção e *mea culpa*, mas não sem perder aquele espírito de ceticismo científico e filosófico, à maneira do pensador romeno Emil Cioran, o qual, a partir de um breve texto, intitulado *-Confissão Resumida*, excerto de sua obra *-Exercícios de Admiração – Ensaios e Perfis* (2000), como que um mecanismo de treinamento para uma análise, que insiste em não perder de vista o conselho de que a *-virtude está no meio*!:

Só tenho vontade de escrever num estado explosivo, na excitação ou na crispação, num estupor transformado em frenesi, num clima de ajuste de contas em que as invectivas substituem as bofetadas e os

golpes. Em geral, começa assim: um ligeiro tremor que se torna cada vez mais forte, como depois de um insulto que se recebeu sem responder. Expressão equivale à réplica tardia ou à agressão adiada. Escrevo para não passar ao ato, para evitar a crise. A expressão é alívio, desforra indireta daquele que não consegue digerir uma vergonha e que se revolta em palavras contra os seus semelhantes e contra si mesmo. A indignação é menos um gesto moral que literário, é mesmo a mola da inspiração. E a sabedoria? É justamente o oposto. O sábio em nós arruína todos os nossos élan, é o sabotador que nos enfraquece e nos paralisa, que espreita em nós o louco para dominá-lo e comprometé-lo, para desonrá-lo. A inspiração? Um desequilíbrio súbito, volúpia inominável de se afirmar ou de se destruir. Não escrevi uma única linha na minha temperatura normal. E, no entanto, durante muitos anos, me julguei o único indivíduo livre de taras. Esse orgulho me foi benéfico: me permitiu escrever. Parei praticamente de produzir quando, apaziguado o meu delírio, me tornei vítima de uma modéstia pernicioso e funesta para esta exaltação de que emanam as intuições e as verdades. Só consigo produzir, quando, tendo desaparecido subitamente o sentido do ridículo, me considero o começo e o fim.

Escrever é uma provocação, uma visão felizmente falsa da realidade, que nos coloca acima do que existe e do que nos parece existir. Competir com Deus, ultrapassá-lo mesmo apenas pela força da linguagem, esta é a proeza do escritor, espécime ambíguo, dilacerado e enfatado que, livre de sua condição normal, se entregou a uma vertigem magnífica, sempre desconcertante, algumas vezes odiosa. Nada mais miserável do que a palavra e, no entanto, é através dela que atingimos sensações de felicidade, uma dilatação última em que estamos completamente sós, sem o menor sentimento de opressão. O supremo alcançado pelo vocábulo, pelo próprio símbolo da fragilidade! Pode-se alcançá-lo, também, curiosamente, através da ironia, com a condição de que esta, levando ao extremo sua obra de demolição, cause arrepios de um deus às avessas. As palavras como agentes de um êxtase invertido... Tudo o que é realmente intenso participa do paraíso e do inferno, com a diferença de que o primeiro só podemos entrevê-lo, enquanto o segundo temos a sorte de percebê-lo e, mais ainda, de senti-lo. Existe uma vantagem ainda mais notável de que o escritor tem o monopólio: a de se livrar de seus perigos. Sem a faculdade de encher as páginas me pergunto o que eu viria a ser. Escrever é desfazer-se de seus remorsos e rancores, vomitar seus segredos. O escritor é um desequilibrado que utiliza essas ficções que são as palavras para se curar. Quantas angústias, quantas crises sinistras venci graças a esses remédios insubstanciais!

Escrever é um vício de que podemos cansar-nos. Na verdade, escrevo cada vez menos e acabarei sem dúvida não escrevendo mais, por já não achar a menor graça neste combate com os outros e consigo mesmo.

Quando nos dedicamos a um assunto, qualquer que seja, experimentamos um sentimento de plenitude acompanhado de uma ponta de arrogância. Fenômeno mais estranho ainda: essa sensação de superioridade quando evocamos um personagem que admiramos. No meio de uma frase, com que facilidade nos consideramos o centro do mundo! Escrever e venerar não andam juntos: quer se queira ou não, falar de Deus é olhá-lo do alto. A escrita é a desforra da criatura e sua resposta a uma Criação sabotada. (2000: 123-124)

James Hillman, em *-O Livro do Puerl* (1998), ao tratar da questão do oportunismo característico do arquétipo do Deus que nos ensina a -enxergar um ponto de vista a partir do ponto de vista de outrol, usa a metáfora do excêntrico psicopompo, para tirarmos proveito dos eventos que nos tomam como que, por assalto, abrindo-nos os olhos para insights, lampejos, nunca antes percebidos, ou ignorados.

Uma concepção mais precisa do oportunismo hermético é a excentricidade, estar no limite, no peitoril da janela. Então nossos sentidos precisam ser aguçados para sobrevivermos; então precisamos até mesmo de sexto sentido. Nós temos de escutar através, ou perdemos nossa sorte, e sucumbimos. Assim encontramos nas vidas dominadas pelo puerl uma afetação pela loucura, uma qualidade esquisita no modo de vestir e no modo de andar, aquele sinal de descaso com a normalidade - um chapéu gozado, uma manga de camisa rasgada, um carro diferente, talismãs que mantêm a parede e a tessitura da vida normal fora do foco, surrealisticamente abertas para o acaso. (HILLMAN: 1998: 172)

Assim como pela extravagante escrita cioraniana e sua mensagem é o exercício de estar no limite, entre *um quê* de gênio e loucura, sabedoria e insensatez, deus e humano, estase e movimento, duro e fluido, pessoal e coletivo, consciente e inconsciente, luz e sombra,

impermanência e eternidade, *senex* e *puer*, fim e começo, reta e curva, tudo e vazio e, por que não dizer: de guerreiro e artista.

Enantiódromia heraclítica. Tudo se faz por oposições. Movimento destrutivo-criativo do *daimon* Pólemo (Πόλεμος; "guerra"), o -pai de todas as coisas!. Aqui, uma evidente relação com Hermes.

James Hollis (2008) alerta-nos para uma integração saudável de nossa consciência com nosso inconsciente, sob o risco de nos perdermos em projeções ou, pior, de nos perdermos de nós mesmos.

Naturalmente, sem a capacidade de introspecção, estamos fadados a viver em um mundo criado pela projeção e, o que não é de causar surpresa, deparar com nossas fantasias e piores receios, refletidos de volta para nós. O que não conhecemos dentro de nós sempre será projetado externamente. (HOLLIS: 2008: 62).

Se não aprendemos a descobrir, ouvir e lidar com Hermes, com todos os nossos deuses e demônios:

—*Somos controlados pelo que desconhecemos.*! (HOLLIS: 2008: 40) Diz

a senhora Arete, esposa do capitão Dienekes, ao escudeiro Xeones:

Os deuses estão sempre um passo à frente de nós, não estão, Xeo? (PRESSFIELD: 2000: 215).

– Os deuses fazem com que amemos quem não amaremos – declarou ela – e se vingam de quem amaremos. Matam os que deviam viver e poupam os que merecem morrer. Dão com uma das mãos e tiram com a outra, prestando contas somente às suas leis, incognoscíveis. (Idem: 219).

Em outra construção de luz e sombra, da narrativa de *-Portões de Fogo*, se percebe do diálogo entre o escravo Xeones e sua prima Diomache, que foram criados juntos, mas devido às contingências do destino, passaram muitos anos sem se verem, até se reencontrarem, no decorrer da guerra entre persas e espartanos.

Enquanto Xeones incorpora a voz da razão intelectual:

Os deuses nos exigem ação e o uso do nosso livre-arbítrio! Isso é devoção, não se curvar sob o jugo da necessidade como animais irracionais!

– Isso é o Senhor Apolo falando – minha prima sorriu e tocou-me de novo com uma delicadeza paciente. (Ibid.: 304).

Diomache, por seu turno, tendo se prostituído para sobreviver, tem um sonho com a deusa Koré (Perséfone), de quem recebe uma *mensagem silenciosa*, uma vez que a divindade a observou com olhos de uma sabedoria e compaixão supremas. | A própria Diomache é uma

personificação, na obra de Pressfield, da deusa que fora obrigada a conviver num mundo às avessas da ordem olímpica. No mito, Koré é raptada ao mundo de baixo.

Koré é uma divina grega, nascida de Zeus e a irmã deste, Deméter. Preside à agricultura e às estações do ano. Sequestrada do Monte Olimpo, onde morava com os deuses, Koré foi levada por Hades ao inferno – uma clara referência de catábase – e que, posteriormente, é resgatada pelo deus Hermes, seu meio-irmão. Condenada a passar dois terços do ano no Olimpo e um terço no Mundo Inferior (daí seu epíteto –deusa do submundo), Koré simboliza o feminino amadurecido, que ressurgue renovada, após longo inverno de privações e transformações interiores, na linguagem psicológica profunda.

Essa foi a imagem usada em Pressfield para Diomache transmitir a seu primo Xeones, assim como ocorrera no mito, de que a vida, apesar de todas as torturas e tristezas a que somos submetidos, tem um *sentido oculto*, que só os deuses podem nos revelar, a exemplo de Koré, a deusa que usa véu e capuz:

A deusa ergueu a mão e desatou o véu. Será que vai entender, Xeo, se eu disser que o que foi revelado, a face atrás do véu, não era nada mais do que a realidade que existe debaixo do mundo da carne? A criação suprema, mais nobre, que os deuses conhecem e que a nós, mortais, só é permitido pressentir em visões e êxtases.

Sua face possuía beleza que ia além da beleza. A personificação da verdade como beleza. E era humana. Tão humana que fazia o coração romper de amor, reverência e admiração. Percebi sem necessidade de palavras que isso era a realidade, e não o mundo que vemos debaixo do sol. E ainda mais: que essa beleza existia aqui, à nossa volta, o tempo todo. Os nossos olhos eram simplesmente cegos demais para enxergá-la. (Ibid.: 304-305).

Um ensinamento desses, por meio de uma figura feminina, a um escudeiro de espartanos, exemplifica a necessidade de se amadurecer a *anima* que reside na psique masculina. Não é de modo algum incompatível a convivência de traços de caráter – marcas de deuses – ao mesmo tempo masculinos e femininos, *yang* e *yin*. Pois, do mesmo modo como Xeones tinha que dar ouvidos à sua *anima*, para não deixar degenerar sua virilidade em violência, por causa de seu desejo de vingar sua prima, esta, Diomache, por sua vez, aprendera a escutar seu *animus* – ao adquirir a dureza necessária para suportar os traumas porque passou, como abuso sexual e aborto. E não seriam, em uma e em outro, em ambos os personagens, manifestações metafóricas de uma *coniunctio*, conjunção psicológica, dos arquétipos do *guerreiro e do amante*? União esta que leva à maturidade?

Xeones apaga o fogo da ira, do ódio, da violência. Diomache acende a chama da sabedoria, da benevolência, do perdão.

Compreendi que o nosso papel era incorporar aqui, no meio dos horrores e crueldades da nossa existência humana, as qualidades que existem além do véu e são as mesmas nos dois lados. Está entendendo, Xeo? Coragem, altruísmo, compaixão e amor. (Ibid: 305).

Em conversa com seu discípulo Iori, Musashi, mesmo sabendo da distância entre o saber e o viver a virtude, estava a par dos antagonismos deste mundo, que se operavam tanto externa quanto internamente:

– Se os homens soubessem conviver em paz, o mundo seria um paraíso. Infelizmente, porém, todo ser humano nasce com duas naturezas, uma santa e outra diabólica. Um passo em falso, e o mundo se transforma num inferno. Para que isso não aconteça, é preciso inibir a ação da metade diabólica, dando o devido valor à cortesia e valorizando a dignidade. (YOSHIKAWA: 2009: Vol. 2: 598)

Tendo aprendido com um espadachim e polidor de espadas, Zushino Kosuke, por sua vez Musashi transmite o aprendizado a seu pupilo:

[...] – A espada, Iori, é também conhecida como alma do samurai, não se esqueça _ respondeu Musashi. (Idem: Vol. 2: 602).

Zushino Kosuke, que anunciava seus serviços como *-Polidor de Almas* – uma vez que não apenas se preocupava em manutenção de espadas, mas de pessoas –, dera de presente a Musashi uma rara espada, em valor e poder, ao que o jovem samurai, não tendo com o que pagar, ficara desconcertado.

– Ela o agradou tanto assim? _ disse Kosuke, transferindo o olhar da espada para Musashi. _ Muito bem! Se sua paixão por ela é tão forte, eu a dou em casamento. Em troca, quero que me dê algo, obra pessoal sua.

[...]

O polidor lhe disse então ter ouvido de Koetsu, seu mestre, que Musashi era também um escultor. Caso ele possuísse uma imagem esculpida da deusa Kannon, por exemplo, ficaria muito feliz em recebê-la em troca, disse o homem, preocupado em aliviar-lhe a preocupação. (Idem: Vol. 2: 614).

Aí estão dois símbolos capitais do elevado nível de um verdadeiro guerreiro para a cultura do *bushido*: uma espada e a Deusa da Compaixão, como imagens da verdadeira *-Alma do Samurai*.

Se Maria Zelia de Alvarenga (2010) trouxera à tona a questão do divino grego Ares, enquanto criança mal amada pelos pais, Zeus e Hera, como símbolo da psique infantil maculada pela carência de afeto, Eiji Yoshikawa trouxe um menino, Takezo, portador dessa mesma realidade:

Musashi era incapaz de recusar um pedido de Joutaro: sua afeição pelo garoto era patente. Acrescia-se a isso o fato de ser ele próprio ainda muito jovem e, portanto, facilmente contagiado pelo entusiasmo do menino. Outros motivos ainda o aproximavam de Joutaro, como, por exemplo, o fato de não ter tido irmãos ou um ambiente familiar aconchegante em sua infância: sem que se desse conta, estava sempre à

procura de um lenitivo para a sua solidão, uma oportunidade para extravasar seu amor. (YOSHIKAWA: 2009: Vol. 1: 204).

Uma vez mais se confirma a necessidade de conjunção entre os afetos típicos que compõem o complexo entendido como arquétipo do Guerreiro e os do Amante, portador da função do relacionamento, que faz aproximar os seres humanos e, assim, perceberem a natureza profunda de suas almas – sem olvidar as igualmente importantes funções do Rei e do Mago, formando, todos, os quatro pilares da psique masculina madura.

Corroborando com a narrativa de Yoshikawa, logo em seguida ao fato de Musashi ter reconhecido a importância do mentor Takuan, que exercera uma inegável função de paternidade para ele, tendo valorizado as contribuições do monge, no sentido de elevá-lo à condição de homem verdadeiro, percebe-se, aqui, a exortação de Jung (1988: 47) quanto ao –dimensionar o poder das armas e considerar as –condições morais e espirituais do homem, para o que, deve-se lançar à vida com ânimo ainda superior com que se lança às armas. Para Jung e Yoshikawa a vida é para ser vivida, a partir do relacionamento do humano com o humano e destes com a Natureza.

Não posso perder tempo teorizando. A esgrima não é lógica, nem a vida uma teoria: elas têm de ser praticadas, vividas! (Idem: Vol. 1: 462).

É a partir do momento em que Musashi se dá conta de sua imaturidade, que o sol começa a despontar em seu caminho rumo ao despertar do guerreiro. Antigas preocupações tomam novos sentidos e sua vida passa a ser trilhada com novos passos.

Continuo confiando demais em coisas como laços sanguíneos. [...] Sou tolo, muito ingênuo, tenho de crescer! (Ibid.: Vol. 1: 565).

Satisfeito, jurou a si mesmo que assim seria doravante. Tinha de progredir muito, forjar corpo e espírito o tempo todo para alcançar um dia o ponto de não precisar mais arrepender-se de suas ações. (Ibid.: Vol. 1: 566).

Para começar, tenho ainda em mim essa carência que me leva às vezes a ansiar por afeto, como se eu fosse um bebê e buscasse o calor materno. Isso me leva a sentir solidão, a invejar o calor que coa pelas janelas dos lares alheios. Por que não me orgulho desta solidão e desta vida nômade que me foram concedidas? Por que não as considero ideais e não agradeço aos céus por elas? (Ibid.: Vol. 1: 568).

O desenvolvimento da personalidade de Musashi traduz um processo de individuação gradual, porém muito significativo, em trechos de rara beleza, ricamente descritos pela narrativa yoshikawana, caracterizada por um estilo zen típico, de quem sabia cultivar tanto a arte da espada, quanto as artes da poesia, da pintura, da música, com toda a imagética que une personagens e natureza.

=Venci!'

Musashi louvou-se intimamente.

=Derrotei Yoshioka Seijuro, o representante do estilo Kyoryu, o herdeiro de uma casa famosa desde os tempos dos xoguns Muromachi!'

Mas eis que não conseguia alegrar-se. Musashi caminhava cabisbaixo pela campina.

Um pássaro passou por ele em voo rasante, exibindo o ventre como um peixe no meio da correnteza. Musashi prosseguia passo a passo, afundando os pés nas macias folhas secas.

Só mentes guerreiras mais evoluídas são capazes de sentir tristeza depois de uma vitória. Principiantes, estudantes de artes marciais, desconhecem esta sensação. Musashi, caminhando agora sozinho pela campina sem fim, sentia uma opressiva tristeza a envolvê-lo. (YOSHIKAWA: 2009: Vol. 2: 27).

A imagem da primavera, simbolismo importante, retrata uma nova iniciação – a que Musashi tivera com a cortesã Yoshino-dayu, conhecida por grande beleza e cultura, especialmente nas artes da música e da sedução. Takuan diz, sobre o encontro de Musashi com a mais concorrida prostituta daqueles dias.

Ela e Otsu! Se há algo que não compreendo neste mundo é o coração das mulheres. Aos meus olhos, parecem todas igualmente afetadas por algum tipo de doença comum. Bem, a primavera chegou também para Musashi. Agora começa para ele o verdadeiro aprendizado. Nessa fase, uma mão feminina se torna muito mais perigosa que uma espada. Mas nada do que eu disser lhe adiantará: vamos deixá-lo por conta dele mesmo, é o único jeito – murmurou Takuan quase monologando, voltando a atenção para a viagem que estava prestes a empreender. (Idem: Vol. 2: 202).

Musashi é, assim, deixado à própria sorte e à oportunidade de provar, por si mesmo, que era capaz de escolher o seu próprio caminho. Eis a sabedoria dos grandes mestres, como Takuan, Gudo, Nikkan, no seu afã de converterem meninos em Homens.

Atitude similar à que Jung postula como a reflexão autocrítica que leva ao movimento da lei da vida, de –fidelidade à sua própria lei (*pistis*), segundo a qual –a personalidade jamais poderá desenvolver-se se a pessoa não escolher seu próprio caminho.

Pensando bem, ele tinha sido até agora uma grossa e rígida camada de gelo, física e espiritualmente. Tinha vivido indiferente ao luar, cego à beleza das flores, insensível ao calor do sol; ele havia sido enfim uma pessoa fria e inflexível.

Musashi considerava correta essa atitude de irrestrita dedicação ao próprio caminho. Ao mesmo tempo, porém, uma ideia estava começando a preocupá-lo: essa talvez fosse a imagem futura de um ser pequeno e mesquinho, um simples obstinado.

Takuan dissera-lhe, havia muito: - Sua força é de besta-fera. - Além dele, Nikkan, do templo Ozoin, também lhe aconselhara: - aprenda a ser mais fraco. Juntando as duas advertências, chegou à conclusão: para ele, era realmente importante despendar vez ou outra, no futuro, dois ou três dias de pura diversão, iguais a esses últimos. (Ibid.: Vol 2. 214).

Tornar-se fraco, ou seja: adotar uma perspectiva mais feminina diante da vida, no sentido não de opor-se rigidamente contra as adversidades, mas adquirindo certa flexibilidade para ver além das forças e fraquezas humanas, tentando retirar de cada uma um bom proveito.

Há uma imagem usada no meio das artes marciais orientais para se representar essa atitude *feminina* diante, não apenas dos combates, mas da vida como um todo: a do flexível bambu, que se dobra ante o peso da neve espessa e pesada, comparado ao rígido carvalho que, na mesma condição, quebra-se por não ter tal propriedade de ceder, como o bambu, que não se quebra, mas deixa a neve vir e ir, mantendo-se intacto.

Sabem quem a possui, essa forma pura de coragem, mais do que qualquer pessoa que conheci?

Ninguém ao redor do fogo respondeu.

– A minha mulher - disse Dienekes. Virou-se para Alexandros. – E a sua mãe, Paraleia. – Sorriu de novo. – Aqui, há uma dica. A sede dessa bravura interior, eu suspeito, está no que é feminino. As próprias palavras para coragem, andreia e aphobia, são do gênero feminino, enquanto phobos e tromos, terror, são do gênero masculino. Talvez o deus que buscamos não seja um deus, e sim uma deusa. Não sei. (PRESSFIELD: 2000: 243-244).

Essa intuição exposta pela narrativa de *–Portões de Fogol* sugeriria, na percepção da psicologia profunda, a necessidade da alma masculina de reconciliar-se ao aprender a ouvir a voz do feminino que nela habita – sua *Anima*. Assim como o narrado em *–Musashi*:

Quando vencemos as adversidades ou buscamos suportá-las com estoicismo, quando nos lançamos voluntariamente num vale cheio de dificuldades, só então o aprendizado se torna significativo. E agora você, Joutaro: não se esqueça que terá também de percorrer esse mesmo caminho para se tornar um guerreiro completo. (YOSHIKAWA: Vol. 2: 231).

Interessante notar que Musashi, embora tivesse qualidades físicas e técnicas de um combatente poderoso, duro, praticamente invencível, e sentindo-lhe faltar o sentido espiritual que desse significado à vida, da forma mais plena possível, ele mesmo, ao colocar-se na condição de seus mestres, quando tivera que ensinar a dois discípulos, Joutaro e Iori, acabou por despertar em si mesmo, de modo natural, as potencialidades imanentes do masculino maduro em si, ao exercer tais funções de tutela e paternidade.

[...] Agora, porém, que a antiga selvageria começava a ser educada, o jovem Musashi começava a perceber certa dose de fraqueza em si.

Compreender o valor da vida já fora suficiente para ensinar-lhe o medo. Além disso, conhecer pontos de vista de pessoas que trilhavam caminhos diferentes havia-lhe reduzido o orgulho e a presunção. (Idem: Vol. 2: 232).

Confirmação das teorias dos pós-junguianos, a exemplo de Hollis, que apontou o caminho do despertar de nossos potenciais internos para nos desenvolvermos e evoluirmos na direção do *ser homem*, ante a realidade da carência de pais iniciadores:

Ser homem significa saber o que queremos e, depois, mobilizar os recursos interiores para alcançá-lo. (HOLLIS: 2008: 171).

E, mais brilhantemente ainda:

Quando compreendemos melhor nossos pais, de um ponto de vista adulto, tornamo-nos mais capazes de iniciar o processo de sermos nossos próprios pais. (Idem: 159).

Se antes desdenhava da vida e da morte, agora Musashi podia compreender os ensinamentos de Takuan, que o havia advertido de que: —*O verdadeiro bravo é aquele que ama a vida.* ‖ (YOSHIKAWA: 2009: 263)

Sua personalidade fora tomando as formas da quaternidade sugerida por Jung e os mestres da masculinidade pós-junguianos, ao se permitir dobrar para os ensinamentos espirituais, de modo que o ódio se tornasse, cada vez mais, uma força domada pelo poder da sabedoria e do amor, que vencem o medo e a morte, e realizam a vida e a paz.

Hollis (2008) observa que as antigas tradições, passadas pelos anciões das tribos aos neófitos, se resumiam geralmente aos três seguintes princípios: honrar diretrizes dos deuses, que se faziam presentes pelos atos e palavras dos sábios e pelas religiões e espiritualidades; ser membro da coletividade, fazendo parte da política, da administração e do trabalho; e velar pela proteção do seu povo, exercendo serviço militar de defesa da comunidade.

Em *Musashi*, a lição aprendida pelo jovem samurai foi a de que a vida não se resumia a atingir uma maestria sobre técnicas e conhecimentos militares que tinham um fim em si; porém, sim, de que há uma realização superior que consistia em ser mestre sobre si mesmo, em converter seu maior dom, que poderia ser uma habilidade espiritualizada, em um bem a serviço da Vida, essa jóia preciosa a todos os seres.

Em *Portões de Fogo*, os ensinamentos adquiridos e sedimentados por Xeones bem o demonstram, a partir de todo o tempo em que passara ao serviço das tropas espartanas, pelos seus testemunhos dados ao rei Xerxes, de tudo o que vira no *Agoge*, na cantina, nos horrores e temores das ‘pistas de dança’, principalmente ao exercer, no calor das batalhas, sua função de escudeiro de seu senhor, Dienekes:

Os pensamentos dos guerreiros à beira da ação, o meu senhor observou várias vezes (como estudante do medo que era), obedecia a um padrão invariável e inelutável. Aparecia sempre um intervalo, frequentemente breve como uma pulsação, por isso o olho interior convoca a seguinte visão tripartida, com frequência na mesmíssima ordem:

Primeiro, na parte mais profunda do coração, surgem os rostos daqueles a quem ama e que não compartilham de seu risco imediato: sua mulher, mãe, filhos, principalmente se são filhas, particularmente se são jovens. Àqueles que permanecerão sob o sol e preservarão em seus corações a lembrança de sua passagem, o guerreiro saúda com ternura e compaixão. A eles lega seu amor e deles se despede.

Em seguida, erguem-se aos olhos internos as sombras daqueles que já atravessaram o rio, que esperam na costa distante da morte. Para o meu senhor, eram seu irmão Iatrokles, seu pai e sua mãe, e o irmão de Arete, Idotychides. Eles também são saudados pelo coração do guerreiro na visão silenciosa, e ele faz apelo à sua ajuda e, então, relaxa.

Por último, expõe aos deuses o que acha que mais o favoreceu, o que acha que ele mais favoreceu. Aos seus cuidados entrega o seu espírito. (PRESSFIELD: 338).

Assim se completava e se realizava o ato de devoção à causa do guerreiro espartano.

Somente quando essa tripla obrigação foi cumprida, o guerreiro retorna ao presente e vira-se, como que despertando de um sonho, para aqueles ao seu lado, aqueles que, dali a um instante, sofrerão com ele a provação da morte. Nesse ponto, Dienekes observou com frequência, os espartanos levam vantagem sobre todos os que os enfrentam em combate. Sob que bandeira seria possível relancear os olhos em volta e descobrir ao seu lado homens como Leônidas, Alpheus, Maron, ou ali, naquela lama, Doreion, Polynikes e o meu senhor Dienekes? O coração do guerreiro abraça aqueles que partilharão a travessia com ele, com um amor que ultrapassa todos os outros concedidos pelos deuses à humanidade, exceto somente o da mãe pelo filho. Faz qualquer coisa por eles, assim como eles fazem por ele. (Idem: 338).

Similar atitude é verificada quanto aos arquétipos de guerreiros de diversas outras culturas, tais como a devoção ao seu *Dharma* (dever), da casta dos xátrias hindus, os quais têm bem definido qual é o seu *Marga* (caminho para realização espiritual) na vida; algo idêntico ao *Do* (caminho espiritual) da casta samurai dos *bushi* – lembrando que a tradução para *__samurai* é *__aquele que serve*, ao seu soberano, ou à sua comunidade – ou seja, a uma *causa maior que ele mesmo*, à qual se entrega, como todo Guerreiro, *sem medo*.

—O sábio não tem coração estreito, inclui no seu coração os corações dos outros.‖ (TSE: 130; 49)⁵¹

Dienekes ensinou a Alexandros que –nossa mente possui vários quartos‖. Diz o Evangelho de João: –Na casa do meu Pai, há muitas moradas‖ (BÍBLIA: Jo 14: 2)⁵²

⁵¹ ROHDEN, Huberto. *-Tao Te King: O Livro que Revela Deus‖*. Tradução e notas de Huberto Rohden. 13ª. edição, Martin Claret, São Paulo, SP, p. 130.

⁵² BÍBLIA – Tradução Ecumênica. *Evangelho Segundo João, cap. 14: 2*. Edições Loyola, São Paulo, 1995, p. 2076.

Sugere-se que o lugar onde se encontra o *Self* Cósmico é *dentro* de nós mesmos, mas é preciso saber guiar-se pelos caminhos da luz, sem ignorar as veredas das sombras. Que portas são abertas, quais se fecham, nos recônditos do lar interior que, no fundo mesmo, seria Lar *dos* Deuses? Não seria por isso mesmo que Jung disse: –Evocado ou não evocado, Deus está presente!?

Ao longo da presente dissertação, fora enfatizado o condicional —*self*, em referência ao processo de individuação do herói, em elevar-se, espiritualmente falando, à condição de guerreiro, enquanto masculino maduro, ou seja, *a depender* da *qualidade do seu caráter* para evoluir, ou não, nessa esfera específica, para atingir a quaternidade junguiana e pós-junguiana. Dependerá de uma *tomada de atitude*, de ouvir ou não aquela Voz Interior, para que a face a face entre luz e sombra produza o equilíbrio ou o desequilíbrio.

Pois bem, quais câmaras de nossa consciência e de nosso inconsciente estão sendo acessadas agora? Há passagens disponíveis (e viáveis) entre os quartos? Que alcova foi esquecida, proibida ou temida? Tudo isso desperta e determina nossa peregrinação interna ao encontro de nós mesmos: nossa ida, descida e volta; nossas boas ou más lembranças, nossos afetos, desejos, fantasias, sentimentos, pulsões, impressões, imagens, símbolos, sentidos, vivências... Tudo o que pode trazer à tona, também, nossas doenças, se as desprezamos ou subestimamos, com nossa fria lógica ocidental, cultivando neuroses e psicoses. É preciso saber ceder, para vencer. Caso adotemos uma postura rígida, agarrando-nos temerosamente aos ditames das verdades, dogmas e preconceitos, far-se-á como há bem pouco tempo atrás, no *zeitgeist*⁵³ de Jung: –Os deuses tornaram-se doenças!. (JUNG: 2003: Vol. XIII, §54)

É preciso meditar: qual imagem acerca do arquétipo do guerreiro, o deus Hermes lhe traz à mente? Como é caracterizado o seu espartano, o seu Leônidas, o seu samurai, o seu Musashi? Como saber se essa tradução não está eivada de determinantes históricos, culturais, morais, éticos, ou mesmo imorais ou antiéticos? Há uma manifestação –lógica, –perfeita, –acabada de arquétipo? É possível (e conveniente) à consciência querer ser maior do que a mensagem subliminar e poderosa que o Deus-Demônio do Símbolo, da Imagem, do Arquétipo, quer nos comunicar?

Como acessar e honrar, digna e devidamente, o arquétipo do guerreiro em nós? Estaremos bloqueando sua passagem, fazendo força contra o Deus Mensageiro, ao agirmos conforme

⁵³ *Zeitgeist*. Do alemão, –espírito do tempo, –mentalidade da épocal.

Ares, com impulsividade, agressividade, excesso de atividade, com emoções à flor da pele, usando de golpes baixos, revoltados quais –crianças feridas!?. Ou, então, daremos espaço e abertura, mas ordenadamente, em consonância com o espírito temperado, estratégico, inteligente, competente e astuto de Atená? Seremos conduzidos conforme os princípios compassivos da misericordiosa *Kwannon (Avalokitesvara)* e sapienciais de *Monju (Manjushri)*, que são a direita e a esquerda dos guerreiros iluminados?

Acaso não fora esse Deus Torto, dotado do poder de salvar almas dos infernos, cantado na *-Ilíada* de Homero, que resgatou o arrogante e imprudente Ares, após sua encubação numa urna de bronze, por treze meses de aprisionamento, castigo esse imposto pelos gigantes Oto e Elfiates? Paralelo interessante, ao notar a relação entre o símbolo da lua para os budistas, e o ano lunar de treze meses presente no mito grego, como metáforas de ritos de passagem.

Disse-lhe Dione, a imortal admirável, então, em resposta:

que de aflições indizíveis, os deuses, por causa dos homens,

já suportamos, causando uns aos outros trabalhos sem conta!

Ares, também, já sofreu, quando foi em possantes cadeias

acorrentado por Oto e Elfiates, de Aloeu descendentes.

Por treze meses estive metido num cárcere brônzeo.

E, por ventura, perdera a existência o insaciável guerreiro,

se Peribéia, a formosa, madrastra dos dois, a ocorrência

a Hermes houvesse ocultado. Este, a furto livrar ainda pôde

a Ares exânime quase, que assaz as prisões o abatiam. (HOMERO: 2005: 146: 381-391).

Para nos contermos ante os ingênuos impulsos de Ares, talvez nos seja útil uma prática de *auscultação*, uma atitude de *perscrutação*, a exemplo de Aquiles – que diferentemente do Deus da Guerra, *escuta a voz da sabedoria* de Atená –, para que não nos faltem flexibilidade, capacidade de ponderação e leveza, que são, também, qualidades de Hermes. Não olvidando, certamente, seus atributos de astúcia, irreverência e ceticismo, as trapaças desse Malandro, entretanto, sempre têm um propósito: são necessárias, aos fins e nos termos dos projetos divinos.

Céu e Terra não são emotivos;

Tratam todas as coisas como cães de palha.

O sábio não é emotivo;
Ele trata todas as pessoas como cães de palha.
Entre Céu e Terra
Parece haver um fole:
Está vazio e, contudo, é inexaurível;
Quanto mais move, mais cria.
Nenhuma soma de palavras pode entender:
Melhor procurá-lo dentro de si. (TZU: 1990: 7).⁵⁴

Os anciões da tribo confinavam os meninos, candidatos a hoplitas espartanos, numa cantina, para provarem seu valor, durante o período de formação militar e cidadã; o sábio monge Takuan encerrou o pueril Takezo num quarto, no mais alto de uma torre sem luz, por três anos: duas expressões do deus grego da guerra, encubado por treze meses, no processo de voltarem para si, para o encontro do *Si-mesmo*.

Em consonância com as ideias de Moore e Gillette, James Hollis (2008) é enfático sobre a necessidade de uma paternidade saudável, que possa conduzir jovens ao desenvolvimento de uma psique equilibrada, tanto no sentido de autonomia individual, quanto ao de pertencimento a uma comunidade na qual o novo homem possa sentir-se pleno. — [...] a necessidade que o jovem sente da figura paterna, um mentor que irá ajudá-lo a transpor a ponte que liga o complexo materno ao mundo masculino do poder que está além.¶ (HOLLIS: 2008: 116).

Os veteranos de guerra, como Dienekes, Leônidas e Olympieus, foram os iniciadores dos meninos guerreiros de Esparta. Os monges Takuan, Nikkan e Gudo, os pais adotivos do jovem Takezo. —É este anseio, esta atração pelo homem iniciador, que é realçado no movimento masculino.¶ (HOLLIS: 2008: 121)

⁵⁴ TZU, Lao. *Tao Teh Ching*. Translated by John C. H. Wu. Shambala, Boston & London, 1990, cap. 5, p. 7 (Tradução minha)

—5

Heaven-and-Earth is not sentimental;

I treats all things as straw-dogs.

The sage is not sentimental;

He treats al his people as straw-dogs.

Between Heaven and Earth,

There seems to be a Bellows:

It is empty, and yet it is inexhaustible;

The more it works, the more comes out of it.

No amount of words can fathom it:

Better look for it within you.¶

Assim como Musashi é exortado a não se desviar do caminho, não se deixar dobrar pelas paixões e trivialidades mundanas, de que sua habilidade se tornaria expressão de si, espiritualizada pela prática exaustiva e cotidiana, transformada numa memória muscular e que, ao mesmo tempo, burilaria o caráter do praticante, retiraria dele todo excesso que lhe fosse inútil, até constituí-lo uma obra *única: ele mesmo*. Como na arte da escultura, o mesmo se percebe da aprendizagem dos jovens espartanos, a quem os mais velhos, em pedagogia e psicologia típicas de guerreiro, aparavam suas arestas, arredondavam suas almas, para sua inscrição definitiva na nata da tropa de infantaria hoplita:

O hábito será o seu campeão. Quando treinamos a mente a pensar de uma maneira, e de uma única maneira, quando recusamos deixá-la pensar de outra maneira, produzimos uma grande força em combate.

[...]

– O hábito é um aliado poderoso, meu jovem amigo. O hábito do medo e da raiva, ou o hábito da compostura e da coragem. – Bateu afetuosamente no ombro do garoto, e se levantaram.

– Agora vá. Durma um pouco. Prometo que, antes de tornar a ver uma batalha, nós o armaremos com todos os hábitos mais convenientes. (PRESSFIELD: 2000: 149).

Exortação do poema inscrito no portal japonês, o *-toriil*, ao modo das mensagens enviadas pelos *Kami* (-deusesl, para os nipônicos), endereçadas ao jovem Musashi: -buscai o tronco, não vos enganeis colhendo folhas, perseguindo galhosl. É manter-se firme na essência, no que é realmente importante, armar-se, como um espartano, -com todos os hábitos mais convenientesl.

Se a forma de caminhar do menino-herói Takezo, até tornar-se guerreiro-homem, Musashi, foi o típico de um *ronin* (do japonês, *homem onda*), evidenciava um andar a esmo, sem destino certo, alusão aos movimentos sem sentido do ir e vir das ondas do mar, uma vez que a expressão *homem onda* designa um *__samurai sem dono*‘, senhor, ou mestre; por seu turno, a forma de se orientar dos espartanos, foi uma reta, apolíneo-dionisíaca, como o Deus Arqueiro -brilhante e luminoso, mas que manifestava seus desígnios – o que se poderia ver ou permanecer oculto –, por meio de visões, entre brumas, névoas, sonhos.

Sabedoria do antigo oráculo do Templo de Apolo, em Delfos, que aponta o caminho do autoconhecimento, como via de acesso ao divino em nós: "Homem, conhece a ti mesmo, assim conhecerás os deuses."

Sabedoria dos templos xintoístas japoneses (*shinsha*, significando: "lugar dos deuses"), nos quais há uma câmara onde se encontram objetos sagrados que remetem ao *kami* (deus protetor

do lugar), o qual tem sua morada privilegiada justamente num objeto especial – o *espelho*. Ou seja, ver o deus é vê-lo refletido, em si mesmo.

No Japão, o Kagami, ou espelho, é um símbolo de pureza perfeita da alma, do espírito sem nódoa, da reflexão de si na consciência. Ele é também símbolo da deusa solar (Amaterasu-Omi-Kami). (CHEVALIER: 1997: 395).

Se o traçado do caminho para a individuação musashiana foi um círculo, pela execução perfeita do *enso* zen budista, pelas mãos do monge Gudo, instrumento do Grande Vazio, desenhado ao estilo divino em torno do protagonista, como um movimento circular iluminado, levando-lhe ao acordar para a vida, ao despertar, ao *Satori*; por seu turno, o caminho percorrido pelos espartanos, por uma orientação que os educara desde a tenra infância, para cumprir sua meta, sem hesitações, foi uma reta diferenciada, tal qual o estreito tortuoso, claro e escuro, alto e fundo, escarpado e infernal das Termópilas, os portões de fogo, sendo essa uma imagem de outro portal – o que dera acesso a uma Grande Obra; e de outro fogo – o que derreteria o chumbo de suas sombras, transformando-as em luzes douradas.

Musashi, ao conjugar o verbo pensar, o diria, em primeira pessoa: *-pensol* – pois que o pensamento que lhe cabe está no centro dele mesmo e é circular, faz rotação, movimento em torno de si, como o faz o disco lunar do zen. Seria sinônimo de olhar para dentro de si e *pesar* (uma das acepções do verbo) sua consciência e seu inconsciente, e acharia o equilíbrio – o caminho do meio – para sua individuação.

Ensinar de Dienekes, na cantina, aos efebos, comparado ao trecho de Gudo e Musashi, sobre o perscrutar sobre si mesmo, ao se fazer o bom uso do medo, temperando sua alma, como soe acontecer aos verdadeiros guerreiros.

Lembra-se do que eu lhe disse sobre a casa com vários quartos. Há quartos em que não devemos entrar. Ira. Medo. Qualquer paixão que leve a mente à *‘possessão’* que desintegra os homens na guerra. (PRESSFIELD: 2000: 148).

O fundamento disso está em que:

[...] Os espartanos têm um termo para o estado mental, que deve ser, a qualquer preço, evitado em combate. Chamam de *katalepsis*, *‘possessão’*, isto é, a perturbação dos sentidos que ocorre quando o terror ou a raiva usurpam o domínio da mente. (PRESSFIELD: 2000: 121).

Em termos arquetípicos gregos, não sofrer *‘possessão’* seria não se deixar tomar por Ares e seus filhos *Fobos* (medo) e *Deimos* (terror), e seus irmãos, *Ênio* (devastação) e *Éris* (discórdia), mas, ao contrário, manter-se sob o domínio da razão, simbolizada pela deusa Atená. Em termos de arquétipos nipônicos, seria o gerir das três obstruções ou venenos da

alma: ignorância, desejo (ou apego) e ódio (ou aversão), os quais possuem três antídotos ou *Três Selos do Dharma*: a impermanência, a impessoalidade e a iluminação. A ignorância é representada pela imagem de um porco; o desejo, pela de um galo; o ódio, a de uma serpente.

-Se formos capturados pelo ódio, permaneceremos ligados ao que nos feriu. (HOLLIS: 2008: 159)

Similaridades da morte do menino e nascimento do guerreiro, no processo de autoconhecimento, ao se desenvolver harmonicamente nas artes e nas armas (como expresso pelo código *Bushido*), para o samurai, assim como para o espartano (pelo *Agoge*), há nas relações entre o exemplo de Alexandros, de Pressfield, e de Musashi, de Yoshikawa, como guerreiros artistas:

Sem cessar, Dienekes encorajou Alexandros a cantar. Os deuses dotam cada homem de um talento com o qual podem derrotar o medo; Dienekes não tinha dúvidas de que o de Alexandros era a voz. O talento para cantar, em Esparta, vem em seguida à bravura marcial e, de fato, está intimamente relacionado, através do coração e dos pulmões, à disciplina da phobologia. Por isso, os lacedemônios cantam ao avançarem em combate. São instruídos a abrirem a garganta e engolir ar, ativarem os pulmões até os acumuladores cederem e romperem a constrição do medo. (PRESSFIELD: 2000: 87).

Justo na manhã do dia em que faria seu duelo com Sasaki Kojiro, Musashi resolvera pintar um quadro, ao estilo tradicional *sumi-e*:

Ao dar o primeiro passo fora dos limites do jardim, Musashi tinha expulsado da mente todos os pensamentos que o vinculavam às pessoas deixadas para trás.

Emoções, esperanças e temores, tudo o que lhe ia no íntimo fora expelido por ele sobre o papel branco, em pinceladas *sumi*. Tinha conseguido pintar bem nessa manhã, achava ele.

E agora, rumo a Funashima! (YOSHIKAWA: 2009: Vol. 3: 477).

Rumo à ilha de Funashima, local do duelo em que estaria, em breve, entre a vida e a morte. Mas Musashi não imaginava que a verdadeira morte seria de outra ordem e ocorreria dentro dele mesmo.

Para atender ao derradeiro anseio do servo Meriones, escudeiro do veterano Olympieus, sendo o seu último desejo ser enterrado no mesmo lugar onde todos os seus companheiros de guerra estavam caindo mortos, o jovem Alexandros, guerreiro e cantor, exerce suas *esoterike harmonia* e *exoterike harmonia* – une à sua voz a voz do amigo moribundo que, naquele momento fatídico, entrega seu *daimon* (sua alma individual, seu *Atman*, seu *self*) a *Deus* (à Alma do Absoluto, a *Brahman*, ao *Self*):

Uma paz sombria inundou o olhar do homem. Passou-se um momento. Então, Alexandros, com a sua voz de tenor mais pura, entoou: _A Despedida do Herói:

_O daimon que Deus

Inspirou em mim ao nascer

Com o coração em júbilo

Agora retorna a Ele. ‘ (PRESSFIELD: 2000: 120).

As experiências de Musashi com a arte da pintura lhe deram uma visão que percebia a estética como linguagem dos deuses, ocultava os segredos do universo, e ao mesmo tempo refletia a alma humana na expressão realizada sobre o papel.

O papel em branco era um universo vazio. Uma única gota negra de sumi sobre ele imediatamente criaria algo do nada. Podia invocar a chuva, chamar o vento, tudo lhe era possível. E então, ali ficaria registrada para sempre a alma da pessoa que empunha o pincel. Se a alma fosse má, a maldade; se depravada, a depravação; se exibicionista, o exibicionismo, tudo o papel registraria, sem nada esconder. (YOSHIKAWA: 2009: Vol. 3: 473).

As iniciações dos guerreiros nas artes da poesia, canto, música, dança, pintura etc, são fatores fundamentais para a maturidade psíquica dos espartanos e de Musashi, como bem observado por J. Hollis sobre os homens de nossa sociedade atual: –Como é triste os homens terem tão poucos encontros transcendentais fora do esporte e da guerra. (HOLLIS: 2008: 166)

No processo de ensinamento de seu discípulo Iori, um órfão que adotou como filho, após a morte do pai desse (que também havia sido samurai), o próprio Musashi, nas lidas diárias como guerreiro e agricultor, entremeadas por leituras de clássicos da guerra e de sabedoria oriental, buscava aplicar conhecimentos superiores, espirituais, nas coisas simples do dia a dia, sem esquecer das horas de ócio e de brincadeiras – o que, de acordo com os estudiosos do masculino, como Hollis, são fundamentais para o desenvolvimento da criança saudável na criança, a qual, no tempo certo, no dizer de W. Wordsworth será o menino que é –pai do homem.

– Observe! Disse ao jovem, apontando o rio. - Vivendo no fundo do rio, um peixe não tem visão do próprio rio. Não se apegue demais à leitura ou se transformará numa traça, perderá de vista a palavra viva e se transformará num homem sombrio. Basta de estudos por hoje e vá brincar! Eu lhe faço companhia. (YOSHIKAWA: 2009: Vol. 2: 560)

Desta vez, não vou lavrar a terra. Talvez eu me dedique ao *zazen*⁵⁵ todos os dias. Quanto a você, Iori, leia bastante e pratique esgrima. Eu o orientarei em ambas as atividades. (Idem: Vol. 3: 50).

⁵⁵ –*Zazen*: processo de concentração e absorção pelo qual a mente é tranquilizada e trazida à concentração num ponto fixo (Philip Kapleau, *Os Três Pilares do Zen*, Editora Itatiaia, 1978). Nota de rodapé de Leiko Gotoda, em YOSHIKAWA, Eiji. *Musashi*. Estação Liberdade, 2009, Vol. 3, p. 50.

A exaltação da relação mestre e discípulo, feita por Yoshikawa, quanto a Musashi e Iori – o que não havia acontecido de modo adequado na relação do herói com Joutaro – responde claramente à dos estudiosos do masculino, para os quais é estritamente necessária a iniciação dos meninos na vida adulta, por homens devidamente capacitados para tanto – os tutores.

Joutaro não tinha sido educado desse modo porque Musashi acreditava, à época, que uma criança devia ter a liberdade de agir como bem entendesse, e que essa seria a maneira correta de promover o crescimento natural de um ser. Ele próprio fora criado assim.

Com o passar dos anos, porém, seu modo de pensar alterou-se. O homem tinha tendências naturais que precisavam ser estimuladas e outras que, ao contrário, deviam ser inibidas. Deixadas à vontade, certas qualidades indesejáveis vicejavam, enquanto outras, positivas, estagnavam. (Ibid.: Vol. 3: 51).

Percebe-se uma sintonia dessa passagem de *Musashi* com *Portões de Fogo*, quanto à iniciação preconizada por R. Bly, R. Moore, D. Gillette, J. Hollis e demais psicólogos do masculino. Se a formação conveniente ao samurai deve passar por um *sensei*, a do espartano não tem eficácia sem o mentor.

2. Condução Hermética no Caminho do Guerreiro Interior.

Ambas as narrativas de *-Musashi* e *-Portões de Fogo* estão repletas de exemplos de pequenas mortes simbólicas do Menino em função do nascimento do Homem. As duras provações do *Agoge*, os intermináveis exercícios físicos, mentais, éticos e morais, durante todo o processo de mais de uma década de preparo, as conversas exclusivas a homens na cantina, as colocações à prova dessa formação em batalhas menores, até o episódio fatal do Estreito, que bem se poderia dizer, alusivamente ao título da obra: uma ‘prova de fogo’, de um lado; e de outro, as intervenções dos monges Takuan, Nikkan e Gudo, além das contribuições dos personagens expertos em artes à arte da esgrima de Musashi, os encontros e desencontros do protagonista com sua admiradora Otsu, os mal entendidos com seu amigo-inimigo Matahachi, as fugas e evasões ante as tentativas de vingança da velha Osugi, os sabores e dissabores com seus discípulos Joutaro e Iori, os ensinamentos sobre a ética dos samurais do clã de Date Masamune, o fatídico momento da morte de seu admirável rival Sasaki Kojiro, entre outros fatos de igual importância, provocam na psique do herói vários decessos, até que, no episódio do círculo traçado por Gudo, a iluminação, enfim, como um ritual de passagem e renascimento para a psique madura de Homem, acontece. —Nossas feridas estão na alma, e somente o que a alcança é capaz de curar! (HOOLIS: 2008: 150)

Cura que só vem quando não se vai contra as forças da Natureza, mas quando se dispõe a servi-la, em harmonia com ela. –O médico é um servo de Physis (natureza). Quem cura não é o médico, é a natureza.‖ (Idem: 150)

Lição duramente aprendida pelo herói de Yoshikawa:

Musashi retraiu então toda a sua estratégia expansionista: desistiu de tentar dominar a natureza e passou a trabalhar no sentido de servi-la lealmente.

[...]

‘A mesma regra deve valer para governar os homens’, compreendeu o jovem.

Registrou então em seu caderno de anotações uma advertência para si mesmo:

Nunca se oponha aos caminhos do mundo. (YOSHIKAWA: Vol. 2: 563).

Mestre das artes marciais japonesas *Jujutsu* e *Karate*, o Sensei Hironori Otsuka (1892-1982), compôs um poema com os seguintes versos: *Ten to Chi to Jin no Ri-Do ni Wa suru*. Resumidamente, como lema ou mantra – *Ten Chi Ji No Ri Do Wa* –, seu significado leva a uma compreensão refinada desse espírito amadurecido, como exortação para que ele não se perca neste mundo, tão cooptado por valores que chegam a deturpar mesmo o meio das artes marciais, uma via quase que sagrada (e o é), de desenvolvimento integral do ser humano, física, mental e espiritualmente falando.

Ten significa ‘céu’, ‘paraíso’, ‘ar’. *Chi* remete a ‘terra’, ‘chão’. *Jin* representa a ‘humanidade’, os ‘seres humanos’. *Ri-Do* quer dizer ‘razão’, ‘verdade’. *Wa* tem ideia de ‘união do todo’, ‘paz’, ‘harmonia’.

Esses conceitos são simbolizados por três círculos, os quais se referem à noção oriental de que o equilíbrio do mundo é dado pela boa relação entre o Céu (*Ten*), a Terra (*Chi*) e o Ser Humano (*Jin*). Um círculo maior que representa a Razão (*Ri-Do*) envolve os três menores, com a conotação de que quando a humanidade se relaciona de modo adequado, estreita e sintonizadamente com os princípios da Natureza, produz-se a Paz e a Harmonia (*Wa*).

Mestre Otsuka ensina que criar *harmonia* é a realização mais delicada no meio da cultura das ciências e artes de combate, porque os seres humanos estão a buscar interesses por vezes muito diversos e, até, em sentidos opostos ao princípio maior do Caminho Espiritual (*-Dol*), como por exemplo, o alimentar de um ego que visa poder em benefício próprio – desvirtuando, assim, o verdadeiro *espírito* das artes marciais.

Meir Sharar, em *–O Mosteiro de Shao Lin: história, religião e as artes marciais chinesas‖*, destaca muito bem as diversidades de caminhos dentro do Caminho:

Isto não significa, contudo, que todos os artistas marciais estavam igualmente empenhados na perfeição espiritual. As tradições do combate de mãos livres são extremamente versáteis, permitindo diversas interpretações e ênfases. Enquanto alguns adeptos buscavam a salvação religiosa, outras estavam primeiramente interessadas na eficiência em combate; enquanto alguns eram atraídos pela performance corporal, outros buscavam o cultivo da própria mente. Vários praticantes descreviam os frutos de seu trabalho em diferentes termos.

[...]

Essa versatilidade é que contou para a vitalidade da tradição diante de dramáticas mudanças das condições sociais e políticas. A combinação única, nas artes marciais, de objetivos militares, terapêuticos e religiosos, fez com que elas se tornassem igualmente atraentes para jovens e idosos, mulheres e homens, rebeldes e letrados, poderosos e necessitados em todo o mundo. (SHARAR: 2011: 304).

Sharar fala que, além do que parece ser uma *contradição* entre práticas militares e práticas religiosas, o mais interessante é ver suas *conexões*, de acordo com declarações dos próprios monges do mosteiro de Shao Lin, para os quais seu regime militar é uma expressão de sua –espiritualidade budista. Sharar, entretanto, em sua pesquisa, chega a relacionar esse pensamento dos monges com raízes mais taoístas chinesas do que propriamente budistas, e que isso acabou por configurar um –achinesamento do budismo. Lembra o pesquisador que o Mosteiro de Shao Lin é considerado, dada sua fama internacional, como o maior –difusor do budismo desde o território chinês para o mundo. Além do que, fatos históricos envolvendo o mosteiro em rebeliões contra imperadores da China antiga, acabaram por construir uma imagem de subversão aos monges guerreiros, uma vez que passavam por Shao Lin inúmeros interessados em suas artes de luta, tanto pelo intuito de aprenderem técnicas de combate, quanto por suas funções terapêuticas e espirituais a elas atribuídas, mas que, para os poderosos políticos, essa imensa massa de empoderados não poderia passar incólume, sem cuidadosas prevenções e reações.

O monastério foi considerado suspeito não por sua própria insubordinação, mas em função de suas íntimas conexões com uma incontrolável e fluida comunidade marcial considerada potencialmente perigosa. (SHARAR: 2011: Introdução, XXVI).

O que se pretende considerar, aqui, é que não costuma ser visto com bons olhos, para certas classes sociais, o fato de seus subordinados estarem a acessar poderes, sejam da ordem da segurança pessoal e grupal, ou da ordem de uma educação diferenciada, libertária, e mesmo em se falando do cultivo de uma saúde alternativa – se tudo isso for feito de modo livre e sem o controle de quem está no poder, uma vez que há certos riscos de se abalar estruturas, em nível macro, coletivo. Via de regra, políticas centralizadoras tratam indivíduos como autômatos, e não autônomos.

Por outro lado, em nível micro, individual, andam juntas as faces do soldado e do guerreiro, como bem o disse Robert Bly, e que isso não passa despercebido ao observador atento. Porém, saber perscrutar corações para se reconhecer ambas, é algo que exige sutileza.

Visão esta que fora corroborada por Howard Reid e Michael Croucher, em *O Caminho do Guerreiro – o paradoxo das artes marciais*:

Os ensinamentos das artes marciais asiáticas não têm por limite uma compreensão do aspecto físico do ser humano. No decorrer de toda a História, os mestres de artes marciais sempre provaram que, além de guerreiros e médicos, são também pensadores e religiosos, seres profundamente conscientes de uma atividade moral. Estas palavras de um mestre da espada do século XVIII o expressam muito bem:

“O perfeito espadachim evita brigar e lutar. Lutar, para nós, significa matar. Como pode um ser humano levar-se a matar outro ser humano? O que devemos fazer é amar uns aos outros, e não matar. É abominável que alguém pense o tempo todo em lutar e vencer. Somos seres dotados de consciência moral; não vamos nos rebaixar ao estado dos animais. De que serve tornar-se um grande espadachim se se perde, nesse processo, a própria dignidade humana? A melhor de todas as coisas é vencer sem lutar.” (REID: 2010: 13, Prefácio).

E igualmente, as mesmas sintonia e vibração, de alma e conceito, nos são passadas por Roque Severino, em *O Espírito das Artes Marciais*:

Verdadeiramente as Artes Marciais ensinam a lutar contra as trevas, mas as trevas são vencidas quando são conhecidas, quando se compreende sua natureza ilusória que não é capaz de resistir à presença da luz. (SEVERINO: 1988: 203).

Exemplo notável de ensinamento que se dá, silenciosamente, como se conhece no oriente como *ishin denshin* (do japonês, –de alma para alma), evidencia-se no encontro do jovem Musashi com o mestre zen Nikkan, líder de monges guerreiros do Templo Ozoin:

De súbito, Musashi sentiu, com um agudo sobressalto, que as pupilas do velho monge curvado sobre a foice acompanhavam fixamente pelo canto dos olhos o movimento de seus pés. Uma sensação aterradora e indefinível, sem forma ou voz – algo que não parecia provir de um corpo ou espírito humano, mais lembrando um raio prestes a romper nas nuvens –, percorreu instantaneamente todo o seu corpo.

[...]

Que há para ser visto além do que já viu? Todavia, se quer algo mais, olhe para mim, para os meus olhos – disse Nikkan, apurando-se e aproximando o rosto do de Musashi. Nos olhos encovados de Nikkan, os globos pareciam prestes a saltar. Musashi contemplou-os fixamente e pareceu-lhe que mudavam de cor, de uma tonalidade âmbar cambiante para um azul índigo profundo. Sentiu os próprios olhos arderem e acabou desviando primeiro o olhar. (YOSHIKAWA: 2009: Vol. 1: 234-243).

De alma para alma, ou, de um deus para outro deus, de arquétipo para arquétipo.

Na simbologia da psicologia analítica de Jung, a cor âmbar (tonalidade de amarelo) remete ao masculino, por sua relação com o sol, princípio ativo, a luz da consciência; e a azul, especialmente o índigo referido em *Musashi*, é conotação do inconsciente, aspecto feminino, como o azul das águas profundas. Talvez não postas, na obra, como intenção do seu autor,

não soaria estranho que, de um ponto de vista das imagens primordiais que habitam o inconsciente coletivo humano, as cores amarelo e azul, aí, apareçam como manifestação do Par de Deuses, *Anima / Animus*, Eros e Logos, Compaixão e Sabedoria (pela ótica budista), unidos, no sentido de provocar, na alma no protagonista, um despertar momentâneo, como antecipação para a transformação pessoal que lhe viria a acontecer, mais ao final da narrativa – o que, em termos junguianos, se traduziria por *processo de individuação*.

Mestre Gichin Funakoshi, um dos maiores expoentes do *Karate* de todo o Japão, conta-nos sobre um incidente ocorrido entre outro grande mestre, Sensei Matsumura, e outro *karateka* (–praticante de *Karate*), que também era artesão, mas que tinha um comportamento marcado por bravata, falsa coragem. Mestre Funakoshi relata essa história famosa, de como um verdadeiro *Sensei* (Mestre) derrotou seu adversário numa luta, sem desferir um único golpe, apenas pelo poder de seu espírito, por meio de seu olhar e de sua postura. Uma história que se tornou lenda, por tratar-se de uma expressão sem paralelo do verdadeiro sentido e espírito do *Karate-Do* – o –Caminho das Mãos Vazias, uma vez que esta arte marcial é traduzida por –*Kara* (cujo ideograma também pode ser lido –*Ku*, significado o –Vazio zen), e –*Te*, quer dizer –Mão. Depreende-se que, reiteradamente, quando se fala em Artes Marciais, está-se referindo a uma verdadeira *iniciação* numa *senda* para além de meros conhecimentos de técnicas físicas, pois que está relacionada a toda uma Mística, a um desenvolvimento interior do indivíduo.

Seguem abaixo, recortes em forma de resumo, de um longo relato de Mestre Gichin Funakoshi, extraídos de sua obra –*Karate-Do: O Meu Modo de Vida*, do capítulo sob o título –*Sem Armas, Uma Lição Importantel*:

O suor gotejava da frente do artesão, e as axilas já estavam úmidas; podia sentir o coração bater com uma rapidez incomum. Sentou-se numa pedra próxima. Matsumura fez o mesmo. ‘O que aconteceu?’ O ourives perguntou a si mesmo num murmúrio, ‘o que é todo este suor? Por que meu coração está batendo tão agitado? Não trocamos nenhum golpe ainda!’

Então ouviu a voz de Matsumura: ‘Ei! Vamos! O sol está nascendo. Vamos continuar com isso!’

Os dois se levantaram, e Matsumura mais uma vez assumiu a mesma posição natural que havia adotado antes. O ourives, de sua parte, estava decidido a completar o ataque, e avançou na direção do oponente — de dez metros a oito, depois a seis... quatro. E aí parou, incapaz de ir em frente, imobilizado pela força intangível emitida pelos olhos de Matsumura. Seus próprios olhos perderam o brilho, e ele ficou hipnotizado pela radiação dos olhos de Matsumura. Ao mesmo tempo, era incapaz de desviar seu olhar do olhar do oponente; sabia no mais fundo da alma que, se o fizesse, algo terrível aconteceria.

[...]

‘Foi loucura minha desafiar o senhor’, disse o artesão, levantando-se. O resultado foi óbvio desde o começo. Sinto-me completamente envergonhado. Não há a mínima possibilidade de comparação entre minha habilidade e a sua.

‘De modo nenhum’, emendou Matsumura com brandura. ‘Seu espírito de luta é excelente, e acredito que você é muito hábil. Se tivéssemos lutado realmente, eu bem poderia ter sido derrotado.’

‘O senhor me lisonjeia’, disse o artesão. ‘A verdade é que me sentia totalmente impotente quando olhava para o senhor. Fiquei tão assustado com o seu olhar que perdi qualquer espírito de luta que poderia ter.’

A voz de Matsumura tomou-se suave. ‘Talvez’, disse. ‘Mas o que sei é isto: você estava determinado a vencer e eu estava igualmente determinado a morrer se perdesse. Esta foi a diferença entre nós.’

‘Escuta’, continuou. ‘Quando entrei em sua loja ontem, estava muito infeliz por ser repreendido pelo chefe do clã. Quando você me desafiou, estava preocupado com isso também, mas quando decidimos por uma luta, todas as minhas preocupações sumiram de repente. Percebi que estivera obcecado por questões relativamente menores — com refinamentos de técnica, com habilidades de ensino, com elogios ao chefe do clã. Estivera preocupado em manter minha posição.’

Hoje sou um homem mais sábio do que ontem. Sou um ser humano, e um ser humano é uma criatura vulnerável, que possivelmente não pode ser perfeita. Depois da morte, retoma aos elementos — à terra, à água, ao fogo, ao vento, ao ar. Matéria é vazio. Tudo é vaidade. Somos como folhas de grama ou como árvores da floresta, criação do universo, do espírito do universo, o espírito do universo não tem vida nem morte. A vaidade é o único obstáculo à vida.’

Dito isso, silenciou. O artífice também estava silencioso, refletindo sobre a inestimável lição que acabara de receber. (GICHIN: 1999: 25-28).

Exemplo notável de como a verdadeira batalha desenvolve-se em outros campos que a mente de criança não consegue ver. Mas que, no momento em que se percebe que por trás das ilusões do mundo exterior, há toda uma vida a ser descoberta, numa guerra de proporções infinitamente maiores, quando uma vez nela imerso, com as armas que houver disponíveis, dela jamais se sai o mesmo – não, *se* o espírito estiver preparado.

—*Quando o discípulo está pronto, o mestre aparece.*|| (Ditado marcial oriental)

A meta suprema do guerreiro autêntico está no ensinamento de Mestre Matsumura: –hoje sou um homem mais sábio do que ontem||.

Outro grande mestre, Sensei Morihei Ueshiba, o criador da arte marcial *Aikido* (–Caminho da Harmonia com a Energia da Vida, ou, –Caminho do Espírito Harmonioso), após ter relegado ao passado um longo período de desafios e combates infrutuosos (uma vida muito semelhante à de nosso personagem Musashi), chegara a uma iluminação e a uma convicção profundas: –O vencedor de hoje será o vencido de amanhã.|| (SEVERINO: 1988: 88)

Severino nos recorda do que as antigas escolas de disciplina marcial ensinavam: que o primeiro inimigo a ser vencido é você mesmo:

Quando se fala de conhecimento de si próprio, nem sempre se sabe em que consiste esse conhecimento. Quais são as regras que conduzem a ele. Sabemos que somos um conglomerado de virtudes e defeitos, ainda que muitos desses defeitos nos sejam ignorados e geralmente se diz que carecemos de meios suficientes para detectá-los, porém isto não resiste a uma análise mais profunda, pois os próprios meios estão ante nossa visão, mas não os percebemos. A não percepção depende de nossa valentia de enfrentarmos.

[...]

Contudo, percebemos que são muito poucos os que atingem o alvo a que se propuseram, e então nos perguntamos: Como caminhar, como sair vitorioso nesta busca?

[...]

O próprio caminho colocar-lhes-á suas próprias dificuldades; estas darão a compreensão; a compreensão dará o conhecimento das leis da Natureza e finalmente, com o conhecimento das leis da Natureza, o conhecimento de si mesmo. (Idem: 204-205).

Leis da Natureza essas, as quais consistem em vários passos e estes têm relação direta com as místicas artes marciais.

Vocês devem ter lido a respeito das provas realizadas para a entrada de algum futuro discípulo a um mosteiro. Estas provas eram realizadas a fim de que a pessoa interessada fosse testada ao extremo; se não estivesse preparada, iria embora mesmo, por não ter sido sincera consigo, demonstrando apenas curiosidade e não necessidade de conhecimento. (Ibid.: 211).

E conclui, evidenciando as qualidades máximas esperadas de um verdadeiro discípulo – o que um mestre, um mentor, um iniciador espera, na verdadeira trilha que faz de um simples herói um nobre guerreiro, de um menino um homem:

Assim, pouco a pouco, o discípulo ia sendo trabalhado em todos os seus aspectos. Através da formação do caráter, se lhe confiavam coisas que ele saberia guardar. Através da concentração era iniciado nos primeiros passos para o controle da mente, do controle da energia, do controle da visualização etc. Através do cultivo da vontade, além de seus desejos, o discípulo aprendia a fazer coisas com total desapego, praticava o que o Bhagavad Gita explica claramente: ‘_Agir sem esperar recompensas’. Aí também encontramos relação com o combate nas Artes Marciais, onde existe o dito: ‘_Lutar não para vencer, mas para não ser vencido’. Coisa muito fácil de falar, mas muito difícil de compreender e vivenciar. Estes aspectos do meio Natural da aquisição e controle dos poderes são apenas os passos prévios e tem pouco a ver com as reais práticas internas. A todas estas qualidades, é necessário agregar uma que por excelência, é a que vai dar o esperado êxito, que é o AMOR A TODOS OS SERES, proclamado por JESUS e BUDA. (Ibid.: 1988: 212).

Se fosse o trecho acima um canto, à primeira voz de Roque Severino, Guy Corneau faria a segunda, em contraponto:

Existem três nascimentos na vida de um homem. Ele nasce de sua mãe, ele nasce de seu pai e, finalmente, ele nasce de seu eu profundo. Trata-se do nascimento da individualidade. Esta fez Cristo dizer: ‘_ Eu não conheço nem meu pai, nem minha mãe!’ _ enquanto seus pais estavam entre a multidão que viera escutá-lo. O luto das expectativas irrealistas que depositamos em nossos pais e a solidão que esse luto nos obriga a assumir nos liberam. Esse mesmo sofrimento serve de mutilação iniciática e leva-nos à realidade do mundo objetivo: o universo torna-se nosso novo nicho.

[...]

Se não encontrarmos um sentimento de dependência profunda e de solidariedade com a humanidade e com o universo inteiro, seja ele mineral, vegetal ou animal, não sobreviveremos. (CORNEAU: 1991: 189).

Nesse sentido, praticamente atualizando a esperança de Moore e Gillette, James Hollis assevera:

Quando os deuses déspotas forem depostos, quando os indivíduos saírem de sob a sombra de Saturno, quando rejeitarem as expectativas coletivas e procurarem seu próprio caminho, a justiça retornará. Sim, atualmente, a maioria dos homens ainda estão [sic] oprimidos; agindo a partir da própria ferida, oprimem outros e magoam mulheres e crianças. Sem dúvida, a justiça ainda está muito longe. Mas cada qual tem a obrigação de encontrá-la, primeiro no próprio coração e depois na longa estrada que está à nossa frente. (HOLLIS: 2008: 180).

Guy Corneau corrobora:

O silêncio do pai tornou-se o nosso. Nós fomos alistados nessa máfia de silêncio hereditário, mas a consciência do nosso próprio sofrimento e do de nossos pais deveria permitir-nos não transmiti-lo. A tarefa dos novos homens é romper as gerações de silêncio masculino. É, talvez, o ato mais verdadeiramente revolucionário que poderíamos realizar. (CORNEAU: 1991: 188).

Xeones, Suicídio e Meriones, entre outros, foram estrangeiros adotados pelos espartanos para, com sua pedagogia e terapia específicas do *Agoge* os transformarem em guerreiros de fato, de modo que, na narrativa de Pressfield, não se reduzissem a tão-somente servos escudeiros dos legítimos espartanos, mas fossem elevados à condição de irmãos de armas, provado nos episódios de batalhas, sendo tratados como iguais e mesmo como filhos. De algum modo, a função de paternidade fora suprida nessa formação.

Quando não há nenhuma forma de compensação à função de paternidade, o desequilíbrio advindo da psicologia de Menino se torna a energia psíquica dominante. Uma das consequências inevitáveis é a adoção de uma falsa noção de masculinidade.

Reunidos sob o teto de Yajibei, formavam uma grande família de origem variada, vivendo de modo selvagem e conduzindo-se de modo bastante impróprio. Em meio a tudo isso, porém, esses desgarrados da vida haviam estabelecido algo semelhante a um regulamento e um lema ‘cultivar a masculinidade’, e compor uma academia de marginais, um lar, enfim. (YOSHIKAWA: 2009: Vol. 2: 504).

Essa é uma provável referência na obra de Yoshikawa sobre as origens das sociedades secretas criminosas, conhecidas como *Yakuza*, no Japão. E, também, um exemplo de pseudo-iniciação ao masculino, como observado por Moore e Gillette. Os malfeitores representados em *-Musashi* são homens feridos por seus pais e mães, esses também, herdeiros de eles frágeis e carcomidos por desamor, desamparo, desumanidade.

Numa observação mais imediata, vemos nas modernas famílias disfuncionais que, se o pai é imaturo, fraco e ausente, e a energia do Rei não está suficientemente presente, muitas vezes a família fica entregue à desordem e ao caos. (MOORE: 1993: 57).

Moore concorda com John W. Perry, para quem o Rei é o –arquétipo central, ao redor do qual a psique se organiza, assume uma totalidade, a partir das duas principais funções desse arquétipo – a de ordenar e a de proporcionar fertilidade e bênção. Moore usa de um sonho que um dos pacientes de Perry tivera, como manifestação de uma psique em processo de amadurecimento.

O que acontecia com os pacientes de Perry é semelhante ao que ocorreu no sonho do jovem com o imperador chinês. O Ego infantil cedeu, caiu no inconsciente e encontrou o Rei. A psicologia do Menino desapareceu quando a psicologia do Homem ficou disponível e reorganizou e reestruturou a personalidade. (Idem: 52).

Moore chegara à conclusão, em seus estudos e análises práticas, que a energia do Rei é a mais importante, porque é a base integrativa para o equilíbrio de todos os outros arquétipos. O Rei é a energia paterna em nível ainda superior ao do pai porque, além de ser autoridade, tem de aliar poder e provento, liderança e benevolência, com grande sabedoria, justiça e humildade. Só assim os filhos podem ter as sementes que um dia brotarão em psique adulta.

O Rei bom e produtivo é também um bom Guerreiro, um Mago perfeito e um grande Amante. E no entanto, em geral, o Rei vem em último lugar. Poderíamos dizer que o Rei é a Criança Divina, porém amadurecido e complexo, sábio, e de certa forma tão altruísta quanto ela é preocupada consigo mesma. O Rei bom tem a _sabedoria de Salomão_. (Ibid.: 49).

Por outro lado, a narrativa de cunho budista de Yoshikawa, deixa entrever uma noção universal, cunhada na alma da humanidade, de que mesmo pessoas de má índole têm suas razões para se deixarem envenenar pela ignorância, pelo ódio e pelo desejo. O modo de ver o mundo, espiritualizado pela sabedoria e pela compaixão, torna-nos dignos de reconduzir a humanidade por caminhos que acendem na alma o que realmente nos classifica como humanos: nossos afetos – geridos por autodomínio e altruísmo.

Rufiões também já tiveram um pai e uma mãe: esses homens brutos, desesperados, inconsequentes e imprestáveis, não nasceram afinal da forquilha de uma árvore.

Acontecia apenas que, no grupo, quem falasse de pai ou mãe era logo tachado de maricas, de modo que todos se esforçavam em aparentar desprezo por eles, adotando, segundo imaginavam, a atitude padrão do homem forte.

O sentido do sermão – de início incompreensível, cantado em tom de puro deboche – aos poucos se havia tornado claro e esse pai ou mãe adormecidos no fundo de seus corações de súbito afloraram, deixando-os chorosos e sentimentais. (Idem: Vol. 2: 654-655).

Aí está uma reverberação da exortação de James Hollis –relembre a perda dos pais, como primeiro passo, dentre sete, que ele considera como os *caminhos* para a *cura* dos homens:

–Quando compreendemos melhor nossos pais, de um ponto de vista adulto, tornamo-nos mais capazes de sermos nossos próprios pais.‖ (HOLLIS: 2008: 161).

É quando reconhecemos das carências de nossos próprios genitores que nos irmanamos com eles, mas que, reiteram James Hollis e Guy Corneau, é –preciso falar dissol, e não se submeter ao silêncio opressor que fere e mata a alma masculina.

—Eu também tive um pai e uma mãe, lembravam-se os rudes homens, voltando no tempo para uma época em que haviam sugado o seio da mãe de brincado nos seus joelhos. Hoje, barbudos, deitados de costas, cabeças sobre braços cruzados, peitos cabeludos à mostra e pés para o ar, alguns rufiões sentiam as lágrimas umedecendo-lhes as faces. (YOSHIKAWA: 2009: Vol. 2: 655).

Cuidar para que o *pai interior* tenha seu lugar bem demarcado na psique de um jovem é um fator de equilíbrio não apenas individual, mas coletivo. Tal era a prática comum em Esparta, quando um menino era levado a um tutor, para uma educação diferenciada, já tivesse ele um pai ou não.

Dienekes falou.

— Cavalheiros, todos conhecem os meus sentimentos em relação a Alexandros. Todos vocês estão cientes de que o aconselhei e orientei desde que era pequeno. Ele é como um filho para mim, assim como um amigo e um irmão. (PRESFIELD: 2000: 188).

Dienekes, por sua vez, dentro da cultura em que estava inserido, também tivera seu tutor, que era o próprio pai de seu pupilo Alexandros. Por essa tradição, percebe-se uma hereditariedade saudável constitutiva de uma psique, individual e coletiva, orquestrada por um arquétipo, de guerreiro, verdadeiramente maduro.

— O seu pai foi meu mentor, Alexandros. Eu segurei o cálice na noite em que você nasceu. Lembro-me de Olympieus apresentando o seu filho aos anciãos, para o teste, para ver se você seria sadio o bastante para ser autorizado a viver. O magistrado banhou-o no vinho e você começou a gritar, com a sua voz forte e os pequenos punhos apertados e agitando-se. —Entregue o menino a Dienekes, disse seu pai a Paraleia. —O meu filho será o seu protegido, disse-me ele. —Você o ensinará como eu o ensinei. (Idem: 295-296).

A transmissão de tal poder compartilhado de geração em geração é garantia de manutenção de indivíduos e sociedades coesos, numa harmonia desejável, porque geradora de uma vida comum fértil e próspera. Paternidade exercida, seja por pais biológicos ou mentores devidamente preparados, capazes de iniciações pedagógicas e terapêuticas, é uma bênção, no sentido que Moore quer dar à sua psicologia de Homem.

Ser abençoado nos traz enormes consequências psicológicas. Existem até estudos que mostram que acontecem realmente alterações químicas no nosso corpo quando nos sentimos valorizados, elogiados e abençoados

Os jovens, hoje em dia, estão carentes das bênçãos dos homens mais velhos, das bênçãos da energia do Rei. Por isso é que eles não conseguem, como dizemos, —encontrar-se—. Não precisariam fazer isso. Precisam é ser abençoados. Necessitam ser vistos pelo Rei, porque, se o forem, alguma coisa dentro deles vai fazê-los encontrar-se. Esse é o efeito da bênção; ela cura e integra. (MOORE: 1993: 60).

A vida nos cerca, ao mesmo tempo, de beleza e belicismo, externa e internamente. Desde nosso nascimento à nossa passagem, estamos envolvidos, de um lado e de outro, por exércitos de amor e ódio. É preciso resgatar a sabedoria dos antigos, expressa em sua mitologia, simbologia, sonhos, contos, imagens gravadas em sua arquitetura ou tatuadas em seus próprios corpos – tudo, manifestação de saberes ancestrais que insistem em não ser apagados da alma da humanidade, porque reflexos da divindade que está lá, *mesmo que não evocada*, como remarcado por Jung, para quem todo ser humano tem em si uma vocação para a espiritualidade. É fundamental, portanto, manter os alicerces do que nos define enquanto humanos. E divinos.

É com base nessa hereditariedade que nos convoca à maturidade de alma que é possível se distinguir um arquétipo, tomado por uma psique titubeante, de outro, para o qual nenhuma dúvida paira sobre o reconhecimento de seu chamado e vocação no mundo. No instante iluminado em que a alma se conecta com seus fundamentos, destrói-se um mundo e, automaticamente, constrói-se outro. Re-descoberta!

Se Leônidas fora capaz de, no seu instante fatal, pensar no legado que o sacrifício dos Trezentos deixaria à posteridade:

Virão estudiosos, quem sabe, ou viajantes de terras além-mar, incitados pela curiosidade sobre o passado e o desejo de estudar os antigos. Esquadrinharão nossa planície e remexerão nas pedras e pedregulhos de nossa nação. O que saberão de nós? Suas pás não desenterrarão nenhum palácio nem templos suntuosos, suas picaretas não revelarão nenhuma arquitetura ou arte eterna. O que ficará dos espartanos? Nenhum monumento de pedra ou mármore, mas isto: o que fazemos, aqui, hoje. (PRESFIELD: 2000: 366).

Igual importância a fatos dessa natureza fora dada por Musashi a seu discípulo Iori, quando ao encontrarem os restos mortais e suas armas, decorrentes da antiga batalha de *Kotesashi-gahara*:

Estes ossos, Iori, são dos soldados que, chorando de emoção ao ouvir o poema do príncipe Munenaga, deram a vida por nobre ideal. Enterrados, constituem ainda hoje o invisível alicerce desta nação. Graças a isso o nosso país está hoje em paz, perpetuando outonos de farta colheita.

– Entendi.

– Guerras eclodem vez ou outra, mas são passageiras como a tempestade de ontem, não chegam a afetar minimamente a estrutura do nosso país. Devemos muito às gerações atuais, sem dúvida alguma, mas não se esqueça nunca do quanto devemos a esses que hoje são apenas ossos. (YOSHIKAWA: 2009: Vol. 3: 108)

Há uma necessidade patente de um equilíbrio que governe a capacidade de matar e a de não matar. Uma psique verdadeiramente amadurecida, a respeito do arquétipo do guerreiro, deve

passar, conforme a perspectiva em curso, por uma consideração profunda do que venha a ser o humano no ser humano, sob o risco de se cometer atos de pura desumanidade.

No sentido profundo do *bushido*, ensina Musashi a Iori:

[...], todo samurai precisa, a seu turno, possuir a visão *mono-no-aware*, a sensibilidade para perceber a frágil beleza das coisas terrenas e de comover-se com sua transitoriedade. Um *bushi* sem o senso *mono-no-aware* é uma campina árida, sem flores nem luar. Ser apenas forte o torna semelhante à tempestade de dois dias atrás, mormente se ele se dedica apenas à esgrima, noite e dia sem cessar. *Mono-no-aware* tonra o *bushi* compassivo, capaz de compreender e comover-se com a insignificância de todas as coisas terrenas. (Idem: Vol. 3: 109-110).

Enquanto um soldado se prepara para ir à guerra e matar, um guerreiro está preparado para morrer. O primeiro se reduz a mero funcionário, obediente servil a ordens que lhe são impostas direta e hierarquicamente de cima; o segundo tem autoridade suficiente para conduzir uma ação para uma missão à qual todo o corpo da tropa é irmanado no mesmo propósito, todos com discernimento necessário para rever e mesmo desobedecer qualquer comando injusto. Soldados são indivíduos; Guerreiros, personalidades.

Bravata não é coragem, vingança não é justiça. É o que fica esclarecido em episódios de *Musashi*, como naquele em que membros do bando do mafioso Hangawara tentaram se vingar da morte de companheiros seus, cometida, na verdade, por ato de legítima defesa do samurai Hojo Shinzo, amigo de Musashi:

Esse homem matou dois de nossos companheiros. Deixá-lo impune é o mesmo que manchar nossa imagem.

[...] Se um companheiro nosso é morto, temos de vingá-lo com as nossas mãos ou deixamos de ser rufiões!

– Começo a entender – disse Musashi, dando mostras de concordar, para logo acrescentar:

– Essas talvez sejam as regras no mundo a que pertencem, mas não no dos samurais. Samurais não reconhecem rancores infundados. Ódios têm de ter fundamentos claros e não podem ser transferidos. Um samurai preza acima de tudo a justiça: se a causa é justa, ele reconhece o direito das pessoas à vingança, mas nunca a perpetuação de um ressentimento pelo ressentimento em si. Isso é covardia, e os samurais desprezam esse tipo de atitude. Como por exemplo, a de vocês neste instante. (YOSHIKAWA: 2009: Vol. 2: 688-689).

Em *Portões de Fogo*, a punição que o capitão Dienekes dera a três fugitivos, capturados e condenados de modo exemplar, não a serem mortos, porém, a se manterem vivos e a se envergonharem de atitude tão desmerecedora de um guerreiro, que é a deserção e a autopreservação em detrimento de toda uma tropa dedicada de corpo e alma à liberdade de seu povo. O exemplo serviu para todos.

Olhei para os rostos dos soldados. A fúria que clamara por sangue, com falsa justiça, desaparecera. Agora, em cada fisionomia abrandada estava estampada uma vergonha expurgada e impiedosa. A raiva vulgar e hipócrita que tentara se extravasar nos fugitivos havia se voltado para dentro com a intervenção de Dienekes. E essa ira, agora dirigida ao coração secreto de cada homem, solidificou-se na deliberação de uma infâmia de tal modo torpe que, comparada a ela, a morte em si parecia uma bagatela. (PRESSFIELD: 2000: 312).

O samurai Yukimura, após seu tempo de guerreiro haver passado, quando pela idade avançada estava a levar uma vida recolhida, tendo atingido o estágio de maturidade equivalente ao do arquétipo do Velho Sábio, deixa outro ensinamento precioso a Musashi:

Nestes últimos tempos, tendo lido velhos mestres chineses como Lao-tsu e Chuang-tsu e sinto que a vida vale a pena ser vivida com prazer. Ando me perguntando: para que serve a vida se dela não podemos tirar prazer? Não me despreze por pensar assim. (YOSHIKAWA: 2009: Vol. 3: 303).

Yukimura sentira que seu ciclo de Arquétipo do Guerreiro se fechava e que a vida tem mesmo forma de círculo: retornara à quietude, estava numa nova infância, porém de uma criança bem cultivada no adulto. Percebera o lado prazeroso da vida – sua comunhão com o arquétipo do Amante. Algo de que Musashi tomou consciência e, por sua vez, viu o outro lado da questão e o compartilhou com seu amigo de infância, Matahachi:

Quando se vence um obstáculo difícil, experimenta-se em seguida a satisfação que supera todo o sofrimento. Na vida, sofrimentos e prazeres são ondas que se intercalam a todo momento. E se o homem procura espertamente navegar apenas nas ondas do prazer, permanecendo indolente, perderá o sentido da vida, alegrias ou prazeres deixarão de existir para ele. (Idem: Vol. 3: 337).

Esse combate entre luzes e sombras é constante e inerente ao arquétipo do Guerreiro. A maturidade se revela quando, nos momentos mais difíceis, se é forçado a tomar a atitude correta, nobre, digna do arquétipo.

Por vezes devastado por paixões e transformado em demônio faminto, em outras satisfeito e orgulhoso da própria solidão, como a límpida lua que surge por trás dos picos, Musashi se via como presa de ímpetos ora luminosos ora sombrios. Seu espírito era excessivamente apaixonado, rancoroso e inquieto.

E enquanto o espírito se debatia entre a luz e a sombra, sua esgrima, a manifestação formal desse espírito, não atingia nível que ele próprio considerasse satisfatório. Tinha clara percepção de quão árduo era o caminho da espada e plena consciência do próprio grau de despreparo, de modo que se sentia devastado quando dúvidas e angústias o visitavam ocasionalmente. (Ibid.: Vol. 3: 340).

Que tais temores sejam tão presentes na alma dos jovens, não se estranha, dos exemplos tomados das obras em estudo até então; mas seria de se estranhar que ainda pudessem ainda tomar corpo na psique de homens já formados? Para o comandante Dienekes, não:

– Vocês jovens acham que nós veteranos, com a nossa longa experiência de guerra, dominamos o medo. Nós o sentimos de modo tão incisivo quanto vocês. De maneira ainda mais incisiva ainda, pois temos uma experiência mais íntima com ele. O medo vive em nós vinte e quatro horas por dia, em nossas fibras e ossos. Estou falando a verdade, amigo? (PRESSFIELD: 2000: 242).

E já quando vai atingindo sua maturidade psíquica, Musashi, tendo desenvolvido seu *pai interior*, no dizer de J. Hollis, ao exercer sua paternidade sobre Iori, torna-se capaz de dizer ao garoto, agora em tom de despedida do mesmo:

– Você é inteligente, mas, quando provocado, tende a permitir que seu passado selvagem venha à tona. Mantenha o próprio gênio sob estrita vigilância. É novo ainda, a vida se abre promissora à sua frente, mas ainda assim, dê valor a ela, resguarde-a. E então, se o momento surgir, ofereça-a, pelo país, pela honra do guerreiro. É para isso que a vida deve ser protegida, amada, preservada em toda a sua pureza e então, sem relutância... (YOSHIKAWA: 2009: Vol. 3: 445).

Os Quatro Grandes Arquétipos do Masculino Maduro têm suas próprias vias, mas devem encontrar-se, no ponto central em que o Deus das Encruzilhadas opera suas mudanças de rumo – no âmago do Si-mesmo. Assim é o processo de individuação do homem que, ao se desintegrar dos aspectos da Sombra da psique de Menino, integra-se como Homem maduro, dá novo sentido à sua vida – esta é sua estrutura psicológica e a roda de sua fortuna. Sempre haverá batalha nos campos da alma.

Enquanto soldados lutam no limite epidérmico da guerra, guerreiros o fazem a partir de dentro, das carnes, dos ossos, do sangue, e além – do espírito do combate real.

Existir já é combate. Querer é combate. Ser, principalmente ousar ser, é combate. Desde a fecundação, na luta entre espermatozoides pela fecundação do óvulo, há combate. Qualquer disposição para pensar, desejar ou fazer, constitui manifestação de estado de luta. Impossível dissociar o viver do militar por algo.

O espírito do combate está em praticamente tudo. Ocupar um lugar no espaço do mundo é disputar com o de outro. A questão é como encaramos a vida, se no sentido parasitário e destrutivo, ou simbiótico e partilhado. No primeiro, busca-se eliminar toda e qualquer concorrência, pela ótica competitiva da lei do mais forte; no segundo, a via do consenso, do diálogo, da ética diplomática que, apesar de certas perdas, se tenha compensações às partes envolvidas.

A vida é isto: conflitos e compartilhamentos de forças e energias.

Percebe-se a natureza do combate no simples respirar, no alimentar-se, no vestir-se ou desnudar-se, no pesquisar um tema perturbador, numa conquista amorosa.

Polêmicas e discussões filosóficas, científicas, estéticas, morais, éticas, etc, são inerentes ao espírito bélico da vida.

Bela e bélica é a vida.

Em todo momento, bactérias estão lutando com nossos anticorpos, o tempo todo, em nosso organismo, seja por nossa destruição, ou em colaboração por nossa vitalidade, uma vez que algumas, como lactobacilos, trabalham para o bom funcionamento de nosso trato digestivo. Só para citar um exemplo.

A vida é feita de teses, antíteses, sínteses e, para complicar (ou salvá-la), também de irracionalidade, de tudo o que foge à nossa compreensão, que não se enquadra em nossos padrões de racionalização. O impulso vital está além de toda e qualquer formatação que queira nossa mente limitada.

Vida é linguagem hermética. É feita de imagens, símbolos e sonhos. Tudo o que desafia nossa razão. E tudo o que nos desafia, nos impele ao movimento do pensamento, do sentimento, do comportamento. E isto é combate.

É da natureza do combater o confrontar, o fazer face, externa ou internamente. É encarar o outro e a si mesmo. Tudo na natureza ou no ser humano evoca a luta, a disputa, a preservação da vida, a defesa da integridade física ou moral, a discussão sobre um assunto, a inquietação diante do desconhecido.

O espírito do viver anima pelo poder do combate, mas também da dança. Esse espírito que dá vida é o mesmo que traz a morte. Viver e morrer são da ordem do intrigante e do instigante. A atitude de combater e a de dançar não são muito diferentes. Ambos envolvem saber se postar, aproximar e distanciar, para, quando se fizer necessário, golpear, driblar, emparelhar corpo a corpo, redirecionar força ou, simplesmente, não fazer nada, a não ser esperar o melhor momento de agir e as melhores táticas e técnicas para determinado fim.

A sabedoria, a compaixão e o altruísmo – ou seus opostos: ignorância, aversão e egoísmo – é que determinarão se nossas atitudes farão a dança da morte ou a dança do bom combate.

Eis a natureza e o espírito do combate ao se viver o modo de vida guerreiro.⁵⁶

Idêntico modo de vida ao que o personagem Musashi batalhou por realizar, nas árduas lutas diárias que travara no mundo externo e interno, a cada fracasso e sucesso, a cada julgamento que fazia em sua lida por entender o sentido profundo do ser guerreiro que, para o padrão do código de honra samurai – *bushido* –, não era outro que *meditar continuamente sobre o morrer e o viver*:

No mesmo instante, retraíra a mão, sobressaltado.

‘A esta altura, eu já devia estar em sintonia com o universo!’ , pensou. ‘Por todos esses dias passados até hoje, não vinha eu me dizendo que a vida de um guerreiro começa a cada manhã, e que ele deve estar apto para morrer antes de cada anoitecer? Não vim tentando aprender a morrer, o tempo todo?’ , admoestou-se. (YOSHIKAWA: 2009: Vol. 2: 293).

Ensino histórico recuperado pelo escritor e também praticante de *Kendo* (–Arte da Esgrima japonesa), Yukio Mishima, em *–O Hagakure: a Ética dos Samurais e o Japão Moderno*:

Começar o dia morrendo

A fidelidade absoluta à morte deve ser elaborada a cada dia. Devemos começar cada dia com uma meditação silenciosa, imaginando a nossa hora final e as várias maneiras de morrer – pelo arco e flecha, mosquete, lança, rasgado por uma espada, engolido pelo mar, pulando numa fogueira, sendo atingido por um raio, esmagado num terremoto, caindo de um rochedo, a morte de enfermidade, a morte súbita – e começar o dia morrendo. Como disse um homem idoso: ‘Quando deixamos os nossos beirais, entramos no reino dos mortos; deixando nosso portão, enfrentamos o inimigo.’ Isso é defender não a prudência, mas a resolução de morrer. (MISHIMA: 1987: 134).

⁵⁶ Texto de minha autoria, com correções. Publicado em meu *blog* pessoal, *–Cultura de Combate*, sob o título *–Natureza e Espírito do Combate*, de SOBRINHO, Max Müller Cerqueira: <https://maxmullercs.wixsite.com/culturadecombate/post-unico/2018/06/28/Natureza-e-Esp%C3%ADrito-do-Combate> .

E, ao modo das vozes arquetípicas do inconsciente coletivo da humanidade, não se configura nenhuma surpresa encontrar eco disso, de não se apegar às coisas deste mundo, mas mirar no que é eterno, em *-Portões de Fogo*:

Sua mãe sacerdotisa ensinou-o, disse ele, que nada sob o sol é real. A terra e tudo sobre ela não passam de uma encarnação material de uma realidade mais profunda e mais pura que existe imediatamente atrás, invisível aos sentidos mortais. Tudo que chamamos de real é sustentado por esse fundamento mais sutil que lhe é subjacente, indestrutível, que não pode ser vislumbrado além da cortina.

– A religião da minha mãe prega que só essas coisas são reais, as que não podem ser percebidas pelos sentidos. A alma. O amor de mãe. Coragem. Estão mais próximos de Deus, ela ensinou, porque são os mesmos dos dois lados da morte, na frente e atrás da cortina. (PRESSFIELD: 2000: 341).

Esse é o sentido profundo que alimenta em nós, enquanto espécie humana, enquanto compartilhamos dessa energia que nos define enquanto tal, para os psicólogos e mitólogos do movimento masculino.

Todas as tradições do Guerreiro afirmam que, além do treinamento, o que permite a um Guerreiro alcançar a clareza de pensamento é viver consciente da iminência da própria morte. Ele sabe que a vida é frágil e curta. Um homem sob a orientação do Guerreiro sabe que seus dias estão contados. Em vez de deprimi-lo, essa consciência faz com que haja um grande fluxo de energia vital e o leva a vivenciar intensamente a vida, de uma forma que só ele conhece. Cada ato é importante. Cada ação é realizada como se fosse a última. Os espadachins samurais aprendiam a viver como se já estivessem mortos. O Dom Juan de Castañeda ensinou que *'não há tempo'* para mais nada senão atos significativos, se vivemos com a morte como *'nossa companheira'*. (MOORE: 1993: 80).

Em que pese diversas expressões e mentalidades sobre o encarar a morte, se marcadas por medo, sacralidade, fetichismo ou indiferença, uma coisa não pode ser contestada – a de que a humanidade sempre esteve preocupada, de um modo ou de outro, com essa questão, que é uma das mais marcantes, se não a maior, dentre todas as temáticas existenciais. E dentre os arquétipos do masculino maduro, nenhum outro talvez não tenha uma relação tão especial diante do sofrimento, do medo e da morte, quanto o Arquétipo do Guerreiro. Onde quer que haja manifestação da psique do Guerreiro, na vida e na arte, estarão explícita ou implicitamente as questões da necessidade do exercício do combate e do morrer.

Vemo-las em *Musashi*:

Afiado pelo perigo que ameaça o sono sem tréguas, ensinando por intermédio de inimigos que buscam incessantemente uma brecha para matar, o caminho da espada é ainda o instrumento capaz de dar vida às pessoas, governar a sociedade, proporcionar a quem o trilha a grande paz da suprema iluminação; é enfim, em sua essência, a expressão do sonho de compartilhar com todas as pessoas a alegria de viver eternamente em paz. E tudo indicava que quando um indivíduo, extenuado ante as excessivas dificuldades desse caminho, se via eventualmente preso numa sensação de aniquilamento e se deixava enclausurar na concha da inércia, o inimigo, sempre tocado à espera do momento oportuno, surgia de repente para atacar. (YOSHIKAWA: 2009: Vol. 3: 347).

E em *Portões de Fogo*:

A humanidade, como é constituída – disse Polynikes –, é um tumor e um cancro. Observe os espécimes em qualquer outra região que não a Lacedemônia. O homem é fraco, ganancioso, libidinoso, presa para todas as espécies de vício e depravação. Mente, rouba, trapaceia, assassina, funde as estátuas dos deuses e cunha o ouro como dinheiro para prostitutas. Isso é o homem. Essa é sua natureza, como atestam todos os poetas.

__Felizmente, Deus em sua misericórdia proveio um contrapeso para a depravação inata de nossa espécie. Essa dádiva, meu jovem amigo, é a guerra.

__A guerra, não a paz, produz a virtude. A guerra, não a paz, purga o vício em um homem. Une-o a seus irmãos e os liga em um amor altruísta, erradicando no cadinho da necessidade tudo que é vil e ignóbil. Ali, no moinho sagrado do assassinio, o homem mais vil pode buscar e encontrar sua parte de si mesmo, oculta sob a corrupção, que reluz intensa e virtuosa, digna de honra diante dos deuses. Não despreze a guerra, efebo, nem imagine que a misericórdia e a compaixão sejam virtudes superiores a andreia, à bravura viril. (PRESSFIELD: 2000: 147).

Não se está fazendo uma apologia à guerra pela guerra, mas tão-somente indicando que a realidade da guerra, de acordo como as sociedades são constituídas, é uma condição delas mesmas. No entanto, o que os estudiosos do masculino advogam, e as mensagens das obras literárias estudadas o comprovam, é que é plenamente possível um uso ético e humanitário da guerra, no sentido de se fazer prevalecer o que há de mais valioso ao ser humano, que são sua vida, sua dignidade e sua liberdade, assim como a manutenção do equilíbrio da vida na Terra – porque, tanto no âmbito da defesa pessoal, quanto da coletiva, a arte da guerra converte-se em cultura de paz, mesmo em se sabendo que a condição à paz é exatamente a de se estar preparado para lutar em todo momento, em prol da harmonia. Caso contrário, o que prevalece é a ação inconsequente e desastrosa do Guerreiro da Sombra.

A condição de se edificar uma sociedade em que níveis de violência e criminalidade sejam contidos, de modo que a agressividade seja canalizada para ações nobres, é condição somente possível quando efetuada a quaternidade junguiana, pelo processo de individuação em que os arquétipos da ordem: Rei, Guerreiro, Mago e Amante assumem na psique de cada indivíduo um todo harmonizado – a maturidade desejada.

Imageticamente falando, esse quatérnio psíquico masculino seria algo como que a forma de quatro pequenas esferas unidas e havendo, em volta dessas, uma grande redoma protetora que as envolve e não as deixa saírem de sua órbita natural – o Homem maduro. Ou, se poderia fantasiar: uma pirâmide de base sólida, com seus lados como se fossem quatro palmas de mãos, unindo-se uma à outra e formando, juntas, um gesto de prece em um único vértice vertical, apontando para o Zênite – o Bem Maior. Talvez, até, como a visão de quatro trilhas que se confluem num único ponto, gerando uma encruzilhada hermética, a qual permite o

desenvolvimento de um micro mundo, humano, como representação de outro, macro, divino: a Grande Obra realizada, a *Magnum Opus* via *Tao, Dharma, Ma'at, Agoge, Do*.

Se o homem que acessa apropriadamente o Amante tem uma notável semelhança com o homem que acessa devidamente o Rei, o Guerreiro ou o Mago, é porque cada arquétipo da masculinidade madura interpenetra os outros. Cada um dos quatro arquétipos requer os outros para manifestar sua maturidade plena. O homem que acessa orientadamente um dos arquétipos masculinos maduros está, em grande parte, acessando todos eles. Um homem verdadeiramente generativo é o resultado. (MOORE: 1993: 155).

57

É quando se encontra consigo mesmo, após ter se perdido, e se descobre qual é o seu Dom Maior para o Sumo Bem, momento único em que os olhos cerram para abrirem-se à luz, instante decisivo em que não cabe mais nenhum condicional, nem contradição, a não ser uma entrega intuitiva e convicta. É então, enfim, após todo o combate travado contra seus inimigos interiores, que o guerreiro devidamente acessado, está em Paz, *con-Si-go'* e com os seus *D-Eu-ses'*.

Árjuna disse:

Meu querido Senhor Krishna,

autoridade infalível,

minha ilusão dissipou-se.

Por tua misericórdia,

recobrei minha memória.

Agora eu me sinto firme

e já não tenho mais dúvidas.

Estou pronto para agir

segundo o que me instruíste.

(DUARTE: 1998: 207)

Agora, tão-somente agora, quando se recobra a memória ancestral, se vence toda dúvida e se sente pronto para agir no mundo, compelido pelos deuses compassivos, sábios e poderosos,

⁵⁷ MOORE, Robert. *The Lover Within. Accessing the Lover in the Male Psyche*. Robert Moore & Douglas Gillette. William Morrow & Company, INC. New York, 1993, p. 155.

“If the man appropriately accessing the Lover bears a striking resemblance to the man appropriately accessing the King, the Warrior, or the Magician, it is because each archetype of mature masculinity interpenetrates the others. Each of the four archetypes requires the others in order to manifest its own full maturity. The man appropriately accessing one of the mature masculine archetypes is, in large part, accessing them all. A truly generative man is the result.”

que destronam os deuses déspotas, é que, manifesto em todas as culturas, artes e ciências; em todos os lugares, com seus monumentos e arquiteturas; a qualquer momento, em meio às vivências e atitudes de indivíduos em seus conflitos e harmonias sociais, laborais e históricas, o Arquétipo do Guerreiro pode aparecer e fazer acordar a humanidade para lutar pelos valores mais nobres e universais da preservação da vida, da dignidade e da liberdade.

Porque:

Onde quer que esteja Krishna

– Mestre Supremo da yoga –

e onde quer que esteja Árjuna

– o arqueiro transcendental –

haverá grande opulência,

poder, vitória e virtude.

Eis o que tenho a dizer.

(DUARTE: 1998: 208)

Moore e Gillette apontaram técnicas como vias de acesso ao Arquétipo do Guerreiro: *diálogo da imaginação ativa, invocação, homens admiráveis e agir —como se*. Outros caminhos para nosso *Guerreiro interior* podem ser: estudar mitologias e literaturas, ou mesmo filmes e outras fontes confiáveis de cultura e arte sobre o arquétipo do Guerreiro; participar de grupos de estudos e de vivências que ensinem a como ser Homem, em perspectivas como a dos psicólogos do masculino maduro; participar de rituais de iniciação de meninos em homens que ainda existam mundo afora, e com isso criar ou recriar rituais eficazes e significativos para outros; tornar-se mentor, sendo conselheiro, educador e terapeuta de jovens e/ou homens adultos, adaptados ao mundo de hoje e capazes de continuarem o fluxo do movimento masculino, para um mundo melhor para todos; aprender artes marciais, especialmente as que educam de modo integral, o corpo, a mente/alma e o espírito, dentro do antigo modo mestre-discípulo; encarar situações de ter de enfrentar medos, para exercitar os potenciais típicos dos quatro grandes arquétipos: Rei, Guerreiro, Mago e Amante; estabelecer um propósito para a vida, ao mesmo tempo aprender a adaptar-se e a ser resiliente diante dos desafios, desenvolvendo as habilidades necessárias para conquistar metas nobres; em vez de se lamentar ou de ser guiado por opiniões de terceiros, determinar-se a realizar objetivos realmente importantes para si; descobrir quais são seus princípios e valores pelos quais ser *fiel*

a si mesmo, assim como definir termos não negociáveis pelos quais viver, e resguardar-se por eles; estabelecer hábitos de disciplina saudável, com reflexos desde uma alimentação frugal, um vestuário sóbrio, uma moradia modesta, até um falar pouco e certo – uma vida simples e sábia em geral.

Finalmente, acessar os quatro grandes arquétipos do masculino maduro, com foco especial no do Guerreiro, significa dignar-se a ter a vida numa perspectiva de se escolher e privilegiar valores⁵⁸ fundamentais e característicos de uma psique diferenciada, tais como: *educação marcial* (pessoas educadas no modo de ser do *Guerreiro interior* valorizam a vida, a ordem justa, a coragem, a criatividade, a generosidade, acima de tudo); *honestidade* (ser reto fomenta boas relações pessoais e uma sociedade melhor de se viver); *justiça* (ser justo, em palavras, atos e intenções, ao se fazer uso progressivo da força, sempre que possível, com foco numa cultura de paz); *coragem* (ser ativo, sem ser arrogante, para enfrentar a violência, em todas as suas formas); *segurança* (todos têm direito à defesa de sua integridade física e moral, por meios moderados e necessários); *compaixão* (todos têm direito a uma segunda chance, se de boa mente dignarem-se à correção); *sabedoria* (erros e acertos, tudo na vida contribui para a evolução da pessoa, se ela for *humilde* para tanto).

–Viver é combater!, Sêneca o disse. Em outro sentido, é possível afirmar, com plena convicção, que *combater é viver*. Como eu já havia dito⁵⁹, há alguns anos: somente os dotados de espírito de guerreiros conseguem ter a clareza necessária para perceber a profundidade do quão bela e bélica é a vida. Somente guerreiros entendem, de corpo, mente e espírito, o que é devotar a vida pela luta e a luta pela vida.

⁵⁸ De acordo com o texto de minha autoria –*Valores do Guerreiro Autêntico*, publicado em meu blog pessoal –Cultura de Combate!: <https://maxmullercs.wixsite.com/culturadecombate/post-unico/2018/01/31/Valores-do-Guerreiro-Aut%C3%AAntico>.

⁵⁹ Publicado em: <https://sites.google.com/site/academiamagkaisa/artigos/artesmarciaisocaminhodapaz> e: <https://maxmullercs.wixsite.com/culturadecombate/post-unico/2018/01/31/Artes-Marciais-Caminho-da-Paz>.

CONCLUSÃO



CONCLUSÃO

Sempre é bom termos consciência de que dentro de nós há alguém que tudo sabe.
Hermann Hesse, em *Demian*

Bela e bélica é a vida.
Max Müller Sobrinho

*beleza de lótus
das águas da vida impura
me salta aos olhos*
Haikai – Max Müller Sobrinho

Há uma carência de estudos sobre o masculino para o que esta dissertação buscou dar uma contribuição. Para tanto, utilizou-se do elemento comparativo do arquétipo do guerreiro enquanto masculino maduro, atendendo à presente linha de pesquisa entre Literatura e Psicologia, com recorte para a Psicologia Analítica e subsequentes estudos pós-junguianos.

Evidencia-se o ineditismo a respeito desse estudo comparativo, pelo tema do arquétipo do guerreiro na literatura, tanto em nível do Departamento de Teoria Literária e Literaturas (TEL) do Instituto de Letras (IL) da Universidade de Brasília (UnB), quanto nacionalmente.

Constata-se, também, ineditismo, em ambos os níveis, a respeito de uma dissertação de mestrado em literatura a trabalhar sobre *Musashi*, de Eiji Yoshikawa, considerada a obra nipônica mais lida, tanto em território japonês quanto no exterior.

O presente trabalho apresenta-se como incentivo aos estudos da psique masculina na Literatura, em especial sobre as abordagens realizadas pelos estudiosos do masculino citados: Robert Bly, Robert Moore, Douglas Gillette, George Groddeck, Gurdjieff, Warren Farrell, Joseph Campbell, Michael Meade, Georges Dumézil, James Hillman, James Hollis, Guy Corneau, entre tantos outros.

Buscou-se unir teoria e prática, em sintonia com a proposta do Programa de Pós-graduação em Teoria Literária da Universidade de Brasília, o qual prima pela diretriz de se exercer a Literatura enquanto Prática Social.

Perseguiu-se a realização de uma utopia, ao ver de Eduardo Galeano, que a toma enquanto horizonte a estar sempre à vista, mesmo que ainda não firmada por nossos esforços e tentativas.

Percorreu-se um caminho que apostou num exercício, no intuito de comparar dois campos do saber, Literatura e Psicologia, até mesmo ao arriscar-se, em certos momentos, pelo fazer da consciência e do inconsciente, deixando a psique divagar junto com a escrita.

Visou-se tomar emprestadas as propostas de ambas as disciplinas, como meios de se dar asas à imaginação e se criar algo nos limites do rigor técnico e da liberdade de expressão, uma produção ao menos perceptível, sensível.

Foi nesse sentido, do referencial teórico da psicologia junguiana e pós-junguiana, pelo aprofundamento proposto pelos estudiosos do masculino e sua redescoberta da personalidade madura nos quatro arquétipos principais – Rei, Guerreiro, Mago, Amante –, que se pôde chegar à distinção entre os conceitos de arquétipos do Herói e do Guerreiro.

Entendido o Herói como sendo uma representação incompleta, difusa, porque marcada por traços de imaturidade, ligados à *Boy psychology*, psicologia de Menino, e aos efeitos destrutivos do arquétipo da *Sombra* junguiana, percebe-se, desse modo, o arquétipo do Guerreiro como um estágio *posterior* e *superior* ao do Herói. Por sua constituição enquanto uma imagem psíquica dotada de qualidades de soberania, coragem, criatividade e amor, todos esses aspectos maturados pela descida ao inconsciente, pelo encarar das sombras, surgidas da encubação e do sofrimento interiores, o Arquétipo do Guerreiro não pode ser condizente com as impressões típicas de inconsistência, volubilidade, vulnerabilidade, temeridade, hesitação, impulsividade, agressividade destrutiva, sádica e masoquista de um Herói como Ares.

Reforçando minha hipótese inicial, a de que há um desenvolvimento lógico interno entre os conceitos de Herói e Guerreiro, esta dissertação utilizou de pressupostos teóricos da Literatura e da Psicologia Analítica para o entendimento de que o Arquétipo do Guerreiro é uma manifestação de psique amadurecida, conforme as teses dos estudiosos do *masculino maduro* demonstradas, enquanto que o Arquétipo do Herói é concebido como sendo o que *apenas* tem o *potencial* para se desenvolver ao nível do Guerreiro, *a depender* da *atitude* que vier a tomar, diante dos desafios externos e internos que lhe são atribuídos, seja por representações simbólicas via mitos, lendas, contos de fadas, ou obras literárias do porte de *Portões de Fogo*, de Steven Pressfield, *Musashi*, de Eiji Yoshikawa, entre outras de semelhante teor, cujo tema possa vir a ser reestudado e reconfirmado.

Esta conclusão leva-nos a ponderar que a Literatura interage e resolve relações filosóficas, sociais, culturais, de uma maneira clara e assumida.

Além, reiterando-se a proposta de Literatura enquanto Prática Social: que se mantenha a sugestão de que o estudo e a vivência desse arquétipo, individualmente ou em círculos sociais, possam fazer ressurgir em nosso consciente pessoal e no coletivo, um reimaginar para um reviver do Guerreiro segundo bases universais, humanas e espirituais, que atendam ao chamado interior, primordial, e à voz da consciência cuja convicção profunda repousa no sentido da Harmonia do Todo.

O autor desta dissertação de mestrado, além de graduado em Letras, e em curso para Mestrado em Teoria Literária, é experimentador em poesia, na arte e na vida, praticante de artes marciais, sendo graduado faixa preta em duas (*Arnis*, arte marcial filipina especializada em armas brancas; e *Kudo*, arte marcial mista japonesa) e nível intermediário de uma terceira (*Karatêdo*, estilo *Wado Ryu*), e também fora militar da Artilharia do Exército Brasileiro. Steven Pressfield, o artista e escritor de ficções históricas, a exemplo da obra analisada, *Portões de Fogo*, havia sido fuzileiro naval estadunidense. Eiji Yoshikawa, além de romancista e poeta, fora exímio espadachim da arte do *Kenjutsu*, como descendente que era de família de samurais. Portanto, pelos dados supramencionados, poder-se-ia depreender que o presente trabalho fosse fruto de autêntica *vivência* do Arquétipo do Guerreiro, sintonizada com a perspectiva do *Bushido* e do *Agoge*, a qual encoraja lutadores a serem, com a mesma importância, artistas. Se isto não for obra de uma grande *sincronicidade*, que na linguagem junguiana, tratar-se-ia de uma sucessão de *coincidências significativas*, o que mais haveria de ser?

Por tudo isso, este trabalho teve uma significação toda especial para mim, uma vez que, a partir de minha vivência literária e literal do Arquétipo do Guerreiro, seja pela expressão de minha paixão quanto a obras como *Portões de Fogo*, *Musashi*, e outras, seja por meu fascínio pelo mundo das artes de combate, por esses dois caminhos que, na verdade são um, que minha história de vida foi e continua sendo marcada, profundamente, como que guiada por uma voz interior que insiste em não se calar, porque é ela mesma que dá sentido à minha existência.

Que esta dissertação de mestrado possa ser inspiração para todos os que se abrirem ao acesso, vivência e honra do Arquétipo do Guerreiro, na arte e na vida! Que meu trabalho, assim como brotou de um âmago individual, possa vingar e ser reconhecido pelo âmago coletivo, e gere frutos, no campo comum da seara humana.

-A humanidade é um monte de lama, cada um de nós é um monte de lama. Qual nosso dever?

Lutar para que uma pequena flor possa florescer no monte de esterco da nossa carne e da
nossa mente."

Níkos Kazantzákis

REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS

ALVARENGA, Maria Zélia de. (Org.) **Mitologia simbólica: estruturas da psique e regências míticas** – São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

ARISTÓTELES. Ética a Nicômaco. **Aristóteles – Vida e Obra**. (Coleção Pensadores). Nova Cultural, Círculo do Livro, São Paulo, SP, 1996.

Bíblia – Tradução Ecumênica. Edições Loyola, São Paulo, SP, 1995.

BLY, Robert. **João de Ferro: um livro sobre homens**. Tradução de Wantensir Dutra. – Rio de Janeiro: Campus, 1991.

BORGES, Livia. **Alma de guerreiro: psicologia, artes marciais, espiritualidade; transformar, servir e liderar como fonte de poder e cura** – Thesaurus: Brasília, 2006.

BRINKER, Helmut. **O Zen na arte da pintura**. Editora Pensamento, São Paulo, SP, 1993.

BRUNTON, Paul. **La Sagesse du „Moi Suprême“**. Traduit de l'anglais par René Jouan. Payot, Paris, 1958.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. – São Paulo: Cultrix/ Pensamento, 1997.

CHEVALIER, Jean. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. Jean Chevalier, Alain Gheerbrant. – 11^a. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.

CIORAN, Emil. **Exercícios de admiração: ensaios e perfis**. Editora Rocco, Rio de Janeiro, RJ, 2000.

CORNEAU, Guy. **Pai ausente, filho carente. O que aconteceu com os homens?** Tradução de Lucia Jahn. Editora Brasiliense, São Paulo, SP, 1991.

COUTINHO, Eduardo; CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura comparada: textos fundadores**. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

DUARTE, Rogério. **Bhagavad Gita: canção do Divino Mestre**. Tradução, Introdução e Notas de Rogério Duarte. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

FRANKL, Viktor Emil. **Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração**. Tradução de Walter O. Schlupp e Carlos C. Aveline. – Porto Alegre, Sulina, 1987; São Leopoldo, Sinodal, 1987.

GICHIN, Funakoshi. **Karate-Do, o meu modo de vida**. Editora Cultrix, São Paulo, SP, 1999. Versão em PDF.

GRINBERG, Luiz Paulo. **Jung: o homem criativo**. Editora FTD, São Paulo, SP, 2003.

HERÓDOTOS. **História**. Intr. e trad. de Mário da Gama Kury. Editora Universidade de Brasília, Brasília, DF, 1988

HILLMAN, James. **O livro do Puer**: ensaios sobre o arquétipo do *Puer Aeternus*. Editora Paulus, São Paulo, SP, 1998.

HILLMAN, James. **Re-vendo a Psicologia**. Petrópolis, RJ, Vozes, 2010.

HOMERO. **Ilíada** (em versos) / Homero; tradução dos versos de Carlos Alberto Nunes. Editora Ediouro, Rio de Janeiro, RJ, 2005.

HOOLIS, James. **Sob a sombra de Saturno**: a ferida e a cura dos homens. Coleção Amor e Psique. São Paulo: Editora Paulus, 2008.

HUGHES-HARLLET, Lucy. **Heróis**. Salvadores, traidores e super-homens. Rio de Janeiro: Record, 2007.

JACOBI, Jolande. **Complexo, arquétipo e símbolo na psicologia de C. G. Jung**. Editora Cultrix, São Paulo, SP, 1995.

JAEGER, Werner Wilhelm. **Paideia**: a formação do homem grego. 3ª. ed. São Paulo, SP, Martins Fontes, 1994.

JUNG, C. & WILHELM, R. **O segredo da flor de ouro**. (*Tai I Gin Hua Dsung Dschü*). ISBN85.326.0382-3, 11ª. Edição. Versão em PDF. Tradução de Dora Ferreira da Silva e Maria Luíza Appy. Petrópolis, RJ, Editora Vozes.

JUNG, Carl Gustav. **A natureza da Psique**. Vol. VIII/2. Petrópolis, Vozes, 2000.

JUNG, Carl Gustav. **A prática da psicoterapia**: contribuições à prática da psicoterapia e à psicologia da transferência. Vol. XVI/1. Petrópolis, Vozes, 1985.

JUNG, Carl Gustav. Aion. Estudos sobre o simbolismo do si-mesmo. Vol. IX/2. Petrópolis, Vozes, 1998.

JUNG, Carl Gustav. **Aspectos do drama contemporâneo**. Vol. X/2. Tradução de Márcia C. de Sá Cavalcante. – Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1988.

JUNG, Carl Gustav. **Estudos alquímicos**. Vol. XIII. Petrópolis, Vozes, 2003.

JUNG, Carl Gustav. **O desenvolvimento da personalidade**. Edição integral. Título do Original *Über die entwicklung der persönlichkeit*. Trad. Frei Valdemar do Amaral. Círculo do Livro. ISBN 85-332-0813-8. Versão em PDF. 1972.

JUNG, Carl Gustav. **O eu e o inconsciente**. Vol. VII. Petrópolis, Vozes, 1985.

JUNG, Carl Gustav. **O homem e seus símbolos**. Carl G. Jung e M.-L. von Franz, Joseph L. Henderson, Jolande Jacobi, Aniela Jaffé; Tradução de Maria Lúcia Pinho. – 5ª. ed. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 1964.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. IX/1. 11ª. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

JUNG, Carl Gustav. **Presente e futuro**. Vol. X/1. Ed. Vozes. Versão em PDF. 2009.

JUNG, Carl Gustav. **Psicologia do inconsciente**. Vol. VII/1. Tradução de Maria Luiza Appy. Petrópolis, Vozes, 1980.

JUNG, Carl Gustav. **Sobre sentimentos e a sombra**: sessões de perguntas de Winterthur. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

KOTHE, Flávio René. **Pólemos e o belo**. O sistema canônico brasileiro. Seminários de Literatura. Instituto de Artes do Pará. Cadernos IAP, 4, 2000.

LISPECTOR, Clarice. **Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres**. Francisco Alves Editora, Rio de Janeiro, RJ, 1994.

MISHIMA, Yukio. **O Hagakure**: a ética dos samurais e o Japão moderno. Editora Rocco, Rio de Janeiro, RJ, 1987.

MOORE, Robert. **King, warrior, magician, lover**: rediscovering the archetypes of the mature masculine / Robert Moore and Douglas Gillette. HarperSanFrancisco, 1990.

MOORE, Robert. **O rei dentro de nós**. Acesso ao rei na psique masculina / Robert Moore e Douglas Gillette. Rio de Janeiro, Ediouro, 1994.

MOORE, Robert. **Rei, guerreiro, mago, amante** – A redescoberta dos arquétipos do masculino maduro / Robert Moore, Douglas Gillette. Tradução de Talita M. Rodrigues. – Rio de Janeiro: Campus, 1993.

MOORE, Robert. **The lover within**: accessing the lover in the male psyche / Robert Moore and Douglas Gillette. William Morrow & Company, Inc. New York, New York, 1993.

MOORE, Robert. **The magician within**: accessing the shaman in the male psyche / Robert Moore and Douglas Gillette. William Morrow & Company, Inc. New York, New York, 1993.

MOORE, Robert. **The warrior within**: accessing the knight in the male psyche / Robert Moore and Douglas Gillette. Avon Books, New York, 1993.

Movimento guerreiros do coração. Homens aprendendo a ser homens juntos. Sítio eletrônico: <https://www.guerreirosdocoracao.com.br/>

NIETZSCHE, Friedrich. **Além do bem e do mal**: prelúdio a uma filosofia do futuro. Companhia das Letras, São Paulo, SP, 1992.

NIETZSCHE, Friedrich. **O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo**. Tradução de J. Ginsburg. – São Paulo : Companhia das Letras, 2002.

NITRINI, Sandra. **Literatura comparada**: história, teoria e crítica. Edusp – Editora da Universidade de São Paulo, SP, 2015.

O Caibalion: estudo da filosofia hermética do antigo Egito e da Grécia. Tradução de Rosabis Camaysar. Versão em PDF.

PIERI, Paolo Francesco. **Dicionário junguiano**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

PRESSFIELD, Steven. **A guerra da arte**. Tradução de Geni Hirata. - Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

PRESSFIELD, Steven. **Portões de fogo** – um romance épico da Batalha das Termópilas. Tradução de Ana Luíza Dantas Borges – Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

REID, Howard. **O caminho do guerreiro – o paradoxo das artes marciais** / REID, Howard e CROUCHER, Michael. São Paulo, Pensamento-Cultrix, 2010.

ROHDEN, Huberto. **Tao Te King: o livro que revela Deus**. Tradução e notas de Huberto Rohden. 13ª edição, Martin Claret, São Paulo, SP.

SAMUELS, Andrew. **Dicionário crítico de análise junguiana** / Andrew Samuels, Bani Shorter e Fred Plaut; tradução de Pedro Ratis e Silva. – Rio de Janeiro: Imago Editora, 1988.

SAMUELS, Andrew. **Jung e os pós-junguianos**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1989.

SEVERINO, Roque Enrique. **O espírito das artes marciais**. Ícone Editora. São Paulo, SP, 1988.

SHAHAR, Meir. **O mosteiro de Shao Lin**: história, religião e as artes marciais chinesas. Coleção Estudos; 284. São Paulo: Perspectiva, 2011.

TACEY, D. **Remaking men: Jungian thought and the post-patriarchal psyche**.
<http://www.cgjungpage.org/learn/articles/analytical-psychology/812-remaking-men-jungian-thought-and-the-post-patriarchal-psyche#n10>

TALAMONTI, Leo. **Univers interdito**. Do original: Universo Proibito. Sugar Editore, Milan, 1967. Traduit de l'italien par Jean Imbert e Louis Mézeray. Éditions Albain Michel, Paris, 1970.

The art of manliness. A arte da masculinidade. Sítio eletrônico:
<https://www.artofmanliness.com/>

The mankind project: Empowering men to live their true potential. O Projeto Masculino: Empoderando homens para viverem seu verdadeiro potencial. Sítio eletrônico:
<https://mankindprojectuki.org/>

TURNBULL, Stephen. **Enciclopédia dos samurais**. Editora JBC, São Paulo, SP, 2006.

TZU, Lao. **Tao Teh Ching**. Translated by John C. H. Wu. Shambala Publications, Boston & London, 1990.

TZU, Sun. YUZAN, Daidoji. MUSASHI, Miyamoto. **Clássicos da Estratégia Oriental**. Tradução de Claudio Blanc. Conteúdo: *A Arte da Guerra* / Sun Tzu; *Bushido* / Daidoji Yuzan; *O Livro dos Cinco Anéis* / Miyamoto Musashi. – Bauru, SP: Idea Editora, 2011.

WILHELM, R. **I Ching: o livro das mutações** / tradução do chinês para o alemão, introdução e comentários Richard Wilhelm; prefácio C. G. Jung; tradução para o português Alayde Mutzenbecher e Gustavo Alberto Corrêa Pinto. — São Paulo: Pensamento, 2006.

WILLIAMS, Raymond. **Tragédia moderna**. Editora Cosac & Naify. São Paulo, 2002.

WILSON, William Scott. **O samurai**. A vida de Miyamoto Musashi. São Paulo: Estação Liberdade, 2006.

YAMASHIRO, José. **História dos samurais**. Masao Ohno – Roswitha Kempf / Editores. São Paulo, SP, 1982.

YOSHIKAWA, Eiji. **Musashi**. Tradução de Leiko Gotoda. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

ARTIGOS

SOBRINHO, Max Müller Cerqueira. A narrativa e o combate interno do guerreiro, em ‘Portões de Fogo’, de Steven Pressfield, como jogos de luzes e sombras – uma leitura junguiana. **Revista Estética e Semiótica**, v. v.8, p. <http://periodic>, 2018.

SOBRINHO, Max Müller Cerqueira. **Artes marciais: caminho da paz**. Site Academia Magka Isa. Acesso: <https://sites.google.com/site/academiamagkaisa/artigos/artesmarciaisocaminhodapaz>.

SOBRINHO, Max Müller Cerqueira. **Natureza e espírito do combate**. BLOG CULTURA DE COMBATE. Acesso: <https://maxmullercs.wixsite.com/culturadecombate/post-unico/2018/06/28/Natureza-e-Esp%C3%ADrito-do-Combate>. Publicado em 28 de Junho de 2018.